

Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina - 2012/2013



Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina

2012-2013

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina - Epagri
Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola - Epagri/Cepa

Estado de Santa Catarina

Governador do Estado - João Raimundo Colombo

Secretário de Estado da Agricultura e da Pesca - João Rodrigues

Secretário Adjunto da Secretaria de Estado da Agricultura e da Pesca - Airton Spies

Presidente da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina - Epagri - Luiz Ademir Hessmann

Diretores da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina - Epagri

Extensão Rural - Ditmar Alfonso Zimath

Ciência, Tecnologia e Inovação - Luiz Antônio Palladini

Administração e Finanças - Paulo Roberto Lisboa Arruda

Desenvolvimento Institucional - Neiva Dalla Vecchia

Gerente do Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola - Epagri/Cepa - Ilmar Borchardt

Coordenação

Luiz Marcelino Vieira

Elaboração

Alvaro Afonso Simon
Alex Alves dos Santos
Daniel Rogério Schmitt
Evandro Uberdan Anater
Fabiano Müller Silva
Fernando Soares Silveira
Francisco Carlos Heiden
Ilmar Borchardt
Irceu Agostini
Jorge de Matos Casaca
Júlio Alberto Rodigheri
Luiz Marcelino Vieira
Luiz Toresan
Márcia J. Freitas da Cunha Varaschin
Marco Antônio Lucini
Reney Dorow
Tabajara Marcondes
Vinícius Caliar

Colaboração

Cléverson Buratto
Édila Gonçalves Botelho
Eugênio Moretti Garcia
Getúlio Tadeo Tonet
Gilberto Luiz Curti
Saturnino Claudino dos Santos
Valdir Cembranel

Editoração

Sidaura Lessa Graciosa

Revisão de texto

Laertes Rebelo

Revisão técnica

Júlio Alberto Rodigheri
Tabajara Marcondes

Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina. v.1 1976 -
Florianópolis: Epagri/Cepa, 1976-
Anual

Título anterior: Síntese Informativa sobre a Agricultura
Catarinense, 1976-1981.

Publicada em 2 volumes de 1984 a 1991.

Publicação interrompida em 1992.

Editada pela Epagri-Cepa (2005 -)

1. Agropecuária - Brasil SC - Periódico. I. Instituto de Planejamento e Economia
Agrícola de Santa Catarina, Florianópolis, SC. II Empresa de Pesquisa Agropecuária e
Extensão Rural de Santa Catarina/Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola -
Epagri/Cepa, Florianópolis, SC.

ISSN 1677-5953

Epagri/Cepa - Rod. Admar Gonzaga, 1.486 - Itacorubi - 88034-000 - Florianópolis - SC

Tel. (48) 3665.5000 - <http://cepa.epagri.sc.gov.br>



Apresentação

A Epagri/Cepa tem a satisfação de disponibilizar a trigésima quarta edição da Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina, que contempla análise de 13 produtos vegetais (abrangendo grãos, frutas e hortaliças), produtos do complexo carnes, atividade leiteira, pesca e aquicultura, produção florestal, políticas públicas para o setor agropecuário, crédito rural, dados relacionados ao valor bruto da produção e aos preços agrícolas.

No caso dos produtos vegetais, a Síntese 2012-2013 avançou em relação às mais recentes e deu maior atenção à fruticultura do Estado, abordando um número maior de frutas, além das tradicionais maçã, banana e uva, examinadas mais detalhadamente.

Um aspecto evidenciado nessa edição é que estamos em um período positivo para boa parte das atividades analisadas, o que está relacionado com contextos favoráveis nos mercados interno e externo e se refletiu, em boa parte dos casos, nos preços acima dos parâmetros históricos pagos aos produtores.

Além do mercado e dos preços favoráveis (ao contrário do que se observou na última edição, com relatos de uma safra caracterizada por perdas decorrentes de adversidades climáticas), esta edição revela o bom desempenho produtivo para a maior parte das atividades analisadas.

Vale destacar também a ampliação das ações federais e estaduais de apoio à agropecuária no Brasil e em Santa Catarina ao longo dos anos. As abordagens das políticas públicas e do crédito rural indicam que houve tanto inovações quanto ampliações nos instrumentos de apoio setorial, bem como avanços sistemáticos na quantidade dos recursos financeiros à disposição dos agricultores.

Além da parte analítica, a Síntese 2012-2013 contempla na sua Parte II dados sobre a população e a divisão do território de Santa Catarina, balanço de oferta e demanda, valor bruto da produção, preços agrícolas e preços mínimos.

A capa desta edição destaca a importância das exportações do agronegócio catarinense, que, mesmo com variações negativas pontuais no transcorrer dos anos, tornam-se cada vez mais estratégicas para o desempenho positivo de algumas cadeias produtivas catarinenses, de maneira especial o setor das carnes suína e de frango.

A Epagri agradece a todas as entidades e pessoas que colaboraram para mais uma edição da Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina, documento que analisa os dados mais recentes da agricultura catarinense e reúne os principais acontecimentos da agropecuária mundial, nacional e estadual, registrando-os para a história da agricultura estadual.

É importante lembrar que, além da versão impressa, a publicação está disponível em arquivo eletrônico no site <http://cepa.epagri.sc.gov.br>.

Luiz Ademir Hessmann
Presidente da Epagri



Convenções

= números entre parênteses em tabela, tão somente, não em texto, significam números negativos.

... o dado é desconhecido, podendo o fenômeno existir ou não existir.

– o fenômeno não existe.

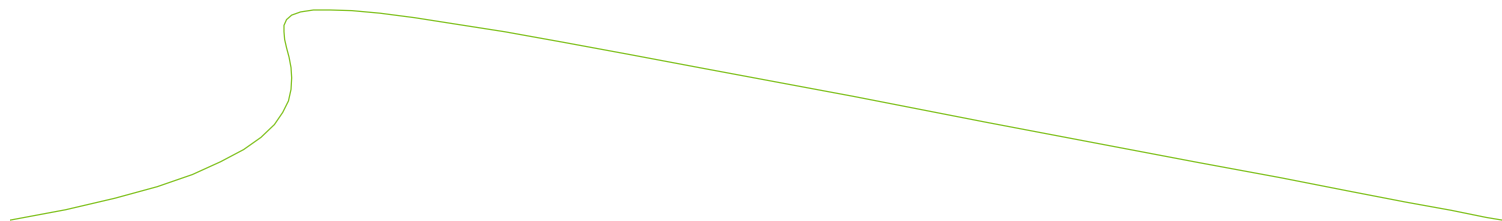
0; 0,0; 0,00: o dado existe, mas seu valor é inferior à metade da unidade adotada na tabela.

Nota: As diferenças porventura apresentadas entre soma de parcelas e totais são provenientes de arredondamento de dados.



Sumário

Parte I	7
Desempenho da produção vegetal	7
Alho	7
Arroz	13
Banana	18
Cebola	26
Feijão	32
Fumo	38
Maçã	44
Mandioca	51
Milho	59
Soja	66
Tomate	72
Trigo	78
Uva e vinho	85
Números da fruticultura catarinense	90
Desempenho da produção animal	92
Carne bovina	92
Carne de frango	99
Carne suína	107
Leite	117
Desempenho da aquicultura catarinense	125
Piscicultura de água doce	125
Maricultura	127
Desempenho do setor florestal	129
Políticas públicas dirigidas ao meio rural catarinense	143
Crédito rural	148

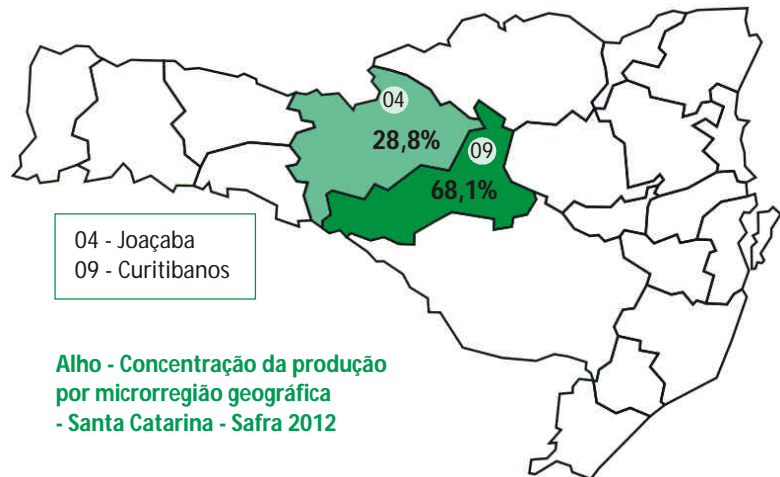


Parte II	152
Divisão territorial e população de Santa Catarina	152
Informações econômicas da agropecuária	159
Preços agrícolas	164

Desempenho da produção vegetal

ALHO

Marco Antônio Lucini
Eng. Agr. - Epagri/Curitibanos
marcolucini@epagri.sc.gov.br



Produção e mercado mundiais

As informações oficiais sobre a produção mundial de alho são da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) e estão sempre atrasadas, no mínimo dois anos. Com referência ao ano de 2011, as informações indicam crescimento da área e da produção mundiais (Tabela 1).

Sobre as safras mais recentes, dados extraoficiais dão conta de redução nas áreas de cultivo e produtividade na safra 2012, o que se considera confirmado pela diminuição da oferta e pela elevação dos preços mundiais.

Em relação à safra 2013, as informações são de que na China e na Argentina (os dois principais exportadores mundiais) houve comportamentos antagônicos: a produção da China aumentou entre 20% e 25% e a da Argentina diminuiu 15%. O alho chinês foi colhido nos meses de abril e maio de 2013 e será comercializado até maio de 2014. O alho argentino foi plantado nos meses de março e abril e será colhido nos meses de novembro e dezembro de 2013.

Segundo a FAO, a China domina o mercado mundial, com exportações anuais na casa de 180 milhões de caixas de 10 quilos (em 2012, o Brasil importou 4,9% desse total). Com a redução da safra de 2012, a safra chinesa de 2013 apresentou aumento do preço, elevando os preços do mercado mundial, do Brasil e da Argentina. Os preços praticados pela China em julho de 2012 foram em média de US\$18,00/caixa de dez quilos/Fob e, com a diminuição da oferta, permaneceram estáveis até a colheita da safra nova, em maio de 2013. Com o aumento da produção, de maio a julho de 2013 o preço da China despencou para US\$ 9,00/caixa de dez quilos/Fob. A partir de agosto, o preço teve uma reação e subiu para US\$ 12,00/caixa de dez quilos/Fob, valorizando os alhos armazenados em câmaras frias.

Na América do Sul, a produção de alho está presente em dez países, mas se concentra especialmente na Argentina, no Brasil e no Peru (Tabela 2). Exceto a Argentina, que é o segundo exportador mundial, a produção dos demais países é basicamente para o mercado interno, com eventuais exportações de excedentes, como são os casos do Chile e mais recentemente do Peru.

Apesar da redução da oferta e dos preços altos no mercado mundial, a redução de 15% na área de cultivo 2012/13 na Argentina se explica, fundamentalmente, pelos problemas econômicos internos, já que isso contraria a tendência mundial de aumento nas áreas de cultivo.

Tabela 1/I. Alho - Comparativo de safras do mundo e dos principais países - Safras 2007/11

Discriminação	Área Plantada (mil ha)					Produção (mil t)				
	2007	2008	2009	2010	2011	2007	2008	2009	2010	2011
Mundo	1.309,5	1.410,6	1.370,6	1.199,9	1.419,0	20.076,3	22.693,8	22.282,1	17.674,9	23.721,4
China	756,6	822,1	779,2	664,1	833,4	16.064,7	18.357,0	17.967,9	13.664,1	19.219,9
Índia	159,2	205,1	205,0	164,9	200,6	776,3	1.068,4	1.070,0	834,0	1.057,8
Coreia, Rep.	27,0	28,4	30,0	22,4	24,0	347,5	375,5	380,0	271,6	295,0
Fed. Russa	29,7	25,5	27,2	26,8	26,8	249,0	226,7	227,3	213,5	234,0
Mianmar	26,3	28,7	30,0	28,4	29,1	161,0	197,3	20,0	185,9	209,3
Bangladesh	38,8	33,6	34,3	37,1	42,0	176,7	144,8	154,8	164,4	209,2
Argentina	15,6	14,1	13,9	14,0	17,7	140,0	125,1	120,4	128,9	174,4
Ucrânia	18,3	17,3	18,9	19,5	21,2	131,5	136,8	150,1	157,4	171,9
Brasil	11,3	10,2	10,1	10,5	12,9	99,0	91,7	86,8	104,6	143,3
Espanha	16,7	15,5	16,0	14,2	15,7	151,7	133,6	154,0	136,0	139,9
Turquia	14,9	16,0	16,0	9,5	9,7	98,2	105,0	105,4	76,9	79,2
Tailândia	12,1	13,8	11,1	10,8	11,9	74,7	85,6	71,4	68,1	75,6

Fonte: FAO (julho de 2013).

Tabela 2/I. Alho - Comparativo de safras dos países da América do Sul - Safras 2007/11

Discriminação	Área Plantada (ha)					Produção (t)				
	2007	2008	2009	2010	2011	2007	2008	2009	2010	2011
Total	41.435	38.411	34.854	35.518	46.127	351.164	313.907	299.162	331.911	453.268
Argentina	15.600	15.600	13.937	14.000	17.739	140.000	140.000	120.391	128.900	174.363
Brasil	11.035	10.214	10.063	10.542	12.928	92.934	91.649	86.752	104.586	143.293
Perú	8.000	7.974	5.883	6.360	8.590	75.000	80.896	57.613	62.962	88.468
Venezuela	1.600	1.437	1.500	1.500	1.846	12.600	12.078	12.000	12.800	17.192
Chile	3.000	1.044	1.253	1.258	1.463	20.500	7.000	11.915	12.000	14.000
Bolívia	720	733	771	770	1.515	5.000	5.177	5.334	5.700	7.237
Equador	620	620	572	510	1.299	1.030	1.030	651	760	6.170
Colômbia	260	265	340	284	1.463	2.500	3.536	3.348	3.351	6.170
Uruguai	250	174	135	140	161	1.100	751	588	630	848
Paraguai	350	350	400	154	158	500	500	570	222	222

Fonte: FAO (julho de 2013).

Produção e mercado nacionais

A cultura do alho perdeu espaço nos anos 1990, quando o alho chinês desembarcou no Brasil. Naquela época plantavam-se 18 mil hectares, com destaque para Santa Catarina, que cultivava 4,4 mil hectares e era o primeiro produtor nacional.

No Brasil, há duas regiões produtoras bem distintas. O Sul do País é responsável por 80% da área de plantio de alho exigente em frio e/ou fotoperíodo, especialmente os alhos nobres de dente roxo, plantados principalmente nos Campos de Curitibaanos (em Santa Catarina) e na Serra Gaúcha. A outra região é a do "Cerrado" de Goiás, Minas Gerais e Bahia, com destaque para Cristalina (Goiás), Alto

Paranaíba e São Gotardo (Minas Gerais) e Chapada Diamantina (Bahia), que, por serem de clima quente, produzem o alho que necessita de choque frio em câmaras frigoríficas.

De 2008 a 2013, exceto em 2011, a área cultivada no Brasil tem oscilado sempre entre 10 mil e 11 mil hectares. O que cresceu mesmo foram as produtividades médias, que passaram de 8,91 toneladas por hectare em 2008 para 10,61 toneladas por hectare em 2012. Os dados preliminares da safra de 2013/14 indicam redução na produção de alho na Região Centro-Oeste e aumento na área de cultivo de Santa Catarina (Tabela 3).

No quesito qualidade, a safra de 2013 do Centro-Oeste e do Sudeste foi superior à safra de 2012, devido ao clima favorável com noites frias. A qualidade foi decisiva para que os preços aos produtores ficassem no mesmo patamar do ano anterior, embora os preços do alho chinês tenham caído 50% Fob/China. Na Região Sul todo o alho foi plantado nos meses de maio a julho de 2013 e as lavouras estão em excelente estado. O inverno foi rigoroso e por isso se prevê uma safra de boa qualidade.

As maiores áreas plantadas em 2013 são as dos estados do Rio Grande do Sul, Goiás, Santa Catarina e Minas Gerais, respectivamente. Em produção, com possibilidade de alcançar 18.072 toneladas de acordo com as estimativas, Santa Catarina aparece na segunda colocação.

Em 2012, o consumo de alho no Brasil foi de 241.188 toneladas (2,01 milhões de caixas de 10 quilos/mês): 157.830 toneladas foram de alhos importados, 65,4% do consumo, e 83.358 toneladas de alho nacional⁽¹⁾, 34,6% do consumo (Figura 1).

Desde 2005, a principal origem das importações brasileiras é a China, que em 2012 respondeu por 56% das importações brasileiras. A segunda origem é a Argentina, que em 2012 respondeu por 39,2% do total de alho importado pelo Brasil. As 157.830 toneladas importadas em 2012 equivalem a 1,315 milhão de caixas de 10 quilos/mês, com desembolso de mais de 187 milhões de dólares e a um preço médio de US\$11,85/caixa (Tabela 4).

Tabela 3/I. Alho - Comparativo de safras dos estados do Brasil - Safras 2008/13

Discriminação	Área Plantada (ha)						Produção (t)					
	2008	2009	2010	2011	2012	2013 ⁽¹⁾	2008	2009	2010	2011	2012	2013 ⁽¹⁾
Brasil	10.228	10.163	10.543	12.838	10.213	10.161	91.174	86.752	104.586	142.494	108.393	104.198
Goiás	1.900	1.650	2.671	3.096	2.392	2.395	23.330	21.260	39.252	46.700	41.134	35.303
Santa Catarina	1.577	1.476	1.767	1.875	1.858	2.032	14.215	11.553	16.442	18.791	18.669	18.734
Minas Gerais	1.958	1.844	1.635	3.075	1.456	1.324	22.094	22.188	19.120	40.960	18.093	17.628
Rio Grande do Sul	2.904	3.014	2.626	2.684	2.542	2.508	19.658	17.819	17.739	17.742	17.933	16.835
Bahia	628	661	729	886	635	896	4.320	5.144	5.478	9.394	6.146	7.691
Distrito Federal	176	176	146	443	472	495	1.825	1.770	1.592	4.951	1.247	5.187
Paraná	755	701	679	617	565	528	3.718	3.148	2.924	2.773	2.855	2.448
Espírito Santo	113	91	93	143	84	89	743	691	301	1.061	965	951
São Paulo	197	197	197	19	13	13	1.717	1.750	1.738	122	977	83

⁽¹⁾ Dados preliminares.

Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal (2008-2012) e LSPA.

⁽¹⁾ O restante da produção nacional foi para semente, classificado como alho abaixo do padrão ou perdido na pós-colheita.

Tabela 4/I. Alho - Importações brasileiras segundo os principais fornecedores - 2007-12

Discriminação	2007	2008	2009	2010	2011	2012
China	57.786	87.005	91.916	97.190	100.632	88.324
Argentina	74.698	58.214	54.898	54.083	60.544	61.836
Espanha	0	0	2.984	1.090	71	4.100
Chile	0	0	391	232	364	2.057
México	0	0	1.530	286	1.066	1.336
Outros	610	698	1	261	946	177
Total (tonelada)	133.095	145.917	151.720	153.141	163.623	157.830
Total (caixa de 10 quilos)	13.309.467	14.591.741	15.172.017	15.314.123	16.362.343	15.783.034
Total (US\$)	103.192.722	88.265.048	118.168.440	251.691.845	249.393.603	187.068.576
US\$/caixa de 10 quilos	7,75	6,05	7,79	16,44	15,24	11,85

Fonte: MDIC, Sistema AliceWeb.

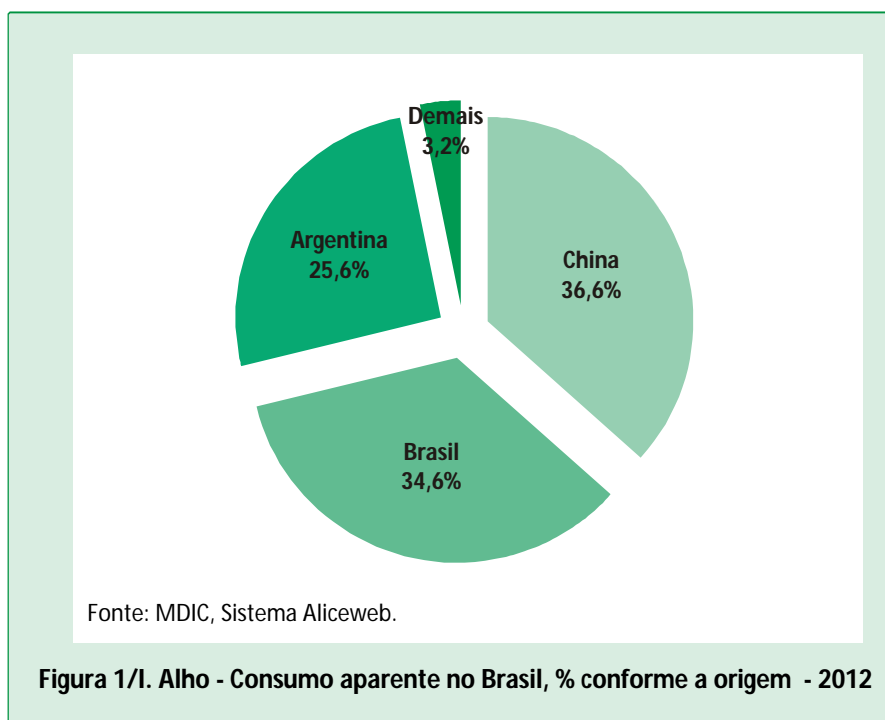


Figura 1/I. Alho - Consumo aparente no Brasil, % conforme a origem - 2012

Produção e mercado estaduais

Em 2013 houve um crescimento de 9,4% na área de plantio (Tabela 5) e Santa Catarina retomará o segundo lugar na produção nacional. A menor oferta mundial e a elevação dos preços no mercado nacional (descritos no item produção e mercado mundiais) tornaram o resultado econômico da safra 2012/13 muito positivo para os produtores catarinenses e isso estimulou o aumento nas áreas de plantio em 2013/14. Além disso, o inverno rigoroso foi favorável à cultura e a safra terá qualidade superior à 2012/13, devendo apresentar baixos índices de anormalidades fisiológicas como "superbroto" e "cebolão".

Tendo em vista o aumento da produção e a redução significativa nos preços praticados no início da safra da China, a safra catarinense 2013/14, plantada de maio a julho de 2013, mostrava um cenário apenas bom para os produtores de Santa Catarina. Entretanto, passados quatro meses da sua colheita e com o

armazenamento em câmaras o alho chinês apresentou crescimento de preços e o cenário passou a ser ainda melhor para os produtores catarinenses.

Além da alta do preço do alho da China, a provável renovação da taxa de *antidumping* por um valor superior também contribuiu para deixar o mercado agitado. Assim, o mercado nacional ficou bem aquecido e, como não existem estoques no País (quer junto aos produtores quer junto aos importadores), a expectativa do setor produtivo de Santa Catarina é que essa situação permaneça até meados de 2014.

O maior produtor individual de Santa Catarina é o município de Curitibaanos, seguido por Frei Rogério, Fraiburgo e Lebon Régis (Tabela 5).

A oferta do alho catarinense inicia-se no mês de dezembro, com um volume de 5%. Os meses de maiores ofertas são janeiro, fevereiro e março, com 15% a 20% a cada mês, diminuindo em abril, maio e junho.

Os preços recebidos pelos produtores de Santa Catarina oscilaram bastante nas últimas safras. O ano de 2008 e o primeiro trimestre de 2012 foram os períodos com os piores valores. Na safra de 2012/13 o mercado do alho foi muito bom e, mesmo com algumas oscilações, o preço médio permaneceu na casa de R\$ 5,50 o quilo (Figura 2).

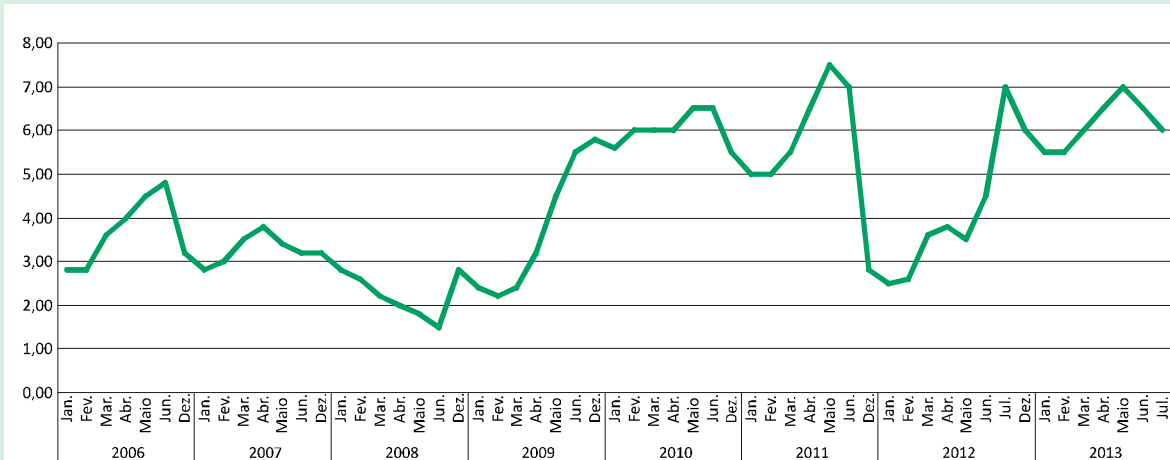
Além de uma expectativa de mercado favorável, a safra de 2013/14 apresenta lavouras em excelente estado e as previsões de produção devem ser confirmadas na época da colheita nos meses de novembro e dezembro. A exemplo da safra 2012/13, o resultado econômico da safra 2013/14 tende a ser remunerador ao produtor de Santa Catarina e do Brasil e, a permanecerem assim, aos poucos Santa Catarina retomará parte do mercado nacional. As previsões da safra de 2013/14, aliás, já mostram Santa Catarina como o terceiro estado em área plantada e segundo em produção (Tabela 3).

Tabela 5/I. Alho - Comparativo de safras dos principais municípios de SC - Safras 2009/13

Discriminação	Área Plantada (ha)					Produção (t)				
	2009	2010	2011	2012 ⁽¹⁾	2013 ⁽¹⁾	2009	2010	2011	2012 ⁽¹⁾	2013 ⁽¹⁾
Santa Catarina	1.476	1.767	1.875	1.858	2.032	11.553	16.442	18.791	18.669	18.734
Curitibaanos	650	800	800	800	900	4.800	8.000	8.000	8.000	9.000
Frei Rogério	250	330	260	285	350	2.000	2.640	1.820	2.280	2.800
Fraiburgo	180	180	240	240	240	1.800	1.800	3.600	3.600	2.000
Lebon Régis	35	85	150	150	180	280	850	1.500	1.500	1.800
Brunópolis	100	100	130	130	160	500	1.000	1.300	1.300	1.600
Campos Novos	50	80	80	60	60	800	800	800	480	480
Caçador	20	20	55	55	40	160	160	550	550	320
Lages	24	24	24	10	10	388	288	388	120	120
Ponte Alta	30	30	20	20	10	249	249	240	200	100
Correia Pinto	10	10	10	5	5	100	100	100	50	50

⁽¹⁾ Dados preliminares

Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal (2008-2012), LSPA e projeções de maio/2013.

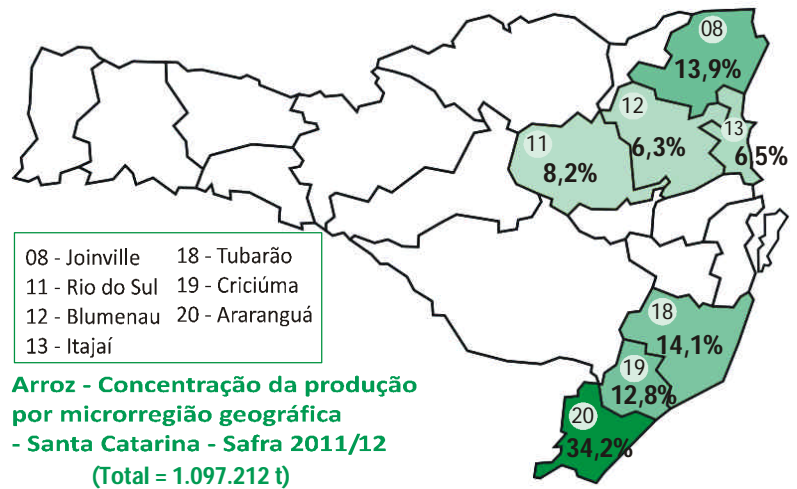


Fonte: Epagri/Gerência Regional de Curitiba.

Figura 2/I. Alho (classes 5, 6 e 7) - Preços médios (R\$/kg) recebidos pelos produtores - Santa Catarina - Jan./06-Jul./13

ARROZ

Irceu Agostini
Eng. Agr. - Epagri/EEL
irceu@epagri.sc.gov.br
Luiz Marcelino Vieira
Economista - Epagri/Cepa
marcelino@epagri.sc.gov.br



Produção e mercado mundiais

Depois do milho e do trigo, o arroz é o cereal mais produzido no mundo. É cultivado em todos os continentes, com maior concentração no asiático, destacando-se a China e a Índia, responsáveis por 30,0% e 22,6% da produção mundial, respectivamente (Tabela 1, safra 2013/14). O Brasil ocupa o 8º lugar, com 1,8% da produção mundial.

O consumo *per capita* mundial de arroz, segundo a FAO, é de 58 kg/hab/ano, com uma demanda crescente nos últimos seis decênios. Os maiores consumos *per capita* estão localizados na China, Birmânia e Indonésia, com uma média de 80 kg/hab/ano. Já o Brasil, a Colômbia e o Senegal têm um consumo *per capita* em nível intermediário, que oscila entre 40 e 60 kg/hab/ano, enquanto os Estados Unidos, a Espanha e a França se enquadram como de baixo consumo *per capita*, com menos de 10 kg/hab/ano.

Embora seja o terceiro cereal mais produzido no mundo, o comércio internacional deste produto é pouco expressivo. Em torno de 92% do arroz produzido num país é consumido no próprio país, já que as exportações mundiais representam 8% da produção mundial (Tabela 2).

O produto é pouco comercializado externamente e o mercado mundial de arroz, de uma maneira geral, está segmentado da seguinte forma: a Tailândia comercializa principalmente para os países da África e da Ásia; o Vietnã para os países asiáticos; os Estados Unidos para os países da América Central e Caribe, Ásia (Japão) e Europa; o Paquistão e a Índia para os países do Oriente Médio, África (Egito) e Leste Europeu; a Austrália para o Japão; a Argentina e o Uruguai para o Brasil; a Itália e a Espanha para os países da União Europeia.

Tabela 1/I. Arroz beneficiado – Produção e principais países produtores – Safras 2009/10-2013/14

(milhões t)

Discriminação	Safr				
	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13	2013/14
Mundo	442,69	449,50	465,83	468,92	477,93
China	136,57	137,00	140,70	143,30	143,00
Índia	89,09	95,98	105,31	104,40	108,00
Indonésia	36,37	35,50	36,50	36,55	37,70
Vietnã	24,99	26,37	27,15	27,38	27,67
Tailândia	20,26	20,26	20,46	20,20	21,10
Burma	11,64	10,53	10,82	10,67	11,00
Filipinas	9,77	10,54	10,71	11,35	11,70
Brasil	7,93	9,30	7,89	8,16	8,50
Japão	7,71	7,72	7,65	7,76	7,72
EUA	7,13	7,59	5,87	6,33	5,78

Fonte: Usda – Setembro/12 e Agosto/13.

Tabela 2/I. Arroz beneficiado – Balanço de oferta e demanda mundial – Safras 2009/10-2013/14

(milhões t)

Discriminação	Safr				
	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13	2013/14
Estoque inicial	91,70	95,17	98,73	104,84	104,82
Produção	442,69	449,50	465,83	468,92	477,93
Importação	28,05	32,71	35,50	35,22	36,81
Consumo	440,07	445,96	459,71	468,95	475,28
Exportação	31,37	34,84	39,08	38,05	38,97
Estoque final	95,17	98,73	104,84	104,82	107,47

Fonte: Usda (setembro/12 e agosto/13).

Produção e mercado nacionais

A área de arroz no Brasil pouco se alterou na última safra (2012/13), caindo 0,6% em relação à safra anterior (Tabela 3).

Vale lembrar, contudo, que a área de arroz irrigado, que corresponde aos estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, aumentou 3,8%, provocando um aumento de 3,7% no rendimento, que se situou em torno de 4.920,8 kg/ha (Tabela 3).

Apesar de uma pequena queda na área total, a produção brasileira aumentou 3,1% na última safra, impulsionada pelo aumento na área de arroz irrigado (Tabela 3). Mesmo com apenas 51,8% da área brasileira, a produção do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina representou 77,6% da produção do país, pois os dois estados produzem quase que exclusivamente na forma irrigada, cujas produtividades são bem superiores às do sequeiro.

Esta modesta alta na produção do País não foi suficiente para impedir uma queda no estoque final (ou estoque de passagem) da safra 2012/13, que caiu de 1.682 mil na safra anterior para 1.340 mil toneladas na safra atual, segundo o levantamento de agosto/2013 da Conab (Tabela 4). Isso se deveu ao menor

estoque inicial comparado com o estoque inicial da safra anterior. Este estoque final atual é o menor das últimas cinco safras e, assim, é possível que as condições para a formação de um novo pico de preço no final deste ano de 2013 ou início do próximo estejam sendo criadas, semelhantemente ao pico havido no final de 2008.

Com relação ao comércio internacional, a maior parte das importações de arroz brasileiras é proveniente de três países do Mercosul (Uruguai, Argentina e Paraguai). Há alguns anos quase a totalidade de nossas importações tem sido oriunda destes países. No fluxo inverso, as exportações do arroz brasileiro são dirigidas, na maior parte (cerca de 80%), para a África do Sul, Nigéria, Senegal, Benin, Suíça, Gâmbia e Camarões.

Tabela 3/I. Arroz em casca – Área plantada, produção e rendimento – Brasil e principais estados produtores – Safras 2008/09-2012/13⁽¹⁾

Discriminação	Safr				
	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13
Área plantada (mil ha)					
Brasil	2.905,2	2.778,2	2.855,3	2.399,5	2.386,2
Rio Grande Sul	1.110,6	1.101,3	1.169,8	1.042,6	1.086,3
Santa Catarina	148,9	150,5	151,1	149,3	148,6
Maranhão	472,6	481,5	469,1	431,5	403,5
Mato Grosso	280,7	235,3	205,6	141,7	158,4
Tocantins	127,9	137,9	132,5	110,2	110,2
Produção (mil t)					
Brasil	12.651,1	11.236,0	13.477,0	11.391,4	11.741,9
Rio Grande Sul	7.977,8	6.875,1	8.940,4	7.692,2	8.084,2
Santa Catarina	1.034,2	1.041,6	980,5	1.097,2	1.020
Maranhão	609,3	589,9	707,8	439,1	497,0
Mato Grosso	792,7	687,1	654,7	456,5	507,3
Tocantins	376,1	447,3	467,7	337,0	339,6
Rendimento médio (kg/ha)					
Brasil	4.354,6	4.044,3	4.720,0	4.747,4	4.920,8
Rio Grande Sul	7.183,3	6.242,7	7.642,7	7.377,9	7.442,0
Santa Catarina	6.945,6	6.920,9	6.489,1	7.358,8	6.865,0
Maranhão	1.289,3	1.225,1	1.508,8	1.017,6	1.231,7
Mato Grosso	2.824,0	2.920,1	3.184,3	3.221,6	3.202,7
Tocantins	2.940,6	3.243,7	3.529,8	3.058,1	3.081,7

⁽¹⁾Safras 2011/12 e 2012/13: dados preliminares sujeitos a retificação.

Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal (2009-2012) e LSPA - jun./2013.

Tabela 4/I. Arroz em casca – Balanço de oferta e demanda - Brasil – Safras 2008/09-2012/13

(mil t)

Discriminação	Safr				
	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13
Estoque inicial	2.034	2.532	2.457	2.570	1.682
Produção	12.603	11.661	13.613	11.600	11.858
Importação	908	1.045	825	1.068	1.000
Suprimento	15.544	15.237	16.896	15.237	14.540
Consumo	12.118	12.153	12.237	12.100	12.100
Exportação	894	627	2.090	1.455	1.100
Estoque final	2.532	2.457	2.570	1.682	1.340

Fonte: Conab (agosto de 2013).

Produção e mercado estaduais

O estado de Santa Catarina é o segundo maior produtor nacional de arroz, ainda que com uma área bem inferior à de vários outros estados (Tabela 3). As informações do IBGE para a safra 2012/13 (Tabela 5) são de uma área plantada de 148.584 hectares, uma produção de 1.020 mil toneladas e um rendimento médio de 6.865 kg/ha (137,3 sacos/ha).

Cerca de um terço da área e da produção se concentra numa única Microrregião Geográfica, a de Araranguá. Na última safra a Mesorregião Sul Catarinense (Araranguá, Criciúma e Tubarão) contribuiu com 62,4% da área e com 59,1% da produção. Praticamente todo o arroz é cultivado na forma irrigada.

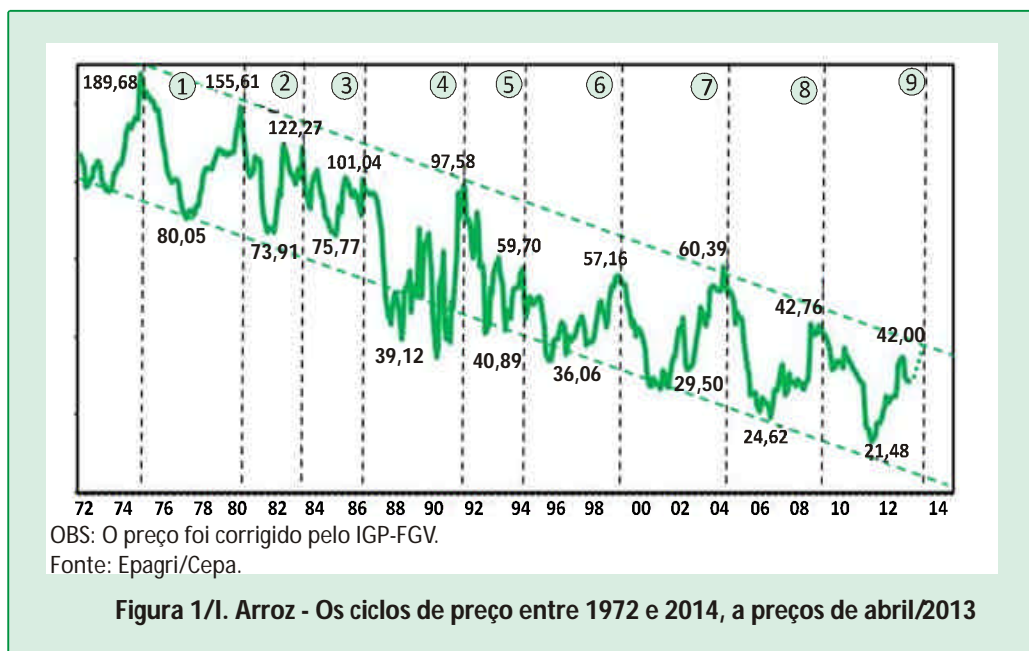
Depois de atingir o mínimo em meados de 2011, o preço iniciou uma trajetória ascendente. No ano de 2011, o preço médio (nominal) foi de R\$ 20,90. Em 2012, subiu para R\$ 28,67 e nos primeiros sete meses de 2013 fixou-se em R\$ 31,10 (Figura 1). Por outro lado, o custo médio de produção (no sistema pré-germinado) para Santa Catarina na safra 2012/13 foi de R\$ 32,89, segundo planilha da Epagri/Cepa. Portanto, o preço não foi suficiente para cobrir todos os custos da cultura.

Tabela 5/1. Arroz - Área plantada e produção, por Microrregião Geográfica de Santa Catarina – Safras 2008/09-2012/13

Discriminação	Safra				
	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13
Área plantada (ha)					
Santa Catarina	148.900	150.473	151.130	149.129	148.584
Joinville	20.556	20.552	20.539	19.997	20.002
Rio do Sul	10.910	10.913	10.972	10.788	10.782
Blumenau	8.812	8.987	8.874	8.666	8.566
Itajaí	8.180	8.900	10.290	9.965	9.965
Tijucas	2.710	2.713	2.713	2.713	2.690
Florianópolis	3.308	3.410	3.410	3.210	3.210
Tubarão	21.337	22.057	21.133	21.222	20.917
Criciúma	20.726	20.847	20.883	20.858	20.934
Araranguá	49.480	49.480	50.092	49.910	50.910
Outras MRG ⁽¹⁾	2.881	2.614	2.224	1.800	608
Produção (mil t)					
Santa Catarina	1.034	1.042	984	1.097	1.020
Joinville	149	151	147	152	154
Rio do Sul	82	91	64	90	80
Blumenau	55	66	69	69	69
Itajaí	55	62	74	72	72
Tijucas	19	20	21	21	21
Florianópolis	17	19	19	18	18
Tubarão	151	156	129	154	153
Criciúma	152	135	132	140	128
Araranguá	347	334	319	375	322
Outras MRG ⁽¹⁾	8	8	7	6	3
Rendimento médio (kg/ha)					
Santa Catarina	6.944	6.925	6.511	7.357	6.865
Joinville	7.248	7.347	7.157	7.610	7.700
Rio do Sul	7.516	8.339	5.833	8.361	7.420
Blumenau	6.241	7.344	7.776	8.003	8.055
Itajaí	6.724	6.966	7.191	7.157	7.225
Tijucas	7.011	7.372	7.741	7.691	7.807
Florianópolis	5.139	5.572	5.572	5.483	5.607
Tubarão	7.077	7.073	6.104	7.273	7.315
Criciúma	7.334	6.476	6.321	6.721	6.115
Araranguá	7.013	6.750	6.368	7.521	6.325
Outras MRG ⁽¹⁾	2.777	3.060	3.148	3.209	4.934

⁽¹⁾ São as outras 11 MRG com área de arroz menor que 1.000 hectares.

Fonte: IBGE.



Movimento cíclico do preço

Numa avaliação para todo o período analisado, de 1975 a 2012 (Figura 1), constata-se que o preço do arroz caiu, em média, cerca de 4% ao ano. Essa queda pode ser medida tanto a partir dos picos (entre o pico formado no início de 1975 e o pico do final de 2008), como a partir dos fundos (entre o fundo de meados de 1977 e o fundo de meados de 2011), que se obtém aproximadamente o mesmo resultado.

Pode-se observar também, nessa figura, que ao longo dessa queda houve a formação de ciclos, que são a trajetória do preço entre um pico e o pico seguinte. Do início de 1975 até o final de 2008 formaram-se oito ciclos de preço, sendo que o ciclo 9 ainda está em desenvolvimento. Dos oito ciclos, cinco deles duraram cinco anos e três deles duraram três anos e em todos eles o mínimo de um ciclo sempre se formou próximo da metade do período entre o seu pico inicial e o seu pico final.

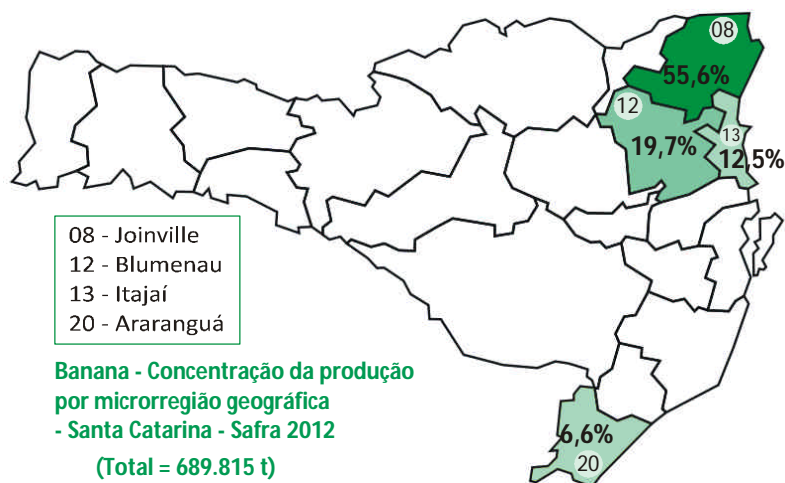
Assim, de posse destas informações, é possível projetar graficamente o próximo pico, que é o pico final do ciclo 9 da figura 1, e que será, ao mesmo tempo, o pico inicial do ciclo 10. Ele está previsto para o final de 2013 ou início de 2014. Assim, o momento atual (segundo semestre de 2013) aponta para um período de preços crescentes até o pico final do ciclo. Depois deverá vir um período de baixa que deve durar aproximadamente, dois anos e meio, até encontrar o mínimo do ciclo 10. Obviamente que essas projeções só irão se confirmar se o preço repetir o mesmo comportamento histórico observado no período desde 1975 (e, em especial, após 1994) até o momento atual.

Os ciclos de cinco anos

Do ano de 1994 para cá todos os ciclos foram de cinco anos. A duração dos ciclos decorre do tempo necessário para a formação de um estoque excedente e o consumo posterior deste excedente. Os produtores respondem a preços mais altos com duas safras cheias, o que é suficiente para elevar o estoque do mínimo ao máximo em cada ciclo. Com o estoque no máximo, o mercado leva três anos para consumir o excedente até ele voltar ao mínimo do ciclo, sendo necessárias três safras com produções entre 10 e 20% menores do que as de anos de safras cheias. No total, portanto, são cinco safras para fechar um ciclo.

BANANA

Luiz Marcelino Vieira
Economista - Epagri/Cepa
marcelino@epagri.sc.gov.br



Produção e mercado mundiais

São mais de 125 países que se dedicam ao cultivo da banana no mundo. Em alguns deles, a atividade se destaca como uma das principais fontes de arrecadação e geração de emprego e renda. O continente asiático lidera a produção dessa fruta, com 58% do volume produzido; o americano vem em segundo lugar, com 26% (América do Sul, com 17% e a América Central, com 8%) e o africano, em terceiro lugar, com 14%.

A banana destaca-se na primeira posição no ranking mundial das frutas, com uma produção de 106,5 milhões de toneladas. O Brasil produz 7,3 milhões de toneladas, com participação de 6,9% (FAO, junho de 2013) - Figura 1.

A bananicultura tem se expandido bastante na maioria dos países nas três últimas décadas, passando de 35 milhões de toneladas na safra 1978 para 107 milhões de toneladas na safra 2011. Isso foi possível graças ao uso mais intensivo de tecnologia, proporcionando melhores produtividades.

A Índia lidera a produção de banana no ranking mundial, sendo responsável por 28,1%. A China, com 10,1%, vem em segundo lugar; seguida pelas Filipinas, com 8,6%; Equador, com 7,0%; Brasil, com 6,9%; e Indonésia, com 5,8%.

Nas últimas cinco safras, o maior rendimento médio por área colhida pertence à Nicarágua, perfazendo um total de 55,6 t/ha, praticamente três vezes maior que a média mundial, de 19,3 t/ha. Os maiores produtores, portanto, não são necessariamente os que obtêm os maiores ganhos por área cultivada (Tabela 1).

A banana é a segunda fruta mais consumida no planeta, com 11,4 kg/hab/ano. Perde apenas para a laranja, com 12,2 kg/hab/ano. O continente americano é o maior consumidor, com 15,2 kg/habitantes/ano, destacando-se a América do Sul, com 20 kg/habitantes/ano e a América Central, com 13,9 kg/habitantes/ano (FAO, agosto de 2013).

Dentre as frutas “in natura” comercializadas nos principais centros consumidores mundiais, a banana apresenta o maior movimento financeiro, seguida pela uva, maçã e laranja.

As vendas mundiais de banana cresceram nos anos mais recentes. Em 2006 apresentou um movimento financeiro de US\$ 5,8 bilhões, passando em 2010 para US\$ 8,1 bilhões. O mercado equatoriano apresenta o melhor desempenho, responsável em 2010 por 25,3% do montante total, seguido pela Bélgica, com 15,4%, Colômbia, com 8,7% e Costa Rica, com 8,3% (Tabela 2).

Ressalta-se que países não produtores de banana são importantes intermediários na comercialização da produção no mercado mundial.

Quanto às importações, os mercados mundiais adquiriram um total de 17,9 milhões de toneladas e desembolsaram 11,7 bilhões de dólares. Os Estados Unidos lideram as compras, responsáveis por 16,9% do montante, seguidos pela Bélgica, com 13,1%, Alemanha, com 7,5%, Japão, com 7,2% e Reino Unido, com 6,2% (Tabela 3).

Tabela 1/I. Banana – Quantidade produzida – Mundo e principais países – Safras 2007/11

País	2007	2008	2009	2010	2011
Quantidade (1000 t)					
Mundo	91.131	95.748	99.765	105.213	106.542
Índia	23.823	26.217	26.470	29.780	29.667
China	8.038	8.042	9.006	9.849	10.706
Filipinas	7.484	8.688	9.013	9.101	9.165
Equador	6.002	6.701	7.637	7.931	7.428
Brasil	7.098	6.998	6.783	6.969	7.329
Indonésia	5.454	6.005	6.374	5.755	6.133
Tanzânia	3.083	2.447	3.006	3.156	3.144
Guatemala	2.246	2.448	2.544	2.638	2.680
Angola	1.398	1.723	1.985	2.048	2.646
México	1.965	2.151	2.232	2.103	2.139
Demais países	24.540	24.329	24.714	25.883	25.505
Os maiores rendimentos mundiais (kg/ha)					
Indonésia	55.574	55.706	53.551	56.826	58.880
África do Sul	49.393	49.452	49.441	49.468	55.718
Nicarágua	61.229	49.570	65.535	47.200	51.155
Israel	49.197	42.593	46.755	49.866	50.643
Costa Rica	47.450	42.578	37.299	42.865	46.104
Panamá	43.965	43.896	43.909	45.213	46.061
Turquia	42.881	46.490	47.189	47.466	45.818
Egito	43.831	44.767	46.800	45.398	44.871
Marrocos	37.392	37.782	39.286	43.077	42.029
Brasil	13.774	13.639	14.144	14.288	14.561

Fonte: FAO (agosto de 2013). (Disponível em <http://www.fao.org>).

Tabela 2/I. Banana – Valor das exportações mundiais e dos principais países – 2006-10

(US\$ milhão)

Ano	2006	2007	2008	2009	2010
Mundo	5.767	6.606	7.596	8.078	8.054
Equador	1.184	1.282	1.626	1.984	2.034
Bélgica	1.110	1.304	1.510	1.364	1.237
Colômbia	482	532	616	784	700
Costa Rica	634	612	642	565	672
Estados Unidos	-	253	344	376	400
Alemanha	385	453	525	441	380
Guatemala	217	300	317	415	357
Filipinas	405	401	406	360	319
República Dominicana	55	71	72	106	250
Brasil	38	44	36	39	45
Demais países	1.294	1.397	1.537	1.683	1.704

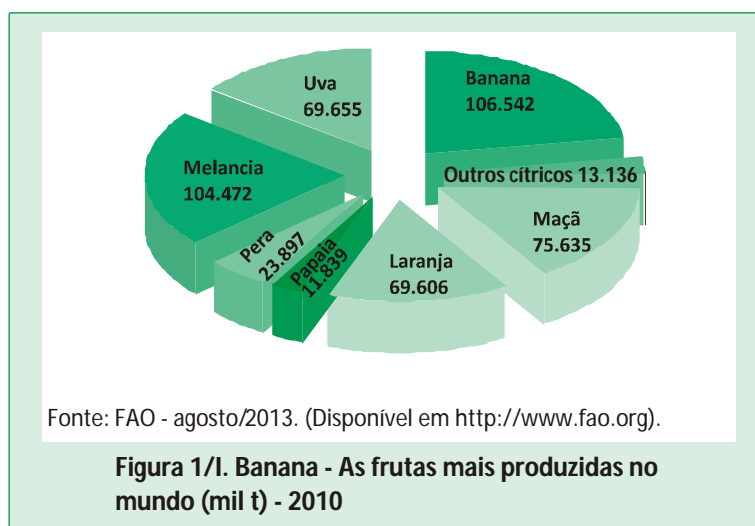
Fonte: FAO (agosto de 2013). (Disponível em <http://www.fao.org>).

Tabela 3/I. Banana – Valor das importações mundiais e dos principais países – 2006-10

(US\$ milhão)

Ano	2006	2007	2008	2009	2010
Mundo	8.875	10.088	11.743	11.767	11.705
Estados Unidos	1.347	1.402	1.539	1.751	1.975
Bélgica	1.304	1.477	1.915	1.597	1.532
Alemanha	851	1.032	1.091	1.029	873
Japão	564	581	829	1.010	843
Reino Unido	588	680	697	710	733
Federação Russa	480	584	670	630	704
Itália	414	477	560	556	495
França	277	355	480	440	415
Irã	160	192	203	300	392
Canadá	222	237	313	335	354
Demais países	2.668	3.071	3.445	3.410	3.390

Fonte: FAO (agosto de 2013). (Disponível em <http://www.fao.org>).



Produção e mercado nacionais

Safra nacional 2012

A bananicultura é cultivada na maioria dos estados brasileiros. As condições de clima (temperatura, umidade relativa, precipitação e insolação) favorecem que a produção seja distribuída durante todo o ano, atendendo de forma regular as necessidades de consumo.

A safra brasileira 2012 apresentou uma área colhida de 480,8 mil hectares, quantidade de 6,867 milhões de toneladas e rendimento médio de 14,3 toneladas por hectare. Em comparação com os resultados da safra anterior, houve um decréscimo de 4,5% na área, de 12,8% na produção e de 1,9% no rendimento (IBGE/LSPA, julho de 2013).

O desempenho nada estimulante da safra foi ocasionado pela falta de chuva em alguns estados nordestinos ou pelo seu excesso, com inundações das lavouras em alguns estados do Sul e Sudeste, afetando a qualidade e a produtividade da fruta, com prejuízos ao setor.

Os melhores rendimentos na safra pertencem ao Distrito Federal. Embora não tenha uma produção tão expressiva, atinge mais que o dobro da média nacional, com 29,5 toneladas. A segunda posição pertence ao Rio Grande do Norte, com 27,7 toneladas por hectare; seguido pelo Paraná, com 23,9 toneladas por hectare. Santa Catarina possui o quarto melhor desempenho, com 23,3 toneladas por hectare (Tabela 4).

Em 2012, o mercado nacional de banana teve um período de maior oferta, pressionado pela diminuição das exportações brasileiras. Esse fato contribuiu para que ocorresse uma maior oscilação de preços nos diferentes segmentos do mercado.

No ano, as exportações brasileiras somaram 95,7 mil toneladas e geraram um montante de US\$ 35,4 milhões, diminuindo 13,1% e 9,8%, respectivamente em relação a 2011. Esses números negativos são consequência de uma menor aquisição da fruta nacional pelos mercados uruguaio, argentino, alemão e do Reino Unido (Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio) - Figura 2.

Uma peculiaridade das exportações brasileiras é que os estados das regiões Sul e Sudeste destinam suas produções, principalmente, para os mercados argentino e uruguaio, enquanto o Rio Grande do Norte e o Ceará para o mercado europeu, destacando-se a Alemanha, o Reino Unido, a Espanha e a Holanda. Esses mercados, além de mais seguros, garantem ao setor melhores resultados financeiros.

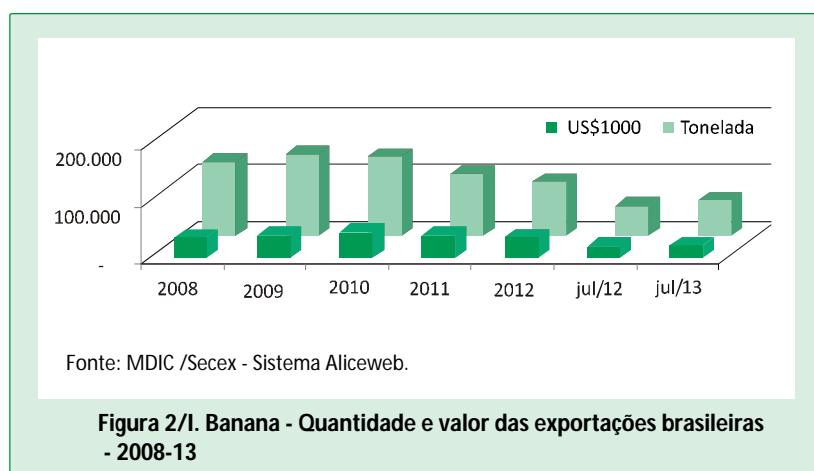


Tabela 4/I. Banana – Área colhida, produção e rendimento – Brasil e principais estados produtores – Safras 2009/13

Discriminação	2009	2010	2011	2012 ^{o)}	2013 ^{o)}
Área colhida (ha)					
Brasil	479.614	487.790	503.354	480.840	485.162
Bahia	65.487	66.623	74.965	72.080	83.207
São Paulo	53.078	56.678	59.157	54.563	54.563
Minas Gerais	39.194	40.472	41.409	41.765	41.335
Santa Catarina	30.922	30.419	30.427	29.559	29.154
Pará	38.925	41.711	40.710	41.384	42.823
Ceará	44.742	46.220	47.745	47.413	50.136
Pernambuco	42.910	45.538	51.028	40.805	31.032
Paraná	9.900	10.281	10.684	11.550	11.500
Espírito Santo	19.757	19.409	21.035	21.350	21.468
Paraíba	17.478	17.969	13.319	12.830	12.733
Demais estados	117.221	112.470	112.875	107.541	107.729
Quantidade produzida (tonelada)					
Brasil	6.783.490	6.969.306	7.329.471	6.866.609	7.292.164
Bahia	1.015.505	1.079.050	1.239.650	1.081.126	1.381.455
São Paulo	1.257.539	1.238.243	1.354.528	1.193.242	1.204.878
Minas Gerais	620.931	654.444	654.566	687.293	732.510
Santa Catarina	624.204	664.012	650.518	689.815	683.592
Pará	501.344	539.979	545.493	547.098	573.554
Ceará	429.506	445.169	494.250	415.763	440.810
Pernambuco	437.155	517.285	545.707	407.574	377.108
Paraná	229.683	237.267	243.595	276.864	276.000
Espírito Santo	196.678	187.544	218.016	241.997	246.469
Paraíba	267.468	209.380	202.791	141.974	175.721
Demais estados	1.203.477	1.196.933	1.180.357	1.183.842	1.200.067
Os seis maiores rendimentos estaduais (kg/ha)					
Brasil	14.144	14.288	14.561	14.280	15.030
Rio G do Norte	26.077	26.002	25.767	27.734	28.492
Paraná	23.200	23.078	22.800	23.971	24.000
Santa Catarina	20.186	21.829	21.380	23.338	23.448
São Paulo	23.692	21.847	22.897	21.869	22.082
Distrito Federal	20.163	21.630	28.057	29.447	19.545
Piauí	14.741	15.125	18.262	17.968	18.782

^{o)} Safras 2012 e 2013 dados preliminares sujeitos a retificação.

Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal (2009 a 2011) e LSPA-julho/13 (2012 e 2013).

Safra nacional 2013

Em 2013, as estimativas da safra nacional de banana, assinalam que a área a ser colhida será de 485,16 mil hectares e 7,292 milhões de toneladas serão produzidas, atingindo rendimento médio de 15,1 toneladas por hectare (IBGE/LSPA, julho de 2013 – Tabela 4).

Ao longo dos sete primeiros meses de 2013, a ocorrência de fatores climáticos adversos como a falta ou excesso de chuvas, as temperaturas negativas ou próximas de zero, bem como a queda de neve na Região Sul, afetaram a produtividade e a qualidade dos bananais, ocasionando prejuízos localizados ao setor.

A comercialização da fruta nos principais centros consumidores nacionais transcorre dentro do esperado, com o produto sendo ofertado ao consumidor, principalmente, através das centrais de abastecimento, redes de supermercados e atacadistas.

Nos sete primeiros meses de 2013, as exportações brasileiras de banana alcançaram 62,6 mil toneladas e representaram US\$ 21,7 milhões, sendo 20,5% e 7,2%, respectivamente, maior que igual período de 2012 (Figura 2). O mercado do Uruguai liderou as compras, seguido pela Espanha, Reino Unido e Argentina (Tabela 5).

Tabela 5/I. Banana – Principais mercados compradores - 2008-13

2008			2009			2010		
País	US\$ 1000	(t)	País	US\$ 1000	(t)	País	US\$ 1000	(t)
Uruguai	8.910	38.753	Uruguai	9.118	36.437	Uruguai	9.547	37.175
Reino Unido	6.279	16.451	Argentina	7.684	52.229	Alemanha	8.771	19.970
Argentina	4.774	33.885	Reino Unido	7.632	18.989	Argentina	7.410	38.544
Itália	4.736	12.765	Holanda	6.567	15.864	Reino Unido	5.267	11.995
Holanda	4.611	12.428	Itália	3.515	8.615	Espanha	4.207	9.587
Alemanha	3.456	9.067	Alemanha	2.795	6.938	Holanda	3.673	8.333
Espanha	1.655	4.642	Espanha	813	2.142	Itália	3.147	6.974
2011			2012			jul/13		
País	US\$ 1000	(t)	País	US\$ 1000	(t)	País	US\$ 1000	(t)
Alemanha	12.188	27.741	Uruguai	7.975	27.126	Uruguai	4.440	19.210
Uruguai	9.795	33.789	Alemanha	7.091	16.134	Espanha	3.668	8.530
Reino Unido	6.213	14.035	Reino Unido	4.574	10.493	Reino Unido	3.328	7.498
Argentina	5.702	23.118	Argentina	4.442	16.892	Argentina	2.796	11.279
Holanda	2.955	6.667	Espanha	4.028	9.139	Holanda	2.495	5.644
Polônia	1.580	3.519	Polônia	3.545	7.859	Alemanha	2.492	5.613
Espanha	261	606	Holanda	2.929	6.653	França	766	1.689

Fonte: MDIC /Secex- Sistema Alice.

Produção e mercado estaduais

Safra catarinense 2012

Santa Catarina destaca-se no cenário nacional como o terceiro maior produtor de banana. São cerca de seis mil produtores que se dedicam a essa atividade. O Litoral Norte do Estado concentra 85% da produção, onde predominam os cultivares Nanica e Nanicão, componentes do tipo Caturra, também conhecida como Banana D'água. Já no Litoral Sul, que representa cerca de 9% da produção, os cultivares mais usados são a Enxerto e a Branca de Santa Catarina, componentes do tipo Prata também conhecidos como Branca em alguns estados da Federação.

Na safra catarinense de 2012 foram colhidos 29,6 mil hectares que geraram 689,8 mil toneladas, registrando uma produtividade média de 23,3 toneladas por hectare. Em comparação com os dados da safra passada, observa-se que a área colhida caiu 2,8%, enquanto o rendimento cresceu 9,2%, contribuindo para um aumento de 39.318 toneladas.

Durante a safra foi observada a ocorrência de fatores climáticos adversos, como excesso de chuva, frio fora de época, queda de granizo e vendavais que afetaram de forma isolada os bananais catarinenses, gerando alguns prejuízos ao setor.

Em 2012, Santa Catarina continuou superavitária na produção de banana. Da produção do Litoral Norte Catarinense, cerca de 43% foi absorvida pelo mercado interno (distribuída entre 26% para consumo "in

natura" e 17% pelas indústrias de processamento); 25% destinam-se para os centros consumidores do Paraná, São Paulo, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e Grande Belo Horizonte; os 15% restantes seguiram, principalmente, para os mercados uruguaio e argentino. Da produção da Região Sul Catarinense, cerca de 60% foi comercializada na própria região, atendendo o consumo do produto "in natura" e suprimindo a demanda das indústrias que utilizam a matéria-prima com vista à produção de balas, doces, dentre outros itens. A preferência desse mercado pela banana prata se dá em função do seu maior rendimento e do melhor sabor do produto final. Os demais 40% da produção destinam-se basicamente para os mercados consumidores do Rio Grande do Sul.

Há que ressaltar as acentuadas perdas com a banana, em torno de 20%, que ocorrem desde a colheita até a mesa do consumidor e oneram sobremaneira os custos financeiros, causando muitas vezes prejuízos à atividade.

Em 2012, os preços recebidos pelos produtores catarinenses pela banana caturra, comparados com os do ano anterior, apresentaram-se bastante animadores de janeiro a julho com variação no crescimento entre 40% e 108%. Começam a declinar a partir de agosto, mantendo-se assim até dezembro, caindo em alguns casos mais da metade. Quanto à banana prata, onde as vendas estão mais focadas no mercado interno, os preços estiveram crescentes durante todo o ano, variando entre 1,5% e 53% (Tabela 6).

Quanto aos preços praticados no mercado atacadista, as bananas caturra e prata tiveram, no ano, um comportamento bastante semelhante aos dos produtores (Tabela 7).

O comportamento de diminuição nos preços no produtor e atacado foi ocasionado pela retração das vendas externas, o aumento da oferta no mercado interno, bem como em função da maior concorrência da banana vinda de outros estados.

Por isso, o valor das exportações catarinenses, em 2012, caiu sensivelmente. Santa Catarina, de primeiro lugar em 2011, passou para a terceira posição no ranking nacional. Rio Grande do Norte e Ceará lideraram as vendas para o mercado externo. No entanto, Santa Catarina continua detentora de maior fatia do volume de vendas da fruta. O produto destina-se principalmente para os centros consumidores do Uruguai e da Argentina. Nesses mercados, com raras exceções, os preços médios praticados são baixos se comparados com os preços praticados no mercado europeu (Tabela 8).

Tabela 6/I. Banana – Preço mensal no produtor – Santa Catarina – 2008-13

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
Banana caturra – R\$/cx 18 a 22 kg												
2008	7,80	6,97	7,50	7,69	6,83	7,00	7,00	7,69	7,75	6,20	6,95	6,53
2009	3,00	3,23	3,92	7,68	7,25	6,03	6,90	8,86	8,68	9,00	7,66	4,20
2010	3,75	3,29	6,36	7,56	6,17	6,81	7,03	7,00	7,55	8,85	7,29	7,00
2011	5,65	4,29	5,08	7,42	6,83	6,40	6,84	8,35	9,00	9,00	6,97	6,50
2012	8,89	8,92	8,84	12,07	13,00	11,74	9,60	7,89	6,86	4,15	3,39	3,00
2013	3,00	3,00	4,16	9,23	8,72	8,58	10,43	9,18	14,02			
Banana prata – R\$/cx 18 a 22 kg												
2008	12,00	12,00	12,00	12,00	12,28	13,00	13,00	13,00	13,00	12,68	12,00	11,86
2009	10,00	10,00	10,00	10,61	12,00	12,00	12,07	12,35	11,48	10,15	10,00	9,96
2010	7,55	5,14	10,43	11,43	11,80	12,17	12,24	11,90	11,93	10,69	9,18	8,29
2011	9,25	10,20	11,14	12,00	12,50	12,62	13,00	11,97	10,48	10,00	9,60	9,38
2012	11,53	13,68	14,07	14,90	15,16	14,00	14,91	16,00	16,00	14,11	9,95	9,50
2013	10,78	12,06	14,58	16,50	17,00	17,89	19,00	19,00	17,90			

Fonte: Epagri/Cepa.

Tabela 7/I. Banana – Preço mensal no atacado – Santa Catarina – 2008-13

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
Banana caturra – R\$/cx 18 a 22 kg												
2008	10,20	8,92	9,85	10,10	8,64	8,50	8,50	9,88	10,00	8,43	8,64	8,13
2009	6,50	4,93	5,42	9,82	9,93	8,29	9,39	12,33	12,47	12,00	10,61	7,00
2010	6,50	6,00	8,17	9,56	9,00	9,00	9,90	10,00	10,10	11,00	9,55	9,00
2011	7,90	6,84	7,36	9,79	9,36	8,50	8,50	10,76	11,19	12,00	9,44	8,75
2012	11,56	12,00	12,00	14,00	15,00	14,16	11,93	10,17	8,53	6,57	5,74	6,29
2013	5,71	6,00	7,89	12,55	11,22	10,75	13,14	11,45	15,19			
Banana prata – R\$/cx 18 a 22 kg												
2008	20,00	20,00	20,00	20,05	21,44	22,00	22,00	21,45	20,64	20,00	20,00	19,86
2009	19,32	18,77	20,00	20,00	20,90	21,00	21,60	21,30	19,24	19,70	20,00	20,00
2010	20,00	20,00	20,75	21,00	22,00	22,69	22,93	22,35	23,65	22,61	20,63	19,75
2011	20,30	20,80	21,07	21,50	21,82	20,97	21,00	21,16	21,00	21,00	20,65	19,69
2012	21,64	23,58	23,73	24,00	24,73	25,00	25,91	26,70	26,00	24,11	21,63	21,00
2013	21,74	22,47	24,42	27,14	27,25	28,58	28,96	27,09	26,52			

Fonte: Epagri/Cepa.

Tabela 8/I. Banana – Exportação por estado da Federação – 2008-13

Estado	2008		2009		2010		2011		2012		2013	
	US\$1000	(t)	US\$1000	(t)	US\$1000	(t)	US\$1000	(t)	US\$1000	(t)	US\$1000	(t)
Rio G do Norte	14.411	39.440	13.907	34.204	17.645	40.269	13.621	31.097	13.510	30.397	5.557	12.550
Ceará	6.964	18.334	8.256	20.927	11.199	25.382	10.366	23.109	9.846	22.234	8.761	19.542
Santa Catarina	13.194	69.781	16.522	85.556	16.253	72.564	14.715	54.278	9.283	34.393	5.444	22.802
Rio G do Sul	390	1.710	464	2.720	236	1.280	511	1.563	2.742	8.606	1.928	7.607
Demais estados	693	1.612	238	446	52	33	34	7	23	69	37	96

Fonte: MDIC /Secex- Sistema Alice.

Safra catarinense 2013

A safra catarinense de 2013 apresenta uma área a ser colhida de 29,2 mil hectares, podendo atingir uma produção de 684 mil toneladas e rendimento médio de 23,5 toneladas por hectare. Em relação à safra anterior, a área caiu 1,4%, a produção 0,9% e o rendimento médio cresceu apenas 0,5% (IBGE/LSPA, julho de 2013) – Tabela 4.

Esses dados, ainda preliminares, poderão sofrer alterações até o final da safra. Excepcionalmente neste inverno, a ocorrência de temperaturas próximas de zero grau na maioria dos municípios produtores catarinenses afetou os bananais, influenciando a qualidade e o rendimento do produto.

As maiores produções por município se concentram em Corupá, responsável por 20%, seguido por Luiz Alves, com 19%, Massaranduba, com 9%, Jacinto Machado, com 7% e Jaraguá do Sul, com 6%. A soma desses municípios perfaz 61% da produção estadual, ou seja, 403 mil toneladas.

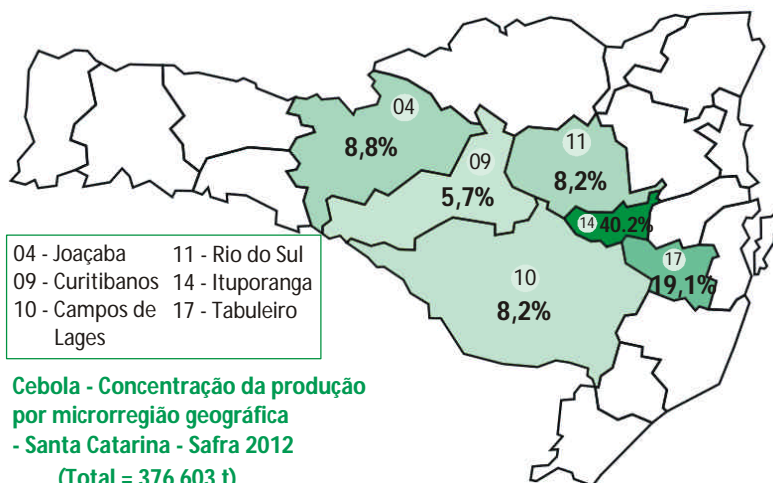
Em 2013, os preços da banana caturra continuaram aviltados nos meses de janeiro e fevereiro. Apresentaram uma melhora gradativa a partir de março, seguindo crescentes até agosto. Exceto em julho e agosto, nos demais meses ficaram abaixo dos valores praticados em 2012. A banana prata, entretanto, embora o produtor recebesse uma remuneração menor nos meses de janeiro e fevereiro, ganhou força no mês seguinte e manteve-se crescente até agosto (Tabela 7).

No mesmo período, os preços no atacado da banana caturra caíram 25,8% (contra 35,5% no produtor), enquanto os da banana prata subiram 7,1% (no produtor cresceram 9,7%) -Tabela 8.

Em Santa Catarina, no segundo semestre, os preços no produtor e atacado devem continuar mais valorizados. A expectativa do setor é de manutenção das vendas nos principais centros consumidores nacionais e de expansão do número de negócios para exportação.

CEBOLA

Daniel Rogério Schmitt
Eng. Agr. - Epagri/Ituporanga
danielschmitt@epagri.sc.gov.br



Produção e mercado mundiais

A superfície mundial cultivada com cebola atingiu, em 2011, aproximadamente 4,4 milhões de hectares com produção total de 86,3 milhões de toneladas. O crescimento da produção bruta na última década foi de 63%. Isso se justifica principalmente pelo aumento de 49,5% na área cultivada, uma vez que o rendimento médio cresceu apenas 9,7%, passando de 18 t/ha em 2002 para 19,8 t/ha em 2011. Para o mesmo período, na relação dos vinte maiores produtores, os países que mais se destacaram no crescimento da produção foram: Índia, 280%; Egito, 200%; Nigéria, 100% e Holanda, 90%. Com exceção da Nigéria, os demais são grandes exportadores mundiais.

O crescimento do comércio mundial de cebola foi notório na última década. Em 2010 foram comercializados 7,14 milhões de toneladas significando um aumento de 98,1%, quando comparado às exportações de 2001, que representaram 3,6 milhões de toneladas. A Holanda liderou com 1,5 milhões de toneladas, seguida da Índia com 1,36 milhão de toneladas e do Egito com 408 mil toneladas. Os principais importadores foram Rússia com 583 mil, seguida de Bangladesh com 506 mil toneladas e da Malásia com 465 mil toneladas. Alguns países como os Estados Unidos e a Holanda apareceram tanto como importadores, como exportadores. No primeiro caso é resultado do comércio com México e Canadá no âmbito do Nafta. Já a Holanda importa cebolas para abastecer os demais países do Mercado Comum Europeu em função da sua avançada logística de transportes e armazenamento.

O Brasil foi o sétimo maior importador com 238 mil toneladas em 2010. O maior fornecedor brasileiro foi a Argentina, que respondeu por 89% desse volume e, em função disso, se tornou o sexto maior exportador mundial. Na América do Sul ainda se destacaram as exportações do Peru (166 mil t) e do Chile (84 mil t), cujas vendas foram direcionadas principalmente para os Estados Unidos.

Produção e mercado nacionais

Segundo os dados do IBGE, a produção brasileira de cebola em 2012 alcançou 1.444 mil toneladas, com área cultivada de 58.496 hectares e rendimento médio de 24.688 kg/ha. Esses valores são estimados, pois foram registrados até o momento somente os dados dos sete principais estados produtores. Com a consolidação final dos dados, estima-se que a área cultivada e a produção devam permanecer similares

a 2011, quando a produção nacional atingiu 1.523 mil toneladas para uma área de cultivo de 63.481 mil hectares (Tabela 1 e Figuras 1 e 2).

Depois da superprodução de 2010, quando o país bateu recorde de produção, alcançando 1,7 milhão de toneladas em 70.429 hectares, a área cultivada retrocedeu gradualmente para os patamares anteriores, ou seja, em torno de 63 mil hectares. Os baixos preços decorrentes dessa grande oferta de cebola foram o principal motivo para a redução da área cultivada nos últimos dois anos. Dessa forma, no segundo semestre de 2012 e no primeiro semestre de 2013, a oferta de bulbos no mercado nacional em geral permaneceu baixa e os preços recebidos pelos produtores se mantiveram relativamente altos. Com a carência do produto as importações alcançaram valores expressivos, tanto que em 2013, considerando somente os sete primeiros meses, já atingiu 263,9 mil toneladas. Esse é o maior volume importado desde 1998, quando foram adquiridas 330,3 mil toneladas. A Argentina permanece como o principal fornecedor com 81% do total. A Holanda, que vem ampliando a sua participação no mercado brasileiro nos últimos anos, exportou 39,2 mil toneladas para o Brasil em 2013 (janeiro a agosto). Países como Chile, Peru e Nova Zelândia continuam como fornecedores minoritários e ocasionais.

A queda na produção brasileira em 2012 ocorreu por duas razões: redução da área e problemas climáticos. A redução na área foi o reflexo dos baixos preços recebidos nos dois anos anteriores em função do recorde de produção e da superoferta da safra 2010/11. As adversidades climáticas, em 2012, praticamente atingiram todas as regiões produtoras, mas o Estado de São Paulo e o Sul do Brasil foram os mais prejudicados. Os produtores paulistas tiveram queda na produtividade de suas lavouras em função do excesso de chuva em junho e julho, que causou podridões com perdas significativas.

Nos estados do Sul a quebra na produção foi a maior da última década. A redução de cerca de 2 mil hectares no cultivo em relação a 2011 e os danos causados por estiagens e granizo reduziram a produção bruta, estimada inicialmente em 790 mil toneladas, para aproximadamente 553 mil toneladas. No caso das cebolas precoces a perda de produtividade, estimada em 20%, foi causada pelo clima atípico do inverno/2012, com temperaturas mais altas que a média, principalmente em agosto. O calor e a seca fizeram com que as plantas antecipassem a formação de bulbos sem um desenvolvimento foliar satisfatório. O resultado foram bulbos de pequeno calibre e quebra na produção. Já os cultivares Bola Precoce e Crioula, que são mais tardios e representam cerca de 70% da área plantada, foram severamente afetados por estiagens em novembro/dezembro. Além disso, vendavais, granizo e altas temperaturas causaram uma das maiores quedas de produção dos últimos anos, principalmente no Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Estima-se uma perda média nos três estados sulinos de 30% da produção, mas alguns municípios, como Vidal Ramos em Santa Catarina, Tavares e São José do Norte no Rio Grande do Sul, amargaram quebras superiores a 50%.

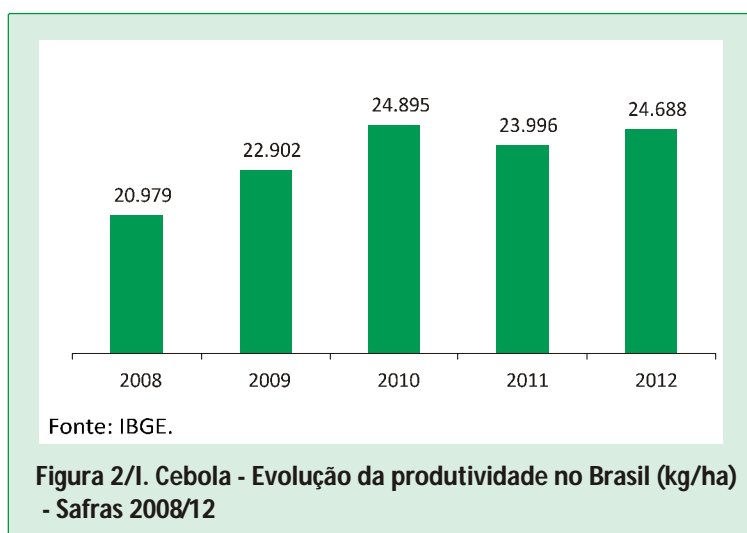
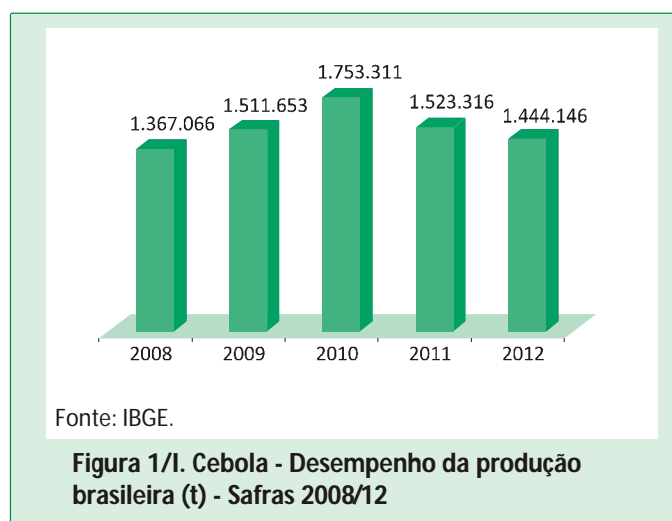
No mercado nacional os preços em 2012 mantiveram-se relativamente estabilizados e com valores atraentes para os produtores. No início do ano os produtores do Sul obtiveram média de R\$ 0,80/kg para bulbos da classe 3. Esse valor cresceu gradualmente até atingir R\$ 1,30, valor recebido pelos produtores paulistas e do cerrado brasileiro entre julho e setembro/2012. Nova queda foi registrada em outubro/2012 com o início da colheita das precoces do Sul do Brasil e o incremento na importação. Todavia, a partir de dezembro de 2012 até junho de 2013, com a quebra da safra sulista, os preços tiveram forte majoração, atingindo em março o valor médio ponderado de R\$ 1,84/kg em Santa Catarina.

Tabela 1/I. Cebola – Área plantada, produção e rendimento dos principais estados produtores – Safras 2010/12

Estado	Área plantada (ha)			Produção (t)			Rendimento (kg/ha)		
	2010	2011	2012 ⁽¹⁾	2010	2011	2012 ⁽¹⁾	2010	2011	2012 ⁽¹⁾
Bahia	12.654	8.885	7.474	297.045	190.278	217.352	23.474	23.996	29.081
Pernambuco	5.245	4.610	4.696	107.974	93.491	95.906	20.586	20.280	20.423
Minas Gerais	2.101	2.401	2.746	118.649	138.233	145.455	56.472	57.573	52.970
São Paulo	5.537	4.874	6.710	167.247	133.238	238.300	30.205	27.336	35.514
Paraná	7.650	8.172	7.449	132.896	162.787	163.441	17.372	19.920	21.941
Rio Grande do Sul	11.130	11.682	10.622	180.186	225.017	207.089	16.189	19.884	19.496
Santa Catarina	22.181	19.682	18.942	561.184	395.135	376.603	25.340	20.075	19.882
Brasil	70.464	63.481	58.496	1.753.311	1.523.316	1.444.146	24.894	23.996	24.688

⁽¹⁾ Dados sujeitos a modificações.

Fonte: IBGE.



Produção e mercado estaduais

A produção catarinense de cebola em 2012 foi de 376,6 mil toneladas, com área colhida de 18.942 hectares e rendimento médio de 19.882 kg/ha, segundo dados do IBGE. É o menor volume colhido desde 2005 e a menor área desde 2006. A quebra em relação à previsão inicial de colheita foi de 16%, pois eram esperadas 448,7 mil toneladas. Comparada com a safra anterior a quebra foi de apenas 4,7%, uma vez que em 2011 também houve redução de área e quebra no rendimento médio (Figuras 3 e 4).

As perdas significativas se devem às condições climáticas adversas do segundo semestre de 2012. Inverno atípico com temperaturas mais elevadas, estiagens, granizo e vendavais prejudicaram o desenvolvimento das lavouras em Santa Catarina, provocando quebras de produção. A qualidade da cebola também foi afetada, com grande percentual de bulbos pequenos (menor que 5cm de diâmetro), abaixo do padrão comercial. A proliferação de fungos e bactérias nas cebolas armazenadas decorrente das altas temperaturas na fase de colheita e dos danos causados por granizo e vendavais comprometeu a capacidade de armazenamento, forçando a venda antecipada e limitando a obtenção de preços mais altos.

Os vendavais e as chuvas de granizo atingiram cerca de 2 mil hectares no Estado, dos quais aproximadamente 500 hectares tiveram perda total. Assim, das 376,6 mil toneladas colhidas, estima-se que somente 83% foram comercializados, ou seja, 312,6 mil toneladas. O restante foi descartado no processo de beneficiamento e padronização em função de podridões, danos mecânicos e outras injúrias. A perda de peso por desidratação não foi tão significativa neste ano, pois o período de comercialização da safra catarinense encerrou cerca de 40 dias antes que o normal.

Os preços pagos aos produtores praticamente cresceram de forma gradual, do início ao fim do período de comercialização. As variedades precoces, vendidas em outubro, novembro e início de dezembro se mantiveram na faixa de R\$ 0,60 a R\$ 0,70/kg (classe 3). A maior procura em função das festas, o encerramento das safras do Sudeste brasileiro e o início da colheita das cebolas mais tardias que normalmente não são comercializadas diretamente da lavoura, elevaram os preços para R\$ 0,90 no final de 2012. Em janeiro oscilaram entre R\$ 1,10 a 1,40/kg e depois em função da baixa oferta, caracterizada pelo encerramento da safra gaúcha, subiram fortemente chegando a valores médios de 1,80/kg em abril e maio. De forma isolada, e em função de qualidade excepcional, alguns produtores receberam em abril valores superiores a R\$ 2,00/kg, um verdadeiro recorde histórico (Figura 5).

Para suprir as necessidades do mercado brasileiro, estimadas em cerca de 100 mil toneladas mensais, a saída foi antecipar o início das compras da Argentina, de abril para março. Com os preços atraentes a entrada de cebola do país vizinho foi intensa até julho. Nessa época, a falta de produto e os preços do varejo superiores a R\$ 4,50/kg tornaram constantes as apreensões de cebola contrabandeada nas fronteiras com outros países do Mercosul.

Se considerar todo o período de comercialização da safra catarinense, ou seja, de outubro/2012 até abril/2013, o volume de importação atingiu 162,1 mil toneladas e foi praticamente o dobro do que o da safra passada, quando somou 89,8 mil toneladas para o mesmo período (out/2011 até abr/2012). O impacto da quebra da safra catarinense e dos demais estados do Sul no mercado nacional foi maior em abril/2013, quando o Brasil bateu o recorde mensal de importação de cebola, com 85,8 mil toneladas. As maiores compras foram feitas da Argentina, que nesse mês vendeu 69,1 mil toneladas. Os demais fornecedores foram Holanda com 12,5 mil toneladas e Chile com 3,8 mil toneladas. Assim, o produto nacional respondeu por apenas 15% do consumo nacional naquele mês.

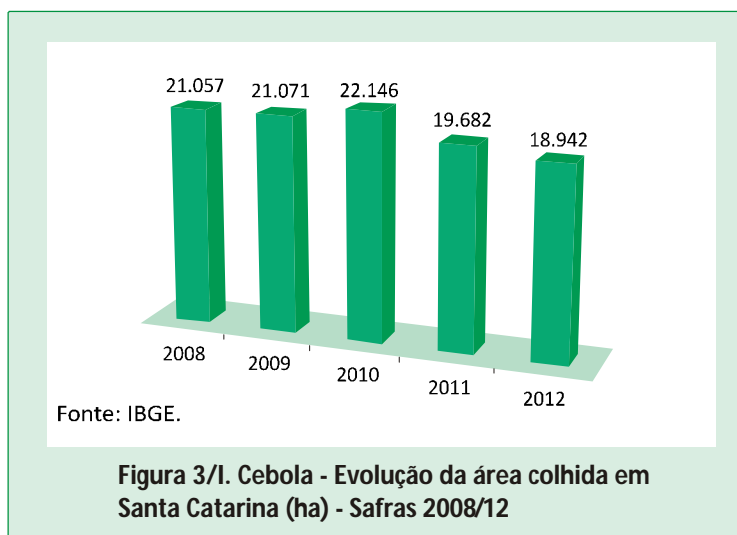
Esses dados merecem avaliação mais profunda, pois a importação no período de comercialização da safra catarinense cresceu pelo terceiro ano seguido. Na última safra (2012/13), os volumes importados já são maiores que a produção gaúcha, tradicional concorrente da cebola de Santa Catarina. Outra diferenciação

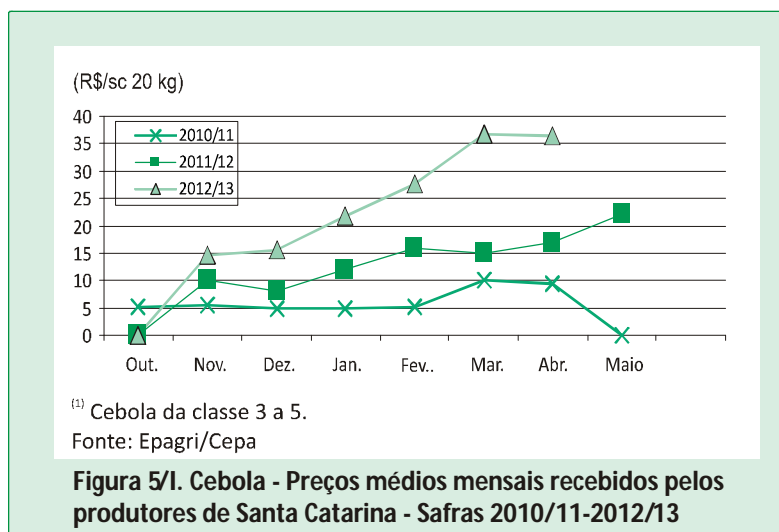
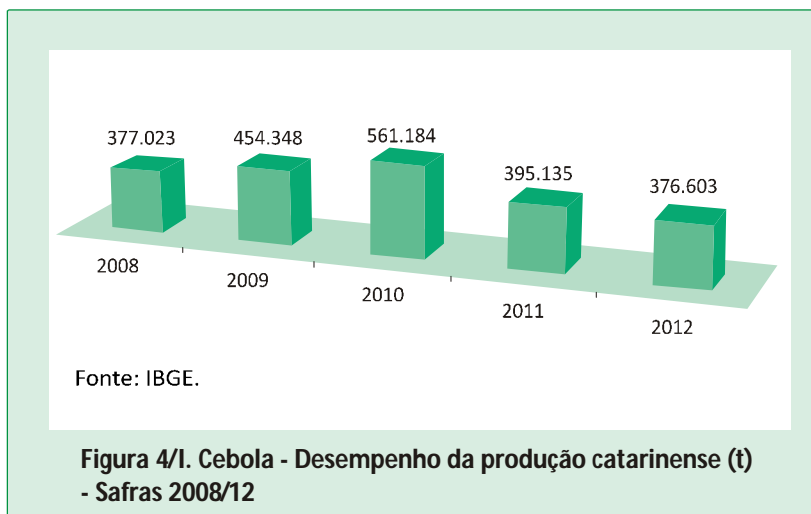
foi a grande produção de bulbos pequenos da classe 2 (3 a 5cm de diâmetro) que têm menor aceitação pelos consumidores brasileiros e são de difícil aproveitamento pela indústria de alimentos em função do baixo rendimento operacional nos equipamentos de limpeza e processamento. Os comerciantes acumularam, em janeiro e fevereiro, estoques desses bulbos e o preço pago aos produtores girou entre 30 a 50% do valor pago aos bulbos de classe 3 (5 a 7cm de diâmetro), considerada padrão no mercado brasileiro. Os produtores, cujas lavouras sofreram com granizo e estiagem, tiveram prejuízos, pois bulbos pequenos significam perda dupla: baixo rendimento e preços baixos. Somente a partir da segunda quinzena de março/2013, com a grande redução da oferta, que esse tipo de bulbo foi valorizado, sendo comercializado a R\$ 1,00/kg.

Na safra catarinense 2012/13 a oferta líquida para comercialização foi de 312,6 mil toneladas, sendo 7% inferior à jornada anterior. Desse total, somente 70%, ou seja, 219 mil toneladas, foi classificada como classe 3. Para essa classe o preço médio ponderado que os produtores receberam foi de R\$ 1,22/kg. Para as demais 93,6 mil toneladas, em grande parte classificadas como classe 2 (bulbos pequenos – menores que 5cm de diâmetro) e, em menor escala, classes 4 e 5 (mais de 7cm), o valor médio recebido foi equivalente a 65% do preço da classe 3, ou seja R\$ 0,80/kg. Estima-se, dessa forma, que a safra gerou um resultado financeiro de R\$ 342,1 milhões. Esse valor bruto é 62% superior ao alcançado na safra anterior, que fora de R\$ 211,6 milhões.

Em relação à safra 2013/14, os dados preliminares do IBGE mostram uma área cultivada praticamente similar ao ano anterior em Santa Catarina. Os excelentes preços recebidos pela maioria dos produtores não foram motivo para estimular a expansão do cultivo. As dificuldades com a carência e o alto custo da mão de obra, além da fiscalização do Ministério do Trabalho, persistem em todas as regiões produtoras do Estado. Os bons resultados financeiros de outras culturas tradicionais como fumo e hortaliças, bem como novidades como a soja, contribuíram para a estabilização da área cultivada em torno de 19 mil hectares. A semeadura direta vem-se ampliando gradualmente, sendo adotada em cerca de um terço das lavouras nesta safra.

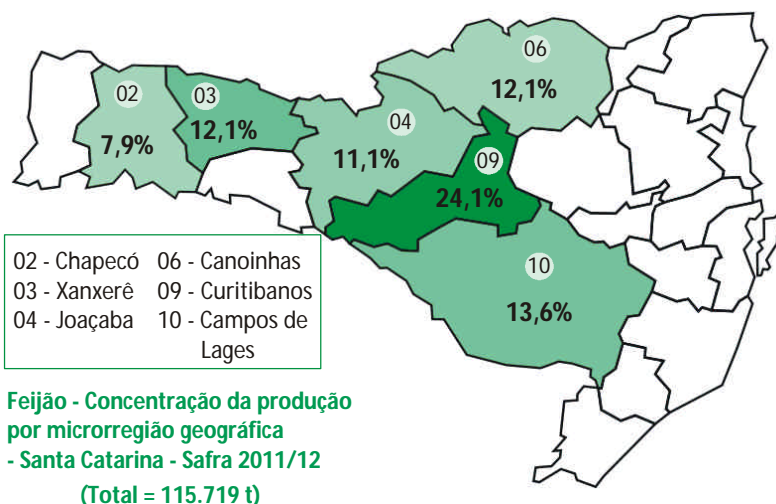
A análise comparativa dos números das últimas safras mostra que a produção bruta do Estado teve leve queda, provocada pela redução no cultivo (de 21 mil para 19 mil hectares) e pela estagnação do rendimento médio (em torno de 20 t/ha). Percebe-se que é imperioso um novo “salto” na produtividade com a maior adoção de tecnologias avançadas capazes de manter a competitividade da cebolicultura catarinense. Podem-se destacar, nessa perspectiva, a semeadura direta, a irrigação, os tratamentos culturais de forma integrada, os cultivares mais produtivos e os sistemas mais eficazes de recolhimento e armazenamento de bulbos.





FEIJÃO⁽¹⁾

Márcia J. F. Cunha Varaschin
Economista - Epagri/Cepa
marciacunha@epagri.sc.gov.br



Produção mundial

O Brasil já foi o segundo maior produtor de feijão. Hoje somos o terceiro, atrás da Índia e do Myanmar. Mais da metade (56,8%) da produção mundial origina-se de apenas quatro países. (Tabela 1).

Tabela 1/I. Feijão - Produção mundial - 2007-11

País	Área (mil ha)					Produção (mil t)				
	2007	2008	2009	2010	2011	2007	2008	2009	2010	2011
Índia	10.000,0	8.000,0	6.000,0	11.000,0	10.100,0	3.930,0	3.010,0	2.430,0	4.890,0	4.470,0
Myanmar	2.536,0	2.725,0	2.719,0	2.720,0	2.845,7	2.814,0	3.218,0	3.375,0	3.000,0	3.722,0
Brasil	3.788,3	3.781,9	4.100,0	3.423,7	3.673,2	3.169,4	3.461,2	3.486,8	3.158,9	3.435,4
China	990,9	1.004,2	904,1	911,1	1.007,7	1.531,9	1.707,9	1.489,1	1.338,7	1.583,5
Estados Unidos	598,6	584,9	592,1	773,5	467,8	1.160,6	1.159,3	1.150,3	1.442,5	899,6
Tanzânia	918,7	749,5	868,3	1.208,7	737,7	643,1	570,8	773,7	867,5	675,9
Quênia	846,3	641,9	960,7	689,4	1.036,7	429,8	265,0	465,4	390,6	577,7
México	1.489,2	1.505,7	1.205,3	1.630,2	895,0	993,9	1.122,7	1.041,4	1.156,3	567,8
Uganda	870,0	896,0	925,0	930,0	1.142,7	435,0	440,0	452,0	455,0	464,1
Camarões	199,5	208,2	244,0	285,9	300,0	259,4	270,6	327,5	353,7	380,0
Outros	6.073,4	6.262,3	6.086,9	6.553,9	6.404,4	5.632,2	5.701,5	6.003,5	6.082,8	6.474,3
Mundo	28.627,0	26.307,7	25.255,5	30.243,5	29.211,5	20.999,3	20.927,0	20.994,6	23.136,0	23.250,3

Fonte: FAO. FAOSTAT. FAO Statistics Division 2013. 02 July 2013.

Produção nacional

O feijão é cultivado em praticamente todo o território nacional, porém grande parte da produção está concentrada em apenas dez estados, responsáveis por 89% da produção nacional (Tabela 2).

⁽¹⁾ Para este artigo, além de informações da autora, foram utilizadas as seguintes fontes:

IBGE – Levantamento Sistemático da Produção Agrícola – diversos períodos.

www.fao.org

www.cna.org.br

www.conab.gov.br

Jornais diversos e internet.

A área plantada com feijão deve continuar em queda nesta safra, embora menos acentuada do que na temporada anterior. Ainda assim a produção 2012/13 deve superar a anterior em 8,4%, em razão de um aumento na produtividade, sobretudo das segunda e terceira safras, uma vez que a primeira safra foi prejudicada pelo excesso de chuvas no mês de janeiro, além da alta incidência de mosca branca nas principais regiões produtoras, o que acabou levando a uma quebra significativa no rendimento médio e na qualidade de parte do produto colhido.

Com a melhora nas condições climáticas as duas safras seguintes estão com rendimentos médios estimados acima das temporadas passadas (Tabela 3).

Os principais estados produtores de feijão, em 2012, são apresentados na tabela 2. Santa Catarina ocupa a 7ª posição no ranking nacional, com 136 mil toneladas.

No Brasil, 63% do volume produzido é de feijão-cores, enquanto 18% é de feijão-preto e 19% de macaçar (caupi). O feijão-carioca está distribuído de forma uniforme nas três safras anuais, o feijão-preto concentra-se no Sul do País e 70% de sua produção origina-se da primeira safra. A variedade macaçar, cultivada na Região Nordeste, concentra-se na segunda safra, à exceção da produção do Estado da Bahia.

Na safra 2012/13, a produção foi distribuída da seguinte forma: 40,1% do feijão foi colhido na primeira safra, 43% na segunda safra e 16,9% na terceira safra.

Tabela 2/I. Feijão - Principais estados produtores - Safras 2008/09-2012/13

Estado	Área (mil ha)					Produção (mil t)				
	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13 ⁽¹⁾	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13 ⁽¹⁾
Paraná	642,8	520,8	521,1	478,2	485,8	787,2	792,0	815,2	700,4	691,4
Minas Gerais	420,5	422,9	399,3	419,3	419,3	602,3	623,7	583,0	633,8	565,1
Goiás	113,9	118,4	134,3	140,2	120,4	261,9	288,9	311,5	335,5	301,2
Bahia	552,8	607,3	551,2	319,5	499,8	342,0	307,4	223,1	106,7	294,2
Mato Grosso	156,0	107,8	170,0	181,4	204,1	190,5	133,8	196,0	243,4	276,4
São Paulo	195,6	161,0	139,2	119,7	118	325,9	288,0	276,9	235,8	245,9
Santa Catarina	129,1	110,7	105,7	85,3	85,2	178,5	169,8	156,7	115,7	156,6
Rio Grande Sul	116,9	106,7	92,4	81,8	72,3	125,3	115,3	123,9	85,6	94,4
Ceará	610,3	464,6	600,1	456,8	348,6	129,8	83,3	264,2	52,7	82,2
Pernambuco	343,8	313,0	297,1	264,9	83,6	130,0	61,9	107,4	18,2	40,4
Outros estados	982,2	776,3	884,8	648,8	670,3	449,6	560,2	442,5	293,6	332,1
Brasil	4.263,9	3.709,5	3.895,2	3.195,9	3.107,4	3.523,0	3.424,3	3.500,4	2.821,4	3.079,9

⁽¹⁾ Dados sujeitos a alterações.

Fonte: IBGE.

Tabela 3/I. Feijão - Brasil - Área plantada, produção e rendimento médio - Safras 2008/09 - 2012/13

Safra	Área plantada (ha)	Produção (t)	Rendimento médio (kg/ha)
2008/09	4.263.915	3.522.979	826
2009/10	3.709.513	3.202.148	863
2010/11	3.895.180	3.500.373	899
2011/12	3.195.948	2.821.405	883
2012/13 ⁽¹⁾	3.103.162	3.059.748	986

⁽¹⁾ Dados sujeitos a alterações.

Fonte: IBGE.

Produção estadual

A safra de feijão 2012/13 catarinense teve uma leve redução na área plantada (-0,13%), ainda que os preços na época do plantio estivessem variando entre R\$ 110,00 a R\$ 140,00 - dependendo da região e da variedade – um valor bem superior aos praticados na mesma época no ano anterior (Tabela 3). Ainda assim alguns produtores optaram por migrar para culturas como milho e soja, que têm maior estabilidade e liquidez e, principalmente, comercialização mais estável e são culturas que sofrem menos com as adversidades climáticas que ocorrem frequentemente em nosso Estado. Esta redução ocorreu apenas na primeira safra (-2,6%). Vale lembrar que essa área (85,2 mil hectares) é a menor já cultivada de todos os anos em que houve levantamento no Estado (a partir dos anos 70).

Ainda que a área tenha caído, a produção aumentou 35,3%, por conta de uma boa produtividade.

Na segunda safra, por conta da elevação significativa nos preços, os produtores aumentaram a área semeada, em relação à temporada anterior (6,5%).

A primeira safra representou, em 2012/13, 71,5% da produção total de feijão no Estado, enquanto a segunda safra, 28,5%.

Tabela 4/I. Feijão - Santa Catarina -Área, produção e rendimento por microrregião geográfica - Safras 2009/10-2012/13

Microrregião Geográfica	Área plantada (ha)				Produção (t)				Rendimento médio (kg/ha)			
	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13 ⁽¹⁾	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13 ⁽¹⁾	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13 ⁽¹⁾
Araranguá	1.745	1.330	1.050	1.035	819	1.267	606	1.035	469	953	577	1.000
Blumenau	372	348	273	273	345	278	325	341	927	799	1.190	1.249
Campos de Lages	18.010	17.056	11.430	12.270	21.592	19.805	15.518	23.190	1.199	1.161	1.358	1.890
Canoinhas	11.140	9.835	9.360	9.490	17.524	12.368	13.994	17.376	1.573	1.258	1.495	1.831
Chapecó	10.184	8.888	7.022	6.027	13.364	12.452	9.093	9.254	1.312	1.401	1.295	1.535
Concórdia	1.092	851	612	662	1.381	1.128	992	886	1.265	1.325	1.621	1.338
Criciúma	5.441	3.584	3.373	3.337	4.698	3.832	3.481	4.530	863	1.069	1.032	1.358
Curitibanos	25.020	26.350	20.980	19.980	48.869	47.384	27.864	45.293	1.953	1.798	1.328	2.267
Florianópolis	273	231	166	145	276	212	152	185	1.011	918	916	1.276
Itajaí	44	46	23	15	37	38	30	23	841	826	1.304	1.533
Ituporanga	2.290	2.740	2.420	2.725	2.865	3.592	3.307	5.056	1.251	1.311	1.367	1.855
Joaçaba	7.870	9.136	6.640	5.927	17.577	15.166	12.808	10.410	2.233	1.660	1.929	1.756
Joinville	46	35	28	32	32	28	23	22	696	800	821	688
Rio do Sul	2.146	1.722	1.654	1.753	2.459	2.072	2.196	2.812	1.146	1.203	1.328	1.604
São Bento do Sul	2.205	2.205	1.190	810	2.692	3.686	1.892	1.476	1.221	1.672	1.590	1.822
São Miguel Oeste	4.165	3.585	3.900	3.690	5.895	4.722	4.543	5.806	1.415	1.317	1.165	1.573
Tabuleiro	1.010	1.010	910	527	1.326	1.321	1.309	876	1.313	1.308	1.438	1.662
Tijucas	619	553	469	368	659	617	504	447	1.065	1.116	1.075	1.215
Tubarão	4.531	4.011	3.636	3.827	4.544	4.540	3.061	4.365	1.003	1.132	842	1.141
Xanxerê	12.482	12.145	10.185	12.315	22.499	22.236	14.021	23.186	1.803	1.831	1.377	1.883
Santa Catarina	110.685	105.661	85.321	85.208	169.453	156.744	115.719	156.569	1.531	1.483	1.356	1.837

⁽¹⁾ Informações preliminares sujeitas a alterações.

Fonte: IBGE.

Comercialização e perspectivas

O mercado mundial de feijão movimenta, por ano, aproximadamente 22 milhões de toneladas da leguminosa. O Brasil lidera o consumo mundial do produto, além de ser o terceiro em produção e o segundo maior importador mundial do produto (Tabelas 1, 5, 6 e 7). A China é o principal exportador de feijão e a Índia o maior importador. Além disso, o Brasil é o quinto maior consumidor *per capita*, com um volume de 16,3 kg/*per capita*/ano (2009). O número um é Ruanda, com um consumo de 29,3 kg/*per capita*/ano.

As importações brasileiras de feijão vêm aumentando nos últimos anos. Em 2011 foram importadas 205,9 mil (Tabela 8) e no ano seguinte 311,7 mil toneladas. Este ano (2013), até o mês de agosto, o País já adquiriu de outros países 219,7 mil toneladas do grão e a maior parte das importações ocorre no segundo semestre, quando o produto nacional entra na entressafra. China, Argentina e Bolívia são, respectivamente, nossos principais fornecedores. Até o final do ano estima-se que atinjam 400 mil toneladas.

Com estoques em baixa – em torno de 156 mil toneladas (Tabela 9) – a necessidade de importação aumenta. O Governo já adotou até mesmo medidas para facilitar a entrada da leguminosa no País, como a isenção da tarifa de importação, mas, com a alta do dólar a medida não teve o efeito esperado. Além disso, o principal fornecedor brasileiro, a China, não dispõe de um volume suficiente para vender e os preços tiveram aumento no mercado externo.

O Governo também reajustou os preços mínimos a serem praticados na safra 2012/13, com reajustes de até 41,6%: para R\$ 95 (carioca), R\$ 105 (preto) e R\$ 60 (Caupi) por saca de 60kg.

O feijão-preto, a partir de meados de 2012, alcançou a cotação de três dígitos e não caiu mais. Em 2013, em função de uma menor quantidade de produto no mercado, o preço disparou, com a saca de 60kg atingindo uma cotação média de R\$ 142,50, em junho. Em meados de 2013, quando este artigo estava sendo escrito, o preço estava em R\$ 140sc/60kg (Tabelas 10 e 11). Do mesmo modo, o feijão-carioca também esteve com preços altos durante todo o ano de 2012 e, em 2013, chegou a ser cotado a R\$ 195.50 (maio).

A projeção de números da safra 2013/14 ainda é precipitada, uma vez que o plantio deve ter início somente a partir de setembro, mas levando-se em consideração os ótimos preços pagos ao produtor e o reajuste nos preços mínimos pagos pelo Governo Federal, a tendência é de um aumento na área a ser cultivada.

Tabela 5/I. Feijão - Principais países exportadores e total mundial - 2006-10

(t)

Pais	2006	2007	2008	2009	2010
China	747.567	794.740	959.823	1.046.016	950.424
Mianmar	1.150.000	1.370.000	1.770.000	1.500.000	496.533
Estados Unidos	354.827	309.331	415.321	433.553	406.957
Argentina	226.479	280.905	229.199	290.105	326.549
Canadá	309.892	325.171	293.595	257.012	255.619
Subtotal	2.788.765	3.080.147	3.667.938	3.526.686	2.436.082
Outros países	546.615	748.924	742.260	912.271	786.271
Total mundial	3.335.380	3.829.071	4.410.198	4.438.957	3.222.353

Fonte: FAO. FAOSTAT, FAO Statistics Division 2013, 2 July 2013.

Tabela 6/I. Feijão - Principais países importadores e total mundial - 2006-10

(t)

País	2006	2007	2008	2009	2010
Índia	620.527	486.159	604.518	1.031.324	495.368
Brasil	70.064	96.269	209.690	109.921	181.162
Estados Unidos	152.424	171.151	166.783	154.998	141.942
Reino Unido	124.429	122.920	148.055	136.974	124.964
México	131.727	91.712	95.038	174.822	117.470
Itália	106.836	104.908	109.875	96.003	107.775
Japão	119.567	122.838	119.113	115.715	106.973
Venezuela	72.244	109.738	59.954	105.001	103.321
China	50.554	47.463	103.602	44.166	98.307
África do Sul	69.264	86.642	70.040	93.887	87.567
Subtotal	1.517.636	1.439.800	1.686.668	2.062.811	1.564.849
Outros países	1.370.425	1.588.447	1.600.007	1.600.659	1.508.496
Total mundial	2.888.061	3.028.247	3.286.675	3.663.470	3.073.345

Fonte: FAO. FAOSTAT, FAO Statistics Division 2013, 2 July 2013.

Tabela 7/I. Feijão - Maiores países consumidores - 2005-09

(t)

País	2005	2006	2007	2008	2009
Brasil	2.856.644	3.055.167	3.075.112	3.137.684	3.152.389
Índia	2.406.922	3.235.426	3.772.224	3.108.568	2.969.550
México	1.116.479	1.168.451	1.163.590	1.150.126	1.154.400
Estados Unidos	980.000	980.000	980.000	980.000	980.000
Tanzânia	507.423	546.516	578.156	581.904	616.544
Quênia	332.952	363.126	388.796	369.447	439.662
Uganda	396.244	335.224	360.098	349.523	354.331
Coréia do Norte	285.564	288.984	276.428	292.156	302.200
Ruanda	230.410	256.998	302.855	287.161	301.790
Indonésia	280.136	283.020	287.810	256.901	275.017
Subtotal	9.392.774	10.512.912	11.185.069	10.513.470	10.545.883
Outros países	4.712.862	4.794.606	5.036.040	5.200.131	5.172.827
Total mundial	14.105.636	15.307.518	16.221.109	15.713.601	15.718.710

Fonte: FAOSTAT. FAO Statistics Division 2012, 13 Julho 2012.

Tabela 8/I. Feijão - Importação brasileira por país de origem - 2009-13

(t)

País de origem	2009	2010	2011	2012	2013 ⁽¹⁾
China	11.223	50.255	63.320	147.916	172.977
Argentina	58.504	97.487	121.181	134.351	35.055
Bolívia	37.514	29.806	20.899	27.352	10.481
Países Baixos	0	0	2	8	499
Hong Kong	0	0	0	1.245	0
Paraguai	592	1.979	418	777	145
Outros países	1.165	853	46	39	524
Total	108.998	180.379	205.866	311.687	219.682

⁽¹⁾ Até agosto.

Fonte: MDIC/Secex - Sistema Alice.

Tabela 9/I. Feijão – Brasil - Balanço de oferta/demanda - Safras 2008/09-2012/13

(mil t)

Discriminação	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13
Estoque inicial	230,0	317,7	366,9	686,4	373,8
Produção	3.502,7	3.322,5	3.732,8	2.918,4	2.832,4
Importação	110,0	181,2	207,1	312,3	400,0
Suprimento	3.842,7	3.821,4	4.306,8	3.917,1	3.606,2
Consumo	3.500,0	3.450,0	3.600,0	3.500,0	3.400,0
Exportação	25,0	4,5	20,4	43,3	50,0
Estoque final	317,7	366,9	686,4	373,8	156,2

Fonte: Conab (agosto/13 - 11º Levantamento).

Tabela 10/I. Feijão-preto⁽¹⁾ - Santa Catarina - Preço médio mensal - 2009-13

(R\$/saco 60kg)

Mês	2009	2010	2011	2012	2013
Jan.	138,00	65,00	65,00	105,83	122,65
Fev.	107,19	61,47	60,50	93,89	127,81
Mar.	72,95	68,65	67,71	86,59	130,00
Abr.	70,00	79,21	74,83	90,00	130,23
Mai	67,45	74,76	73,33	98,33	141,00
Jun.	65,63	71,00	72,50	115,79	142,50
Jul.	70,00	70,00	70,00	110,45	140,00
Ago.	63,25	70,00	65,43	110,00	140,00
Set.	61,90	82,50	65,00	110,00	
Out.	65,00	90,00	68,68	110,00	
Nov.	63,44	86,00	70,00	110,00	
Dez.	54,22	70,00	73,13	117,5	

⁽¹⁾ Produtor Chapecó.

Fonte: Epagri/Cepa.

Tabela 11/I. Feijão-carioca⁽¹⁾ -Santa Catarina - Preço médio mensal - 2009-13

(R\$/saco 60kg)

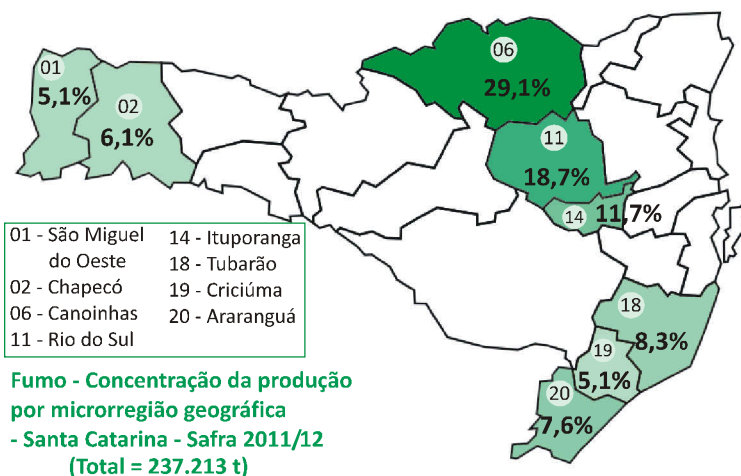
Mês	2009	2010	2011	2012	2013
Jan.	109,50	55,67	65,00	139,15	145,88
Fev.	77,19	55,00	59,00	126,11	165,00
Mar.	70,00	67,35	67,71	127,27	152,11
Abr.	70,00	85,79	72,00	160,00	169,55
Mai	67,45	84,76	69,33	146,67	195,50
Jun.	65,63	84,00	70,50	142,11	145,00
Jul.	70,00	80,23	70,00	100,00	140,00
Ago.	63,25	80,00	65,43	100,00	121,36
Set.	60,00	90,00	65,00	100,00	
Out.	60,00	100,00	68,68	100,00	
Nov.	58,44	96,00	70,00	100,00	
Dez.	51,56	71,67	85,00	121,43	

⁽¹⁾ Produtor Chapecó.

Fonte: Epagri/Cepa.

FUMO⁽¹⁾

Márcia J.Freitas da Cunha Varaschin
Economista - Epagri/Cepa
marciacunha@epagri.sc.gov.br



Produção e mercado mundiais

A produção mundial de fumo está praticamente concentrada em dez países, os quais juntos detêm 82% do total produzido. A China, o maior produtor, é responsável por 42% desse volume. Em 2011 a produção bateu recorde: 7.568 mil toneladas. O Brasil é o terceiro maior produtor (Tabela 1).

O Brasil é o maior exportador mundial de fumo, participando com 20% do total exportado em 2010 (Tabela 2). Rússia, Alemanha e Estados Unidos, por sua vez, são os principais importadores mundiais de fumo (Tabela 3).

Tabela 1/I. Fumo - Principais países produtores e total mundial - 2007-11

País	Área (mil ha)					Produção (mil t)				
	2007	2008	2009	2010	2011	2007	2008	2009	2010	2011
China	1.164,5	1.326,7	1.391,7	1.345,7	1.462,2	2.397,2	2.839,9	3.067,9	3.005,9	3.158,7
Índia	370,0	350,0	390,7	444,3	533,4	520,0	490,0	622,8	745,7	1.009,9
Brasil	459,5	432,2	442,4	449,6	454,6	908,7	851,1	863,1	787,8	951,9
Estados Unidos	144,1	143,5	143,3	136,6	131,5	357,3	363,1	373,1	325,8	272,6
Malawi	118,6	161,6	183,1	165,6	162,7	118,0	160,2	208,2	172,9	174,9
Argentina	73,3	67,5	74,5	75,5	76,4	127,7	130,4	135,5	137,0	165,1
Indonésia	198,1	196,6	204,5	216,3	224,5	164,9	168,0	176,5	135,7	130,3
Tanzânia	35,3	36,5	55,2	78,9	168,5	50,6	50,8	58,7	60,9	130,0
Zimbabuê	51,8	70,6	101,8	94,2	92,6	79,0	82,0	85,1	109,7	111,6
Paquistão	50,9	51,4	49,7	55,8	51,3	103,2	107,8	105,0	119,3	102,8
Outros países	933,5	942,8	939,3	895,6	894,2	1.360,4	1.380,5	1.367,8	1.332,9	1.360,2
Mundo	3.599,4	3.779,4	3.976,1	3.958,1	4.251,8	6.186,9	6.623,8	7.063,7	6.933,7	7.568,2

OBS: Fumo não manufaturado.

Fonte: FAO. FAOSTAT. FAO Statistics Division 2013. 11 July 2013.

⁽¹⁾ Para este artigo, além de informações da autora, foram utilizadas as seguintes fontes:

IBGE – Levantamento Sistemático da Produção Agrícola – Vários.

www.fao.org

www.afubra.com.br

Jornais diversos e internet.

Tabela 2/I. Fumo - Principais países exportadores - 2006-10

(t)

País	2006	2007	2008	2009	2010
Brasil	566.027	694.325	677.877	661.738	493.003
China	149.454	168.836	198.829	207.835	251.276
Índia	158.254	173.345	208.314	230.804	218.914
Estados Unidos	180.064	187.859	169.231	172.244	180.937
Malawi	156.684	130.183	138.896	183.552	144.676
Zimbabwe	71.841	65.511	59.103	54.262	90.196
Turquia	128.480	111.166	151.702	99.123	78.878
Itália	95.477	113.429	100.194	80.200	75.253
Bélgica	45.717	47.614	63.634	81.164	74.140
Tanzânia	37.525	40.743	45.910	43.561	69.095
Subtotal	1.589.523	1.733.011	1.813.690	1.814.483	1.676.368
Outros países	856.202	889.646	837.542	824.076	785.329
Total mundial	2.445.725	2.622.657	2.651.232	2.638.559	2.461.697

Nota: Fumo não manufaturado.

Fonte: FAOSTAT. FAO Statistics Division 2013, 11 July 2013.

Tabela 3/I. Fumo - Principais países importadores - 2006-10

(t)

País	2006	2007	2008	2009	2010
Rússia	271.841	309.921	304.840	256.382	241.905
Alemanha	249.267	212.185	178.279	175.839	175.744
Estados Unidos	234.263	229.210	214.042	197.840	159.189
Países Baixos	168.544	119.900	107.581	142.572	140.473
Zimbabwe	34.850	30.000	9.536	8.332	119.184
Bélgica	62.936	83.749	98.249	121.528	105.034
França	126.254	91.990	117.193	120.452	101.691
China	93.038	93.865	112.426	119.256	98.047
Polónia	75.221	77.202	67.231	69.543	81.446
Egito	67.873	69.436	73.237	4.918	77.514
Subtotal	1.384.087	1.317.458	1.282.614	1.216.662	1.300.227
Outros países	1.100.637	1.211.351	1.280.715	1.201.012	1.177.172
Total mundial	2.484.724	2.528.809	2.563.329	2.417.674	2.477.399

Nota: Fumo não manufaturado.

Fonte: FAOSTAT. FAO Statistics Division 2013, 11 July 2013.

Produção e mercado nacionais

Depois de uma safra recorde em 2011, em 2012 a produção brasileira de fumo voltou a cair (Tabela 4), tanto pela redução na área - estimulada pelas fumageiras - quanto pelo rendimento médio - problemas no clima durante o desenvolvimento da safra. Já a safra atual (2013) teve uma produção superior em virtude de uma melhora no rendimento. Os preços e a comercialização do produto foram bem mais favoráveis ao produtor nesta safra.

A fumicultura é uma atividade cuja importância social é irrefutável. Por meio de uma análise mais ampla sobre a cadeia produtiva do tabaco no Brasil, verifica-se que, segundo informações da Afubra, a atividade envolve cerca de 2,4 milhões de pessoas. Entre elas estão as fábricas (de agroquímicos, materiais de construção, máquinas e implementos), transportadores, postos de distribuição, usinas de processamento, exportadores, fábricas de cigarros, varejistas, além dos próprios fumicultores (cerca de 186 mil famílias, segundo a Associação dos Fumicultores do Brasil - Afubra) (Tabela 5).

A atividade gera 940 mil de empregos diretos, considerando-se o total de pessoas que trabalham na lavoura e na indústria, além de 1,44 milhão de empregos indiretos. Somando ambos, tem-se 2,38 milhões de pessoas trabalhando com a atividade no País.

A Região Sul é responsável por 98% da produção da produção brasileira (Tabela 7). Nesses três estados, a produção de fumo é realizada em regime de integração com a indústria e, assim, o dimensionamento do plantio se dá de acordo com as necessidades internas e de exportação do produto.

A maior parte da produção brasileira de fumo tem como destino o mercado internacional (Tabela 8). O fumo brasileiro é de excelente qualidade e seu sabor é bastante apreciado no mercado internacional. A valorização do real é que muitas vezes dificulta a exportação, pois o nosso produto perde competitividade no mercado internacional.

Em 2013 a tendência é de que as exportações voltem a crescer, pois, além de o dólar ter ultrapassado a barreira dos R\$ 2,00, há escassez de produto no mercado internacional.

Tabela 4/I. Fumo - Brasil - Área, produção e rendimento - Safras 2009/13

Safra	Área plantada (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
2009	443.239	863.079	1.947
2010	450.076	787.817	1.750
2011	454.521	951.933	2.094
2012	405.853	806.685	1.988
2013 ⁽¹⁾	405.412	853.268	2.105

⁽¹⁾ Dados sujeitos a alterações.

Fonte: IBGE.

Tabela 5/I. Brasil - Número de fumicultores - Safras 2009/13

Estado/Região	2009	2010	2011	2012	2013 ⁽¹⁾
Paraná	33.020	35.210	36.110	31.470	31.790
Santa Catarina	58.150	55.170	55.810	48.140	48.620
Rio Grande do Sul	95.410	94.780	94.890	85.560	86.430
Região Sul	186.580	185.160	186.810	165.170	166.840
Outros estados	37.060	36.950	21.720	21.620	19.510
Brasil	223.640	222.110	208.530	186.790	186.350

⁽¹⁾ Estimativa Afubra.

Fonte: Afubra.

Tabela 6/I. Distribuição fundiária dos fumicultores sul-brasileiros - Safra 2011/12

Hectare	Nº Família	%
0	41.270	25,0
De 1 a 10	57.990	35,2
De 11 a 20	41.710	25,3
De 21 a 30	16.330	9,9
De 31 a 50	6.180	3,7
Mais de 50	1.690	1,0
Total	165.170	100,0

Fonte: Afubra.

Tabela 7/I. Fumo - Comparativo das safras da Região Sul do Brasil - Safras 2010/13

Estado/Região	Área plantada (ha)				Produção (t)				(Rendimento médio (kg/ha))			
	2010	2011	2012	2013 ⁽¹⁾	2010	2011	2012	2013 ⁽¹⁾	2010	2011	2012	2013 ⁽¹⁾
Rio Grande do Sul	220.512	223.867	202.731	203.823	343.682	499.455	396.861	430.903	1.559	2.231	1.958	2.114
Santa Catarina	130.196	134.248	118.280	117.128	252.771	261.776	237.213	246.319	1.941	1.950	2.006	2.103
Paraná	79.503	80.211	70.376	71.172	164.894	171.837	156.834	160.956	2.074	2.142	2.229	2.262
Região Sul	430.211	438.326	391.387	392.123	761.347	933.068	790.908	838.178	1.770	2.129	2.021	2.138

⁽¹⁾ Dados preliminares.
Fonte: IBGE.

Tabela 8/I. Fumo - Brasil - Quantidade produzida e exportada - 2008-13

Ano	Produção (t)	Exportação (t)	(%) Exp./Prod.
2008	850.421	691.608	81,3
2009	862.355	674.731	78,2
2010	780.942	505.620	64,7
2011	949.216	545.603	57,5
2012	806.685	472.734	58,6
2013 ⁽¹⁾	853.268	284.490	33,3
Média ²	850.481	578.059	68,0

⁽¹⁾ Dado de produção sujeito a alterações e dado de exportação até o mês de agosto/2013.

⁽²⁾ A média das exportações não considera o ano de 2013, pois o mesmo só possui dados até agosto.

Fonte: IBGE e MDIC/Secex - Sistema Alice.

Produção e mercado estaduais

No Estado, as duas últimas safras de fumo tiveram redução na área plantada. Contudo, a safra atual (2013), em virtude de condições climáticas favoráveis, obteve um rendimento médio bem superior (+4,9%) à anterior, fazendo com que a produção aumentasse ligeiramente em 3,8% (Tabela 9).

Nesta safra a comercialização foi muito boa para os fumicultores, que venderam seu produto acima da tabela. As empresas, ao contrário de anos anteriores, estavam muito mais brandas ao classificar a produção. E, como faltou produto no mercado, aqueles que deixaram para comercializar mais para o final obtiveram preços maiores do que aqueles que venderam no início da safra. Este aumento nos preços pode ser verificado nas tabelas 11 e 12.

Tabela 9/I. Fumo - Comparativo de safras de Santa Catarina - 2009/13

Safra	Área plantada (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
2009	125.557	247.758	1.973
2010	130.196	252.771	1.941
2011	134.248	261.776	1.950
2012	118.280	237.213	2.006
2013 ⁽¹⁾	117.128	246.319	2.103

⁽¹⁾ Dados preliminares, sujeitos a alterações.
Fonte: IBGE.

Tabela 10/I. Fumo - Comparativo de safras, segundo as microrregiões de Santa Catarina - 2010/13

Microrregião geográfica	Área plantada (ha)				Produção (t)				Rendimento médio (kg/ha)			
	2010	2011	2012	2013 ⁽¹⁾	2010	2011	2012	2013 ⁽¹⁾	2010	2011	2012	2013 ⁽¹⁾
São Miguel do Oeste	8.807	8.840	8.012	7.795	13.824	16.255	12.088	14.584	1.570	1.839	1.367	1.820
Chapecó	10.487	9.287	8.618	8.448	17.642	16.254	14.355	15.342	1.682	1.750	1.546	1.780
Xanxerê	1.657	1.740	1.556	1.501	3.204	2.824	2.592	2.912	1.934	1.623	1.490	1.871
Joaçaba	1.051	1.393	1.173	908	1.743	2.302	1.782	1.487	1.658	1.653	1.279	1.268
Concórdia	398	617	277	238	660	1.045	496	392	1.658	1.694	804	1.415
Canoinhas	30.061	33.907	30.039	32.420	72.570	71.068	68.953	74.644	2.414	2.096	2.034	2.485
São Bento do Sul	1.042	859	765	825	2.200	1.726	1.537	1.577	2.111	2.009	1.789	2.061
Curitibanos	814	820	689	650	1.450	1.349	1.059	1.176	1.781	1.645	1.291	1.707
Campos de Lages	988	1.040	978	910	1.889	1.931	1.801	1.602	1.912	1.857	1.732	1.638
Rio do Sul	17.933	21.259	21.198	20.568	37.543	44.635	44.324	42.724	2.094	2.100	2.085	2.015
Blumenau	739	874	791	571	1.512	1.668	1.611	1.277	2.046	1.908	1.843	1.614
Ituporanga	14.431	14.450	13.140	12.600	30.010	31.265	27.840	25.455	2.080	2.164	1.927	1.937
Tijucas	2.784	3.171	2.931	2.926	5.594	6.509	6.031	6.789	2.009	2.053	1.902	2.316
Tabuleiro	897	897	1.372	1.372	1.744	1.744	3.004	3.004	1.944	1.944	3.349	2.190
Tubarão	10.187	10.600	9.450	9.160	16.858	20.745	19.773	20.155	1.655	1.957	1.865	2.133
Criciúma	7.892	7.535	6.365	6.268	12.974	15.398	11.996	12.136	1.644	2.044	1.592	1.907
Araranguá	16.120	16.953	10.920	9.900	24.542	25.047	17.960	19.202	1.522	1.477	1.059	1.758
Santa Catarina	126.298	134.248	118.280	117.060	245.979	261.776	237.213	244.458	1.948	1.950	1.767	2.067

⁽¹⁾ Dados preliminares, sujeitos a alterações.
Fonte: IBGE.

Tabela 11/I. Fumo - Preço médio recebido pelos produtores da Região Sul do Brasil, por tipo - Safras 2008/09-2012/13

Safr/Tipo	(R\$/kg)				(US\$/kg)			
	Virginia	Burley	Comum	Média	Virginia	Burley	Comum	Média
2008/09	6,10	5,05	3,58	5,90	2,79	2,31	1,64	2,70
2009/10	6,49	5,72	4,00	6,35	3,60	3,17	2,22	3,52
2010/11	5,01	4,62	3,64	4,93	3,12	2,88	2,27	3,07
2011/12	6,37	6,22	3,89	6,30	3,37	3,29	2,06	3,33
2012/13 ⁽¹⁾	7,31	7,10	4,42	7,23	3,67	3,56	2,21	3,62

⁽¹⁾ Dados preliminares, sujeitos a alterações.
Fonte: Afubra.

Tabela 12/I. Fumo - Preço médio recebido pelos produtores da Região Sul do Brasil, por estado - Safras 2008/09-2012/13

Safr/Estado	(R\$/kg)				(US\$/kg)			
	RS	SC	PR	Região Sul	RS	SC	PR	Região Sul
2008/09	5,94	6,04	5,50	5,90	2,72	2,76	2,52	2,70
2009/10	6,46	6,38	6,04	6,35	3,58	3,54	3,35	3,52
2010/11	4,87	5,03	4,92	4,93	3,03	3,13	3,07	3,07
2011/12	6,29	6,48	6,01	6,30	3,33	3,43	3,18	3,33
2012/13 ⁽¹⁾	7,37	7,27	6,80	7,23	3,69	3,64	3,41	3,62

⁽¹⁾ Dados preliminares, sujeitos a alterações.
Fonte: Afubra.

Tabela 13/I. Fumo - Exportações brasileira e catarinense - 2008-13

Ano	Brasil		Santa Catarina	
	Quantidade (t)	Valor (US\$ 1.000)	Quantidade (t)	Valor (US\$ 1.000)
2008	691.608	2.752.032	181.536	758.662
2009	674.731	3.046.032	181.943	813.660
2010	505.620	2.762.246	155.974	873.880
2011	545.603	2.935.187	155.901	898.886
2012	472.734	3.099.183	136.132	934.552
2013 ⁽¹⁾	284.490	1.917.524	90.924	637.164

⁽¹⁾ Até Agosto.

Fonte: MDIC/Secex - Sistema Alice.

Tabela 14/I. Fumo - Exportações catarinenses, por país de destino - 2009-13

País de destino	2009		2010		2011		2012		2013 ⁽¹⁾	
	Qtidade (t)	Valor (US\$ mil)	Qtidade (t)	Valor (US\$ mil)	Qtidade (t)	Valor (US\$ mil)	Qtidade (t)	Valor (US\$ mil)	Qtidade (t)	Valor (US\$ mil)
Bélgica	24.854	139.886	10.802	75.989	15.073	91.513	25.130	170.389	19.061	131.999
Rússia	11.727	57.168	9.996	61.217	13.268	88.640	13.347	90.785	8.696	61.334
Países Baixos	13.312	72.561	16.142	108.714	12.829	97.585	12.535	92.993	10.232	73.273
Estados Unidos	11.334	68.429	6.695	45.523	8.655	51.897	8.751	57.283	7.696	57.013
Alemanha	10.110	54.085	9.085	63.985	9.904	63.256	8.126	52.868	5.951	42.219
Polônia	6.950	36.966	9.369	62.432	7.396	52.149	7.785	55.713	3.776	26.535
Turquia	4.959	26.000	5.911	39.855	2.813	18.600	4.938	33.817	3.691	25.792
Indonésia	2.782	17.323	2.445	17.209	4.496	32.523	4.831	29.247	1.424	9.610
Coreia do Sul	2.259	12.473	3.477	23.137	4.307	29.687	4.665	34.873	2.009	14.941
Romênia	2.320	11.588	3.091	20.349	5.097	37.873	4.106	29.684	1.820	12.851
Subtotal	90.605	496.479	77.013	518.410	83.838	563.723	94.214	647.651	64.357	455.566
Outros países	56.151	301.978	52.477	340.860	46.107	316.137	41.918	286.901	26.567	181.598
Santa Catarina	146.756	798.457	129.490	859.269	129.946	879.859	136.132	934.552	90.924	637.164

⁽¹⁾ Até Julho.

Fonte: MDIC/Secex - Sistema Alice.

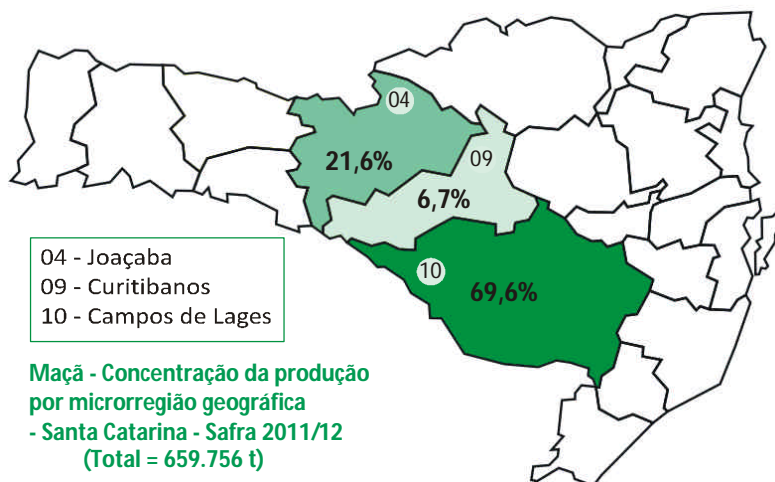
Perspectivas para a próxima safra

A ótima comercialização da safra 2013 pode servir de estímulo para um aumento na área a ser plantada na próxima safra. Mas este fator por si só não é suficiente para garantir que isto aconteça. Outras variáveis importantes a serem consideradas são: o aumento nos custos de produção – sobretudo da mão de obra, cada vez mais escassa, a idade do produtor que está se tornando mais elevada (os jovens migram e abandonam a produção) e o fato de não haver novas áreas disponíveis na Região Sul para a lavoura.

Por tudo isso acredita-se que a safra 2014 deva permanecer com uma área muito semelhante à área da safra atual ou ter um ligeiro aumento (algo como 5%), muito embora as indústrias desejem que este seja maior, já que este ano tiveram que pagar mais pelo produto.

MAÇÃ

Luiz Marcelino Vieira
Economista - Epagri/Cepa
marcelino@epagri.sc.gov.br



Produção e mercado mundiais

A atividade macieira é explorada por cerca de 95 países. A maioria deles produz para suprir as necessidades internas da população.

Na safra mundial de maçã 2010/11 foram produzidas 75,6 milhões de toneladas, numa área colhida de 4,8 milhões de hectares e rendimento de 15,8 toneladas por hectare.

As maiores produções pertencem a China, responsável por 44,4%, seguida pelos Estados Unidos, com 6,3%; Índia, Turquia, Polônia e Itália, entre 3% e 4%; França, Irã, Brasil e Federação Russa, entre 2% e 3%. Sendo que os dez principais países produtores são responsáveis por cerca de 75% da produção mundial (Tabela 1, Fao, agosto de 2013).

Os maiores produtores não são necessariamente os países que têm os melhores rendimentos. Os maiores ganhos por área cultivada são encontrados nos pomares da Áustria, Suíça, Israel e França. Isso é possível, devido ao uso maior de tecnologia, prática adequada de manejo e investimento em pesquisa.

O consumo mundial de maçã apresenta-se crescente, embora haja uma enorme variação entre as populações. Enquanto em alguns países praticamente inexistente o hábito de consumo da fruta, outros atingem cifras médias de até 54 kg/hab/ano. Esse comportamento demonstra que ainda há muito que fazer, haja vista a falta de conhecimento de algumas pessoas quanto ao valor nutritivo da maçã e sua utilidade como fonte complementar de alimento (Figura 1, Fao, agosto 2013).

A comercialização de maçã para os principais centros consumidores mundiais tem sido crescente nos últimos anos, registrando uma taxa média anual de 10,3% no valor transacionado entre 2006 e 2010 (FAO, julho de 2013).

Em 2010, a soma das exportações mundiais perfaz um total de 6,5 bilhões de dólares. Por país, com participação entre 10% e 13%, destacaram-se os mercados americano, chinês, italiano, chileno e francês e, entre 4 e 5%, aparecem os mercados holandês, polonês, sul-africano, iraniano e neozelandês (Tabela 2).

No mesmo ano, o quadro das importações, que corresponde à soma dos valores desembolsados, foi de 6,7 bilhões de dólares, apresentando uma taxa anual de crescimento de 8,4% durante os anos de 2006 e 2010. Os maiores valores pagos na aquisição da maçã foram realizados pelos mercados da Rússia, Reino Unido, Holanda e China (Tabela 3).

Tabela 1/I. Maçã – Quantidade total produzida no mundo e pelos principais países – Safras 2006/07-2010/11

(mil t)

País/mundo	2006/07	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11
Mundo	65.190	68.817	70.628	70.036	75.635
China	27.866	29.851	31.684	33.265	35.987
Estados Unidos	4.123	4.370	4.402	4.210	4.273
Índia	1.624	2.001	1.985	1.777	2.891
Turquia	2.458	2.504	2.782	2.600	2.680
Polônia	1.040	2.831	2.626	1.878	2.493
Itália	2.230	2.210	2.326	2.205	2.411
França	2.144	1.702	1.803	1.788	1.859
Irã	2.660	2.719	2.000	1.662	1.652
Brasil	1.115	1.124	1.223	1.279	1.339
Federação Russa	2.342	1.122	1.441	992	1.200
Demais países	17.588	18.384	18.355	18.378	18.850

Fonte: FAO (agosto de 2013). (Disponível em (<http://www.fao.org>)).

Tabela 2/I. Maçã – Valor exportado – Total e dos principais países – 2006-10

(milhão de dólares)

País	2006	2007	2008	2009	2010
Mundo	4.370	5.594	6.378	5.603	6.475
Estados Unidos	549	651	749	762	839
China	373	513	698	712	832
Itália	562	747	821	667	774
Chile	382	552	558	497	647
França	572	681	771	590	638
Holanda	304	384	480	356	317
Polônia	120	176	192	281	273
África do Sul	160	212	243	234	249
Brasil	32	69	81	56	55
Demais países	1.427	1.790	1.986	1.733	1.796

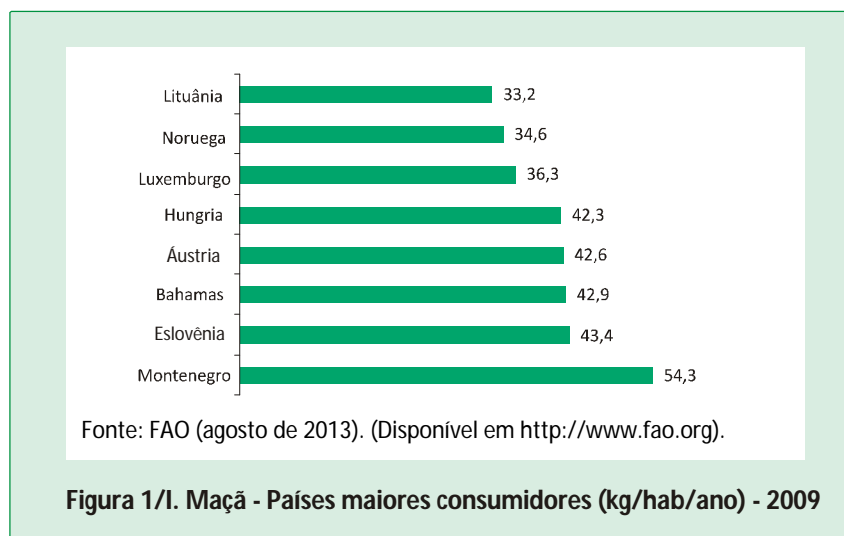
Fonte: FAO (agosto de 2013). (Disponível em (<http://www.fao.org>)).

Tabela 3/I. Maçã – Valor importado – Total e dos principais países – 2006-10

(milhão de dólares)

País	2006	2007	2008	2009	2010
Mundo	4.851	5.945	6.570	5.672	6.702
Federação Russa	351	453	520	548	668
Alemanha	559	623	679	521	548
Reino Unido	566	642	613	511	514
Holanda	347	423	469	382	327
China	127	229	250	178	304
México	206	248	241	196	230
Estados Unidos	160	211	174	170	213
Espanha	165	248	268	201	211
Brasil	48	43	48	46	73
Demais países	2.322	2.825	3.308	2.919	3.614

Fonte: FAO (agosto de 2013). (Disponível em (<http://www.fao.org>)).



Produção e mercado nacionais

Safra 2011/12

A safra nacional 2011/12 de maçã apresenta um volume produzido de 1,34 milhão de toneladas, área colhida de 38,5 mil hectares e rendimento médio de 34,7 toneladas por hectare. Em comparação com os dados da safra passada, constata-se um crescimento de 1% na área e decréscimo de 1,2% no rendimento médio, contribuindo para uma redução 0,3% no volume produzido (IBGE, julho de 2013).

Com 659,7 mil toneladas, Santa Catarina é o maior produtor, responsável por 49,4% da produção nacional, seguido pelo Rio Grande do Sul, com 46,5%, e Paraná, com 3,8% (Tabela 4).

Nos pomares catarinenses predomina a exploração dos cultivares Gala e Fuji. O cultivar Gala, colhido entre fevereiro e abril, é responsável por cerca de 53,8% da produção. A colheita do cultivar Fuji se estende de abril até meados de maio, contribui com cerca de 42,9% da safra, enquanto os demais cultivares representam aproximadamente 3,3% da safra e são colhidos entre os meses de janeiro e maio.

Durante a safra, foi registrada nas macieiras estaduais a ocorrência de fatores climáticos adversos, tais como: falta ou excesso de chuva, frio fora de época, ventos fortes e queda de granizo que afetaram o rendimento e a qualidade dos frutos.

Além de gerar um volume bem maior de frutos destinados à indústria processadora, em alguns municípios da microrregião de Campos de Lages, a produção de maçãs atingidas pelos fenômenos oscilou entre 30% e 35%, enquanto na de Joaçaba entre 10% e 15%, gerando prejuízos financeiros para o setor.

A comercialização da maçã no mercado nacional é realizada durante todo o ano. É uma das frutas preferidas do consumidor brasileiro pelo seu sabor atraente. Além de seu valor nutricional é uma excelente fonte complementar de alimento. Por isso, é importante que se criem mecanismos para estimular e conscientizar a população a consumir mais maçã, ofertada a preços mais acessíveis, tornando o produto mais competitivo frente a outras frutas nacionais e importadas.

Em 2012, o produtor catarinense obteve pela produção preços médios maiores quando comparados com os do ano anterior. Entretanto, embora tenha havido uma melhor remuneração pelo produto, o produtor permanece pouco estimulado e, a cada safra, mais descapitalizado.

Os preços no atacado, coletados junto à Companhia de Entrepósitos de Armazéns Gerais de São Paulo (Ceagesp), apresentaram médias anuais ponderadas crescentes de 3%. Numa análise mais detalhada, observa-se um decréscimo de 5,3% nos meses de janeiro a julho, enquanto nos demais meses do ano houve uma recuperação de 12,8% (Figura 2).

As exportações brasileiras de maçã “in natura” tiveram o seu melhor desempenho em 2008, com vendas de 112.250 toneladas e valor de US\$ 80.950 milhões. O pior foi em 2011, com vendas de 48.667 toneladas e valor de US\$ 36.059 milhões. Para o suco de maçã, os melhores anos foram 2011 e 2012, que propiciaram valores de US\$ 41.932 e US\$ 51.672 milhões, respectivamente.

Em 2012, a venda para o mercado externo de maçã “in natura” apresenta melhora significativa em relação a 2011, aumentando em 34,7% o montante (US\$ 48.560 milhões) e em 48,5% o volume comercializado (72.253 t).

Considerando o período de 2008 a 2012, as vendas de suco de maçã, exceto em 2009, apresentaram um bom desempenho. Em 2012 cresceram 23,2%, em comparação com 2011 (Tabela 5).

No ano, as maiores aquisições da maçã brasileira foram realizadas pelos mercados da Holanda, com 18,4% de participação, seguida por Bangladesh, com 15,2%, Reino Unido, com 14,9%, Irlanda, com 8,2%, França e Espanha, com 7,4% cada e Alemanha, com 6,1%. No item suco de maçã, os americanos lideraram as compras, com 62,4%, seguidos pelos japoneses, com 16,1%, os sul-africanos, com 9,3% e os alemães, com 5,7%. Santa Catarina foi responsável por 71% das exportações nacionais de suco de maçã, e o Rio Grande do Sul, por 81% de maçã “in natura” comercializada (Tabela 5).

Em 2012, as importações brasileiras de maçã continuam bastante expressivas, superando inclusive as exportações de 2011. O mercado argentino liderou as vendas, seguido pelo chileno. Com participação menor, aparecem os mercados francês, italiano e português (Figura 3).

Tabela 4/I. Maçã – Área colhida, quantidade produzida e rendimento médio – Brasil e principais estados – Safras 2008/09–2012/13

Discriminação	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12 ⁽¹⁾	2012/13 ⁽¹⁾
Área colhida (ha)					
Brasil	38.205	38.723	38.077	38.457	37.986
Santa Catarina	19.817	20.014	18.785	18.704	18.155
Rio G. do Sul	16.278	16.293	17.124	17.839	17.981
Paraná	1.800	2.118	1.846	1.764	1.700
Demais estados	19.817	20.014	18.785	18.704	18.155
Quantidade produzida (t)					
Brasil	1.122.885	1.279.124	1.338.995	1.335.478	1.226.555
Santa Catarina	622.501	680.000	640.676	659.756	530.601
Rio G. do Sul	556.556	537.507	634.436	620.841	642.989
Paraná	39.600	56.562	58.537	51.240	49.300
Demais estados	4.228	5.055	5.346	3.665	3.665
Rendimento médio (kg/ha)					
Brasil	32.009	33.033	35.165	34.727	32.290
Santa Catarina	31.412	33.976	34.106	35.272	29.226
Rio G. do Sul	34.191	32.990	37.050	34.802	35.759
Paraná	22.000	26.705	31.710	29.048	29.000

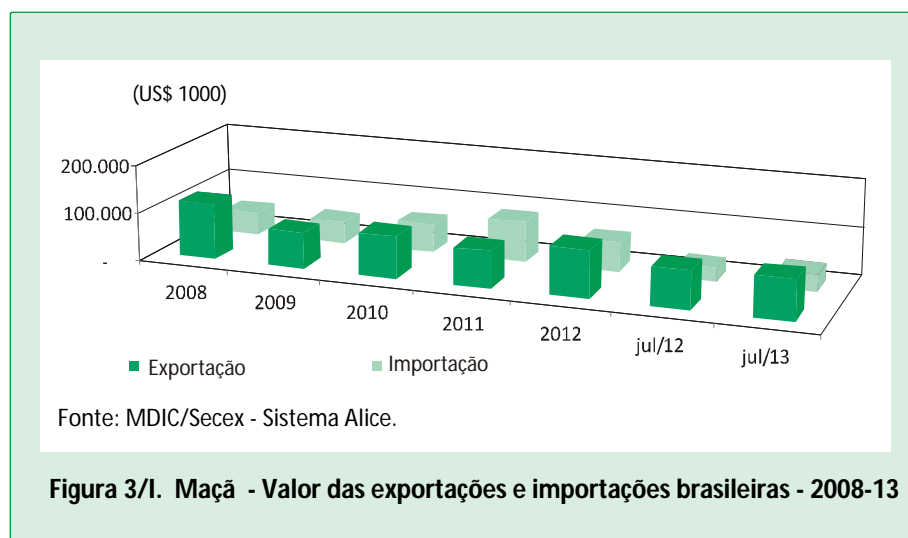
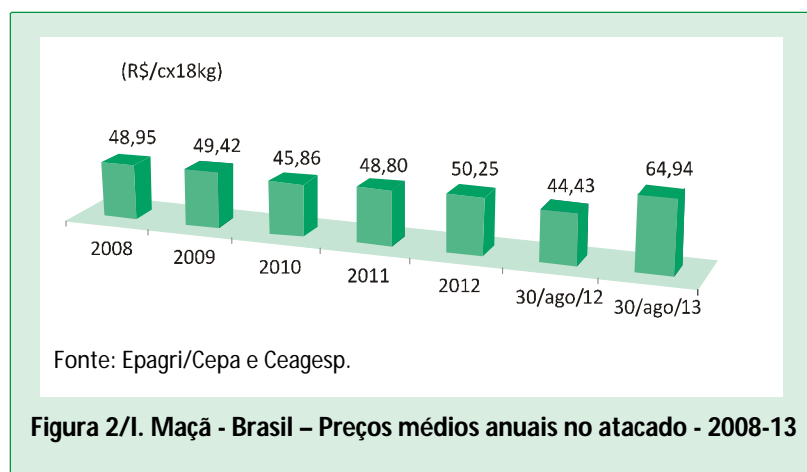
⁽¹⁾Safras 2011/12 e 2012/13 dados preliminares sujeitos a retificação.

Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal (2009-2012) e LSPA (julho/2013).

Tabela 5/I. Maçã e sucos – Brasil – Valor e quantidade exportados – 2008-13

Ano	2008	2009	2010	2011	2012	Jul/2012	Jul/2013
Maçã "in natura"							
US\$1000	80.929	56.328	55.366	36.059	48.560	48.374	62.844
Tonelada	112.250	98.264	90.839	48.666	72.253	72.096	85.369
Maçã seca							
US\$1000	39	22	135	90	56	34	80
Tonelada	9	5	7	9	8	6	5
Suco de maçã							
US\$1000	36.298	19.443	32.917	41.932	51.671	32.587	22.592
Tonelada	30.662	22.070	38.406	31.609	37.069	23.653	17.259
Total geral							
US\$1000	117.266	75.793	88.418	78.081	100.287	80.995	85.516
Tonelada	142.921	120.339	129.252	80.284	109.330	95.755	102.633

Fonte: MDIC/Secex - Sistema Alice.



Safra 2012/13

As estimativas para a safra nacional 2012/13 indicam produção de 1,227 milhão toneladas, área colhida de 38 mil hectares e rendimento médio de 32,3 toneladas por hectare. Em relação aos resultados obtidos na safra passada, houve uma diminuição na área colhida de 1,2% no rendimento de 7,0% e na produção de 8,2% (IBGE/LSPA, julho de 2013-Tabela 4).

Em comparação com a safra passada, no Rio Grande do Sul, a área colhida dos pomares cresceu 0,8%, o rendimento teve uma melhora, evoluindo em 2,7%, o que contribuiu para que a produção aumentasse 3,6%.

Em Santa Catarina, a safra não apresentou um bom desempenho, assinalando uma queda de 2,9% na área colhida, 17,1% no rendimento médio e de 19,6% no volume produzido. A ocorrência de geada negra em alguns municípios de Campos de Lages na última semana de setembro de 2012, que queimou a maioria dos frutos e das flores nos pomares, aliada ao forte calor em pleno inverno e à queda brusca nas temperaturas, trouxeram prejuízos para o setor.

Apesar da ocorrência desses fenômenos meteorológicos e também da queda de granizo, a safra catarinense obteve frutas de boa coloração, tamanho normal e resistente à frigorificação, com boa aceitação no mercado.

Diante desse fato, pela primeira vez, Santa Catarina perdeu a posição de maior produtor nacional de maçã para o Rio Grande do Sul.

São Joaquim é o maior produtor estadual, com 251 mil toneladas, seguido pelo município de Fraiburgo, com 115 mil toneladas, Bom Jardim da Serra, com 49 mil toneladas, Bom Retiro e Monte Carlo, com 39 mil toneladas cada e Urubici, com 25 mil toneladas. Esses municípios juntos são responsáveis por cerca de 82% da produção catarinense.

No período de janeiro a agosto de 2013 as vendas de maçã no mercado nacional atingiram as metas do setor movimentando entre 55 e 60 mil toneladas mensais.

Nesse período, os preços do produto no mercado atacadista nacional foram estimulantes, apresentando crescimento médio de 46,2%, em relação ao mesmo período de 2012, o que se refletiu automaticamente em uma melhor remuneração ao produtor. As cotações devem continuar atrativas nos próximos meses, quando são comercializados frutos de melhor qualidade e de maior calibre (Figura 2).

Entretanto, a partir do mês de setembro, quando há uma maior entrada de maçã dos mercados argentino e chileno, o produto nacional passa a ter uma maior concorrência. Isso exige mais competência e criatividade dos agentes do setor para continuar conquistando o consumidor, mantendo o volume das vendas e os preços valorizados.

Com as vendas brasileiras para o mercado externo praticamente já encerradas, até julho de 2013 foi negociado um montante de US\$ 62,9 milhões de maçã "in natura" e de US\$ 22,6 milhões de sucos, perfazendo um total de US\$ 85,4 milhões, representando um aumento de 5,5%, em relação a igual período de 2012 (Tabela 5).

Os principais destinos da maçã brasileira são os mercados da Europa (Holanda, Reino Unido, França, Portugal, Irlanda, Alemanha, dentre outros) e Bangladesh, enquanto os destinos dos sucos de maçã atingiram países de quatro continentes: Estados Unidos, Japão, Holanda e África do Sul (Tabela 6).

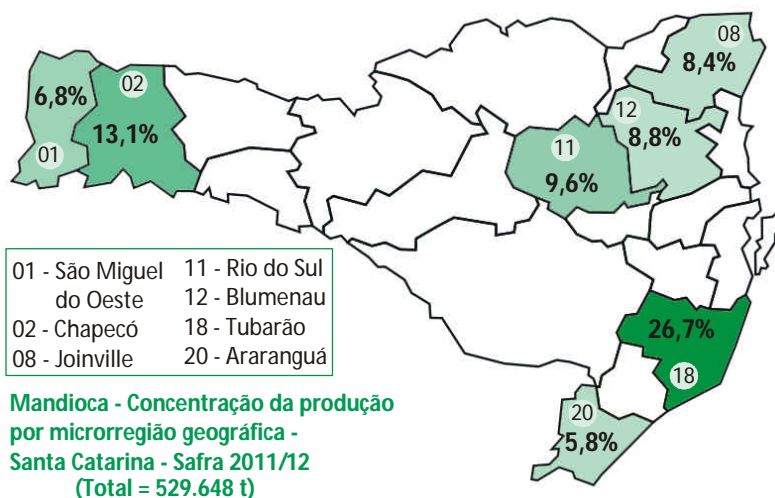
Tabela 6/I. Maçã e Sucos – Brasil – Principais mercados compradores – Participação % no valor – 2008-12

2008		2009		2010		2011		2012	
País	Part. %	País	Part. %	País	Part. %	País	Part. %	País	Part. %
Maçã "in natura"									
Holanda	30,3	Holanda	35,8	Holanda	28,0	Holanda	29,0	Holanda	18,4
Reino Unido	16,9	Reino Unido	9,0	Reino Unido	8,9	Bangladesh	12,0	Bangladesh	15,2
Espanha	6,0	França	8,7	Portugal	7,4	Irlanda	9,3	Reino Unido	14,9
França	5,5	Bangladesh	7,7	Bangladesh	6,9	Espanha	9,2	Irlanda	8,2
Suécia	5,4	Portugal	7,2	Espanha	6,0	Portugal	8,4	França	7,4
Sucos de maçã									
Estados Unidos	50,3	Estados Unidos	72,7	Estados Unidos	76,4	Estados Unidos	55,9	Estados Unidos	62,4
Japão	26,5	Japão	21,7	Japão	10,1	Japão	20,2	Japão	16,1
Holanda	10,7	México	3,6	África do Sul	4,8	Holanda	15,3	África do Sul	9,3
Porto Rico	10,1	Porto Rico	1,1	Holanda	4,2	África do Sul	3,9	Alemanha	5,7
Austrália	0,9	Holanda	0,3	Argentina	2,1	México	2,6	Holanda	1,8

Fonte: MDIC/Secex - Sistema Alice.

MANDIOCA

Luiz Marcelino Vieira
Economista - Epagri/Cepa
marcelino@epagri.sc.gov.br



Produção e mercado mundiais

Na safra mundial de mandioca 2011/12, a área colhida alcançou 20 milhões de hectares e foram produzidas 256,5 milhões de toneladas, mantendo-se praticamente constante em relação à safra anterior.

O Continente Africano é o maior produtor mundial, com 57% do volume total produzido (a Nigéria lidera, com 37% - 54 milhões de t), seguido pelo asiático, com 30% (a Indonésia produz 31% - 23,9 milhões de t e a Tailândia, 29% - 22,5 milhões de t), e o americano, com 13% (o Brasil lidera, com 77% - 23,4 milhões de t).

Embora a cultura da mandioca seja explorada por uma centena de países, apenas cinco deles são responsáveis por 54% da produção mundial. São poucos os países que exploram a atividade para fins comerciais, predominando, portanto, na sua maioria a atividade de subsistência (Tabela 1).

O modelo de exploração da mandioca difere de continente para continente. Enquanto no Africano parte expressiva do produto é tratada como um alimento básico para suprir a necessidade de parcela expressiva da população, com o uso mínimo de tecnologia, nos Continentes Asiático e Americano, a cultura diferencia-se justamente pelo crescente avanço da industrialização, pelo uso de tecnologia e pelas alternativas de mercado.

Necessariamente os melhores ganhos por área cultivada nem sempre estão entre os países que possuem as maiores produções (Tabela 1).

As exportações mundiais de mandioca seca, farinha, fécula e tapioca cresceram sensivelmente nos últimos anos, passando de US\$1,08 bilhão em 2006 para US\$2, 2 bilhões em 2010. O mercado tailandês lidera o comércio desses produtos, com 92,7% das vendas de fécula, 71,6% de farinha e 41,2 de tapiocas. O Brasil é o quarto maior vendedor de farinha, com uma participação de 4,4% (Tabela 2).

Nas importações, os valores gastos também são crescentes e a China é quem desembolsou mais. Na aquisição de mandioca seca e fécula a sua participação foi de 88,9% e 50,7%, respectivamente. Nas farinhas, o mercado de Singapura comprou 18,9%, seguido pelo Reino Unido, com 18,6%, Laos, com 16,9% e Canadá, com 15,5% e, nas tapiocas, os Estados Unidos participaram com 17,3%, seguidos pela China, com 14,8% e Bangladesh, com 14,4% (Tabela 3).

Tabela 1/I. Mandioca – Área colhida, produção e rendimento mundial e principais países – Safras 2006/07-2011/12

País	2006/07	2007/08	2008/09	2010/11	2011/12
Área colhida (1000 ha)					
Mundo	18.861	19.094	19.293	20.060	19.991
Nigéria	3.778	3.129	3.482	3.737	3.850
Indonésia	1.193	1.176	1.183	1.183	1.120
Brasil	1.889	1.761	1.790	1.734	1.704
Tailândia	1.184	1.327	1.168	1.135	1.250
Rep. Dem. do Congo	1.851	1.853	1.855	2.171	2.200
Quantidade produzida (1000 t)					
Mundo	231.541	235.290	240.659	256.404	256.529
Nigéria	44.582	36.822	42.533	52.403	54.000
Indonésia	21.593	22.039	23.918	24.010	23.922
Brasil	26.703	24.404	24.967	25.349	23.414
Tailândia	25.156	30.088	22.006	21.912	22.500
Rep. Dem. do Congo	15.013	15.054	15.049	15.569	16.000
Os cinco maiores rendimentos mundiais (kg/ha)					
Índia	33.541	34.343	34.756	36.477	36.477
Ilhas Cook	23.500	27.973	27.317	27.472	26.316
Taiwan	21.360	20.403	20.898	23.443	24.167
Rep. Dem. Popular Lao	17.471	14.708	25.080	23.870	24.125
Suriname	25.165	27.683	25.256	22.836	23.333

Fonte: FAO (agosto de 2013). (Disponível em <http://www.fao.org>).

Tabela 2/I. Mandioca - Raiz e derivados – Soma dos principais países exportadores – Quantidade e valor – 2006-10

Discriminação	2006	2007	2008	2009	2010
Quantidade (1000 t)					
Total	7.380	8.162	5.588	8.882	7.573
Mandioca seca	5.512	6.480	4.152	6.952	5.662
Fécula	1.742	1.572	1.330	1.822	1.809
Farinha	64	55	58	62	49
Tapioca	62	55	48	46	53
Valor (US\$ 1000)					
Total	1.081.020	1.379.605	1.340.857	1.603.458	2.017.014
Mandioca seca	642.063	880.299	794.379	1.026.070	1.133.396
Fécula	390.396	448.508	488.374	520.338	811.345
Farinha	17.016	19.373	24.828	22.958	29.397
Tapioca	31.545	31.425	33.276	34.092	42.876

Fonte: FAO (agosto de 2013). (Disponível em <http://www.fao.org>).

Tabela 3/I. Mandioca - Raiz e derivados – Soma dos principais países importadores - Quantidade e valor – 2006-10

Produto	2006	2007	2008	2009	2010
Quantidade (1000t)					
Total	7.769	8.818	5.667	9.345	8.363
Mandioca seca	5.594	6.785	4.009	7.189	6.385
Fécula	2.118	1.967	1.573	2.094	1.918
Farinha	12	13	26	16	15
Tapioca	45	52	59	46	45
Valor (US\$1000)					
Total	1.286.416	1.694.415	1.601.633	1.762.356	2.309.160
Mandioca seca	749.483	1.069.850	923.215	1.100.305	1.356.507
Fécula	504.818	585.636	626.458	622.200	904.512
Farinha	5.165	5.973	10.742	8.000	9.733
Tapioca	26.950	32.956	41.218	31.851	38.408

Fonte: FAO (agosto de 2013). (Disponível em <http://www.fao.org>).

Produção e mercado nacionais

Safra 2011/12

Na safra nacional de mandioca 2011/12 foram colhidos 1,704 milhão de hectares, obtidas 23,414 milhões de toneladas com rendimento médio de 13,7 toneladas por hectare. Em comparação com os resultados da safra passada houve um decréscimo de 1,7% na área, 7,6% na produção e 6% no rendimento.

Em comparação com outros países, o rendimento médio brasileiro é baixo. Isso acontece devido ao fraco desempenho de algumas lavouras, principalmente nas regiões Norte e Nordeste do País. Além do excesso ou da falta de chuvas durante o ciclo vegetativo da planta, essas regiões caracterizam-se pelo uso inexpressivo de tecnologia e práticas de manejo.

A produção paraense lidera o ranking brasileiro, com 20,5%, seguida pela paranaense, com 16,5%, a baiana, com 9,4%, a maranhense, com 6,5% e a paulista, com 6,2%. Esses estados juntos produzem 59,2% da safra nacional (Tabela 4).

Durante a safra, observou-se em alguns estados a ocorrência de fatores climáticos adversos, como falta ou excesso de chuvas, além de algumas doenças e pragas. Mesmo sendo controlados, tais problemas resultaram em prejuízos, de maneira isolada, para a atividade.

Em 2012, as vendas de farinha, fécula e polvilho azedo estiveram bastante movimentadas nos principais centros consumidores do País. Os preços da raiz e derivados mantiveram-se praticamente estáveis até o mês de agosto. A partir de setembro, mostraram uma reação, mantendo-se crescentes até o mês de dezembro.

A produção de farinha nos estados das regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste, além de atender as demandas regionais da população, comercializa o excedente, principalmente para os mercados nordestinos.

A produção de fécula, liderada pelos produtores paranaenses, é distribuída nos principais mercados nacionais. Esse segmento possui uma estrutura de comercialização que permite que as vendas sejam escalonadas de acordo com a demanda, barganhando preços melhores.

As vendas brasileiras para o mercado internacional de fécula, dextrina, colas e outros amidos modificados têm se mantido praticamente constantes nos últimos anos. Em 2012, os dados da Secretaria de Comércio Exterior, do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC) registraram um movimento de 47,4 milhões dólares, sendo os principais mercados compradores de dextrina: Argentina, Alemanha e Chile; fécula: Bolívia, Colômbia e Canadá e cola: Argentina, Equador e Estados Unidos.

Tabela 4/1. Raiz de mandioca – Área colhida, produção e rendimento médio - Brasil e principais estados – Safras 2008/09 - 2012/13

Discriminação	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12⁽¹⁾	2012/13⁽¹⁾
Área colhida (1000 ha)					
Brasil	1.761	1.790	1.734	1.704	1.510
Pará	290	297	294	301	298
Paraná	153	172	184	159	163
Bahia	272	262	253	222	130
Maranhão	182	210	208	197	190
São Paulo	41	52	56	65	58
Rio G. do Sul	84	82	80	79	71
Amazonas	97	68	82	79	73
Acre	26	41	48	45	47
Minas Gerais	57	55	57	60	59
Mato G. do Sul	24	27	30	31	31
Rondônia	30	29	30	33	29
Santa Catarina	30	30	27	29	27
Quantidade produzida (1000 t)					
Brasil	24.404	24.967	25.349	23.414	21.179
Pará	4.549	4.596	4.648	4.809	4.682
Paraná	3.655	4.013	4.179	3.869	3.683
Bahia	3.437	3.211	2.966	2.202	1.328
Maranhão	1.216	1.541	1.780	1.530	1.331
São Paulo	982	1.169	1.321	1.444	1.054
Rio G. do Sul	1.282	1.276	1.303	1.191	1.168
Amazonas	996	778	966	926	852
Acre	561	850	939	897	937
Minas Gerais	864	795	816	824	824
Mato G. do Sul	459	543	630	635	692
Rondônia	500	505	514	588	529
Santa Catarina	552	541	506	530	507
Os cinco maiores rendimentos estaduais (kg/ha)					
Paraná	23.867	23.302	22.681	24.316	22.581
São Paulo	24.007	22.373	23.496	22.052	18.171
Mato G. do Sul	19.319	20.356	20.775	20.534	22.047
Acre	21.686	20.877	19.445	19.982	19.819
Santa Catarina	18.233	18.064	18.425	18.229	18.888

⁽¹⁾ Safras 20011/12 e 2012/13 dados preliminares sujeitos a retificação.

Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal (2009-12) e LSPA-julho/2013.

Safra 2012/13

A safra brasileira de mandioca 2012/13 encontra-se em fase de colheita na maioria dos estados produtores. As estimativas do IBGE (LSPA/julho/13) indicam um volume produzido de 21,179 milhões de toneladas, área a ser colhida de 1,540 milhão de hectares e rendimento médio de 14,026 toneladas/ha. Comparada com a safra anterior, observa-se uma queda de 11,4% na área e de 9,5% na produção. Segundo o órgão, haverá crescimento de 2,1% no rendimento médio.

Os números pouco estimulantes da safra são reflexo do fraco desempenho de alguns estados produtores afetados pelas condições climáticas desfavoráveis, principalmente a falta de chuva durante o ciclo vegetativo da lavoura.

As agroindústrias nacionais de farinha, fécula e polvilho azedo continuam processando a matéria-prima, com vistas aumentar a produção, seja para comercialização imediata ou para a formação de estoques para venda futura.

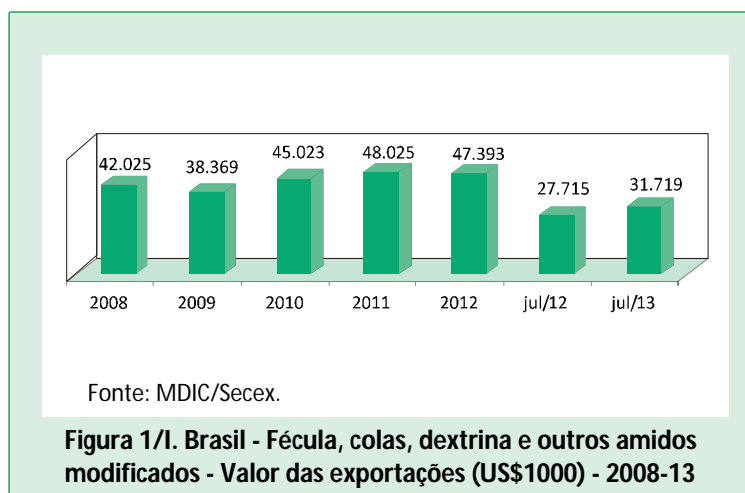
Em alguns estados, a disputa pela aquisição da matéria-prima pelas agroindústrias processadoras é bastante comum. Essa prática deixa o produto mais competitivo e melhora a remuneração para o agricultor.

Nos oito primeiros meses de 2013, o volume de negócios realizados se manteve dentro de um ritmo esperado. Os agentes de mercado compraram o estritamente necessário, apostando em preços mais acessíveis.

Para os próximos meses do ano não deverá haver grandes mudanças no setor. Segue o processamento da raiz de mandioca de acordo com a demanda de mercado.

No período, os preços no produtor e atacado apresentaram-se bastante remuneradores, superando as expectativas dos agentes de produção e de comercialização.

As vendas brasileiras para o mercado externo de fécula, colas, dextrina e outros amidos de janeiro a julho somaram US\$ 32 milhões, demonstrando um acréscimo de 14,4%, em relação a igual período de 2012 (Figura 1).



Produção e mercado estaduais

Safra catarinense 2011/12

A safra catarinense de mandioca 2011/12 atingiu 529,7 mil toneladas, numa área colhida de 29,1 mil hectares e obteve um rendimento de 18,2 toneladas por hectare, apresentando um aumento de 4,6% na produção, 7,4% na área e queda de 1% no rendimento médio, comparados com a safra passada.

O cultivo de mandioca para fins comerciais concentra-se nas regiões Sul Catarinense, Vale do Itajaí e em alguns municípios da Grande Florianópolis. Nas demais regiões catarinenses o produto é explorado principalmente para atender a alimentação animal e humana (Tabela 5).

Quase na sua totalidade, as processadoras de matéria-prima catarinenses remuneraram o produtor pela quantidade de teor de amido. Esse procedimento tem estimulado o produtor a utilizar as práticas de manejo adequadas e variedades mais produtivas, propiciando mais ganho por área cultivada, e consequente valorização da produção e aumento de renda.

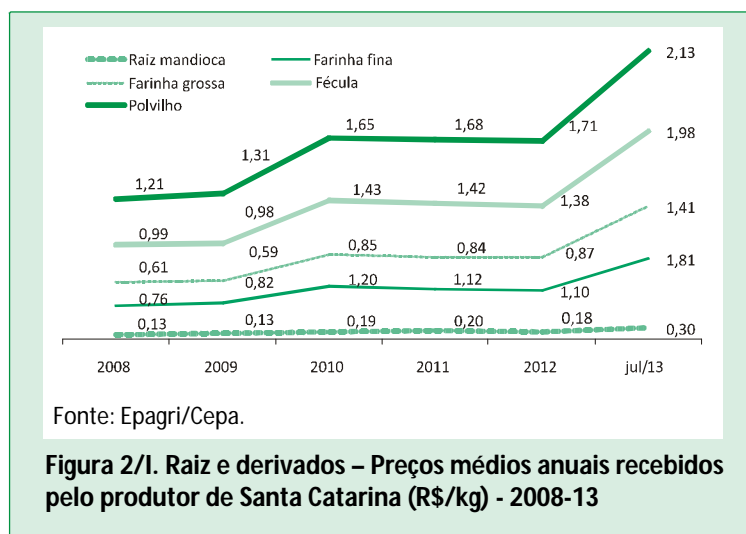
Em 2012, o mercado catarinense dos derivados da mandioca apresentou um comportamento bastante semelhante ao dos anos anteriores, mantendo constante o número de negócios e o volume de vendas tanto no mercado doméstico quanto nos centros consumidores do País, principalmente no Rio Grande do Sul, São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro.

No mesmo ano, os preços dos derivados tiveram um comportamento decrescente entre janeiro e agosto. Iniciaram uma escalada de crescimento a partir de setembro, permanecendo até dezembro, com variação nas cotações no quarto trimestre que oscilaram de 22% até 50%. Tomando-se as médias anuais, observa-se que houve de um lado valorização de 3,6% na farinha grossa e de 1,4% no polvilho azedo e, de outro, desvalorização de 1,3% na farinha fina, de 3,1% na fécula e de 10,2% na raiz (Figura 2).

Tabela 5/I. Mandioca – Área colhida e quantidade produzida por microrregião geográfica de Santa Catarina – Safras 2008/09-2011/12

SC/MRG	Área colhida (ha)				Quantidade produzida (t)			
	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12
Santa Catarina	30.284	29.929	27.478	29.055	552.169	540.626	506.280	529.648
São Miguel do Oeste	2.890	2.890	1.948	1.715	61.405	54.805	41.195	35.885
Chapecó	4.223	4.123	3.773	3.638	80.636	81.076	72.571	69.416
Xanxerê	591	536	543	545	10.175	8.985	10.022	8.794
Joaçaba	357	607	357	340	7.175	10.048	5.998	5.569
Concórdia	862	689	653	1.553	19.248	15.058	13.390	13.518
Canoinhas	200	200	200	200	3.200	3.200	3.200	3.200
São Bento do Sul	50	50	65	90	775	775	1.020	1.420
Joinville	1.860	1.831	1.763	2.394	24.028	28.289	27.902	44.590
Curitibanos	66	79	90	94	840	1.100	1.528	1.563
Campos de Lages	66	66	66	66	866	866	866	866
Rio do Sul	2.175	2.495	2.030	2.180	47.995	57.595	47.965	50.715
Blumenau	2.699	1.865	1.750	2.537	38.686	26.635	28.000	46.548
Itajaí	157	305	427	449	2.138	4.108	8.235	8.544
Ituporanga	420	540	540	460	10.275	13.975	13.975	11.775
Tijucas	1.120	1.160	1.021	1.365	22.150	19.334	17.425	23.850
Florianópolis	1.265	1.210	1.010	1.085	19.315	14.975	12.450	15.535
Tabuleiro	780	780	680	380	15.350	15.350	13.500	7.300
Tubarão	8.452	8.430	8.130	7.942	154.767	150.527	147.708	141.525
Criciúma	510	510	515	505	8.930	9.380	8.870	8.525
Araranguá	1.541	1.563	1.917	1.917	24.215	24.545	30.460	30.460

Fonte: IBGE/Pam/LSPA.



Safra catarinense 2012/13

As estimativas da safra catarinense de mandioca 2012/13 apontam produção de 507 mil toneladas, área a ser colhida de 27 mil hectares e rendimento médio de 18,9 toneladas por hectare. Em comparação com a safra anterior, a área decresceu 6,9% e a produção 4,3%, enquanto o rendimento subiu 3,6% (IBGE/LSPA, julho de 2013).

O baixo estoque de farinha fez com que a comercialização da raiz este ano iniciasse mais cedo (meados de março) nas principais regiões produtoras do Estado. A demanda de matéria-prima pelas processadoras continuará até agosto na região Sul Catarinense e até meados de setembro no Alto Vale do Itajaí.

Na safra, as avaliações feitas pelas agroindústrias indicaram que para cada tonelada de mandioca esmagada foram obtidas entre 335 e 340 quilos de farinha e de 250 e 275 quilos de fécula e polvilho azedo, valores considerados bons.

No período de janeiro a agosto de 2013, as vendas catarinenses de farinha, fécula e polvilho azedo transcorreram dentro da expectativa dos segmentos de produção e comercialização sendo destinadas ao mercado interno, bem como aos centros consumidores interestaduais (principalmente: RS, SP, MG, RJ).

Nesse período, os preços da raiz de mandioca, ao contrário do ano passado, têm tido comportamento bastante remunerador durante a colheita, contribuindo para um incremento de 61%. Isso foi possível, graças à boa remuneração dos derivados: a farinha fina aumentou 80%, a farinha grossa 78,7%, a fécula 49,6% e o polvilho azedo 33,9%, em comparação com igual período de 2012 (Figura 2 e Tabela 6).

A expectativa para o quarto trimestre é de um leve aumento no volume vendido dos produtos e subprodutos da mandioca. Embora os preços se mantenham-se estáveis, pode ocorrer, ainda, alguma desvalorização no período.

Nesse cenário de preços estimulantes e de mercado aquecido é bastante provável que os produtores catarinenses optem em aumentar a área a ser plantada com mandioca na próxima safra 2013/14.

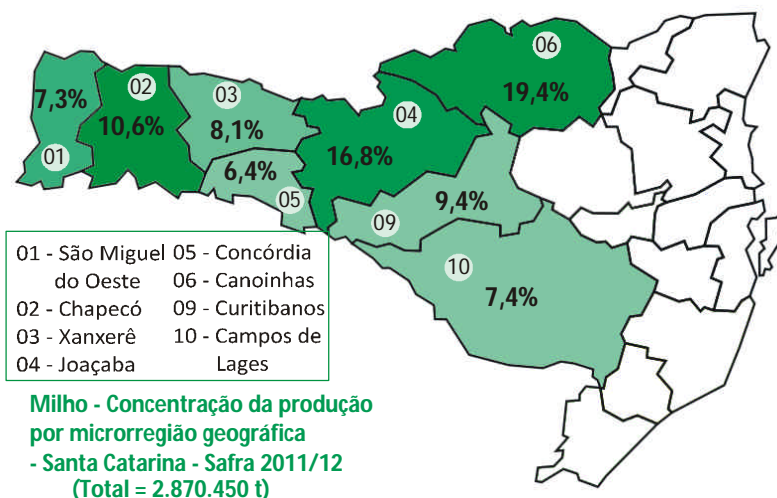
Tabela 6/I. Raiz e derivados – Preços mensais recebidos pelo produtor catarinense – 2008-13

Ano	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Raiz de mandioca (R\$/t)						
Abr.	132,50	125,00	190,00	230,00	185,00	322,50
Mai	130,97	136,10	180,28	209,74	184,29	318,83
Jun.	130,80	139,88	188,76	198,83	180,63	276,89
Jul.	130,89	135,42	198,20	192,18	181,09	268,37
Ago.	125,08	129,44	189,31	192,16	178,41	271,02
Set.	113,00	130,85	189,00	183,50	181,63	270,00
Out.	-	125,00	-	205,00	180,00	
Farinha fina (R\$/sc 50 kg)						
Jan.	40,00
Fev.	40,00	...	60,00	65,80	52,05	86,00
Mar.	38,31	...	56,59	64,86	53,00	87,42
Abr.	36,00	38,00	56,60	61,37	54,13	90,91
Mai	37,55	38,00	56,00	60,00	50,45	94,00
Jun.	37,83	38,00	56,00	55,88	48,26	93,16
Jul.	38,00	38,00	56,00	53,50	44,00	91,87
Ago.	38,00	38,00	57,20	52,50	45,96	95,09
Set.	38,00	38,00	58,85	50,17	53,37	102,10
Out.	38,00	44,00	63,44	48,16	60,95	103,10
Nov.	38,00	49,00	68,00	49,40	68,11	
Dez.	38,00	46,93	68,67	52,00	75,14	
Farinha grossa (R\$/sc 50 kg)						
Jan.	30,00	28,00	36,00	49,00	41,00	66,00
Fev.	30,47	28,95	38,71	50,00	41,05	69,00
Mar.	31,57	28,27	40,00	49,81	42,00	69,84
Abr.	31,00	28,00	42,00	45,68	39,53	72,91
Mai	31,27	28,00	43,00	43,63	39,00	73,80
Jun.	30,00	28,00	44,06	40,00	38,42	70,32
Jul.	30,00	28,00	44,00	38,00	37,00	67,35
Ago.	30,00	28,00	44,00	37,03	37,39	68,55
Set.	30,00	28,00	40,70	36,50	42,89	72,19
Out.	30,00	31,90	43,33	36,50	48,95	76,90
Nov.	30,00	35,20	46,00	38,08	54,37	
Dez.	30,00	34,00	47,33	41,00	61,57	
Fécula (R\$/kg)						
Jan.	1,01	0,92	1,30	1,60	1,41	2,00
Fev.	1,01	0,91	1,26	1,61	1,41	1,99
Mar.	0,99	0,91	1,36	1,55	1,43	1,96
Abr.	0,99	0,94	1,46	1,49	1,32	1,98
Mai	1,00	0,89	1,44	1,47	1,24	1,98
Jun.	0,98	0,88	1,42	1,43	1,23	1,95
Jul.	0,98	0,90	1,40	1,36	1,21	1,97
Ago.	0,98	0,91	1,38	1,29	1,24	2,00
Set.	0,98	0,92	1,41	1,35	1,30	2,06
Out.	0,98	1,05	1,51	1,30	1,43	2,15
Nov.	0,97	1,32	1,60	1,35	1,49	
Dez.	0,96	1,25	1,60	1,35	1,80	
Polvilho azedo (R\$/sc 50 kg)						
Jan.	55,00
Fev.	55,00	68,00	76,36	85,00	86,00	107,47
Mar.	55,00	65,71	78,77	85,00	86,00	108,00
Abr.	55,00	62,00	...	85,00	81,07	111,09
Mai	53,33	62,00	...	85,00	78,45	107,85
Jun.	56,66	62,00	...	85,00	76,84	102,00
Jul.	58,63	60,00	84,48	84,00	75,00	103,04
Ago.	62,90	60,00	79,87	83,82	79,30	108,45
Set.	66,90	60,00	81,00	82,50	84,00	124,21
Out.	70,36	68,70	88,17	82,50	90,95	130,30
Nov.	70,00	76,00	86,00	83,38	98,05	
Dez.	70,00	77,07	85,33	85,00	103,71	

Fonte: Epagri/Cepa.

MILHO

Tabajara Marcondes
Eng. Agr. - Epagri/Cepa
tabajara@epagri.sc.gov.br



Produção e mercado mundiais

Os anos recentes foram marcados por grandes oscilações nos preços internacionais do milho, situação decorrente especialmente de um quadro de oferta e demanda que implicou em considerável redução dos estoques mundiais. Segundo as estimativas de agosto de 2013, do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), a previsão é que ao final do período 2012/13 o estoque mundial fique em 123,11 milhões de toneladas, um dos mais baixos dos anos recentes, 7% abaixo dos 132,4 milhões de toneladas existentes como estoque inicial (Tabela 1).

Essa situação decorreu especialmente do que se observou nos EUA, país que é o principal produtor e exportador mundial e que apresentou importante redução de produção (perdas por estiagem) e estoque final no período 2012/13. Com isso, houve um substancial decréscimo nas exportações americanas do período 2012/13, que alcançaram 18,16 milhões de toneladas, representando apenas 46% dos 39,18 milhões de toneladas exportadas no período 2011/12. Isso significa que os EUA saíram momentaneamente da 1ª para a 3ª posição entre os principais exportadores mundiais de milho, sendo superado, respectivamente, por Brasil e Argentina (Tabela 2).

As elevações dos preços internacionais só não foram mais significativas por conta do quadro macroeconômico adverso enfrentado por alguns dos importantes compradores mundiais (como, por exemplo, a crise da dívida na zona do euro e a desaceleração do crescimento em alguns países emergentes), com redução na demanda/importações, e também pelo crescimento da produção de alguns países exportadores e importadores.

Essas alterações no quadro mundial de oferta e demanda provocaram especulações sobre possíveis mudanças estruturais nos parâmetros históricos de abastecimento e dos preços internacionais. As projeções para o quadro de oferta e demanda de 2013/14 e para as cotações internacionais não são indicativas de confirmação dessas mudanças.

Em relação ao quadro de oferta e demanda, nas projeções para o período 2013/14 já se observa a possibilidade de forte recuperação tanto na produção quanto no estoque final mundiais (Tabela 3).

Em relação às cotações internacionais, não se trata nem mais de projeções, pois, mesmo permanecendo em patamares acima dos históricos, já se observam reduções nos preços nos meses mais recentes (Tabela 4) e podem decrescer ainda mais na medida em que se confirme a projeção do quadro de oferta e demanda do período 2013/14.

Tabela 1/I. Milho – Quadro de oferta e demanda mundial – Safras 2011/12-2013/14

(milhões de t)

Safra	Estoque inicial	Produção	Importação	Exportação	Estoque final
2011/12	128,3	883,3	99,9	116,9	132,4
2012/13 (Estimativa)	132,4	858,8	97,5	93,7	123,1
2013/14 (Projeção)	123,1	957,2	101,9	104,0	150,2

Fonte: Usda - agosto de 2013.

Tabela 2/I. Milho – Quadro de oferta e demanda mundial e de países selecionados – Safras 2011/12-2012/13

(milhões de t)

Discriminação	2011/12					2012/13 (Estimativa)				
	Est. inicial	Produção	Importação	Exportação	Est. Final	Est. inicial	Produção	Importação	Exportação	Est. Final
EUA	28,6	314,0	0,8	39,2	25,1	25,1	273,8	4,2	18,2	18,3
China	49,4	192,8	5,2	0,1	59,3	59,3	205,6	3,0	0,1	60,9
Brasil	10,3	73,0	0,8	24,3	9,2	9,2	80,0	0,8	24,5	12,5
União Europeia	5,2	68,1	6,1	3,3	6,9	6,9	58,5	10,8	1,7	5,6
FSU-12 ⁽¹⁾	1,9	34,1	0,3	17,5	2,5	2,5	32,4	0,3	15,9	1,6
Argentina	4,1	21,0	0,0	17,2	1,0	1,0	26,5	0,0	19,5	0,7
Sudeste Ásia ⁽²⁾	3,1	25,0	6,7	0,4	2,6	2,6	24,8	7,7	0,1	2,1
México	1,1	18,7	11,2	0,7	1,3	1,3	21,5	5,5	0,2	1,2
Ucrânia	1,1	22,8	0,1	15,2	1,1	1,1	20,9	0,1	13,5	0,8
Canadá	1,3	11,4	0,9	0,5	1,4	1,4	13,1	0,5	1,6	1,4
África do Sul	3,4	12,8	0,0	1,8	3,7	3,7	12,2	0,0	1,9	3,2
Egito	1,3	5,5	7,2	0,0	2,2	2,2	5,8	4,5	0,0	1,3
Coreia do Sul	1,6	0,1	7,6	0,0	1,5	1,5	0,1	8,5	0,0	1,3
Japão	0,6	0,0	14,9	0,0	0,6	0,6	0,0	14,5	0,0	0,6
Mundo	128,3	883,3	99,9	116,9	132,4	132,4	858,8	97,5	93,7	123,1

⁽¹⁾ Former Soviet Union - doze países da ex-União Soviética, excluídos Rússia, Ucrânia e Casaquistão.⁽²⁾ Indonésia, Malásia, Filipinas, Tailândia e Vietnã.

Fonte: Usda - agosto de 2013.

Tabela 3/I. Milho – Quadro de oferta e demanda mundial e de países selecionados – Projeção - Safra 2013/14

(milhões de t)

Discriminação	Est. inicial	Produção	Importação	Exportação	Est. Final
Maiores exportadores					
EUA	18,3	349,6	0,8	31,1	46,7
Brasil	12,5	72,0	0,8	18,0	13,3
Argentina	0,7	27,0	0,0	18,5	0,9
África do Sul	3,2	13,0	0,0	2,0	3,2
Maiores importadores					
União Europeia	5,6	65,0	7,5	2,5	5,6
Sudeste da Ásia ⁽¹⁾	2,1	26,4	8,0	0,2	2,2
México	1,2	22,0	8,0	0,2	2,0
Egito	1,3	5,6	5,2	0,0	0,9
Coreia do Sul	1,3	0,1	8,9	0,0	1,5
Japão	0,6	0,0	15,5	0,0	0,6
Outros países					
China	60,9	211,0	7,0	0,1	54,8
FSU-12 ⁽²⁾	1,6	42,4	0,3	20,3	3,7
Ucrânia	0,8	29,0	0,1	18,0	2,8
Canadá	1,4	13,8	0,5	1,0	1,9
Mundo	123,1	957,2	101,9	104,0	150,2

⁽¹⁾ Indonésia, Malásia, Filipinas, Tailândia e Vietnã.⁽²⁾ Former Soviet Union - Doze países da ex-União Soviética, excluídos Rússia, Ucrânia e Casaquistão.

Fonte: Usda - agosto de 2013.

Tabela 4/1. Milho – Preço mensal do produto dos Estados Unidos – 2009-13

Mês/Ano	US\$/t/FOB Golfo do México				
	2009	2010	2011	2012	2013
Janeiro	173,24	167,21	265,29	272,85	303,29
Fevereiro	163,13	161,63	293,40	279,46	302,50
Março	164,52	159,01	290,36	280,66	309,49
Abril	168,72	157,66	318,70	274,21	280,27
Mai	180,31	163,77	308,47	268,79	295,29
Junho	178,83	152,87	310,46	267,23	297,06
Julho	151,76	163,92	300,80	332,95	278,93
Agosto	152,01	175,60	310,24	332,17	234,89
Setembro	150,57	205,84	296,21	320,72	
Outubro	167,22	235,70	274,78	321,63	
Novembro	171,61	238,24	274,23	321,54	
Dezembro	164,58	250,63	258,44	308,72	

Fonte: Usda. Market News.

Produção e mercado nacionais

O apertado quadro internacional do período 2012/13 repercutiu favoravelmente sobre a safra e as exportações brasileiras.

O Brasil, que na safra 2011/12 já superara a União Europeia e se tornara o terceiro produtor mundial de milho, apresentou na safra 2012/13 a maior área de plantio e o maior volume de produção da sua história. Salienta-se que isso não necessariamente se apresentava como tendência dos últimos anos, já que a área plantada com milho no Brasil chegou a decrescer 2,56 milhões de hectares entre as safras 2007/08 e 2009/10. Esse novo aumento de área e produção tem relação direta com a 2ª safra, já que a 1ª safra nacional tem apresentado redução na área plantada, o que, em boa medida, se deve ao fato de o milho estar perdendo áreas de plantio para a soja. Assim, na safra 2012/13, pela primeira vez na história, a área de plantio da 2ª safra supera a da 1ª safra, com uma diferença de mais de dois milhões de hectares. (Tabela 5 e 6).

Essa ampliação da 2ª safra na oferta nacional parece ser uma tendência bastante forte. De maneira ainda mais significativa em anos em que o mercado da soja se apresentar mais atrativo que o do milho na 1ª safra e em que o plantio de trigo não está comercialmente interessante para suceder a soja no estado do Paraná, o que não tem sido raro nos anos recentes e tende a se repetir em 2013/14.

Quanto às exportações brasileiras de milho em grão, o crescimento recente tem sido ainda mais significativo do que o observado na área plantada e no volume de produção. Apenas de 2011 para 2012 saltaram de 9,5 milhões para um recorde de 19,8 milhões de toneladas, que equivale a 28% da produção brasileira da safra 2011/12. Em 2013, possivelmente haverá um novo recorde, uma vez que até o mês de agosto o Brasil já exportou 12,2 milhões de toneladas, 95% acima dos 6,3 milhões de toneladas exportados até o mesmo mês de 2012 (Tabela 7).

Isso tira o Brasil da condição de exportador pouco tradicional de milho e amplia os destinos de suas vendas. Entre 2006 e 2012, por exemplo, o destino das exportações brasileiras saltou de 40 para 69 países. De janeiro a agosto de 2013 foram 66 países. Uma novidade, tanto em 2012 quanto em 2013, é a grande participação dos EUA, o que, certamente, está relacionado com as perdas ocorridas na safra 2012/13 naquele país. Se essa perda por um lado implicou a redução das exportações americanas, por outro contribuiu para a ampliação e a diversificação das exportações brasileiras (Tabela 8).

Tabela 5/I. Milho em grão – Área e produção do Brasil – Safras 2003/04-2012/13

Safr	Área plantada (mil ha)			Produção (mil t)		
	Total	1ª safra	2ª safra	Total	1ª safra	2ª safra
2003/04	12.864,8	9.831,3	3.033,5	41.787,6	31.348,5	10.439,0
2004/05	12.249,1	9.023,5	3.225,6	35.113,3	27.161,4	7.951,9
2005/06	12.997,4	9.638,6	3.358,8	42.661,7	31.484,7	11.177,0
2006/07	14.010,8	9.882,9	4.127,9	52.112,2	37.657,5	14.454,7
2007/08	14.747,2	9.651,9	5.095,3	58.933,3	39.828,8	19.104,6
2008/09	13.373,2	8.829,3	4.543,9	47.072,1	30.704,6	16.367,5
2009/10	12.185,5	7.138,9	5.046,6	51.420,3	29.852,5	21.567,8
2010/11	13.605,4	7.653,4	5.952,0	55.660,2	33.487,8	22.172,5
2011/12	15.063,9	7.656,4	7.407,5	71.296,5	33.212,7	38.083,8
2012/13	15.703,7	6.810,4	8.893,2	80.755,8	34.438,3	46.317,5

Fonte: IBGE - Produção Agrícola Municipal e Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (agosto 2013).

Tabela 6/I. Milho em grão – Área e produção do Brasil e dos principais estados produtores – Safras 2011/12-2012/13

UF	Área plantada (mil hectares)						Produção (mil toneladas)					
	Safr 2011/12			Safr 2012/13			Safr 2011/12			Safr 2012/13		
	Total	(1ª)	(2ª)	Total	(1ª)	(2ª)	Total	(1ª)	(2ª)	Total	(1ª)	(2ª)
MT	2.740,8	93,9	2.647,0	3.440,1	87,0	3.353,1	15.646,7	567,2	15.079,5	20.041,6	504,1	19.537,5
PR	3.013,9	975,8	2.038,1	3.031,7	875,1	2.156,6	16.515,8	6.602,6	9.913,2	17.552,2	7.128,2	10.424,0
MS	1.244,8	69,5	1.175,3	1.533,8	48,1	1.485,7	6.477,1	465,8	6.011,2	7.839,4	380,2	7.459,2
GO	1.221,0	475,0	746,0	1.213,6	372,8	840,8	8.230,1	3.663,4	4.566,7	7.601,1	2.805,1	4.796,0
MG	1.272,9	1.177,0	95,9	1.279,9	1.160,8	119,1	7.625,1	7.091,5	533,6	7.449,0	6.830,1	618,9
RS	1.119,2	1.119,2	0,0	1.013,3	1.013,3	0,0	3.155,1	3.155,1	0,0	5.350,0	5.350,0	0,0
SP	860,9	559,1	301,8	850,0	540,0	310,0	4.755,0	3.400,9	1.354,2	4.681,0	3.348,0	1.333,0
SC	525,3	525,3	0,0	484,4	484,4	0,0	2.870,5	2.870,5	0,0	3.326,3	3.326,3	0,0
BA	589,9	424,0	165,9	679,4	386,8	292,6	1.882,9	1.747,9	135,0	2.140,4	1.555,5	584,9
MA	451,9	381,3	70,6	505,3	373,1	132,2	783,5	649,2	134,3	1.318,8	756,6	562,2
Outros	2.023,2	1.856,3	166,9	1.672,3	1.469,1	203,2	3.354,6	2.998,6	356,0	3.456,2	2.454,3	1.001,9
Brasil	15.063,9	7.656,4	7.407,5	15.703,7	6.810,4	8.893,2	71.296,5	33.212,7	38.083,8	80.755,8	34.438,3	46.317,5

Fonte: IBGE - Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (agosto 2013).

Tabela 7/I. Milho em grão - Exportações brasileiras – 2006-13

Período	Milhões de toneladas	Milhões de dólares/FOB
2006	3,9	481,9
2007	10,9	1.918,8
2008	6,4	1.405,2
2009	7,8	1.302,1
2010	10,8	2.215,5
2011	9,5	2.716,4
2012	19,8	5.383,3
Janeiro a agosto/2012	6,3	1.682,0
Janeiro a agosto/2013	12,2	3.332,0

Fonte: MDIC/Secex - Sistema Alice.

Tabela 8/I. Milho em grão - Exportações brasileiras, por país de destino - 2010-13

(mil t)

País	2010	2011	2012	Jan/ago-2013	Total 2010-08/2013
Irã	1.490,6	1.905,7	2.966,9	723,7	7.086,9
Japão	606,6	734,5	3.049,4	1.988,0	6.378,5
Taiwan (Formosa)	1.090,9	1.174,4	1.938,0	961,8	5.165,1
Coreia do Sul	0,0	0,0	2.581,3	2.104,7	4.686,0
Egito	0,0	446,8	1.846,4	922,0	3.215,2
Marrocos	958,6	578,7	1.004,0	0,0	2.541,3
Malásia	924,3	567,3	641,2	353,4	2.486,2
Espanha	819,4	402,0	0,0	561,4	1.782,8
Estados Unidos	0,0	0,0	729,4	983,2	1.712,6
Arábia Saudita	815,6	0,0	754,4	0,0	1.570,0
Colômbia	752,5	426,6	0,0	0,0	1.179,1
Países Baixos (Holanda)	0,0	423,5	0,0	590,0	1.013,5
Subtotal	7.458,5	6.659,5	15.511,0	9.188,2	38.817,2
Outros países	3.360,4	2.827,4	4.290,9	3.033,5	13.512,2
Total	10.818,9	9.486,9	19.801,9	12.221,7	52.329,4

Fonte: MDIC/Secex - Sistema Alice.

Produção e mercado estaduais

Em Santa Catarina, a safra 2012/13 seguiu a trajetória de decréscimo na área plantada com milho para grão: em relação à safra 2011/12, o decréscimo de área foi de 7,8%. Ainda assim, como as condições climáticas foram bem mais favoráveis que na safra anterior, que sofreu com uma longa estiagem, houve aumento de 25,7% no seu rendimento médio e de 15,9% na sua produção (Tabela 9).

No que diz respeito à distribuição regional da área plantada no Estado, embora a tendência de decréscimo de área ocorra em praticamente todas as microrregiões catarinenses (exceto na de Ituporanga, onde algumas áreas de topografia mais plana têm sido utilizadas para produção de grãos), nas safras recentes são observadas importantes variações na participação de algumas microrregiões. Destaca-se, sobretudo, o caso da Microrregião de Chapecó, que entre as safras 2008/09 e 2012/13 teve uma redução de 44% na área plantada. Com isso, a sua participação no total da área estadual decresceu de 20% para 14,9% (Tabela 10).

Nas últimas safras, boa parte dessa redução da área de plantio catarinense é explicada pela relação desfavorável do preço do milho com o preço da soja, que tem feito com que, onde e quando possível, os produtores optem pelo cultivo da soja em detrimento do milho. Como isso tem se repetido nos anos recentes, pela primeira vez na história de Santa Catarina a safra 2012/13 teve área de plantio de milho para grão inferior à área de soja.

Numa retrospectiva mais longa existem outros fatores explicativos para a redução da área de milho, entre os quais se pode destacar: a perda da atratividade econômica para muitos produtores de baixa escala de produção; as mudanças nos sistemas de produção de suínos (há alguns anos, boa parte dos suinocultores produziam parte ou todo milho que consumiam na alimentação dos animais); o fato de muitos produtores de leite destinarem parte crescente das suas tradicionais áreas de milho para grão para a silagem. Dessa forma, desde meados da década de 1990, a área plantada no Estado foi reduzida em 577 mil hectares; 482 mil hectares dos quais na Mesorregião Oeste Catarinense (Tabela 11).

No que diz respeito ao abastecimento estadual, o ano de 2012 foi o de maior de maior déficit de milho da história. Apesar do crescimento da produção catarinense da safra 2012/13 contribuir para que essa situação não se repita em 2013, com a continuidade da expansão das produções de suínos e aves, o quadro não se alterou muito e Santa Catarina repete a já tradicional necessidade de complementação com milho de outras origens.

Menos mal para os produtores dessas cadeias produtivas, particularmente para os suinocultores que, mesmo com as exportações brasileiras favorecidas, os preços do milho têm apresentado tendência decrescente neste ano de 2013. Tomando como referência uma das principais praças de comercialização de Santa Catarina, de dezembro de 2012 a agosto de 2013, os preços decresceram 28,5% aos produtores e 24,5% no mercado atacadista (Tabela 12).

No que tange à perspectiva para a safra brasileira 2013/14, em face da grande produção brasileira da 2ª safra 2012/2013, da expectativa de recuperação da produção e das exportações dos EUA e da redução dos preços internos, na 1ª safra o milho deve perder novamente área para a soja e, com isso, se ampliará a importância da 2ª safra para o abastecimento interno. Em âmbito estadual também haverá ampliação da área de soja em detrimento da área de milho, o que tende a ampliar ainda mais o déficit catarinense de milho.

Tabela 9/I. Milho em grão – Área e produção de Santa Catarina – Safras 2003/04-2012/13

Safra	Área plantada (mil ha)	Produção (mil t)	Rendimento médio (kg/ha)
2003/04	816,1	3.257,8	3.992
2004/05	796,1	2.695,2	3.386
2005/06	784,2	2.886,1	3.680
2006/07	695,0	3.793,4	5.458
2007/08	715,8	4.089,2	5.713
2008/09	648,5	3.244,5	5.003
2009/10	582,2	3.653,8	6.276
2010/11	542,4	3.651,8	6.732
2011/12	525,3	2.870,5	5.465
2012/13	484,4	3.326,3	6.867

Fonte: IBGE - Produção Agrícola Municipal e LSPA (agosto 2013).

Tabela 10/I. Milho em grão – Área e produção das principais microrregiões de SC – Safras 2008/09-2012/13

Microrregião geográfica	Área plantada (mil ha)					Produção (mil t)				
	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13
Chapecó	129,8	106,7	95,2	77,1	72,2	591,0	646,0	622,1	305,6	530,9
Joaçaba	87,5	86,1	78,5	75,8	70,5	514,8	598,9	564,9	483,3	491,4
São Miguel do Oeste	77,6	71,9	57,9	60,1	59,1	362,1	425,3	396,1	209,7	391,6
Canoinhas	69,9	63,8	66,9	66,2	53,7	402,0	537,9	594,8	557,2	484,0
Campos de Lages	49,2	46,2	45,5	41,0	41,6	193,0	211,9	240,7	211,2	220,7
Xanxerê	53,5	39,3	38,4	41,2	40,0	322,3	308,4	301,1	232,4	356,5
Concórdia	50,8	44,8	42,6	40,1	37,9	208,8	250,1	244,5	184,2	204,1
Curitibanos	45,6	40,1	37,5	39,8	34,6	275,7	288,4	279,9	270,0	237,9
Rio do Sul	24,1	22,9	21,2	23,3	24,3	106,5	116,5	113,4	127,8	138,3
Ituporanga	9,5	9,4	10,7	12,9	12,4	47,0	52,3	69,2	79,0	81,6
Outras microrregiões	51,0	51,0	48,1	47,8	38,1	221,4	218,1	225,1	210,0	189,3
Santa Catarina	648,5	582,2	542,4	525,3	484,4	3.244,5	3.653,8	3.651,8	2.870,5	3.326,3

Fonte: IBGE - Produção Agrícola Municipal.

Tabela 11/I. Milho em grão – Área e produção das mesorregiões de SC – Diversas safras

Mesorregião geográfica	Área plantada (mil ha)					Produção (mil t)				
	1995/96	1999/00	2004/05	2009/10	2012/13	1995/96	1999/00	2004/05	2009/10	2012/13
Oeste Catarinense	761,5	557,1	532,4	348,7	279,7	2.718,2	2.260,5	1.643,3	2.228,7	1.974,5
Norte Catarinense	92,8	80,1	80,4	72,4	61,0	365,9	424,6	456,1	583,4	528,7
Serrana	88,6	93,6	95,7	86,3	76,2	232,1	366,7	284,2	500,3	458,6
Vale do Itajaí	67,9	54,0	46,4	37,1	39,5	167,4	211,6	145,3	183,3	229,5
Grande Florianópolis	14,4	11,5	11,5	11,0	5,5	39,5	37,8	44,0	44,7	23,6
Sul Catarinense	36,4	29,6	29,6	26,6	22,5	128,1	102,2	122,4	113,4	111,4
Santa Catarina	1.061,6	826,0	796,1	582,2	484,4	3.651,2	3.403,3	2.695,2	3.653,8	3.326,3

Fonte: IBGE - Produção Agrícola Municipal.

Tabela 12/I. Milho – Preços médios⁽¹⁾ mensais aos produtores e no mercado atacadista – 2010-13

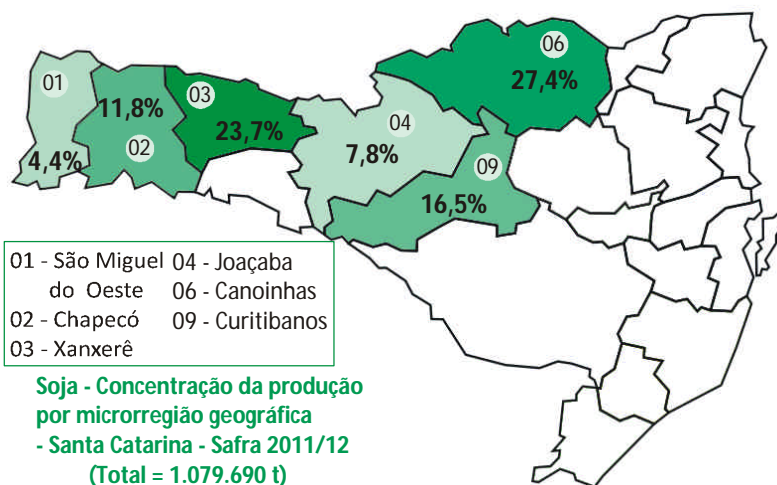
Ano/mês	Preço ao produtor				Preço no atacado			
	2010	2011	2012	2013	2010	2011	2012	2013
Janeiro	16,33	23,00	25,46	28,35	20,57	28,00	30,71	33,35
Fevereiro	15,44	24,68	25,28	27,06	19,44	29,68	29,50	32,09
Março	15,40	24,21	24,27	24,17	18,07	29,00	28,95	28,64
Abril	15,00	25,09	23,21	21,34	17,87	29,25	27,96	26,34
Maio	14,90	24,21	22,38	21,95	18,22	28,24	27,38	26,95
Junho	15,45	24,38	22,05	22,40	18,02	29,43	27,05	27,40
Julho	15,00	24,55	25,73	21,59	17,00	29,55	30,73	26,59
Agosto	16,23	24,33	28,72	21,36	20,35	29,07	33,72	26,36
Setembro	19,65	25,26	27,55		23,65	30,45	32,55	
Outubro	21,00	25,47	27,95		25,11	30,16	32,95	
Novembro	22,45	24,53	29,84		26,71	28,78	34,84	
Dezembro	21,21	23,63	29,86		25,42	28,63	34,93	

⁽¹⁾ Saca de 60 kg na praça de Chapecó.

Fonte: Epagri/Cepa.

SOJA

Julio Alberto Rodigheri
Eng. Agr. - Epagri/Cepa
juliorodigheri@epagri.sc.gov.br



Produção e mercado mundiais

Os dados do mercado internacional da soja divulgados pelo USDA não trazem modificações nos rumos da última safra nem nas previsões da próxima safra que vai começar a ser plantada. Em ambas Brasil e EUA continuam a disputar como maiores produtores e exportadores mundiais, ficando a Argentina em terceiro. A China continua disparada na frente como maior consumidora e maior importadora, sendo inclusive a maior importadora do Brasil. A União Europeia é a segunda importadora mundial, mas muito atrás da China (Tabelas 1 e 2).

O USDA prevê que os EUA continuarão à frente do Brasil na produção da safra 2013/14, com diferença abaixo de um milhão de toneladas (88,6 e 88,0 milhões de t). As previsões no Brasil indicam que o crescimento de área plantada na região Centro-Oeste e o rendimento na produção nacional colocará o Brasil à frente já na safra vindoura. As exportações são mais difíceis de prever, pois dependem de muitas variáveis, algumas de fora do setor agrícola, como o comportamento das economias dos países importadores, no caso brasileiro principalmente da China.

Os estoques mundiais, segundo o USDA, recuperaram-se depois de 2011/12 e serão os mais altos dos últimos sete anos (Tabela 3). Nos EUA, os estoques também devem se recuperar, voltando aos níveis de 2009/10, mas ainda abaixo dos do ano seguinte e de 2007/08 (Tabela 4).

A Argentina se destaca por manter estoques muito altos em relação a sua produção, às vezes equivalentes à metade de uma safra. O previsto para a safra 2012/13 é de 26,1 milhões de toneladas de estoque final sobre uma safra de 49,4 (Tabela 5).

Tabela 1/I. Soja – Principais produtores mundiais – Safras 2007/08-2013/14

País	(milhões t)						
	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014 ⁽¹⁾
Estados Unidos	72,9	80,5	91,4	90,6	84,2	82,1	88,6
Brasil	61,0	57,0	69,0	74,5	66,5	82,0	88,0
Argentina	46,2	32,0	54,5	49,5	40,1	49,4	53,5
China	16,0	16,0	15,0	15,2	14,5	12,8	12,2
Subtotal	196,1	185,5	229,9	229,8	205,3	226,3	242,3
Outros países	25,1	25,1	30,9	33,7	33,8	41,2	39,4
Total	221,2	210,6	260,8	263,5	239,1	267,5	281,7

⁽¹⁾ Previsão.

Fonte: Usda (agosto/13).

Tabela 2/I. Soja – Principais países do mercado – Safras 2012/13 e 2013/14⁽¹⁾

(milhões t)

País	Produtores		Importadores		Consumidores		Exportadores	
	2012/13	2013/14 ⁽¹⁾	2012/13	2013/14 ⁽¹⁾	2012/13	2013/14 ⁽¹⁾	2012/13	2013/14 ⁽¹⁾
Estados Unidos	82,1	88,6	1,1	0,4	48,6	48,2	35,8	37,3
Brasil	82,0	88,0	0,4	0,1	37,8	40,1	41,0	42,5
Argentina	49,4	53,5	0,0	0,0	35,0	39,2	6,4	12,7
China	12,8	12,5	59,5	69,0	75,8	79,3	0,3	0,2
União Europeia-27	0,4	1,1	12,2	12,1	13,1	13,1	0,1	0,1
Japão	0,1	0,2	2,7	2,7	2,9	3,0	0,0	0,0
México	0,1	0,3	3,3	3,5	3,7	3,8	0,0	0,0
Subtotal	226,9	244,2	79,2	87,8	216,9	226,7	83,6	92,8
Outros países	40,6	37,5	15,6	16,6	41,0	30,2	14,1	14,6
Total	267,5	281,7	94,8	104,4	257,9	256,9	97,7	107,4

⁽¹⁾ Previsão (setembro de 2013).

Fonte: Usda.

Tabela 3/I. Soja – Oferta/demanda mundial – Safras 2007/08-2013/14

(milhões t)

Discriminação	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13	2013/14 ⁽¹⁾
Estoque inicial	62,5	52,9	42,7	59,3	70,2	54,9	62,2
Produção	218,2	212	260,8	263,5	236	267,5	281,7
Moagem	203,8	192,7	209,5	225,3	224,6	228,6	237,9
Exportação	76,6	77,2	92,6	94,5	90,5	97,7	107,4
Cons. doméstico	231	220,8	238,4	255,8	253,8	255,9	268,7
Estoque final	52,9	42,7	59,3	70,2	51,9	61,5	72,3

⁽¹⁾ Previsão (setembro de 2013).

Fonte: Usda.

Tabela 4/I. Soja – Oferta/demanda - Estados Unidos – Safras 2007/08-2013/14

(milhões t)

Discriminação	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13	2013/14 ⁽¹⁾
Estoque inicial	15,6	5,6	3,8	4,1	5,8	4,6	3,4
Produção	70,4	80,7	91,4	90,6	83,2	82,1	85,7
Moagem	49,8	45,2	47,7	44,9	46	45,9	45
Exportação	31,2	34,8	40,8	41,9	36,7	35,8	37,3
Cons. doméstico	51,4	48,1	50,6	48,3	48,7	48,6	48,2
Estoque final	5,6	3,8	4,1	4,9	3,9	3,4	4,1

⁽¹⁾ Previsão (setembro de 2013).

Fonte: Usda.

Tabela 5/I. Soja – Oferta/demanda - Argentina – Safras 2010/11 -2013/14

(milhões t)

Discriminação	2010/11	2011/12	2012/13	2013/14 ⁽¹⁾
Estoque inicial	22,3	22,9	18,1	26,1
Produção	49,0	41,0	49,4	53,5
Moagem	37,6	36,2	33,3	37,5
Exportação	9,2	7,8	6,4	12,7
Cons. doméstico	39,2	37,8	35,0	39,2
Estoque final	22,9	18,3	26,1	27,7

⁽¹⁾ Previsão (setembro de 2013).

Fonte: Usda.

Produção e mercado nacionais

A produção brasileira de soja evolui principalmente nas regiões Centro-Oeste, Norte e Nordeste. Da safra 2006/07 para a safra 2012/13, Mato Grosso, Tocantins e Maranhão aumentaram suas participações e Goiás manteve, enquanto Paraná, Rio Grande do Sul diminuíram. Apesar do grande crescimento de área cultivada, que provocou a diminuição da área de milho no estado, Santa Catarina manteve sua participação (Tabela 6).

As exportações brasileiras de soja crescem numa proporção muito maior do que a produção. Da safra 2007/08 até a safra 2011/12 a produção cresceu 10,6% e as exportações 34,3%. Isso só foi possível porque as necessidades internas já estavam sendo atendidas (Tabela 7).

Os maiores importadores da soja brasileira são a China, a Holanda, a Espanha e a França. A China está muito à frente dos demais países importadores, mas a Holanda também se destaca dos subsequentes, provavelmente porque parte dessa soja na verdade só passa pela Holanda e tem outro destino final (Tabela 8).

Tabela 6/I. Soja – Principais estados produtores - Brasil – Safras 2006/7-2012/13

(mil t)

Estado	2006/07	Part %	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13	Part. %
Mato Grosso	15.359	26,3	17.848	17.963	18.767	20.412	21.849	23.533	28,9
Paraná	11.916	20,4	11.896	9.510	14.079	15.424	10.942	15.912	19,5
Rio Grande do Sul	9.925	17,0	7.775	7.913	10.219	11.621	6.527	12.535	15,4
Goiás	6.114	10,5	6.544	6.836	7.343	8.182	8.251	8.563	10,5
Mato Grosso do Sul	4.881	8,4	4.569	4.198	5.308	5.169	4.628	5.809	7,1
Bahia	2.297	3,9	2.748	2.418	3.111	3.507	3.183	2.692	3,3
Minas Gerais	2.568	4,4	2.537	2.751	2.871	2.914	3.059	3.375	4,1
São Paulo	1.438	2,5	1.447	1.307	1.586	1.708	1.597	2.051	2,5
Maranhão	1.084	1,9	1.263	975	1.331	1.600	1.651	1.686	2,1
Santa Catarina	1.112	1,9	947	975	1.345	1.489	1.085	1.555	1,9
Tocantins	647	1,1	911	856	1.071	1.228	1.383	1.536	1,9
Subtotal	57.340	98,2	58.483	55.701	67.031	73.254	64.155	79.247	97,3
Outros estados	1.052	1,8	1.534	1.465	1.657	2.070	2.228	2.210	2,7
Total	58.392	100,0	60.018	57.166	68.688	75.324	66.383	81.457	100,0

Fonte: Conab.

Tabela 7/I. Soja e derivados – Exportações brasileiras – 2008-13

Ano/ Produto	Grão		Óleo		Tortas		Total
	(milhões de t)	(bilhões de US\$)	(milhões de t)	(bilhões de US\$)	(milhões de t)	(bilhões de US\$)	(bilhões de US\$)
2008	24,499	11,0	2,316	2,7	12,288	4,4	18,1
2009	28,563	11,4	1,594	1,2	12,253	4,6	17,3
2010	29,073	11,0	1,564	1,4	13,669	4,7	17,1
2011	32,986	16,3	1,741	2,1	14,355	5,7	24,2
2012	32,916	17,5	1,757	2,1	14,289	6,6	26,1
Até 08/2013	37,134	19,8	0,810	0,9	8,662	4,3	24,9
Total	185,171	87,0	9,782	10,4	75,515	30,3	127,7

Fonte: MDIC/Secex – Sistema Alice.

Tabela 8/I. Soja e derivados – Exportações brasileiras - Principais mercados – 2008-13

(milhões de dólares)

País	2008	2009	2010	2011	2012	Até 08/2013	Total 2008-2013
China	6.154,2	6.750,6	7.919,9	11.729,8	12.959,2	15.377,3	60.891,0
Países Baixos (Holanda)	2.277,3	1.957,2	1.762,7	2.354,6	2.518,0	2.209,4	13.079,3
Espanha	1.327,3	1.044,5	943,0	1.441,2	1.299,5	847,5	6.902,9
França	1.292,1	1.107,1	853,4	992,7	1.130,6	585,3	5.961,2
Tailândia	803,6	710,5	913,6	1.140,9	1.222,5	711,5	5.502,5
Alemanha	891,9	890,9	576,7	763,8	1.064,5	518,5	4.706,2
Coreia do Sul	461,7	558,1	472,2	480,9	493,7	504,6	2.971,1
Reino Unido	461,1	418,9	349,6	412,8	369,2	233,9	2.245,5
Itália	661,2	395,7	324,9	211,1	342,5	298,0	2.233,3
Taiwan (Formosa)	75,7	216,4	247,5	482,4	607,8	462,3	2.092,0
Japão	215,3	261,0	216,9	344,3	389,2	385,2	1.812,0
Irã	296,6	227,6	187,3	322,1	488,7	186,3	1.708,7
Vietnã	23,1	47,3	132,9	394,4	431,6	416,7	1.446,0
Portugal	273,9	284,4	288,4	99,7	301,3	125,5	1.373,3
Subtotal	15.214,9	14.870,1	15.189,1	21.170,6	23.618,3	22.862,0	112.925,0
Outros países	2.771,5	2.380,8	1.925,7	2.983,8	2.503,7	2.025,0	14.590,5
Total	17.986,4	17.250,9	17.114,8	24.154,4	26.122,0	24.887,0	127.515,5

Fonte: MDIC/Secex – Sistema Alice.

Produção e mercado estaduais

A produção catarinense de soja de 2007/08 para 2012/13 aumentou 64,3%, com o crescimento de 35,2% da área plantada e o aumento de 21,5% do rendimento médio. O rendimento aumentou porque Santa Catarina tem um nível tecnológico igual aos melhores estados do Brasil, o que em tempos normais proporciona o crescimento constante da produtividade. O crescimento da área ocorreu por questões de mercado, que foram consideradas ano a ano melhores para a soja do que para o milho, que perdeu área, uma vez que não há mais fronteira agrícola para aumentar os cultivos de verão (Tabela 9).

O aumento da produção na safra 2012/13 retomou a autossuficiência de soja para Santa Catarina, a qual fora perdida na safra anterior. Nesse período, se o déficit de produção do milho aumentou com a queda da área do milho, com a soja aconteceu o contrário: o produto passou a ter folga no suprimento do estado para consumo industrial, animal e humano (Tabela 10).

A evolução da produção não é uniforme no estado. As diversas microrregiões tiveram comportamento diferenciado no período 2007/08 a 2010/11. Nas sete principais microrregiões houve variação de crescimento de 81,6% em Joaçaba a 36,5% em Canoinhas, para uma média estadual de 57,4% (Tabela 11).

Os preços da soja se tornaram especialmente importantes nas últimas safras, a ponto de ultrapassarem o âmbito do produto, interferindo inclusive nas outras lavouras plantadas na mesma área e na mesma época. Como não há mais fronteira agrícola no estado e, por ser preferida pelos produtores, a soja ocupou a área do milho, devido a um conjunto de fatores, como maior liquidez, fluxo de comercialização mais rápido, menor sensibilidade à seca e principalmente preço.

Há alguns anos dizia-se que, se o preço da soja fosse o dobro, o negócio da soja seria mais vantajoso que o do milho. Agora cálculos apontam que, se o preço da soja for 2,3 vezes o do milho, deve-se optar pela soja. Comparando-se os dois preços, no período de janeiro de 2012 até outubro de 2013, constata-se que, à exceção de janeiro de 2012 (relação foi 1,7) e janeiro de 2013 (relação foi 2,2), os preços da soja quase sempre estiveram acima de 2,3 vezes os preços do milho (limite) - Figura 1. Por isso, a tendência é de que a área de milho plantada para a próxima safra seja 25 mil hectares menor do que a safra 2012/13, enquanto a de soja deve crescer 10 mil hectares, segundo a previsão da Conab.

Tabela 9/I. Soja – Área, produção e rendimento - Santa Catarina – Safras 2007/08-2012/13

Discriminação	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12 ^(*)	2012/13
Produção (mil t)	946,6	993,9	1.374,0	1.489,2	1.084,9	1.555,4
Área (mil ha)	373,4	385,4	440,4	458,2	448,3	505,0
Rendimento (kg/ha)	2.535	2.579	3.120	3.250	2.420	3.080

(*) Dado preliminar de setembro de 2013 - Conab
Fonte: IBGE e Conab.

Tabela 10/I. Soja – Estimativa de oferta e demanda - Santa Catarina – Safras 2005/06-2012/13

(mil t)

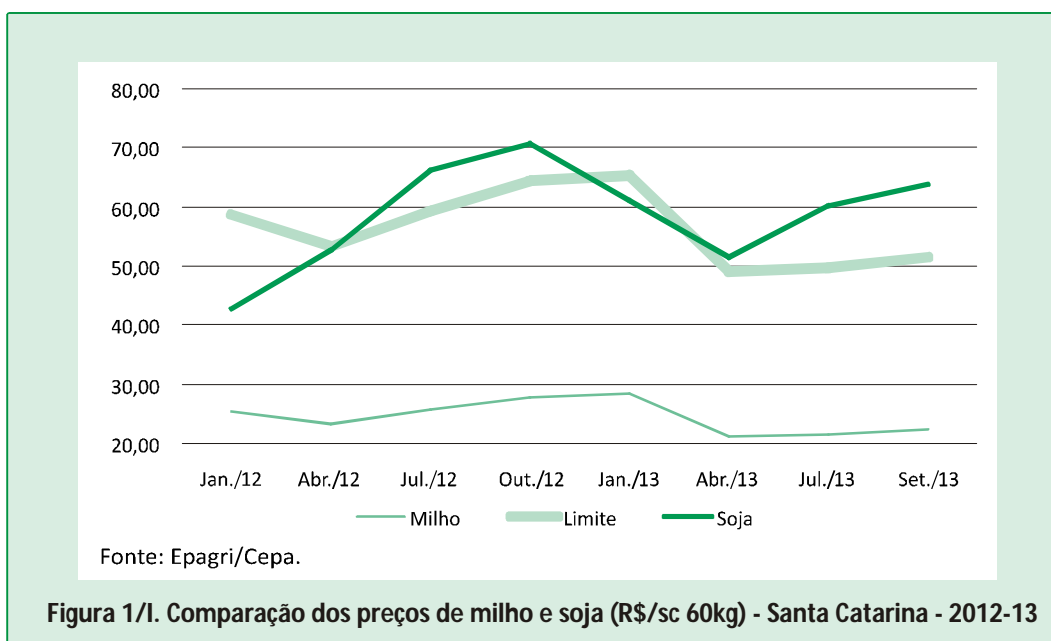
Safra	Oferta	Demanda						Saldo
		Consumo			Reserva para semente	Perdas	Total	
		Animal "in natura"	Humano "in natura"	Industrial e saídas				
2005/06	799	7	4	1.090	21	19	1.142	-343
2006/07	1.112	7	4	1.090	21	19	1.141	-29
2007/08	947	7	4	1.060	22	20	1.113	-166
2008/09	994	7,1	4,2	1.080	22,3	20,3	1.134	-140
2009/10	1.374	7,3	4,2	1.100	4,5	23	1.139	235
2010/11	1.489	7,6	4,3	1.112	15	23,5	1.162	327
2011/12	1.085	5	4,4	1.115	20	21	1.165	-80
2012/13	1.555	4	6,7	1.126	25	20	1.182	373

Fonte: IBGE, Conab, Epagri/Cepa.

Tabela 11/I. Soja – Área, produção e rendimento por microrregião geográfica - Santa Catarina – 2008-11

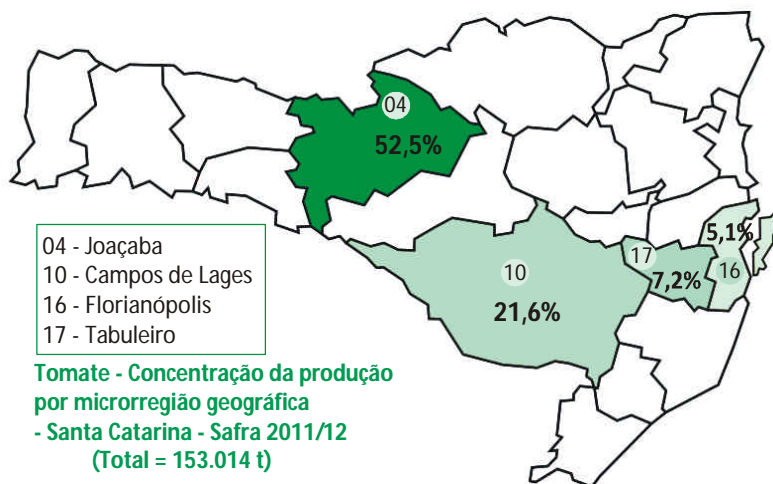
MRG	Área plantada (mil ha)				Quantidade produzida (mil t)				Rendimento médio (kg/ha)			
	2008	2009	2010	2011	2008	2009	2010	2011	2008	2009	2010	2011
Xanxerê	112	112	127	127	273	326	418	438	2.445	2.916	3.291	3.449
Canoinhas	85	90	98	99	252	237	329	344	2.951	2.652	3.357	3.475
Chapecó	57	60	71	76	135	141	208	234	2.358	2.338	2.930	3.079
Curitibanos	56	56	65	70	135	137	199	216	2.416	2.443	3.062	3.086
São Miguel Oeste	23	24	29	30	56	50	85	97	2.389	2.068	2.931	3.233
Joaçaba	21	22	25	29	49	54	76	89	2.275	2.405	3.040	3.069
Campos de Lages	12	12	16	17	30	26	38	49	2.526	2.129	2.375	2.882
Subtotal	366	376	431	448	930	971	1.353	1.467	2.526	2.129	3.139	3.275
Outras MRG	7	9	9	9	17	23	25	24	2.526	2.129	2.778	2.667
Santa Catarina	373	385	440	457	947	994	1.378	1.491	2.526	2.129	3.132	3.263

Fonte: IBGE.



TOMATE

Evandro Uberdan Anater
Téc. Agric. - Licenciado em Estudos Sociais -
Epagri/Cepa-Joaçaba
anater@epagri.sc.gov.br



Produção e mercado mundiais

Os números mais recentes sobre a safra mundial de tomates disponibilizados pela FAO são os relativos à safra 2010/11. Comparados às safras imediatamente anteriores indicam expansão da produção de 4,58% sobre a 2009/10 e 3% sobre a 2008/09. A área teve comportamento similar: cresceu 4,4% ante a safra 2009/10 e 4,2% sobre a 2008/09.

Dentre os dez maiores produtores as novidades são o substancial aumento da produção na Índia, a redução da produção nos Estados Unidos, o fato de a produção do Irã suplantar a da Itália e o Brasil, com produção de 4,4 milhões de toneladas, aparecer como 8º maior produtor mundial, superando a Espanha. No que tange ao rendimento médio, as variações observadas nas safras recentes são pouco significativas (Tabela 1).

A produção está cada vez mais concentrada no Continente Asiático, que detinha 55% da produção mundial na safra 2008/09 e passou a 61% na safra 2010/11. No mesmo período, todos demais continentes reduziram produção e participação, a exemplo da Oceania, onde essa redução foi mais significativa. No que tange à produtividade, o melhor desempenho ocorreu no continente americano, depois na Europa, na Oceania e na Ásia (Tabela 2 e Figura 1).

A produção da América do Sul variou pouco nessas três safras e o Brasil é o grande produtor da região. O segundo é o Chile, mas com produção bem inferior (Tabela 3).

Os números do comércio mundial são um pouco mais defasados que os da safra, mas mostram um mercado em expansão. As exportações atingiram 7,1 milhões de toneladas na safra 2009/10, respectivamente, 3% e 9,6% a mais que as safras 2009/10 e 2007/08. Os continentes europeu e americano são os maiores responsáveis pelas exportações e importações mundiais (Tabelas 4 e 5).

Tabela 1/I. Tomate – Mundo e principais países - Comparativo de safras 2008/09–2010/11

Discriminação	Área colhida (ha)			Quantidade produzida (mil t)			Rendimento médio (t/ha)		
	2008/09	2009/10	2010/11	2008/09	2009/10	2010/11	2008/09	2009/10	2010/11
Mundo	4.544.525	4.532.372	4.734.356	154.386,2	152.055,3	159.023,4	34,0	33,5	33,6
China	920.803	951.735	985.903	45.365,5	46.876,1	48.576,9	49,3	49,3	49,3
Índia	599.100	634.400	865.000	11.148,8	12.433,2	16.826,0	18,6	19,6	19,5
EUA	176.650	158.590	148.730	14.181,3	12.858,7	12.624,7	80,3	81,1	84,9
Turquia	330.507	304.000	269.584	10.745,6	10.052,0	11.003,4	32,5	33,1	40,8
Egito	251.838	216.385	212.446	10.278,5	8.545,0	8.105,3	40,8	39,5	38,2
Irã	163.539	146.985	183.931	5.887,7	5.256,1	6.824,3	36,0	35,8	37,1
Itália	123.624	118.822	103.858	6.878,2	6.024,8	5.950,2	55,6	50,7	57,3
Brasil	67.605	67.892	71.473	4.310,5	4.106,9	4.416,7	63,8	60,5	61,8
Espanha	62.200	59.300	49.913	4.603,6	4.312,7	3.821,5	74,0	72,7	76,6
Uzbequistão	55.000	57.000	58.000	2.110,0	2.347,0	2.585,0	38,4	41,2	44,6
Subtotal	2.750.866	2.715.109	2.948.838	115.509,7	112.812,4	120.733,9	42,0	41,5	40,9

Fonte: FAO (junho de 2013).

Tabela 2/I. Tomate – Comparativo de safras por Continente - Safras 2008/09–2010/11

Continente	Área colhida (ha)			Quantidade produzida (mil t)			Rendimento médio (t/ha)		
	2008/09	2009/10	2010/11	2008/09	2009/10	2010/11	2008/09	2009/10	2010/11
Ásia	2.481.670	2.518.466	2.793.454	85.397,0	87.267,1	96.475,2	34,4	34,7	34,5
Américas	521.260	477.700	459.459	26.048,1	24.623,2	24.196,0	50,0	51,5	52,7
Europa	571.128	547.928	529.444	23.448,8	21.727,0	21.427,9	41,1	39,7	40,5
África	962.411	979.106	942.436	18.953,3	17.860,2	16.554,7	19,7	18,2	17,6
Oceania	8.055	9.172	9.563	539,0	577,9	369,5	66,9	63,0	38,6
Mundo	4.544.524	4.532.372	4.734.356	154.386,2	152.055,3	159.023,4	34,0	33,5	33,6

Fonte: FAO (julho de 2013).

Tabela 3/I. Tomate – Comparativo de safras da América do Sul - Safras 2008/09–2010/11

Discriminação	Área colhida (ha)			Quantidade produzida (mil t)			Rendimento médio (t/ha)		
	2008/09	2009/10	2010/11	2008/09	2009/10	2010/11	2008/09	2009/10	2010/11
América do Sul	140.447	141.866	140.122	7.001,5	6.911,0	7.139,5	49,9	48,7	51,0
Brasil	67.605	67.892	71.473	4.310,5	4.106,9	4.416,7	63,8	60,5	61,8
Chile	13.000	13.800	13.864	850,0	900,0	872,5	65,4	65,2	62,9
Argentina	17.021	16.903	15.871	713,5	720,7	698,7	41,9	42,6	44,0
Colômbia	16.943	16.227	15.185	514,6	546,3	595,3	30,4	33,7	39,2
Venezuela	9.500	9.434	8.858	200,0	202,0	195,9	21,1	21,4	22,1
Subtotal	124.069	124.256	125.251	6.588,6	6.475,9	6.779,0	53,1	52,1	54,1

Fonte: FAO (junho de 2013).

Tabela 4/I. Tomate – Exportações mundiais por Continente - Safras 2007/08–2009/10

(mil US\$)

Discriminação	2007/08	2008/09	2009/10
Mundo	7.371.475	7.022.862	8.278.380
Ásia	996.084	1.044.412	1.336.020
Américas	1.860.966	1.841.608	2.355.254
Europa	4.207.668	3.772.678	4.222.071
África	296.502	352.595	350.491
Oceania	10.255	11.569	14.544

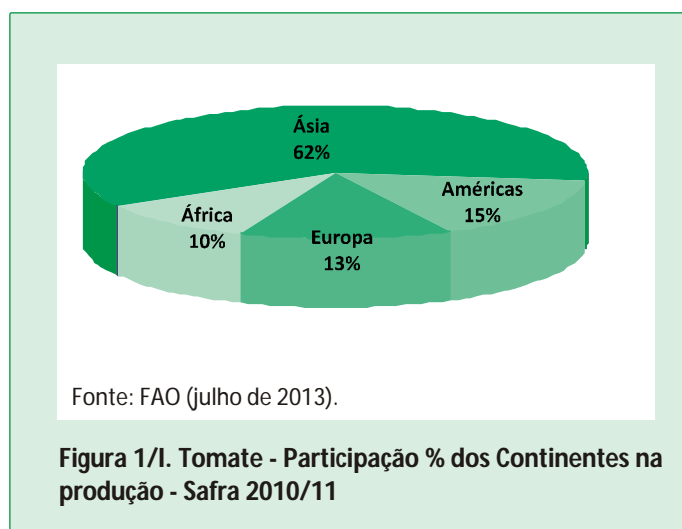
Fonte: FAO (julho de 2013).

Tabela 5/I. Tomate – Importações mundiais por Continente - Safras 2007/08–2009/10

(mil US\$)

Discriminação	2007/08	2008/09	2009/10
Mundo	7.317.211	7.118.201	8.389.837
Ásia	255.795	341.597	592.511
Américas	1.847.025	1.820.342	2.276.542
Europa	5.192.245	4.933.551	5.492.648
África	13.216	13.249	16.892
Oceania	8.930	9.462	11.244

Fonte: FAO (julho de 2013).



Produção e mercado nacionais

Como a produção de tomate não envolve investimentos exorbitantes em capital fixo, o comportamento dos produtores em relação ao plantio é fortemente influenciado pela safra anterior, cujo desempenho produtivo e, principalmente, o resultado econômico causam importantes variações de área de plantada.

Assim, como a safra 2011/12 foi caracterizada por preços ruins e perdas decorrentes de problemas climáticos (excesso de calor e conseqüente antecipação da maturação das lavouras), muitos produtores investiram pouco na safra 2012/13, o que redundou não apenas em baixa produtividade como também em baixa qualidade.

Com isso, em determinados períodos da comercialização da safra criou-se um vácuo de oferta e os preços foram experimentando novos patamares a cada dia. Os níveis e variações de preços foram tão significativos que sugestionaram manchetes, reportagens e entrevistas veiculadas até em telejornais em horário nobre no País.

Independentemente dessa exploração midiática, o fato é que a cultura do tomate perdeu muito espaço nas últimas safras. Apenas entre as safras 2010/11 e 2012/13 houve uma redução de 22,6% na área plantada. A redução da produção foi um pouco menor (16,8%) por conta do crescimento do rendimento médio de alguns importantes estados produtores. Dentre os principais estados produtores chama atenção a redução de área nos estados da Bahia e Pernambuco (Tabela 6).

Em termos regionais destacam-se as regiões Sudeste e Centro-Oeste do País, seguidas de longe pelas regiões Sul e Nordeste. A Região Norte tem safra bem menos significativa (Tabela 7).

Tabela 6/I. Tomate – Comparativo de safras do Brasil e principais estados – 2010/11-2012/13

Discriminação	Área plantada (mil ha)			Quantidade produzida (mil t)			Rendimento médio (t/ha)		
	2010/11	2011/12	2012/13	2010/11	2011/12	2012/13	2010/11	2011/12	2012/13
Brasil	71,7	55,7	55,5	4.416,7	3.648,0	3.671,4	61,6	65,5	66,2
Goiás	18,7	11,8	13,5	1.441,0	1.157,1	1.153,1	77,1	97,8	85,2
São Paulo	13,1	10,2	10,2	827,1	656,1	675,2	63,2	64,6	66,5
Minas Gerais	7,4	6,9	7,7	476,1	444,6	518,4	64,6	64,6	67,4
Paraná	5,7	5,6	4,9	347,5	338,4	286,0	60,8	60,6	58,0
Rio de Janeiro	2,6	2,6	2,4	195,5	195,7	180,1	74,5	74,8	76,3
Santa Catarina	2,9	2,3	2,4	187,9	153,0	165,3	65,6	66,2	67,8
Espírito Santo	1,9	2,0	2,3	134,4	136,4	164,2	70,1	68,8	72,6
Ceará	2,2	2,3	2,9	114,6	106,5	132,0	51,2	46,1	44,8
Bahia	8,1	4,4	2,1	341,0	179,7	124,3	42,1	40,4	58,2
Rio G. do Sul	2,4	2,3	2,3	106,5	107,6	113,5	45,2	46,3	48,5
Pernambuco	2,8	2,9	2,1	115,1	100,4	75,8	41,3	35,2	37,0
Outros estados	4,0	2,4	2,6	130,0	72,5	83,7	32,9	30,5	31,6

Fonte: IBGE - Produção Agrícola Municipal.

Tabela 7/I. Tomate - Comparativo de safras do Brasil e regiões - 2010/11-2012/13

Discriminação	Área plantada (mil ha)			Quantidade produzida (mil t)			Rendimento médio (t/ha)		
	2010/11	2011/12	2012/13	2010/11	2011/12	2012/13	2010/11	2011/12	2012/13
Brasil	71,7	55,7	55,5	4.416,7	3.648,0	3.671,4	61,6	65,5	66,2
Sudeste	25,0	21,6	22,5	1.633,1	1.432,8	1.537,9	65,3	66,2	68,4
Centro-Oeste	19,5	12,5	14,4	1.495,8	1.194,1	1.196,8	76,5	95,5	83,0
Sul	10,9	10,2	9,7	641,9	599,0	564,7	58,7	58,6	58,1
Nordeste	14,9	10,9	8,4	622,2	416,7	366,6	41,8	38,4	43,4
Norte	1,3	0,4	0,4	23,6	5,4	5,4	17,8	12,0	12,0

Fonte: IBGE - PAM e LSPA.

Produção e mercado estaduais

O IBGE dimensionou a safra catarinense 2012/13 com uma área 5,6% superior à da safra anterior, porém quase 15% abaixo da área da safra 2010/11. A produção aumentou um pouco mais (8%) em relação à safra passada e diminuiu um pouco menos (12%) em relação à safra 2010/11, porque o rendimento médio (67,8 t/ha) é o melhor das últimas três safras, ainda que não tenha atingido o mesmo patamar da safra 2009/10 (Tabela 8).

Na Microrregião de Joaçaba, destacadamente a mais importante produtora do Estado (Tabela 9), a safra 2012/13 começou, efetivamente, no mês de agosto de 2012, já que no mês de julho não se registrou nenhuma chuva na região. Uma forte massa de ar polar no final de setembro, com formação de sucessivas geadas, trouxe todavia perdas substanciais às lavouras implantadas. Estima-se que na época houve a necessidade de se replantar entre 500 mil a 700 mil pés de tomate (entre 5% e 7% da área estimada de plantio).

As demais microrregiões produtoras do Estado – Tabuleiro, Florianópolis e Campos de Lages – também registraram prejuízos.

Depois desse período, o desenvolvimento da safra chegou a transcorrer dentro da normalidade, mas em fevereiro e março de 2013 as lavouras foram sendo gradativamente prejudicadas pelo excesso de chuva e de dias com chuva (foram 19 em fevereiro e 14 em março).

Com isso, o tomate foi perdendo qualidade (apresentando manchas) e resistência ao transporte, exigindo consumo rápido. A situação se normalizou em abril, mas uma frente fria atrasou a maturação das lavouras mais tardias e parte dessa produção foi perdida com as geadas dos primeiros dias de maio. Isso caracterizou essa safra de ótimos preços para os produtores (Tabelas 10 e 11).

Tabela 8/I. Tomate – Comparativo de safras de Santa Catarina – 2008/09-2012/13

Safra	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (mil t)	Rendimento médio (t/ha)
2008/09	2.736	182,5	66,7
2009/10	2.696	186,9	69,3
2010/11	2.863	187,9	65,6
2011/12	2.310	153,0	66,2
2012/13	2.439	165,3	67,8

Fonte: IBGE - Produção Agrícola Municipal e LSPA.

Tabela 9/I. Tomate – Comparativo de safras das principais microrregiões de SC – 2008/09-2010/11

MRG	Área plantada (ha)			Quantidade produzida (mil t)			Rendimento médio (t/ha)		
	2008/09	2009/10	2010/11	2008/09	2009/10	2010/11	2008/09	2009/10	2010/11
Joaçaba	1.389	1.387	1.381	111,6	118,7	107,1	80,4	85,6	77,6
Tabuleiro	406	406	526	15,9	15,9	25,9	39,3	39,3	49,2
Campos de Lages	231	230	295	21,2	21,2	22,6	91,9	92,2	76,6
Florianópolis	306	265	262	14,1	11,4	12,2	46,2	43,1	46,6
Canoinhas	86	86	108	5,1	5,1	6,5	59,0	59,0	60,0
Outras MRG	318	322	291	14,5	14,6	13,6	45,4	45,4	46,8
Santa Catarina	2.736	2.696	2.863	182,5	186,9	187,9	66,7	69,3	65,6

Fonte: IBGE - Produção Agrícola Municipal.

Tabela 10/I. Tomate⁽¹⁾ -- Preço aos produtores da Microrregião de Joaçaba⁽²⁾ – 2010-13

(cx 20 a 23 kg)

Mês/Ano	2010	2011	2012	2013
Janeiro	14,00	20,08	32,00	37,16
Fevereiro	18,31	18,50	10,56	50,00
Março	35,19	25,82	11,59	55,83
Abril	24,00	14,68	9,00	38,50

⁽¹⁾ Tomate longa vida extra "AA".

⁽²⁾ A colheita na Microrregião de Joaçaba ocorre no período de janeiro a abril.

Fonte: Epagri/Cepa.

Tabela 11/I. Tomate⁽¹⁾ – Preço no atacado da Microrregião de Joaçaba – 2010-13

(cx 20 a 23 kg)

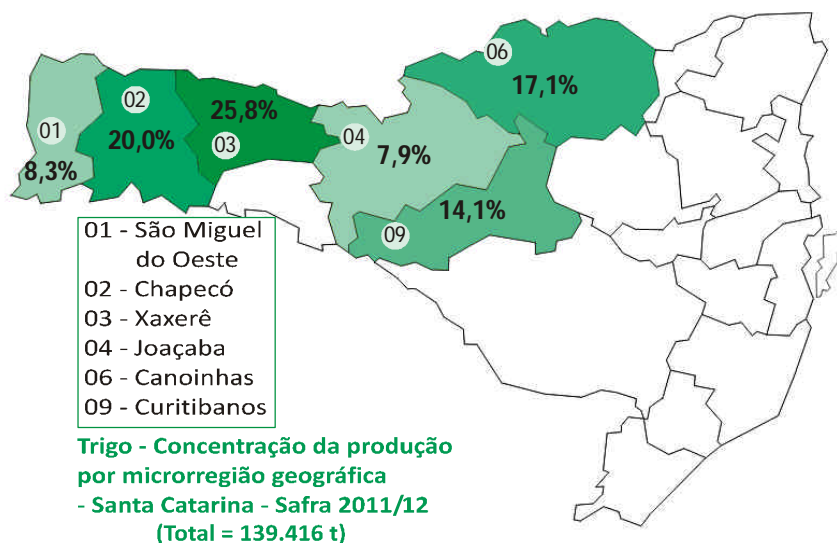
Mês/Ano	2010	2011	2012	2013
Janeiro	25,00	30,69	40,75	54,18
Fevereiro	27,53	41,67	30,00	58,00
Março	49,57	42,22	27,36	69,17
Abril	45,71	39,84	29,67	67,27
Mai	38,89	45,26	39,45	42,30
Junho	38,20	52,35	43,16	61,50
Julho	32,62	44,68	69,32	
Agosto	29,26	48,74	83,39	
Setembro	31,67	45,81	66,89	
Outubro	32,63	47,68	53,91	
Novembro	27,65	48,40	47,53	
Dezembro	28,67	37,87	43,08	

⁽¹⁾ Tomate longa vida extra "AA".

Fonte: Epagri/Cepa.

TRIGO⁽¹⁾

Márcia J.F. da Cunha Varaschin
Economista, MSc
Epagri/Cepa
marciacunha@epagri.sc.gov.br



Produção e mercado mundiais

A safra mundial de trigo 2013/14 deve superar a anterior (safra 2012/13), alcançando o volume de 708,9 milhões de toneladas (Tabela 1), com o crescimento na produção de vários países que são importantes exportadores do cereal. Na União Europeia, os maiores aumentos aconteceram na Espanha, França e Alemanha e, em menor escala na Romênia, Bulgária e Hungria.

No Cazaquistão graças às chuvas abundantes na primavera e no verão, a produtividade teve um incremento que acabou levando a um aumento na produção. O mesmo aconteceu na Rússia e na Ucrânia.

O clima também – solo mais úmido - favoreceu o aumento na produção do Canadá.

Desse modo, a queda na produção dos países da América do Sul – Argentina e Brasil – o primeiro por redução na área plantada e o segundo por problemas climáticos, será perfeitamente compensada pelo aumento destes outros grandes produtores.

Ainda assim o nível de estoques mundiais deve ficar o segundo mais baixo dos últimos dez anos (Tabela 2).

O trigo, diferentemente de outras *commodities*, tem sua oferta no comércio mundial menos concentrada. Em 2010, por exemplo, os cinco maiores exportadores, totalizaram 65,3% do total negociado no mundo, sendo que nenhum deles possui *market share* superior a 20%, individualmente (Tabela 5). Já no caso de soja, a participação relativa dos cinco maiores chega a 98% do mercado, com predominância de dois exportadores (Brasil e EUA). Assim como no milho, o grupo dos cinco maiores detém 93% do comércio total, com predomínio dos EUA. A dispersão na oferta representa outro fator de redução da volatilidade de preço nos mercados.

O Brasil ocupa a terceira posição (em 2010) entre os maiores importadores mundiais de trigo. São muitos os países que importam o cereal. Os dez maiores importadores foram responsáveis por 40,2% do total importado (Tabela 6). Essa pulverização na demanda é mais um fator que dificulta preços abusivos no mercado.

⁽¹⁾ Para este artigo, além de informações da autora, foram utilizadas as seguintes fontes: Conab - IBGE - Boletins diários Zoonews e CNA.
www.fao.org
www.usda.gov
Jornais diversos e internet.

Tabela 1/I. Trigo - Produção mundial e dos principais países produtores - Safras 2009/10-2013/14

(milhões de t)

País	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13 ⁽¹⁾	2013/14 ⁽²⁾
União Europeia	138,82	136,02	138,08	133,05	142,90
China	115,12	115,18	117,40	121,00	121,00
Índia	80,68	80,80	86,87	94,88	92,46
Estados Unidos	60,37	60,06	54,41	61,76	57,54
Rússia	61,77	41,51	56,24	37,72	54,00
Canadá	26,85	23,30	25,29	27,21	31,50
Austrália	21,83	27,41	29,91	22,08	25,50
Paquistão	24,00	23,90	25,00	23,30	24,00
Ucrânia	20,87	16,84	22,32	15,76	22,00
Argentina	12,00	17,20	15,50	10,00	12,00
Cazaquistão	17,05	9,64	22,73	9,84	17,00
Outros países	106,08	100,38	103,42	98,60	108,99
Mundo	685,44	652,24	697,17	655,20	708,89

⁽¹⁾ Estimado.

⁽²⁾ Projetado em setembro/13.

Fonte: Usda (dezembro/2011, dezembro/12 e setembro/13).

Tabela 2/I - Trigo - Balanço mundial de oferta e demanda - Safras 2009/10-2013/14

(milhões de t)

Discriminação	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13 ⁽¹⁾	2013/14 ⁽²⁾
Estoque inicial	167,04	200,26	199,18	199,33	173,85
Produção	685,44	652,24	697,17	655,20	708,89
Consumo	650,34	654,74	696,82	680,67	706,47
Estoque final	200,26	199,18	199,33	173,85	176,28

⁽¹⁾ Estimado.

⁽²⁾ Projetado em setembro/13.

Fonte: Usda (dezembro/2011, dezembro/12 e setembro/13).

Tabela 3/I. Trigo - Principais países consumidores - 2005-09

(mil t)

País	2005	2006	2007	2008	2009
China	91.034	91.159	90.128	90.959	90.714
Índia	64.978	70.248	70.086	61.846	69.679
Estados Unidos	24.842	25.250	25.793	25.301	24.958
Rússia	16.858	17.738	17.679	18.194	18.781
Paquistão	19.222	18.963	19.015	18.859	18.712
Turquia	13.047	13.942	13.946	13.969	14.358
Irã	10.722	10.800	10.936	11.412	11.574
Egito	11.134	10.865	11.002	11.478	11.489
Brasil	9.636	9.823	10.169	10.285	10.335
Itália	8.703	8.631	8.644	8.785	8.686
Subtotal	270.178	277.420	277.398	271.087	279.285
Mundo	425.853	433.372	433.619	428.372	439.418

Fonte: FAO. FAOSTAT. FAO Statistics Division 2012. 3 August 2012.

Tabela 4/I. Trigo - Consumo *per capita* no mundo - 2005-09

(kg/per capita/ano)

País	2005	2006	2007	2008	2009
Azerbaijão	222,3	221,9	222,6	211,3	207,5
Tunísia	206,6	196,1	200,6	198,4	206,0
Argélia	196,2	187,3	183,7	194,8	199,9
Turquia	191,5	201,9	199,3	197,0	199,8
Turquemenistão	197,2	197,3	195,8	194,4	194,1
Líbia	174,0	181,2	174,0	178,5	177,8
Marrocos	177,7	175,8	175,0	175,3	175,4
Uzbequistão	173,0	171,2	171,8	172,3	172,7
Tajiquistão	173,3	165,2	165,9	161,8	166,3
Síria	156,7	157,6	163,3	166,1	162,8
Brasil	51,8	52,3	53,6	53,7	53,5
Mundo	66,9	67,3	66,6	65,1	66,0

Fonte: FAO. FAOSTAT. FAO Statistics Division 2013. 3 August 2013.

Tabela 5/I. Principais países exportadores de trigo e seus derivados⁽¹⁾ - 2006-10

(mil t)

País	2006	2007	2008	2009	2010
Estados Unidos	23.377	32.947	30.093	21.942	27.629
França	16.581	14.386	16.293	16.872	21.082
Canadá	18.498	17.552	15.781	19.279	18.394
Austrália	14.976	6.756	8.278	14.996	15.888
Rússia	9.705	14.444	11.720	16.821	11.848
Alemanha	6.106	4.646	7.038	9.688	8.915
Cazaquistão	4.195	6.178	4.951	3.229	5.066
Ucrânia	4.671	1.056	7.511	12.883	4.303
Argentina	9.697	9.645	8.772	5.118	4.039
Reino Unido	2.117	1.912	2.766	2.533	3.335
Subtotal	109.922	109.522	113.203	123.361	120.500
Mundo	126.440	124.645	131.175	146.967	145.159

⁽¹⁾ inclui farinha.

Fonte: FAO. FAOSTAT. FAO Statistics Division 2013. 2 August 2013.

Tabela 6/I. Principais países importadores de trigo e seus derivados⁽¹⁾ - 2006-10

(mil t)

País	2006	2007	2008	2009	2010
Egito	8.004	8.242	8.328	9.121	10.594
Itália	7.162	6.258	5.443	6.479	7.477
Brasil	6.531	6.638	6.033	5.446	6.323
Japão	5.337	5.275	5.781	4.703	5.476
Países Baixos	3.987	4.838	4.305	4.985	5.262
Argélia	4.966	4.856	6.487	5.720	5.057
Indonésia	4.584	4.649	4.497	4.655	4.811
Espanha	5.180	3.441	4.656	6.413	4.595
Coreia do Sul	3.524	3.179	2.682	3.805	4.384
Alemanha	1.664	2.055	2.583	4.068	3.992
Subtotal	50.939	49.431	50.794	55.395	57.971
Mundo	127.289	124.601	130.028	146.732	144.326

⁽¹⁾ inclui farinha.

Fonte: FAO. FAOSTAT. FAO Statistics Division 2013. 2 August 2013.

Produção e mercado nacionais

Depois de uma sequência de três safras de queda na área plantada de trigo no Brasil, a safra atual (2012/2013) voltou a crescer. A principal razão para esse comportamento foi o aumento nos preços do cereal - consequência da redução de produção no país e no mundo na safra anterior - e, aliado a isso, a expectativa de uma redução ainda maior na disponibilidade de importação do trigo Argentino – nosso maior fornecedor, valorizando o produto nacional. Além disso, o Governo também buscou estimular o plantio, via aumento do seguro agrícola e do Preço Mínimo de Garantia (em Santa Catarina o aumento foi de 40%, de R\$ 379,00 para R\$ 531,00 a tonelada) (Tabela 7).

Ainda que tenham ocorrido fortes geadas nesta safra, nas principais regiões produtoras, a expectativa é que a produtividade média supere a da temporada passada, reduzindo assim, um pouco, nossa necessidade de importação (Tabela 8).

De acordo com informações da Conab, no período 2012/13, em função da queda na produção, fez-se necessário um aumento nas importações brasileiras, a fim de poder suprir a demanda doméstica, a qual permaneceu praticamente inalterada (10,5 milhões de toneladas). Contudo, os estoques de passagem da safra 2012/13 ficaram em 342,2 mil toneladas, os menores desde que o levantamento começou a ser realizado (Tabela 9).

Entre as *commodities*, o trigo é o segundo item de maior participação na pauta de importações brasileiras, sendo menor apenas que a importação de petróleo. O Brasil importa entre 50 e 60% do trigo que consome. Em termos de comércio externo, as importações brasileiras na temporada 2012/13 chegaram a 7,4 milhões de toneladas (trigo e seus derivados), volume 11,1% acima do adquirido na temporada anterior (Tabelas 10 e 11).

Tradicionalmente a Argentina é o principal fornecedor de trigo. Isso acontece por conta de sua proximidade geográfica e pelo fato de integrar o Mercosul, condição que lhe assegura vantagem fiscal em relação a outros países fornecedores, os quais devem pagar 10% de Tarifa Externa Comum (TEC). Na última temporada os portenhos foram responsáveis por 66% das importações brasileiras de trigo em grão (Tabela 10).

Contudo, cada vez mais, outros países estão tomando uma fatia deste mercado, uma vez que os argentinos estão tendo problemas na produção do cereal. Os Estados Unidos, na última temporada, por exemplo, venderam para o Brasil 14,6% do trigo importado pelo país.

Este ano, para viabilizar importações de trigo a preços menores, a Câmara de Comércio Exterior (Camex) ampliou, até o fim de novembro (em vigor desde 1º de Abril), o prazo para importação de trigo de fora do Mercosul com alíquota zero. O objetivo da medida foi conter a pressão de alta sobre os preços no mercado interno.

Tabela 7/I. Trigo - Comparativo das safras do Brasil - 2009/13

Safra	Área plantada (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
2009	2.441.930	4.964.665	2.033
2010	2.178.078	6.036.790	2.772
2011	2.173.528	5.695.468	2.620
2012	1.920.467	4.380.256	2.281
2013 ⁽¹⁾	2.135.106	5.844.709	2.737

⁽¹⁾ Dados sujeitos a alterações.

Fonte: IBGE.

Tabela 8/I. Trigo - Comparativo de safras, segundo os principais estados produtores do Brasil - 2011/13

Estado	Área plantada (ha)			Produção (t)			Rendimento (kg/ha)		
	2011	2012	2013 ⁽¹⁾	2011	2012	2013 ⁽¹⁾	2011	2012	2013 ⁽¹⁾
Paraná	1.053.924	776.798	940.990	2.427.721	2.098.673	2.674.408	2.304	2.702	2.842
Rio Grande do Sul	932.390	989.534	1.034.575	2.741.716	1.866.254	2.671.961	2.941	1.886	2.583
Santa Catarina	76.279	66.591	72.600	241.093	139.428	217.800	2.758	2.094	3.000
Brasil	2.062.593	1.920.467	2.135.106	5.398.567	4.380.256	5.844.709	2.617	2.281	2.737

⁽¹⁾ Dados sujeitos a alterações.

Fonte: IBGE.

Tabela 9/I. Trigo - Oferta e demanda brasileiras - Safras 2009/10-2013/14

(mil t)

Discriminação	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13	2013/14 ⁽¹⁾
Estoque inicial (1/8)	2.706,7	2.870,5	1.766,1	1.220,6	342,2
Produção	5.026,2	5.881,6	5.788,6	4.379,5	4.952,2
Importação	5.922,2	5.771,9	6.011,8	7.010,2	6.600,0
Suprimento	13.655,1	14.524,0	13.566,5	12.610,3	11.894,4
Consumo	9.614,2	10.242,0	10.444,9	10.584,3	10.777,0
Exportação	1.170,4	2.515,9	1.901,0	1.683,8	600,0
Estoque final (31/7)	2.870,5	1.766,1	1.220,6	342,2	517,4

⁽¹⁾ Dados sujeitos à alterações.

Fonte: Conab (Set/13 - 12º Levantamento).

Tabela 10/I. Trigo em grão - Quantidade importada pelo Brasil - Safras 2008/09-2012/13

(t)

Origem	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13
Argentina	4.038.752	3.548.265	3.515.742	4.811.352	4.642.739
EUA	78.111	450.970	230.373	108.504	1.020.120
Paraguai	559.072	843.966	1.134.071	589.575	824.422
Uruguai	581.491	704.044	535.734	498.049	417.516
Canadá	419.228	319.426	382.442	4.243	105.393
Outros países	14	64.916	65	38	38
Total	5.676.668	5.931.588	5.798.427	6.011.762	7.010.228

Nota: O ano é o ano comercial, ou seja, de agosto a julho.

Fonte: MDIC/Secex - Sistema Alice.

Tabela 11/I. Farinha de trigo - Quantidade importada pelo Brasil - Safras 2008/09-2012/13
(t)

Origem	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13
Argentina	589.344	573.405	635.418	631.970	362.951
Paraguai	4.912	4.519	10.145	11.584	31.414
Uruguai	38.618	34.535	36.011	30.938	27.272
Canadá	1	1.189	1.634	1.734	1.284
Itália	84	105	277	570	936
México	554	705	736	414	578
EUA	0	-	84	258	81
França	96	13	60	65	70
Reino Unido	960	700	546	128	47
Outros países	124	17	85	108	26
Total	634.043	614.470	684.199	677.769	424.659

Nota: O ano é o ano comercial, ou seja, de agosto a julho.
Fonte: MDIC/Secex - Sistema Alice.

Produção e mercado estaduais

A safra 2012/13 em Santa Catarina foi a menor da última década, tanto pela redução na área plantada como em decorrência dos eventos climáticos desfavoráveis que levaram a um baixo rendimento médio (Tabela 12).

As principais regiões produtoras no Estado foram Xanxerê, Chapecó, Curitibanos e Canoinhas. A maior produtividade foi em Canoinhas, 3.445 kg/ha, um recorde para o Estado. Em todas as regiões, praticamente, houve queda na área semeada, refletindo o desânimo dos produtores com os baixos preços, além dos outros problemas já mencionados (Tabela 13).

Com relação ao mercado, o preço do cereal para o produtor catarinense, em 2012, esteve na maior parte dos meses acima dos patamares registrados nos anos anteriores. Os valores oscilaram entre R\$ 24,00 e R\$ 34,36 a saca de 60 kg, acompanhando o movimento no mercado nacional (Tabela 14). Em 2013, quando este texto estava sendo finalizado, a cotação já alcançava R\$ 44,04 por saca.

Tabela 12/I. Trigo - Comparativo das safras de Santa Catarina - 2009/13

Safra	Área plantada (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
2009	117.146	275.195	2.349
2010	87.401	241.093	2.758
2011	76.279	229.130	3.004
2012	66.591	139.428	2.094
2013 ⁽¹⁾	72.600	217.800	3.000

⁽¹⁾ Dados preliminares sujeitos a alterações.
Fonte: IBGE/GCEA.

Tabela 13/I. Trigo - Comparativo de safras, segundo as microrregiões de Santa Catarina - 2009/12

Microrregião geográfica	Área plantada (ha)				Produção (t)				Rendimento (kg/ha)			
	2009	2010	2011	2012 ⁽¹⁾	2009	2010	2011	2012 ⁽¹⁾	2009	2010	2011	2012 ⁽¹⁾
Blumenau	30	30	-	-	81	81	-	-	2.700	2.700	-	-
Campos de Lages	3.700	2.650	2.280	2.120	10.675	7.340	6.985	6.240	2.885	2.770	3.064	2.943
Canoinhas	19.300	14.830	11.680	10.400	47.470	43.461	37.480	23.808	2.460	2.931	3.209	2.289
Chapecó	20.488	19.709	15.853	13.800	40.392	53.754	43.316	27.939	1.971	2.727	2.732	2.025
Concórdia	1.417	1.181	825	565	2.310	2.079	1.683	1.191	1.630	1.760	2.040	2.108
Curitibanos	23.298	15.508	14.100	10.745	58.235	43.458	48.578	19.700	2.500	2.802	3.445	1.833
Ituporanga	70	150	-	150	123	270	-	339	1.757	1.800	-	2.260
Joaçaba	7.357	5.487	5.532	5.411	17.704	13.879	14.184	11.076	2.406	2.529	2.564	2.047
Rio do Sul	15	15	38	-	15	30	40	-	1.000	2.000	1.053	-
Sao Bento do Sul	700	700	700	700	1.378	1.050	1.545	1.545	1.969	1.500	2.207	2.207
Sao Miguel do Oeste	6.251	4.851	4.921	5.480	14.036	12.785	14.219	11.597	2.245	2.636	2.889	2.116
Xanxerê	34.550	22.330	20.350	17.190	82.774	65.408	61.100	35.918	2.396	2.929	3.002	2.089
Santa Catarina	117.176	87.441	76.279	66.561	275.193	243.595	229.130	139.353	2.349	2.786	3.004	2.094

⁽¹⁾ Dados sujeitos a alterações.
Fonte: IBGE.

Tabela 14 - Trigo - Preços médios aos produtores de Santa Catarina - 2009-13

Mês/ano	(R\$/sc ⁽¹⁾)				
	2009	2010	2011	2012	2013
Janeiro	26,66	24,50	24,00	24,00	36,34
Fevereiro	27,52	24,50	25,79	24,00	38,30
Março	27,61	24,36	26,36	24,00	36,67
Abril	27,50	24,12	26,25	24,79	36,30
Mai	28,58	24,17	25,76	25,95	36,67
Junho	28,84	24,17	25,75	26,47	36,90
Julho	27,78	24,32	25,75	27,50	37,33
Agosto	27,00	25,04	25,75	28,83	39,13
Setembro	26,39	26,17	25,89	30,25	44,04
Outubro	26,12	25,82	25,42	31,38	
Novembro	26,05	25,60	24,48	33,21	
Dezembro	24,89	25,33	24,13	34,36	
Média	27,08	24,84	25,44	27,90	37,96

⁽¹⁾ Saca 60kg de trigo pão/melhorador de PH78 (trigo superior)
Fonte: Epafri/Cepa.

Perspectivas para a próxima safra 2013/14

No mundo as perspectivas são de que a produção aumente ligeiramente, cerca de 8%, segundo o USDA (safra 2013/14).

No Brasil a safra 2013/14 de trigo deve aumentar em um terço, segundo expectativas do IBGE. Já em Santa Catarina este aumento deverá ser ainda maior: 56%, resultado não só do incremento na área plantada (+9%), mas, sobretudo pelo aumento na produtividade (+43%)

E, como esta safra já está praticamente plantada no país, este resultado é definitivo.

UVA E VINHO

Vinícius Caliari
Químico Industrial - Epagri/
Estação Experimental de Videira
Caliari@epagri.sc.gov.br

Produção e mercado mundiais⁽¹⁾

A produção mundial de uva e vinho vem sofrendo modificações importantes ao longo dos últimos anos, com redução e alterações regionais na distribuição da área plantada. De 2000 a 2010, a área mundial de videiras decresceu de 7,847 para 7,645 milhões de hectares. A destacar especialmente a significativa redução na área de importantes produtores europeus e o crescimento da área plantada na China. Além dessas mudanças regionais, a viticultura mundial tem apresentado contínua melhora nas suas práticas produtivas e aumento na produtividade dos vinhedos, que está aumentando principalmente em países que produzem produtos não fermentados e uvas de mesa.

Em 2012, a área mundial de videiras era de 7,528 milhares de hectares. No caso dos países europeus, o decréscimo de área decorre especialmente da eliminação de vinhedos antigos promovida pela União Europeia entre 2008 e 2011. Entretanto, mesmo sem iniciativa, em 2012 persistiu redução de área plantada, o que demonstra que o seu decréscimo é uma tendência na Europa.

Com o crescimento chinês, a Ásia já representa 20% da área mundial. Entre 2000 e 2010, a área plantada na China cresceu de 300 mil para 539 mil hectares (80%). Nos Estados Unidos houve um aumento moderado de área de plantio e, no Hemisfério Sul observa-se especialmente o crescimento nas áreas da Nova Zelândia e do Chile. (Tabela 1).

A produtividade está aumentando principalmente em países que produzem produtos não fermentados e uvas de mesa. O continente europeu, mesmo com metade da área, responde por somente 42,8% da produção global de uva, seguido pelos continentes asiático (27,3%), americano (21%) e, com menor expressão, pelo continente africano (5,9%) e pela Oceania (3%).

Excluindo sucos e mostos, a produção mundial de vinhos de 2012 foi de 25,2 bilhões de litros, 6% menor que a de 2011, em função principalmente da redução dos vinhedos e das péssimas condições climáticas. O continente europeu produz 62,3% dessa produção, o americano, 20%, o asiático, 6,9%, a Oceania, 5,9% e a África, 5%. Os maiores produtores de vinhos são França, Itália e Espanha, mas, a exemplo do que se observa na maioria dos países produtores, apresentam produção decrescente nos últimos anos (Tabela1).

⁽¹⁾ As informações relativas à produção mundial são do relatório da situação mundial de vitivinicultura de 2013, da Organização Internacional da Videira e do Vinho (OIV).

Tabela 1/I. Área plantada de uva e vinhos produzidos nos principais países produtores - 2012

País	Área Plantada (1.000 ha)	Variação % sobre 2008	Produção de vinho (1.000 hectolitros)	Variação % sobre 2008
Espanha	1018	-13,0	30.392	-15,0
França	800	-7,0	41.422	-3,0
Itália	769	-7,0	40.060	-15,0
China	570	19,0	14.880	18,0
Turquia	517	1,0	-	-
EUA	407	1,0	20.510	-1,0
Portugal	239	-3,0	6.141	8,0
Argentina	221	-2,0	11.778	-20,0
Chile	205	4,0	12.554	45,0
Romênia	205	-1,0	3.311	-36,0
Austrália	167	-2,0	12.660	2,0
África do Sul	131	-1,0	10.037	-1,0
Grécia	110	-4,0	3.150	-19,0
Brasil	91	-1,0	2.917	-21,0
Hungria	64	-11,0	1.874	-46,0
Nova Zelândia	37	7,0	1.940	-5,0

Fonte: Organização Internacional da Videira e do Vinho (OIV).

Produção e mercado nacionais

A viticultura é uma importante atividade para a sustentabilidade da pequena propriedade e tem se tornado igualmente relevante no que se refere ao desenvolvimento de algumas regiões, com geração de emprego em grandes empreendimentos que produzem uva de mesa e para processamento⁽²⁾.

Em face das suas dimensões continentais, o Brasil apresenta grande diversidade de climas e áreas para produção de uvas. O principal estado produtor é o Rio Grande do Sul, seguido por Pernambuco, São Paulo, Paraná e Santa Catarina. De 2011 a 2013 houve decréscimo de 1,2% na área plantada e de 4,5% na produção do País (Tabela 2). O maior decréscimo da produção decorreu de condições climáticas desfavoráveis que afetaram principalmente o Sul do país (geadas tardias e granizo).

Com relação ao vinho, suco de uva e derivados, os dados disponíveis são apenas os do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina³.

O Rio Grande do Sul responde por cerca de 90% da produção nacional destes produtos. Em 2012 produziu 579,31 milhões de litros; 0,9% acima da produção de 2011. Os percentuais de variação entre os produtos são bastante significativos: o maior crescimento foi na produção de suco de uva concentrado, 27,27%; a produção de vinhos finos (produzidos com uvas viníferas) aumentou 4,60% e a de vinhos de mesa (produzidos com uvas comuns) diminuiu 17,48%.

Com relação à comercialização, em 2012 os vinhos de mesa tiveram redução de 10,13% e os vinhos finos aumento de 12,53% nas vendas. Esse aumento decorreu da ampliação das exportações devido ao Programa

⁽²⁾ MELLO, Loiva Maria Ribeiro de, Vitivinicultura Brasileira: Panorama 2012. Comunicado Técnico, 137. Embrapa Uva e Vinho. 2013. Consulta em: <http://www.cnpuv.embrapa.br/publica/ano.html>.

⁽³⁾ Os dados de Santa Catarina estão analisados no item da produção estadual.

de escoamento da Produção do Governo Federal – PEP (ver Mello, 2013). A comercialização de vinhos espumantes tem sido crescente nos últimos anos: de 2011 para 2012, as vendas de moscatéis aumentaram 20,49% e a dos comuns, 9,41%. A comercialização de sucos de uva aumentou de 0,82%: o suco de uva integral aumentou 19,04% e o suco de uva concentrado teve redução de 3,91%.

No caso dos vinhos, a produção nacional sofre grande concorrência dos importados. Em 2012 foram consumidos 95,82 milhões de litros de vinho elaborados com uvas *Vitis viniferas* no Brasil (0,66% a menos que em 2011), 77,45% dos quais importados. As principais origens das importações brasileiras de vinhos finos são: Chile, 42,6%; Argentina, 20,6%; Itália, 14,8%; Portugal, 13,7% e França, 4,5%.

Tabela 2/I. Uva - Área destinada à colheita e produção dos principais estados do Brasil – 2009-13

Estado	Área destinada à colheita (ha)					Produção (mil t)				
	2009	2010	2011	2012	2013 ⁽¹⁾	2009	2010	2011	2012	2013 ⁽¹⁾
RS	48.259	48.753	49.198	51.182	51.450	737,4	694,5	830,3	840,3	808,3
PE	6.003	6.964	6.822	6.813	6.814	158,5	195,2	208,7	224,8	229,8
SP	11.259	10.004	13.156	9.750	10.419	185,1	190,5	264,0	184,6	204,4
PR	5.800	5.969	6.064	5.821	6.200	102,1	103,4	83,9	78,7	101,5
SC	5.168	5.082	4.985	5.130	4.474	67,5	66,3	67,3	71,0	53,2
BA	3.724	3.273	2.718	2.624	2.368	90,5	78,3	65,2	62,3	51,1
MG	812	755	753	803	942	11,8	10,1	9,9	10,8	12,3
GO	126	142	176	166	214	3,2	3,8	4,5	4,6	4,4
CE	92	219	75	44	50	2,9	6,7	1,8	0,8	0,9
Total	81.243	81.161	83.947	82.333	82.931	1.359,0	1.348,6	1.535,5	1.477,7	1.465,7

⁽¹⁾ Estimativa.

Fonte: IBGE – Produção Agrícola Municipal e Levantamento Sistemático da Produção Agrícola.

Produção e mercado estaduais

A produção de vinhos em Santa Catarina pode ser dividida em três regiões: tradicional, nova e super nova⁴. A região definida como tradicional abrange o Vale do Rio do Peixe (municípios de Videira, Tangará, Pinheiro Preto, Salto Veloso, Rio das Antas, Iomerê, Fraiburgo e Caçador), com maior produção de vinhos de mesa comuns, e a região Carbonífera (Urussanga, Pedras Grandes, Braço do Norte, Nova Veneza e Morro da Fumaça), que historicamente produz vinhos coloniais, mas que está com a fabricação de vinhos finos em crescimento. As cidades de Rodeio, Nova Trento e as que se localizam no Oeste, perto de Chapecó, compõem a chamada nova região, onde são mais frequentes os vinhos de mesa comuns e coloniais. A chamada região super nova, ou de altitude, onde os produtores e vinícolas encontram-se organizadas em uma associação denominada Acavitis, que divide as regiões de altitude em três regiões: São Joaquim, Campos Novos e Caçador. Os associados estão investindo apenas na produção de vinhos finos, obtendo reconhecimento pela qualidade de seus produtos em inúmeros concursos de avaliação de qualidade enológica.

⁽⁴⁾ ROSIER, J. P.; BRIGUENTI, E.; SCHUCK, E.; BONIN V. Comportamento da variedade cabernet sauvignon cultivada em vinhedos de altitude em São Joaquim, SC. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE FRUTICULTURA, 8, 2004, Florianópolis. Anais eletrônicos. Florianópolis.

A área total plantada com videiras no Estado tem decrescido nos anos recentes, mas esse comportamento não é homogêneo; observa-se simultaneamente eliminação de vinhedos em algumas regiões e implantação de novos vinhedos em outras (Tabela 3). A maior parte área plantada concentra-se no Alto Vale do Rio do Peixe (microrregião de Joaçaba), com destaque para os municípios de Videira e Tangará, mas a maior produção de vinhos está no município de Pinheiro Preto.

A produção de vinhos em Santa Catarina está fortemente concentrada em vinhos comuns; sendo 96,6% da produção desse tipo e somente 3,4% de vinhos finos. Vale destacar que, de 2009 a 2013, houve um aumento de 57% na produção de vinhos finos, o que está relacionado à tendência de aumento de consumo de vinhos finos no Brasil e ao desenvolvimento das regiões de altitude de Santa Catarina. Nesse caso, os principais destaques são para os vinhos finos brancos e rosados, com crescimentos de 282% e 257%, respectivamente. Os vinhos finos tintos, que representam 73% da produção total de vinhos finos, tiveram crescimento bem mais discreto de produção, 29%. Outro dado expressivo no mesmo período é o aumento de 275% na produção de vinhos espumantes, o que também acompanha a evolução de consumo no País.

Outro dado relevante é o substancial aumento na produção de sucos de uva em Santa Catarina: de 2009 a 2013 a produção estadual aumentou 89%, extremamente acima dos 2% observados no mesmo período para a produção total de vinhos de mesa (Tabela 4).

A elaboração desses produtos tem demandado uva de outros estados, de maneira especial do Rio Grande do Sul, destacadamente principal produtor nacional. Em 2013, estima-se a entrada de quase seis mil toneladas, cerca de 10% da produção estadual. Salienta-se que essa "falta" de matéria-prima refere-se principalmente ao caso da uva Bordô (Tabela 5).

Essas informações setoriais permitem concluir, entre outras coisas, que: a área plantada mundialmente com videiras só não tem declinado de maneira mais significativa por conta do crescimento observado na China, com repercussão também sobre a produção de vinho; a produção de vinhos finos brasileiro sofre grande concorrência dos vinhos importados, principalmente do Chile e da Argentina; a produção e a comercialização de espumantes e sucos de uvas vêm aumentando de maneira vigorosa; em Santa Catarina a produção de vinho é fortemente concentrada em vinhos de mesa comuns, mas aumenta sensivelmente a produção de vinhos finos brancos e rosados e de espumantes; em Santa Catarina a produção de sucos de uvas aumenta significativamente e está cada vez mais próxima da produção de vinhos, pelo aumento da absorção das uvas comuns para essa finalidade; o Estado traz quantidade importante de uvas comuns de outras unidades da federação, principalmente da uva Bordô, que atribui coloração a vinhos e sucos, sendo a maior parte adquirida do Rio Grande do Sul.

Tabela 3/I. Uva - Área destinada à colheita e produção das microrregiões de SC – 2007-11

Microrregião Geográfica	Área destinada à colheita (ha)					Produção (t)				
	2007	2008	2009	2010	2011	2007	2008	2009	2010	2011
Joaçaba	2.360	2.147	2.194	2.204	2.058	34.111	32.298	40.094	40.453	36.586
Chapécó	688	714	740	752	787	4.732	6.746	7.564	6.882	7.727
S Miguel do Oeste	505	506	535	474	411	2.091	4.098	4.931	3.374	3.810
Concórdia	244	275	321	319	328	2.100	2.956	2.581	2.459	3.325
Tijucas	163	153	155	198	203	2.259	1.614	2.050	2.469	2.916
Tubarão	138	138	145	145	147	1.743	1.757	1.757	1.830	2.764
Campos de Lages	231	231	318	273	323	1.439	1.497	1.677	1.914	2.428
Xanxerê	236	239	246	248	236	1.902	2.284	2.180	2.085	2.165
Outras MRG	350	433	514	469	492	4.226	5.080	4.709	4.785	5.600
Santa Catarina	4.915	4.836	5.168	5.082	4.985	54.603	58.330	67.543	66.251	67.321

Fonte: IBGE - Produção Agrícola Municipal.

Tabela 4/I. Vinhos e sucos produzidos em Santa Catarina – 2009-13

Produto	(mil litros)				
	2009	2010	2011	2012	2013
Vinho tinto de mesa	9.693,3	10.493,0	11.025,7	12.813,1	9.860,1
Vinho branco de mesa	1.511,6	1.960,8	1.855,2	2.549,5	1.570,9
Vinho rosado de mesa	2,2	1,2	2,0	12,0	5,7
Total de vinhos de mesa	11.207,1	12.455,0	12.882,9	15.374,6	11.436,7
Vinho tinto fino	228,2	88,5	148,8	254,2	294,4
Vinho branco fino	17,4	16,3	36,8	71,3	66,5
Vinho rosado fino	12,5	5,7	38,5	11,4	44,6
Total de vinhos finos	258,1	110,5	224,1	336,9	405,5
Total de vinhos	11.465,2	12.565,5	13.107,0	15.711,5	11.842,2
Espumante	50,2	51,9		160,3	188,5
Suco de uva⁽¹⁾	3.757,3	5.411,8	4.124,7	5.428,3	7.104,4

⁽¹⁾ Inclui suco integral, concentrado e mosto sulfitado.
Fonte: Cadastro Vinícola SC - Ibravin/Mapa.

Tabela 5/I. Uvas de outros estados⁽¹⁾ processadas em Santa Catarina – 2009-13

Variedade	(t)				
	2009	2010	2011	2012	2013
Bordô	2.880	4.541	4.025	4.430	4.660
Niágara Branca	515	714	701	848	732
Isabel	471	195	186	192	196
Moscato					155
Concord	59	17	47	53	34
Cabernet Sauvignon	17	7	11	43	24
Lorena	36	27	41	53	24
Merlot	4		24	33	11
Total	4.071	5.587	5.285	5.887	5.971

⁽¹⁾ A principal origem é o Rio Grande do Sul.
Fonte: Cadastro Vinícola SC - Ibravin/Mapa.

NÚMEROS DA FRUTICULTURA CATARINENSE

Francisco C. Heiden
Téc. Agr./Sociólogo - Epagri/Cepa
heiden@epagri.sc.gov.br
Ilmar Borchardt
Filósofo - Epagri/Cepa
ilmar@epagri.sc.gov.br

Produção estadual

A fruticultura é uma importante atividade econômica no Estado de Santa Catarina. Trata-se, certamente, de uma atividade que ocupa cada vez mais espaço no cenário rural como alternativa à agricultura tradicional, gerando ocupações de alta densidade econômica e agregação de valor. Segundo o levantamento anual da produção realizado pela Epagri/Cepa, na safra 2012/13, o setor gerou um valor bruto da produção (VBP) de 750 milhões de reais, envolvendo cerca de 13 mil produtores, que cultivam cerca de 58 mil hectares, com registro de dados para 20 espécies de frutas. A Figura 1 mostra o mapa do Estado de Santa Catarina com destaque para os municípios de acordo com a importância econômica da fruticultura, a partir da densidade econômica (valor bruto de produção sobre a área total dos estabelecimentos agropecuários dos municípios).

As informações relativas ao conjunto das 20 frutas da safra 2012/13 que fizeram parte do levantamento podem ser observadas na Tabela 1. Os dados se referem somente aos pomares comerciais, independentemente do tamanho da área cultivada. Pomares comerciais são os empreendimentos cuja produção total ou parte dela se destina ao mercado, seja para consumo *in natura* ou para a industrialização. Não foram consideradas as áreas destinadas exclusivamente para o autoconsumo.

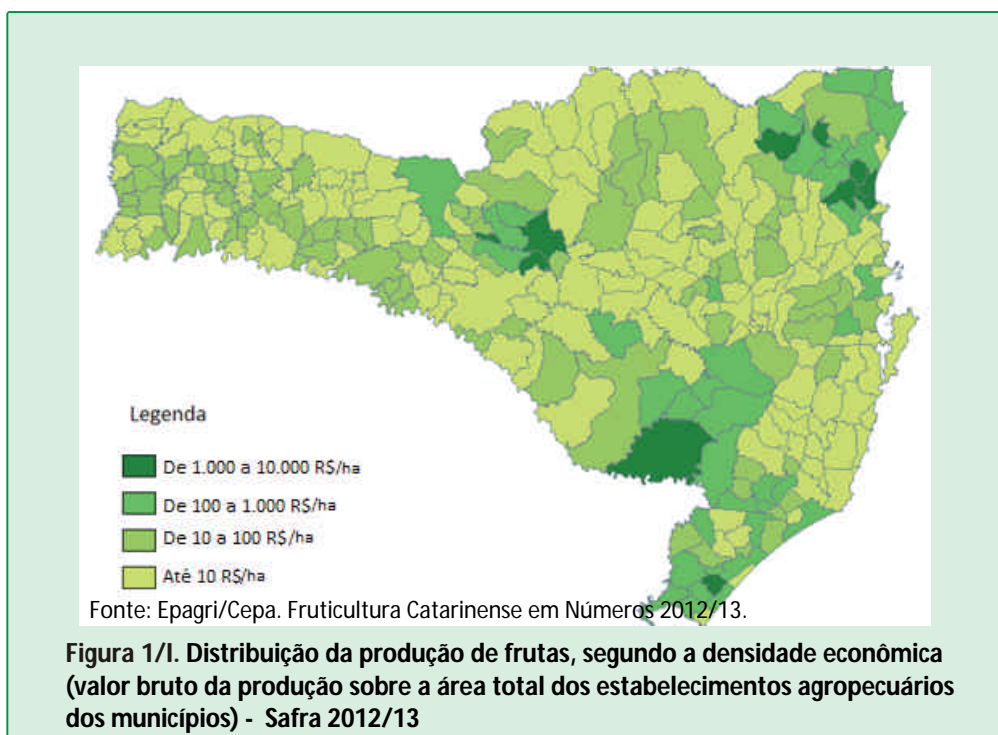
Além de maçã, banana e uva, que concentram respectivamente 45%, 37% e 6% do valor bruto da produção e já tiveram destaque em seção exclusiva desta publicação, outras frutas têm crescido em importância social e econômica e merecem destaque: o maracujá já representa 2,9%, a ameixa 2,3% e o pêssego 2,3%, do VBP do setor frutícola catarinense.

De modo geral, as produtividades são crescentes, quando comparadas com as estatísticas anteriores, mas também é visível que ainda há espaço para incremento, através da incorporação de tecnologias e práticas de manejo. O mercado é promissor para as frutas, mesmo para os pequenos produtores, que têm encontrado espaço para comercialização de seus produtos. Os programas institucionais (PAA e PNAE), criados para suprir as demandas da merenda escolar nos municípios, têm se apresentado como mercado potencial importante, especialmente para alavancar os pequenos empreendimentos do setor.

Tabela 1/I. Número de fruticultores, área plantada, quantidade produzida, rendimento médio e valor bruto da produção das principais frutas em Santa Catarina – Safra 2012/13

Fruta	Número de fruticultores	Área plantada (ha)		Quantidade produzida (t)	Rendimento médio (kg/ha)	Preço médio de venda (R\$/kg)	Valor bruto da produção	
		Total	Em prod.				(R\$)	Partic. %
Ameixa	490	1.067,8	918,1	13.197,3	14.375	1,29	17.043.008	2,3
Abacate	14	2,2	1,1	11,5	10.455	1,45	16.650	0,0
Abacaxi	15	16,1	14,8	163,0	11.014	1,27	207.000	0,0
Amora	42	11,9	8,9	58,1	6.528	2,77	161.014	0,0
Banana Caturra	3.664	21.865,5	21.769,4	626.285,8	28.769	0,33	208.144.291	27,8
Banana Prata		7.298,0	7.255,1	92.361,2	12.731	0,74	68.028.066	9,1
Caqui	307	321,5	309,1	3.534,6	11.435	0,99	3.499.140	0,5
Figo	161	53,2	36,1	301,1	8.339	1,94	584.877	0,1
Goiaba Serrana	15	11,0	10,6	86,8	8.189	2,94	255.400	0,0
Laranja	1.406	1.963,4	1.880,4	27.361,6	14.551	0,23	6.335.171	0,8
Limão	106	18,9	18,2	222,5	12.225	0,38	83.887	0,0
Maçã Fuji		7.481,1	7.135,5	209.051,5	29.297	0,70	147.072.521	19,6
Maçã Gala	2.427	8.729,9	8.459,1	261.837,7	30.954	0,68	178.939.830	23,9
Maçã - outras		608,4	590,4	16.064,9	27.210	0,69	11.029.139	1,5
Maracujá	493	884,4	874,2	15.849,3	18.130	1,35	21.426.245	2,9
Melancia	438	977,0	984,5	20.439,0	20.761	0,48	9.865.873	1,3
Mirtilo	23	23,1	22,3	41,4	1.857	7,47	309.448	0,0
Pera	101	455,5	392,2	4.753,9	12.121	1,90	9.029.256	1,2
Pêssego/Nectarina	778	1.468,7	1.387,0	19.878,8	14.332	0,86	17.158.006	2,3
Physalis	10	13,4	13,4	67,4	5.026	8,25	555.513	0,1
Quiwi	57	140,7	121,2	1.598,9	13.192	1,60	2.556.472	0,3
Tangerina	458	576,0	525,6	7.130,4	13.566	0,61	4.355.695	0,6
Uva Comum/Mesa	2.892	3.495,7	3.383,5	46.735,4	13.813	0,74	34.471.904	4,6
Uva Vinífera		602,9	553,3	4.511,1	8.154	1,91	8.604.419	1,1
Outras frutas	7	6,4	0,6	7,0	-	-	11.000	0,0
Total	-	58.092,6	56.664,4	1.371.549,9	-	-	749.743.827	100,0

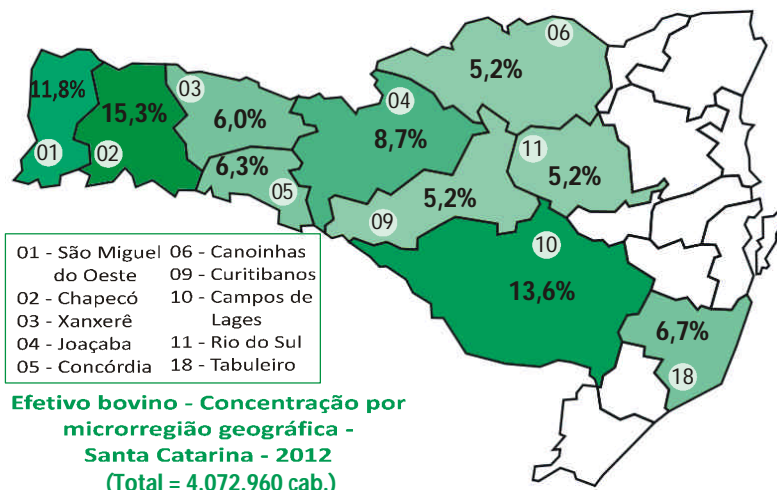
Fonte: Epagri/Cepa. Fruticultura Catarinense em Números 2012/13.



Desempenho da produção animal

CARNE BOVINA

Reney Dorow
Eng. Agr. - Epagri/Cepa
reney@epagri.sc.gov.br



Produção e mercado mundiais

A demanda por proteína animal de origem bovina é crescente no mundo. Segundo o United States Department of Agriculture (USDA) a produção mundial tem se mantido estável ao redor de 57 milhões de toneladas (Tabela 1). Mesmo com a relativa estabilidade, manifesta-se a estimativa de crescimento global na produção de 2012/2013 na ordem de 0,5%. Assim como os principais produtores de proteína animal, a produção de carne bovina também apresenta uma importante concentração. Os seis maiores produtores (EUA, Brasil, Europa, China, Índia, Argentina e Austrália) detêm 75% da produção mundial.

EUA, Brasil, União Europeia, China e Argentina consomem juntos 63% da carne bovina produzida no mundo. Mas quando se excluem os países sul-americanos, EUA, União Europeia, China e Rússia apresentam um déficit consolidado de 1,5 milhão de toneladas de carne, gerado especialmente pela Rússia, o que torna o país um importante mercado no comércio internacional considerando seu volume importado (Tabela 2).

No mercado internacional, há uma concentração com 38% das importações mundiais, lideradas por EUA, Rússia e Coreia do Sul (Tabela 3).

Quando se avaliam os tradicionais e novos importadores mundiais (Figura 1), observa-se que enquanto países como EUA e Rússia apresentam relativa estabilidade na importação no período compreendido entre 2009 e 2013, Japão, Coreia do Sul e outros países apresentaram incrementos na ordem de 8%, 16% e 29% respectivamente.

Nota-se, portanto, que a evolução do comércio não está restrita aos grandes e tradicionais importadores, mas se alicerça em oportunidades muito mais difusas.

Quando se olha para os países exportadores, verifica-se um cenário bastante discrepante demonstrado na Tabela 4. Enquanto no ano de 2009, Índia e Argentina apresentavam exportações equivalentes, na ordem de 615 mil t, a expectativa para 2013 é que a Índia consolide uma evolução de 255% e a Argentina involução de 71% no período (Figura 2). Essa dinâmica posiciona a Índia como maior exportador mundial com 2,16 milhões de toneladas em 2013, seguida por Brasil, Austrália e EUA.

Vale ressaltar que conta a favor de exportadores como Índia, Austrália e EUA o acesso prioritário aos mercados asiáticos, especialmente por conta dos acordos de comércio específicos, não acessados pelo Brasil.

Tabela 1/I. Produção mundial de carne bovina – 2009-13

(milhões t)

Ano	2009	2010	2011	2012	2013
EUA	11,89	12,05	11,99	11,86	11,27
Brasil	8,94	9,12	9,03	9,31	9,38
Europa	7,91	8,05	8,06	7,77	7,70
China	5,76	5,60	5,55	5,54	5,58
Índia	2,51	2,84	3,24	3,46	4,17
Argentina	3,38	2,62	2,53	2,62	2,78
Austrália	2,11	2,13	2,13	2,15	2,19
México	1,71	1,75	1,80	1,82	1,80
Paquistão	1,44	1,47	1,44	1,40	1,40
Rússia	1,46	1,44	1,36	1,38	1,35
Canadá	1,25	1,27	1,15	1,08	1,06
Outros países	8,82	8,98	8,78	8,88	8,87
Total	57,18	57,30	57,06	57,26	57,53

Fonte: Usda - agosto/2013.

Tabela 2/I. Consumo doméstico de carne bovina – 2009-13

(mil t)

Ano	2009	2010	2011	2012	2013
EUA	12.240	12.040	11.650	11.740	11.360
Brasil	7.370	7.590	7.730	7.850	7.990
Europa	8.260	8.150	7.980	7.810	7.750
China	5.750	5.590	5.520	5.600	5.570
Argentina	2.760	2.350	2.320	2.460	2.600
Rússia	2.510	2.490	2.340	2.400	2.420
Índia	1.910	1.930	1.980	2.050	2.010
México	1.980	1.940	1.920	1.840	1.920
Paquistão	1.410	1.440	1.400	1.370	1.370
Japão	1.210	1.230	1.240	1.260	1.250
Canadá	1.020	1.000	1.010	1.010	930
Outros países	9.800	10.430	10.280	10.400	10.410
Total	56.210	56.150	55.370	55.760	55.570

Fonte: Usda - agosto/2013.

Tabela 3/I. Importações mundiais de carne bovina – 2009-13

(mil t)

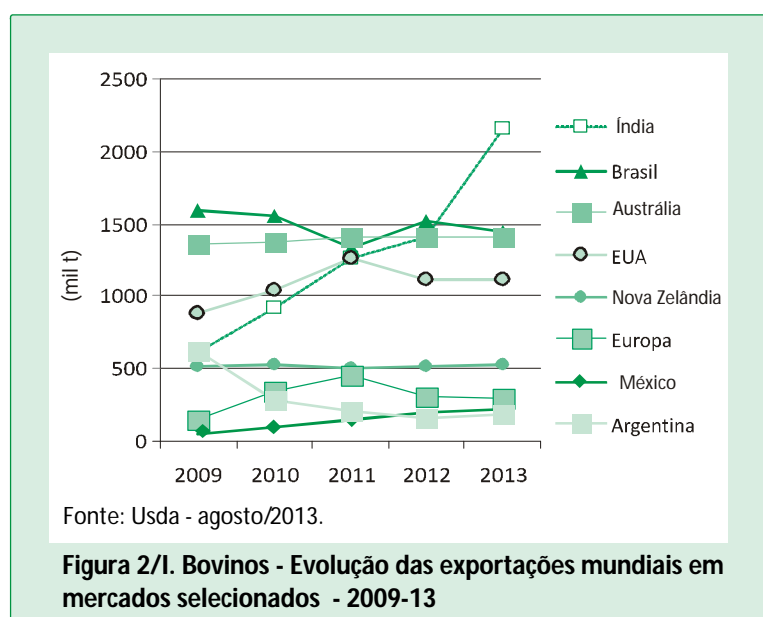
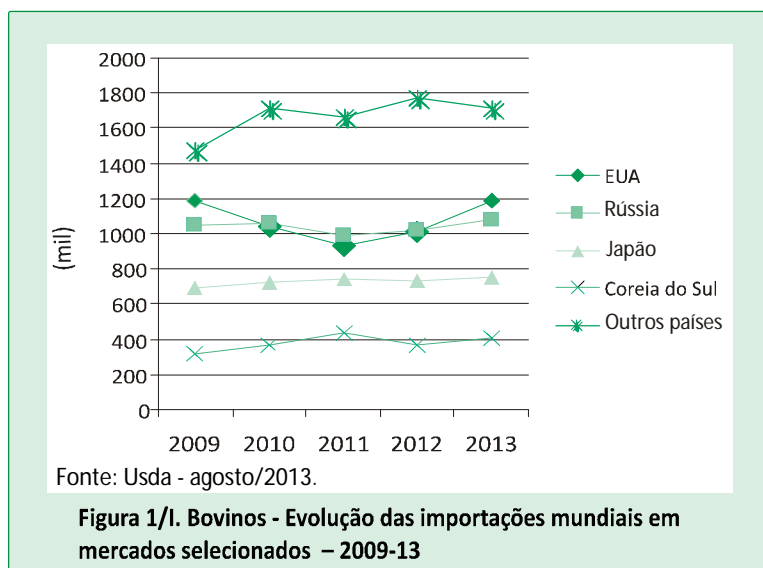
País	2009	2010	2011	2012	2013
EUA	1.191	1.042	933	1.007	1.188
Rússia	1.053	1.057	991	1.023	1.080
Japão	697	721	745	737	750
Coreia do Sul	315	366	431	370	405
Europa	498	437	367	348	350
México	322	296	265	215	350
Canadá	247	243	282	301	290
Venezuela	250	143	195	220	235
Egito	180	260	217	250	225
Hong Kong	154	154	152	241	200
Chile	166	190	180	187	190
Outros países	1.477	1.710	1.663	1.775	1.714
Total	8.559	8.629	8.432	8.686	8.990

Fonte: Usda - agosto/2013.

Tabela 4/I. Exportações mundiais de carne bovina – 2009-13

País	(mil t)				
	2009	2010	2011	2012	2013
Índia	609	917	1.268	1.411	2.160
Brasil	1.596	1.558	1.340	1.524	1.450
Austrália	1.364	1.368	1.410	1.407	1.410
EUA	878	1.043	1.263	1.114	1.111
Nova Zelândia	514	530	503	517	529
Canadá	480	523	426	335	415
Uruguai	376	347	320	355	375
Europa	148	338	449	307	300
Paraguai	243	283	197	251	250
México	51	103	148	200	225
Argentina	621	277	213	164	180
Outros países	578	535	553	549	551
Total	7.458	7.822	8.090	8.134	8.956

Fonte: Usda - agosto/2013.



Produção e mercado nacionais

O rebanho bovino brasileiro cresceu a uma taxa de 5% no período de 2008 a 2011, totalizando 212,8 milhões de cabeças, conforme Tabela 5. Observa-se, porém, que essa dinâmica é diferente, dependendo do estado e região do País. Enquanto estados como Roraima, Amapá e Pará, localizados na Região Norte obtiveram um incremento de 37%, 33% e 12%, outros estados como Bahia, Mato Grosso do Sul e Paraná tiveram uma redução no seu rebanho na ordem de 4%, 4% e 1% respectivamente.

Atualmente, os maiores rebanhos concentram-se nos estados de Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, que juntos detêm 45% do rebanho bovino brasileiro em 2011.

Assim como no rebanho, no período compreendido entre 2008-2012 houve um incremento de 5% nos abates brasileiros de bovinos, conforme Tabela 6.

Registra-se uma evolução substancial dos abates tanto no Mato Grosso quanto no Mato Grosso do Sul, com um incremento de 36% e 26% respectivamente. Por outro lado, São Paulo, Minas Gerais e Santa Catarina tiveram quedas nos abates na ordem de 18%, 15% e 12%.

Santa Catarina, estado livre de aftosa sem vacinação, apresenta restrições para o ingresso de bovinos vivos de outras localidades, o que tem provocado queda nos abates locais.

Quanto à disponibilidade de carne bovina, oscilações no comércio internacional e aumento da renda da população têm proporcionado um aumento da oferta interna, que cresceu 8,7% no período de 2008 a 2012, passando de 37,9 para 41,8 kg/hab/ano (Tabela 7).

Segundo dados estatísticos oficiais, as exportações brasileiras de carne bovina em 2013 representaram 1,25 milhão de toneladas, com ingressos superiores a US\$ 5,7 bilhões. Os estados de São Paulo, Mato Grosso, Goiás e Mato Grosso do Sul detêm 73% do volume de carne exportada e 74% dos ingressos em moeda.

Apesar da qualidade sanitária do seu rebanho, o pequeno rebanho catarinense não permite auferir grande participação nas exportações de carne bovina, chegando em 2012 a 4,6 mil toneladas.

A pauta de exportação de carne bovina brasileira em 2012 inclui mais de 141 destinos diferentes, atingindo todos os continentes. Mesmo com todo esse dinamismo, 46% das exportações têm focado como destino apenas cinco países: Rússia, Irã, Hong Kong, Egito e Venezuela (Tabela 9). Torna-se relevante observar o Egito que, mesmo mergulhado num cenário de elevada instabilidade social, política e econômica, tem ampliado significativamente sua demanda (133%) por carne bovina no período de 2008 a 2012.

Tabela 5/I. Evolução do rebanho bovino brasileiro – 2009-12

(cabeça)

Brasil e Unidade da Federação	Ano					Incremento % 09/12
	2009	2010	2011	2012		
Brasil	205.307.954	209.541.109	212.815.311	211.279.082		2,9
Rondônia	11.532.891	11.842.073	12.182.259	12.218.437		5,9
Pará	16.856.561	17.633.339	18.262.547	18.605.051		10,4
Tocantins	7.605.249	7.994.200	8.025.400	8.082.336		6,3
Maranhão	6.885.265	6.979.844	7.264.106	7.490.942		8,8
Bahia	10.230.469	10.528.419	10.667.903	10.250.975		0,2
Minas Gerais	22.469.791	22.698.120	23.907.915	23.965.914		6,7
São Paulo	11.197.605	11.197.697	11.024.796	10.757.383		-3,9
Paraná	9.562.113	9.411.380	9.475.676	9.413.937		-1,5
Santa Catarina	3.976.165	3.985.662	4.039.217	4.072.960		2,4
Rio Grande do Sul	14.366.298	14.469.307	14.478.312	14.140.654		-1,6
Mato Grosso do Sul	22.325.663	22.354.077	21.553.851	21.498.382		-3,7
Mato Grosso	27.357.089	28.757.438	29.265.718	28.740.802		5,1
Goiás	20.874.943	21.347.881	21.744.650	22.045.776		5,6
Outros estados	20.067.852	20.341.672	20.922.961	19.995.533		-0,4

Fonte: IBGE/Sidra 2013.

Tabela 6/I. Abate de bovinos - Brasil e estados – 2008-12

(mil cab)

Estado	2008	2009	2010	2011	2012	Incremento % 08/12
Mato Grosso	3.664,40	3.739,00	3.810,10	4.309,10	4.976,09	36
Mato Grosso do Sul	2.996,70	3.045,90	3.105,70	3.091,50	3.762,93	26
São Paulo	3.461,80	3.250,60	3.171,90	2.916,70	2.849,22	-18
Goiás	2.649,50	2.315,00	2.292,70	2.360,60	2.547,81	-4
Rondônia	1.641,20	1.734,40	1.908,10	1.852,40	1.993,58	21
Minas Gerais	2.129,90	2.029,30	1.685,40	1.493,50	1.815,04	-15
Pará	1.590,90	1.655,00	1.604,60	1.608,50	1.601,63	1
Paraná	977,40	875,80	1.058,40	887,10	960,10	-2
Tocantins	812,10	778,00	781,60	915,70	926,97	14
Rio Grande do Sul	705,30	736,00	968,10	895,50	721,79	2
Santa Catarina	100,10	97,80	94,30	92,30	87,77	-12
Outros estados	1.641,30	1.371,80	1.406,30	1.348,60	1.275,26	-22
Total	22.370,50	21.628,50	21.887,00	21.771,50	23.518,19	5

Fonte: Mapa/IPAs/DFAs.

Tabela 7/I. Carne bovina: Balanço de oferta e demanda - Brasil – 2008-12

(mil t)

Situação	2008	2009	2010	2011	2012
Produção	8.862,0	8.474,1	8.916,5	8.863,0	9.310,0
Exportação	1.400,4	1.280,0	1.291,1	1.156,9	1.246,9
Importação	8,2	48,0	36,5	42,7	42,4
Disponibilidade	7.453,4	7.242,1	7.661,9	7.748,8	8.105,5
Kg/habitante/ano	37,9	37,8	39,7	39,8	41,8

Fonte: IBGE, Conab, Agrostat e MDIC/Secex - Sistema Alice.

Tabela 8/I. Exportação brasileira de carnes e derivados de bovinos – 2012

Estado de origem	Janeiro a dezembro/2012			
	Brasil		Participação%	
	Quantidade (t)	Valor (US\$)	(t)	Valor
São Paulo	397.798	1.927.111.330	31,9	33,5
Mato Grosso	208.724	963.257.674	16,7	16,8
Goiás	180.479	839.394.982	14,5	14,6
Mato Grosso do Sul	125.124	551.918.361	10,0	9,6
Rondônia	91.295	384.146.188	7,3	6,7
Minas Gerais	79.967	370.392.151	6,4	6,4
Rio Grande do Sul	49.089	210.303.578	3,9	3,7
Pará	42.396	169.127.566	3,4	2,9
Santa Catarina	4.605	15.460.550	0,4	0,3
Outros estados	67.395	318.026.818	5,4	5,5
Total	1.246.874	5.749.139.198	100,0	100,0

Fonte: MDIC/Secex - Sistema Alice.

Tabela 9/I. Carne bovina - Principais países importadores - Brasil - 2008-12

(milhão US\$)

País	2008	2009	2010	2011	2012	Participação % 2012
Rússia	1.476	953	1073	1.060	1.104	19
Irã	323	335	807	688	324	6
Hong Kong	488	612	503	691	221	4
Egito	236	217	434	440	551	10
Venezuela	418	165	186	376	448	8
Outros países	1.708	1.285	1.178	1.281	3.101	54
Total	5.325	4.118	4.795	5.457	5.749	100

Fonte: MDIC/Secex - Sistema Alice.

Produção e mercado estaduais

No período que vai de 2008 a 2011, o rebanho bovino catarinense cresceu 2,4%. Se por um lado a mesorregião Oeste Catarinense ampliou seu rebanho em 6,7% no período, as mesorregiões do Vale do Itajaí, Serrana, Norte e Sul Catarinense apresentaram diminuição do rebanho (Tabela 10).

As exportações catarinenses, como já foi visto, não são relevantes, representando ingressos de US\$ 15 milhões em 2012, o que contrasta fortemente com os outros segmentos de proteína animal presentes no Estado.

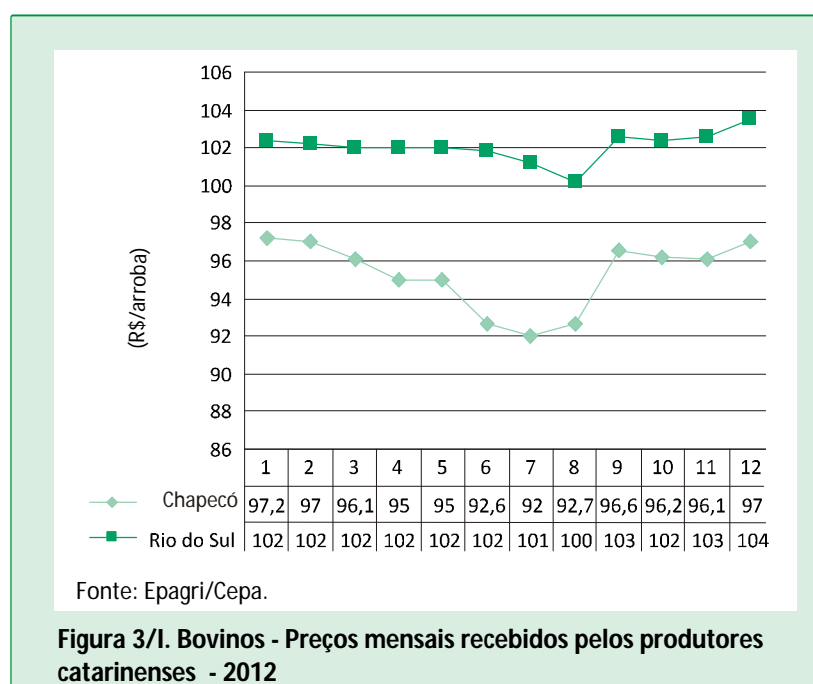
Os produtores de Santa Catarina receberam pelo boi gordo ao longo de 2012, nas duas praças levantadas, uma média de R\$ 95,29/Arroba em Chapecó e R\$ 102,06/Arroba em Rio do Sul (Figura 3).

Observa-se que, além do preço em Rio do Sul ser em média 7,1% superior a Chapecó, a oscilação do preço da arroba tem sido muito menor, conferindo melhor performance ao produtor dessa região.

Tabela 10/I. Efetivo do rebanho bovino em Santa Catarina – 2009-12

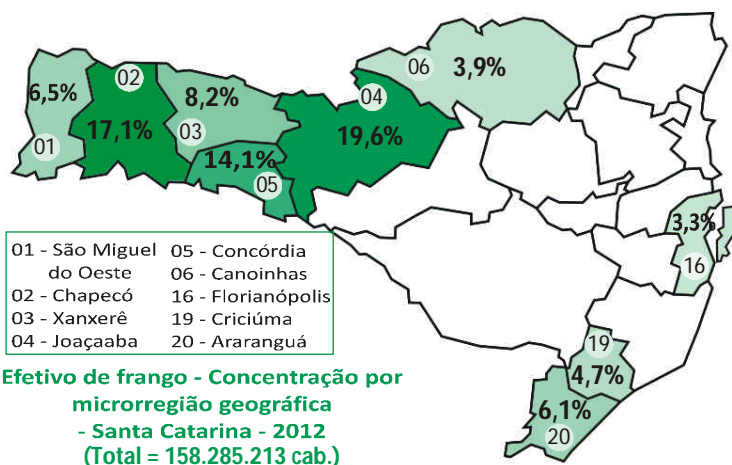
Santa Catarina e Mesorregião Geográfica	Ano				Incremento % 09/12
	2009	2010	2011	2012	
Santa Catarina	3.976.165	3.985.662	4.039.217	4.072.960	2,43
Oeste Catarinense	1.836.984	1.946.872	1.965.947	1.960.607	6,72
Norte Catarinense	297.929	269.403	300.253	300.690	0,93
Serrana	788.019	738.844	745.507	762.993	-3,18
Vale do Itajaí	422.688	407.168	412.072	420.121	-0,61
Grande Florianópolis	184.208	184.017	178.744	183.353	-0,46
Sul Catarinense	446.337	439.358	436.694	445.196	-0,25

Fonte: IBGE.



CARNE DE FRANGO

Reney Dorow
Eng. Agr. - Epagri/Cepa
reney@epagri.sc.gov.br



Produção e mercado mundiais

O atendimento aos mercados depende necessariamente da capacidade produtiva dos países. No caso da carne de frango, observamos que os EUA continuam sendo o maior produtor de carne de frango do mundo com aproximadamente 20% da produção. Em 2013, o bloco dos quatro maiores produtores mundiais, formado por EUA, China, Brasil e União Europeia, responde por 63,7% da produção, o que não deixa dúvidas sobre sua capacidade de suprimento (Tabela 1).

No que se refere ao consumo doméstico, observa-se que desde 2011 a China está se consolidando como o maior consumidor mundial, atingindo em 2013 16,96% do total (Tabela 2). Os quatro maiores consumidores de frango respondem por 54,56% do consumo global em 2013. Isso significa dizer que, subtraído seu consumo interno, esse bloco de países apresenta, em conjunto, uma oferta de 7,7 milhões de toneladas de carne de frango em 2013.

No comércio internacional de carne de frango, o Brasil se consolida como principal ator global, com 35,60% do comércio entre exportadores em 2013 (Tabela 3). Além dos tradicionais produtores, a Tailândia se apresenta como um importante ator no comércio global, com 5,73% do total, sendo privilegiada pelo acesso aos principais mercados asiáticos por conta de sua posição geográfica.

Observa-se que os cinco maiores exportadores mundiais de carne de frango possuem 88% do comércio mundial do setor, restando a parcela de 12% do mercado para os demais países produtores, localizados especialmente nos continentes europeu e americano.

No período compreendido entre 2009 a 2013 houve um incremento médio anual de 5% no volume de carne de frango exportado, considerando-se a tendência de acomodação do comércio estimada para 2013.

Tabela 1/I. Carne de frango – Principais países produtores – 2009-13

(mil t)

País	2009	2010	2011	2012	2013 ⁽¹⁾
EUA	15.935	16.563	16.694	16.621	17.012
China	12.100	12.550	13.200	13.700	14.500
Brasil	11.023	12.312	12.863	12.645	12.835
EU-27	8.756	9.202	9.320	9.510	9.550
Índia	2.550	2.650	2.900	3.160	3.420
México	2.781	2.822	2.906	2.958	2.975
Rússia	2.060	2.310	2.575	2.830	2.950
Argentina	1.500	1.680	1.770	1.936	2.022
Turquia	1.250	1.430	1.614	1.687	1.700
Tailândia	1.200	1.280	1.350	1.550	1.560
Indonésia	1.409	1.465	1.515	1.540	1.550
Outros países	13.048	13.629	14.104	14.637	14.986
Total	73.612	77.893	80.811	82.774	84.610

⁽¹⁾ Estimativa Usda – agosto/2013.

Fonte: Usda - agosto/2013.

Tabela 2/I. Carne de frango – Total de consumo doméstico – 2009-13

(mil t)

País	2009	2010	2011	2012	2013 ⁽¹⁾
China	12.210	12.457	13.015	13.543	13.950
EUA	12.946	13.470	13.664	13.342	13.225
Brasil	7.802	9.041	9.422	9.139	9.424
EU-27	8.710	8.954	9.014	9.138	9.210
México	3.264	3.364	3.473	3.569	3.578
Rússia	2.982	2.957	3.013	3.321	3.315
Índia	2.549	2.648	2.891	3.151	3.411
Japão	1.979	2.079	2.104	2.219	2.130
África do Sul	1.443	1.524	1.685	1.756	1.738
Argentina	1.327	1.475	1.556	1.659	1.746
Indonésia	1.412	1.465	1.515	1.540	1.550
Outros países	16.021	17.341	18.211	18.832	18.973
Total	72.645	76.775	79.563	81.209	82.250

⁽¹⁾ Estimativa Usda – agosto/2013.

Fonte: Usda - agosto/2013.

Tabela 3/I. Carne de frango – Principais países exportadores – 2009-13

(mil t)

País	2009	2010	2011	2012	2013 ⁽¹⁾
Brasil	2.992	3.181	3.219	3.918	3.607
EUA	3.093	3.069	3.171	3.211	3.266
UE - 27	765	929	1.036	1.080	1.060
Tailândia	379	432	467	540	580
China	291	379	423	400	400
Outros países	683	793	1.000	1.238	1.131
Total	8.203	8.783	9.316	10.393	10.131

⁽¹⁾ Estimativa Usda – agosto/2013.

Fonte: Usda - agosto/2013.

Produção e mercado nacionais

A participação dos estados brasileiros vai se modificando com o tempo, tendo sido contabilizado mais de um bilhão de cabeças em 2011 (IBGE, 2013). A Figura 1 apresenta as regiões Sul e Sudeste e nelas os estados de Santa Catarina, Paraná e São Paulo como as regiões de maior concentração da produção de aves de corte no Brasil.

Observa-se no Brasil uma evolução de 14,74% na produção de carne de frango no período compreendido entre 2009 e 2012, conforme demonstrado na Tabela 4. Mais especificamente, ainda que se mostre uma sensível evolução na produção de estados como Goiás, Minas Gerais e São Paulo, os três estados da Região Sul continuam com a maior parcela da participação nos abates brasileiros, totalizando 59,91%, com 3,01 bilhões de cabeças abatidas em 2012, conforme detalhamento na Tabela 5.

Quanto à participação na produção nacional, aparece com a maior contribuição o estado do Paraná que, de 2006 para 2012, obteve um incremento nos abates na ordem de 38,8%, participando com 27,9% dos abates do País, conforme apresenta a Tabela 5.

Fato relevante quanto à evolução da avicultura industrial brasileira é verificado quando se observa o alojamento de pintos e a produção de carne, conforme apresentado na Tabela 6. De 2008 para 2013, o alojamento de pintos cresceu 11,74% e a produção de carne 13,45%, ou seja, o peso final da carcaça vem subindo ao longo do período (Tabela 6).

Quando se comparam os dados de 2012 em relação à expectativa de 2013, observa-se um cenário de relativa estabilidade, em que as projeções nacionais indicam uma leve queda na produção (-1,17%) e na exportação (-1,08%). Com a atualização dos dados sobre a população brasileira, feita pelo IBGE, passando para 201,03 milhões de habitantes, a disponibilidade *per capita* de carne de frango sofreu uma redução de 5,44% em relação ao ano de 2012 (Tabela 6).

Quanto ao destino da carne de frango brasileira, os principais mercados têm se mantido estáveis, porém se registra uma involução do comércio com a Alemanha. Japão e Arábia Saudita respondem por 31,2% do comércio internacional brasileiro e as demais posições se mantêm com poucas oscilações (Tabela 7).

Tabela 4/I. Produção brasileira de carne de frango – 2009-13

(mil t)									
Mês	2009	2010	Evolução % 09/10	2011	Evolução % 10/11	2012	Evolução % 11/12	2013	Evolução % 09/12
Jan.	889,7	1.000,6	12,46	1.088,3	8,76	1.156,4	6,26	963,9	29,98
Fev.	780,5	870,3	11,51	950,6	9,23	1.051,6	10,62	909,4	34,73
Mar.	862,0	966,8	12,16	1.048,7	8,47	1.053,1	0,42	1.048,7	22,17
Abr.	830,4	1.026,2	23,58	1.079,0	5,15	1.057,9	-1,96	1.071,3	27,40
Maio	901,9	1.072,1	18,87	1.121,0	4,56	1.107,4	-1,21	1.114,9	22,79
Jun.	892,2	1.041,2	16,70	1.089,2	4,61	1.090,6	0,13	1.090,7	22,24
Jul.	956,5	1.067,4	11,59	1.094,7	2,56	1.083,8	-1,00		13,31
Ago.	1.004,1	1.057,0	5,27	1.032,7	-2,30	1.030,7	-0,19		2,65
Set.	956,2	997,5	4,32	1.048,8	5,14	1.015,1	-3,21		6,16
Out.	957,6	1.070,5	11,79	1.104,3	3,16	1.027,6	-6,95		7,31
Nov.	979,9	1.030,5	5,16	1.067,4	3,58	1.000,7	-6,25		2,12
Dez.	1.010,0	1.112,1	10,11	1.138,4	2,36	970,1	-14,78		-3,95
Total	11.021,0	12.312,3	11,72	12.863,2	4,47	12.645,1	-1,70	6.199,1	14,74

Fonte: Sindiavipar/IBGE.

Tabela 5/I. Abate de frangos de corte – Principais estados – 2006-12

Ano	(cabeça)						
	Brasil	Paraná	%	Santa Catarina	%	Rio Grande do Sul	%
2006	3.796.498.287	1.011.344.959	26,64	736.036.629	19,39	642.506.999	16,92
2007	4.145.106.391	1.111.029.995	26,8	791.836.549	19,1	708.650.633	17,1
2008	4.573.353.765	1.222.123.962	26,72	844.616.394	18,47	782.822.287	17,12
2009	4.509.205.795	1.257.755.311	27,89	845.405.904	18,75	738.096.784	16,37
2010	4.815.027.642	1.328.956.258	27,6	899.373.049	18,68	757.237.395	15,73
2011	5.173.359.093	1.391.662.550	26,9	939.376.172	18,16	782.220.827	15,12
2012	5.026.011.824	1.403.522.683	27,93	886.267.340	17,63	721.005.559	14,35

Fonte: Sindiavipar/Mapa.

Tabela 6/I. Carne de frango – Pintos alojados e produção – Brasil – 2008-13⁽¹⁾

Ano	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Alojamento de pintos de corte ⁽²⁾	5.462,9	5.557,0	5.986,7	6.232,6	5.998,7	6.104,1
Produção de carne de frango (1.000 t)	11.032,8	11.021,2	12.312,3	12.863,2	12.645,1	12.516,6
Exportação (1.000 t)	3.645,5	3.634,5	3.819,7	3.942,6	3.917,6	3.878,3
Disponibilidade interna (1.000 t)	7.387,3	7.386,7	8.492,6	8.920,6	8.727,5	8.638,3
População (milhões de habitantes)	189,61	191,48	190,75	192,38	193,95	201,03
Disponibilidade <i>per capita</i> (kg/hab./ano)	39,0	38,6	44,5	46,4	45,0	42,9

⁽¹⁾ Estimativa.

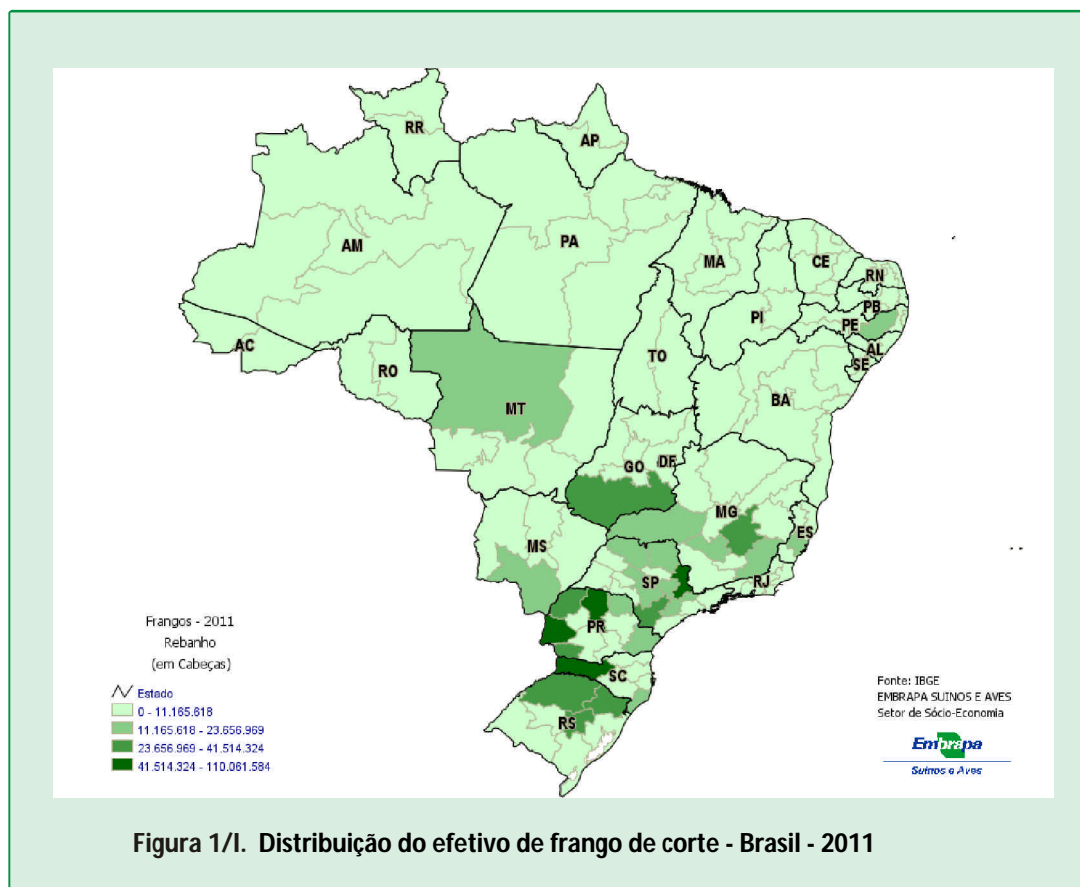
⁽²⁾ Alojamento – milhões de cabeças.

Fonte: Apinco, Secex e IBGE.

Tabela 7/I. Principais países importadores do frango brasileiro – 2007-11

País	(mil US\$ FOB)						Participação % 2011
	2007	2008	2009	2010	2011	Evolução % 2007/2011	
Japão	579	1.168	619	908	1.327	129	16,3
Arábia Saudita	524	741	751	924	1.212	131	14,9
Holanda	568	746	704	652	770	36	9,5
Hong Kong	431	564	588	498	552	28	6,8
E. Árabes	284	378	320	352	429	51	5,3
Venezuela	196	531	291	283	356	82	4,4
Kuwait	161	288	282	284	276	71	3,4
Iraque	-	-	199	159	231	16	2,8
Alemanha	228	301	231	220	217	-5	2,7
Reino Unido	126	165	144	176	203	61	2,5
Rússia	-	-	114	250	124	9	1,5
Subtotal	3.097	4.882	4.243	4.705	5.698	84	70,1
Outros países	1.879	2.067	1.571	2.103	2.430	29	29,9
Total	4.976	6.949	5.814	6.808	8.129	100	100

Fonte: MDIC/Secex - Sistema Alice.



Produção e mercado estaduais

A participação de Santa Catarina no abate de frangos de corte segue relevante no cenário brasileiro, representando 17,63% do total em 2012 e constituindo a segunda força no País (Tabela 5). Porém, ao observar a evolução da produção e da exportação brasileiras, comparadas à catarinense, verificamos que enquanto o país cresceu 23% na produção e 25% na exportação no período de 2007 a 2012, Santa Catarina cresceu apenas 10% e 14%, respectivamente. Apesar do cenário positivo de crescimento, observa-se uma importante queda de participação do Estado no cenário brasileiro no período, destacando uma retração na ordem de 10% na produção e de 9% na exportação, resultado dos investimentos setoriais ocorridos no Paraná e na Região Centro-Oeste (Tabela 8).

Quanto ao valor exportado, a participação de Santa Catarina é maior (28,3%) e mantém-se estável (Tabela 9), pois deriva de uma produção mais elaborada, vendendo mais partes (e menos carcaças inteiras), produtos desossados, temperados, dentre outros, os quais são mais bem remunerados no mercado internacional. Isso permite ao Estado continuar sendo o maior exportador em valor, ainda que não o seja em volume.

Esse dado pode ser verificado na relação US\$/kg, comparando-se o que recebe o País e o Estado em dólares. Em 2012, por exemplo, o preço nacional foi de US\$1,96/kg contra US\$2,15/kg da média estadual.

O rol de importadores de Santa Catarina contém algumas diferenças que devem ser consideradas em comparação com as exportações brasileiras do mesmo produto. Os sete primeiros países também somam

61% das exportações, mas a lista é diferente: o Japão concentra um pouco mais a importação (26%); Holanda é o segundo; Hong Kong, o terceiro; e a Arábia Saudita é o quarto. Mais importante que essa pequena inversão de ordem é que para Santa Catarina a China se tornou o quinto importador em 2011, enquanto que para o Brasil ela não aparece nem entre os onze primeiros. A subida foi repentina, pois em 2010 a China estava em décimo primeiro. Há aí um grande potencial a ser explorado (Tabela 11).

As alterações na participação no rebanho avícola foram diferenciadas por mesorregião. De 2005 para 2009, os maiores crescimentos foram registrados na Mesorregião da Grande Florianópolis, Norte e Sul Catarinense. Ao passo que a Mesorregião Vale do Itajaí apresentou a maior involução na produção de frango, com uma queda de 17,32% no período (Tabela 10).

Os preços recebidos pelo frango inteiro no período de janeiro de 2011 a agosto de 2013 tiveram um mínimo em julho de 2011 (R\$ 2,94/kg congelado) e um máximo em março de 2013 (R\$ 4,73). Para o frango vivo, registra-se um mínimo em janeiro de 2011 (R\$ 1,53/kg vivo) e um máximo em fevereiro de 2013 (R\$ 2,05) conforme Figura 2. Observa-se, porém, uma tendência de elevação dos preços expressa pela equação linear.

Quanto aos custos de produção, observa-se que os melhores resultados são obtidos em relação às maiores densidades produtivas, com um resultado 4,17% superior ao sistema convencional (Tabela 11). Essa situação demonstra a necessidade permanente de investimentos por parte do agricultor no sentido de aumentar sua produtividade, visando suportar as pressões de preço.

A avicultura brasileira e, conseqüentemente, a catarinense, apesar de possuir um mercado interno significativo, apresenta forte inserção internacional. Por isso, a atividade sofre tanto com as oscilações de caráter social e geográfico nos seus mercados externos, quanto com os efeitos macroeconômicos.

Apesar do quadro desafiante operado em 2012 com a alta das *commodities* agrícolas, o cenário para 2014 ainda pode apresentar riscos, pela manifestação de efeitos relativos aos baixos estoques globais de milho e soja. Dessa forma, as estratégias de produtividade serão uma ferramenta fundamental para a indústria manter as margens, especialmente demonstradas no Brasil, que se beneficiou com a adequada gestão de sua cadeia de suprimentos. O oposto ainda é o caso da África do Sul, Índia e Tailândia, onde as indústrias ainda estão expostas por excesso de oferta.

O desempenho da avicultura dependerá, em grande medida, da forma como os agentes serão capazes de lidar com a volatilidade dos preços do milho e da soja. Embora o panorama atual sugira uma desaceleração no aumento dos preços da alimentação, o cenário competitivo da avicultura brasileira se realinha positivamente, contando com a valorização do dólar frente ao real no segundo semestre de 2013.

Tabela 8/I. Carne de frango – Produção e exportação – Brasil e Santa Catarina – 2007-12
(mil t)

Ano	Brasil		Santa Catarina		SC/BR (%)	
	Produção	Exportação	Produção	Exportação	Produção	Exportação
2007	10.305	3.162	1.546	889	15,0	28,1
2008	11.032	3.436	1.623	903	14,7	26,3
2009	11.023	3.634	1.621	986	14,7	27,1
2010	12.241	3.820	1.723	1.020	14,1	26,7
2011	12.476	3.900	1.807	1.043	14,5	26,7
2012	12.645	3.943	1.707	1.015	13,5	25,7

Fonte: Sindiavipar, Ubabef e MDIC/Secex - Sistema Alice.

Tabela 9/I. Exportação de carne de frango – Total brasileiro e principais estados – 2012

Descrição	Kg	%	US\$	%
Brasil	3.920.174.730	100,00	7.704.189.807	100,00
Região Sul	2.869.737.257	73,20	5.610.534.801	72,82
Paraná	1.126.284.171	28,73	2.045.499.157	26,55
Santa Catarina	1.015.802.279	25,91	2.180.019.934	28,30
Rio Grande do Sul	727.650.807	18,56	1.385.015.710	17,98

Fonte: MDIC/Secex - Sistema Alice e Sindiavipar.

Tabela 10/I. Efetivo de rebanho de frango de corte no Estado de Santa Catarina – 2006-12

SC/Mesorregião Geográfica	Ano				Evolução %
	2006	2008	2010	2012	
Santa Catarina	138.008.720	160.885.780	157.359.368	149.112.032	8,05
Oeste Catarinense	103.478.743	115.623.610	108.861.544	98.609.949	-4,71
Norte Catarinense	6.686.100	9.572.736	13.723.806	11.610.305	73,65
Serrana	2.100.034	3.266.300	3.020.264	3.026.885	44,14
Vale do Itajaí	9.368.714	6.767.178	7.906.785	7.782.679	-16,93
Grande Florianópolis	2.168.002	10.938.035	7.434.217	7.982.744	268,21
Sul Catarinense	14.207.127	14.717.921	16.412.752	20.099.470	41,47

Fonte: IBGE/Sidra (ago/13).

Tabela 11/I. Custo de produção do frango de corte em diferentes sistemas de produção – Santa Catarina - 2013

Detalhamento		Convencional	Climatizado positivo	Climatizado negativo
Alojamento	cabeça	14.500	16.000	66.000
Área	m ²	1.200	1.200	4.800
Custo Variável	R\$/lote	71.219,00	77.995,00	313.282,00
Custo Fixo	R\$/lote	2.516,00	2.897,00	9.227,00
Custo Total	R\$/lote	73.735,00	80.892,00	322.509,00
	R\$/cabeça	5,30	5,27	5,09
	R\$/kg	2,00	1,99	1,92

Fonte: Embrapa/2013.

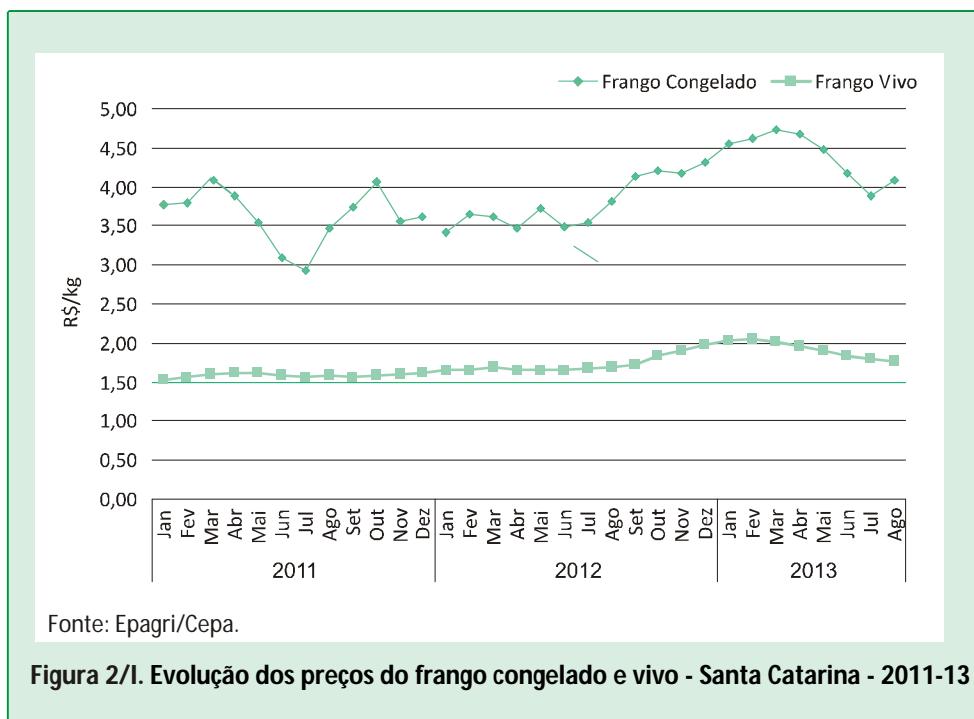
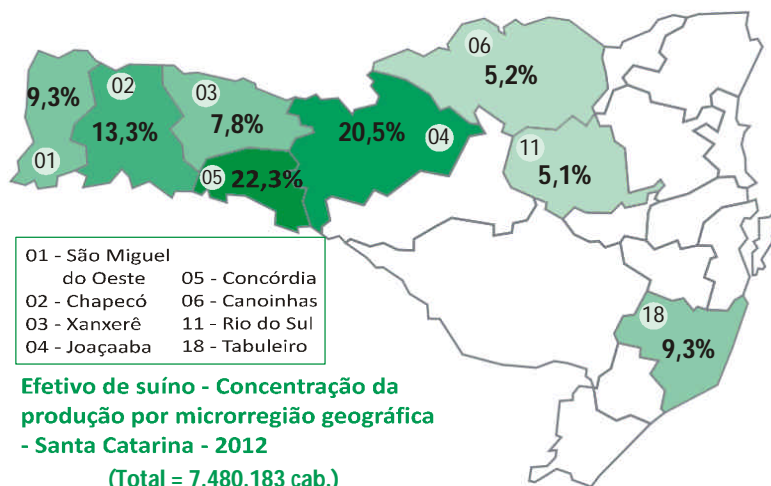


Figura 2/I. Evolução dos preços do frango congelado e vivo - Santa Catarina - 2011-13

CARNE SUÍNA

Reney Dorow
Eng. Agr. - Epagri/Cepa
reney@epagri.sc.gov.br



Produção e mercado mundiais

Segundo a previsão do USDA para 2013, a composição da produção de carne suína no mundo permanecerá inalterada. A China deve continuar com a maior produção, chegando a quase a 50% do total global, e o Brasil continuará sendo o quarto produtor, com 3,18% da produção, ainda atrás da União Europeia e Estados Unidos (Tabela 1).

Sob a ótica do consumo, China, União Europeia, EUA, Rússia, Brasil e Japão consomem juntos 93% da carne suína produzida no mundo. Esses países, no entanto, apresentam em conjunto um déficit de produção de 2 milhões de toneladas, gerado especialmente pelo Japão e ampliado pela China e pela Rússia, o qual gera expectativas de demanda para o comércio internacional (Tabela 2).

Quanto ao suprimento da demanda interna dos países, existe uma concentração dos mercados na Ásia, dominados por Japão, China, Hong Kong e Coreia do Sul dentre outros que, juntos, respondem por 44% das importações. Sob outra ótica, Japão, Rússia, México e China apresentam a maior demanda consolidada, totalizando 55% das importações globais no setor.

O novo elemento no cenário do comércio internacional de carne suína é o fato de o Brasil ter se habilitado às importações do Japão efetuando os primeiros embarques a partir de agosto de 2013.

No campo das exportações, deve-se sempre considerar a força da suinocultura norte-americana, responsável por 1/3 das exportações mundiais em 2013, o que é bastante significativo. Com questões logísticas e produtivas resolvidas, o país consegue atender facilmente as demandas de parceiros comerciais como o México, bem como os mercados asiáticos.

Com 8,8% das exportações globais, o Brasil se posiciona como quarto exportador (depois de Estados Unidos, União Europeia e Canadá). Ainda são atuais os prognósticos anteriores que mantêm o Brasil como quarto exportador, atrás do Canadá, que é o sétimo produtor mundial, com 3,0% da produção global.

Observa-se também que do total de carne suína comercializada no mundo em 2013, 90,8% advém de quatro fornecedores principais, formados pelos EUA, EU-27, Canadá e Brasil.

Essa concentração na oferta de carne suína no comércio internacional está em parte relacionada a uma combinação de fatores, dentre os quais se destaca a capacidade de suprimento da cadeia produtiva com insumos, especialmente milho e soja. Assim, é importante considerar que o conjunto de quatro países

(Brasil, EUA, Argentina e China) e União Europeia apresentam 78% da produção de grãos (milho e soja) e concentram 84,7% da produção de carne suína no mundo, destacando uma estreita relação entre oferta interna de insumos e produção de proteína animal.

Tabela 1/I. Produção de carne suína por país – 2009-13

(mil t)

País	2009	2010	2011	2012	2013	Média % 2013
China	48.905	51.070	49.500	52.350	52.000	49,66
UE-27	22.434	22.571	22.866	22.630	22.625	21,61
EUA	10.442	10.186	10.331	10.554	10.440	9,97
Brasil	3.130	3.195	3.227	3.330	3.330	3,18
Rússia	1.844	1.920	2.000	2.075	2.075	1,98
Vietnã	1.910	1.930	1.960	2.000	2.025	1,93
Canadá	1.788	1.771	1.797	1.820	1.775	1,70
Filipinas	1.234	1.247	1.275	1.382	1.275	1,22
Japão	1.310	1.292	1.267	1.297	1.265	1,21
México	1.162	1.175	1.202	1.227	1.210	1,16
Coreia do Sul	1.062	1.110	837	1.086	1.050	1,00
Taiwan	857	845	865	865	860	0,82
Chile	514	498	528	584	590	0,56
Ucrânia	527	631	704	600	620	0,59
Belarus	325	327	340	347	360	0,34
Argentina	289	279	301	331	295	0,28
Outros países	2.834	2.921	3.015	3.041	2.915	2,78
Total	100.567	102.968	102.015	105.519	104.710	100,00

Fonte: Usda - agosto/2013.

Tabela 2/I. Consumo doméstico de carne suína por país – 2009-13

(mil t)

País	2009	2010	2011	2012	2013
China	48.823	51.157	50.004	52.725	52.615
EU-27	21.057	20.842	20.68	20.423	20.270
EUA	9.013	8.653	8.340	8.438	8.369
Rússia	2.719	2.835	2.971	3.145	3.075
Brasil	2.423	2.577	2.644	2.67	2.686
Japão	2.467	2.488	2.522	2.557	2.531
Vietnã	1.891	1.912	1.940	1.980	2.005
México	1.770	1.784	1.71	1.838	1.79
Coreia do Sul	1.480	1.539	1.487	1.546	1.555
Filipinas	1.344	1.405	1.419	1.518	1.403
Taiwan	925	901	919	893	892
Canadá	853	802	785	820	810
Ucrânia	713	776	806	852	800
Hong Kong	486	467	558	544	573
Austrália	464	482	482	514	541
Chile	369	385	408	430	439
Outros países	3.627	3.765	3.935	4.036	3.899
Total	91.411	94.117	93.270	96.491	95.884

Fonte: Usda - agosto/2013.

Tabela 3/I. Importação mundial de carne de suínos – 2009-13

País	(mil t)					
	2009	2010	2011	2012	2013	% 2013
Japão	1.138	1.198	1.254	1.259	1.260	18
Rússia	876	916	971	1.070	1.000	15
México	678	687	594	706	690	10
China	270	415	758	730	815	12
Hong Kong	369	347	432	414	445	7
Coreia do Sul	390	382	640	502	505	7
USA	378	390	364	363	363	5
Canadá	180	183	204	241	225	3
Austrália	176	183	175	194	210	3
Ucrânia	186	146	119	281	200	3
Belarus	30	86	117	151	125	2
Filipinas	111	159	145	138	130	2
Singapura	97	104	97	105	100	1
Angola	61	58	78	87	82	1
Croácia	60	56	58	64	65	1
Colômbia	10	11	22	35	50	1
Outros países	530	565	578	564	569	8
Total	5.540	5.886	6.606	6.904	6.834	100

Fonte: Usda - agosto/2013.

Tabela 4/I. Países maiores exportadores mundiais – 2009-13

País	(mil t)					
	2009	2010	2011	2012	2013	Média % 2013
EUA	1.857	1.916	2.354	2.442	2.445	33,3
UE-27	1.416	1.754	2.205	2.226	2.375	32,4
Canadá	1.123	1.159	1.197	1.243	1.195	16,3
Brasil	707	619	584	661	645	8,8
China	232	278	244	235	200	2,7
Chile	152	130	139	180	175	2,4
Belarus	31	62	85	104	90	1,2
México	70	78	86	95	110	1,5
Austrália	40	41	41	36	35	0,5
Ucrânia	0	1	17	29	20	0,3
Vietnã	21	19	20	20	20	0,3
Outros países	33	24	25	34	25	0,3
Total	5.682	6.081	6.997	7.305	7.335	100,0

Fonte: Usda - agosto/2013.

Produção e mercado nacionais

O alojamento de matrizes suínas no Brasil teve um aumento médio de 8,75% no período de 2004 a 2012, motivado em grande parte pelo crescimento ocorrido em 2007. Ao observar a evolução do rebanho de matrizes no período mais recente, entre 2008 a 2012, nota-se uma redução no plantel, com queda de -0,17%. O crescimento do plantel de matrizes de suínos concentra-se especialmente no Mato Grosso (+50,23%) e Mato Grosso do Sul (+34,60%), conforme se pode observar na Tabela 5. Em contraponto, o maior decréscimo no alojamento de matrizes ocorreu em São Paulo (-10,51%).

A produção industrial de suínos no Brasil cresceu em número de cabeças em torno de 7% no período de 2008 a 2011, conforme Tabela 6. Enquanto as regiões Norte e Nordeste decresceram -4% e -9% respectivamente, as regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste cresceram 7%, 9% e 29%. Representativamente, o estado do Mato Grosso do Sul apresentou o maior incremento individual no período, com 39%.

A distribuição da produção brasileira pode ser melhor visualizada através da Figura 1, com destaque a partir das mesorregiões dos estados. A maior concentração da produção suína situa-se nas mesorregiões do Oeste Catarinense e do Noroeste Rio-Grandense, seguidas pela mesorregião do Oeste Paranaense e mesorregião do Triângulo Mineiro e do Alto Paranaíba.

O retrato geográfico do número de cabeças distribuídas ao longo do território é uma medida relevante, mas no conjunto o dado que realmente interessa é o volume de carne obtido com os animais abatidos.

Sob a ótica do número de animais abatidos, houve um avanço de 2,66% no volume brasileiro, no qual se destaca particularmente a evolução do Mato Grosso, que alcançou 14,82% no período 2011/2012, conforme apresenta a Tabela 7.

Quanto ao volume de carne produzido, verifica-se igualmente uma forte evolução na produção de carne por parte do Estado do Paraná no período 2011/2012 que chega a 28,77%, seguido pelos estados do Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Minas Gerais, com 14,81%, 6,65% e 6,36% respectivamente (Tabela 8)

Apesar da evolução positiva de alguns estados brasileiros, o Brasil cresceu somente 2,51% no período 2011/2012, demonstrando um evolução baseada nas oportunidades de mercado dependentes de múltiplos fatores concorrenciais.

O leve crescimento da produção nacional no período 2011/2012 (+2,51%) associado a um aumento de 12,6% volume exportado, permitiu a manutenção da disponibilidade interna em 14,96 kg *per capita*, registrando uma evolução de 0,1% (Tabela 9). Para o Brasil o mercado interno continua sendo muito importante para a cadeia de suínos, representando 83,3% do comércio.

No quadrante do comércio exterior brasileiro, detentor de 16,7% do mercado, o aumento de 12,6% no volume exportado em 2012, representou um incremento de 3,85% nos ingressos totais em US\$, vinculado à redução de -7,22% no preço de venda, conforme apresentado na Tabela 10.

Quanto ao destino das exportações brasileiras de carne suína, 2012 foi marcado pelas mudanças, destacando-se a retração dos mercados tradicionais da carne suína brasileira e a súbita evolução de outros como a Venezuela. Cabe destacar, ainda, as modificações provocadas especialmente pelo embargo russo à carne suína brasileira. Decorrente desse e de outros fatores externos, a Ucrânia passou momentaneamente a ser o principal destino em 2012, seguida pela Rússia e Hong Kong (Tabela 11). O elemento de maior destaque nesse cenário mostra que houve uma diversificação dos mercados em 2012, o que para o cenário comercial é bastante promissor.

O comércio internacional de carne suína brasileira tem apresentado dois caminhos distintos nos últimos seis anos, conforme apresenta a Figura 2. Com relação ao preço, após a crise de 2009, voltamos em 2012 ao patamar de ingressos em US\$ de 2008, ao passo que os volumes se apresentam próximos à média (ao redor e 566 mil toneladas), o que significa que nossas exportações têm se expressado por vendas com maior valor agregado.

No balanço das exportações de carne suína realizadas até julho de 2013, destaca-se o retorno à normalidade das exportações para Rússia e Ucrânia, tendo o Brasil exportado um volume de 291 mil toneladas, representando ingressos de US\$ 756,4 milhões.

O presente ano de 2013 apresenta como principal destaque a abertura do mercado japonês ao Brasil, que tende a ser referência para os demais países asiáticos importadores de carne suína, como Coreia do Sul, China e México, o que faz o setor suíno estimar o aumento dos volumes exportados em mais de 300% para os próximos anos.

Tabela 5/I. Evolução do plantel de matrizes suínas no Brasil - 2008-12

Estado/Ano						(cabeça)
	2008	2009	2010	2011	2012	Incremento % 2008/2012
Rio Grande do Sul	296.103	309.603	314.827	313.900	314.730	6,29
Santa Catarina	391.720	392.720	390.000	396.000	405.000	3,39
Paraná	234.833	255.528	257.228	263.245	265.190	12,93
São Paulo	95.432	92.055	88.055	86.055	85.406	-10,51
Minas Gerais	210.272	217.758	222.508	229.508	243.000	15,56
Mato Grosso do Sul	43.240	45.220	56.514	56.000	58.200	34,60
Mato Grosso	74.954	80.466	92.204	98.506	112.600	50,23
Goiás	67.905	73.155	78.155	80.155	82.305	21,21
Outros estados	111.990	111.990	113.406	115.816	118.350	5,68
Total industrial	1.526.449	1.578.495	1.612.897	1.639.185	1.684.781	10,37
Subsistência	895.249	869.886	802.567	762.754	732.791	-18,15
Brasil	2.421.698	2.448.381	2.415.464	2.401.939	2.417.572	-0,17

Fonte: Abipecs e Embrapa.

Tabela 6/I. Distribuição do efetivo de suínos por região – Brasil – 2009-12

Brasil/Região					(cabeça)
	2009	2010	2011	2012	Incremento % 2009/12
Brasil	38.045.454	38.956.758	39.307.336	38.795.902	2
Norte	1.627.822	1.607.481	1.569.553	1.489.218	-8,5
Nordeste	6.290.004	6.197.109	6.079.495	5.857.733	-6,9
Sudeste	6.692.336	7.133.257	7.024.065	7.131.055	6,6
Sul	18.437.986	18.643.470	19.094.595	19.212.426	4,2
Centro-Oeste	4.997.306	5.375.441	5.539.628	5.105.469	2,2

Fonte: IBGE.

Tabela 7/I. Produção de suínos para abate – Brasil – 2007-12

(mil cabeças)

Estado/Ano	2007	2008	2009	2010	2011	2012	Evolução % 2011/12
Rio Grande do Sul	5.800	6.366	7.059	6.895	7.000	7.050	0,71
Santa Catarina	8.670	8.422	8.640	8.580	8.989	9.153	1,82
Paraná	5.084	5.166	5.673	5.710	5.923	6.020	1,64
São Paulo	2.207	1.909	1.915	1.902	1.876	1.845	-1,65
Minas Gerais	4.193	4.521	4.747	4.784	5.095	5.419	6,36
Mato Grosso do Sul	867	886	959	1.215	1.204	1.269	5,40
Mato Grosso	1.416	1.686	1.835	2.084	2.226	2.556	14,82
Goiás	1.459	1.548	1.668	1.758	1.820	1.877	3,13
Subtotal	29.697	30.505	32.495	32.928	34.133	35.188	3,09
Outros estados	2.108	2.188	2.192	2.173	2.336	2.444	4,62
Total industrial	31.806	32.693	34.687	35.101	36.469	37.631	3,19
Subsistência	5.036	5.045	4.694	4.152	3.789	3.696	-2,45
Brasil	36.842	37.737	39.381	39.254	40.257	41.327	2,66

Fonte: Abipecs, Sips, Sindicatos do RS e PR e Embrapa.

Tabela 8/I. Produção de carne suína – Brasil – 2007-12

(mil t)

Estado/Ano	2007	2008	2009	2010	2011	2012	Evolução % 2011/12
Rio Grande do Sul	481,40	528,40	585,90	586,10	602,00	620,40	3,06
Santa Catarina	754,30	724,30	751,70	737,90	782,10	805,50	2,99
Paraná	437,20	444,30	487,90	491,10	529,70	682,12	28,77
São Paulo	176,60	147,00	147,40	156,00	155,70	151,30	-2,83
Minas Gerais	335,50	348,10	375,00	397,10	428,00	455,20	6,36
Mato Grosso do Sul	70,20	70,90	80,50	102,10	102,30	109,10	6,65
Mato Grosso	116,20	140,00	152,30	175,00	187,00	214,70	14,81
Goiás	121,10	127,00	137,60	147,70	156,50	161,40	3,13
Subtotal	2.492,40	2.529,90	2.718,30	2.792,90	2.943,30	3.047,30	3,53
Outros estados	151,10	154,10	154,40	164,20	176,50	185,70	5,21
Total industrial	2.643,60	2.684,00	2.872,70	2.957,00	3.119,80	3.233,00	3,63
Subsistência	354,00	342,40	317,30	280,50	278,00	250,00	-10,07
Brasil	2.997,60	3.026,40	3.190,00	3.237,50	3.397,80	3.483,00	2,51

Fonte: Abipecs, Sips, Sindicatos do RS e PR e Embrapa.

Tabela 9/I. Carne suína – Balanço de oferta e demanda – Brasil – 2007-12

(mil t)

Variável	2008	2009	2010	2011	2012	Evolução % 2011/12
Produção	3.026	3.190	3.238	3.398	3.483	2,50
Exportação	530	607	540	516	581	12,60
Disponibilidade	2.496	2.583	2.698	2.882	2.902	0,69
kg per capita	13,42	13,71	14,32	14,94	14,96	0,13

Fonte: Abipecs, Embrapa e MDIC/Secex - Sistema Alice.

Tabela 10/I. Carne suína – Valor, volume e preço de exportação – Brasil – 2007-12

Variável	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Valor (US\$/mil)	1.232.555	1.481.508	1.229.756	1.344.484	1.439.569	1.495.058
Volume (tonelada)	609.743	531.404	610.379	543.779	520.447	581.477
Preço (US\$/kg)	2.02	2.79	2.01	2.47	2.77	2.57

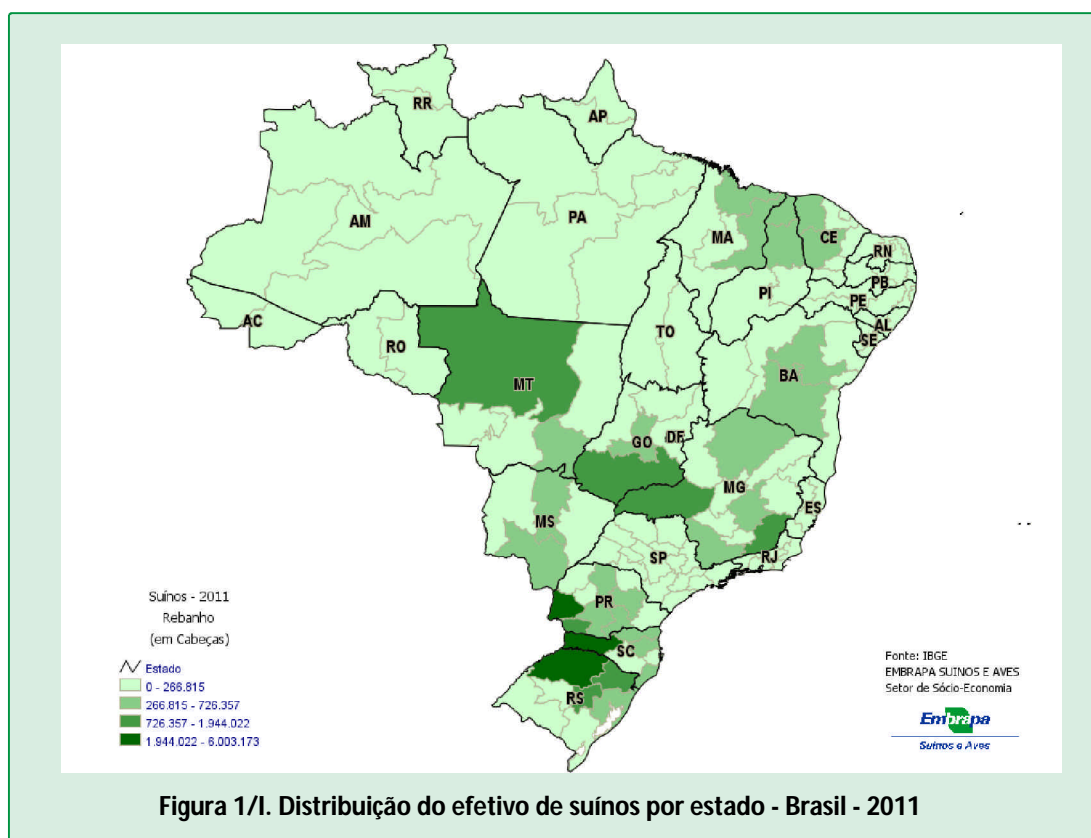
Fonte: MDIC/Secex - Sistema Alice.

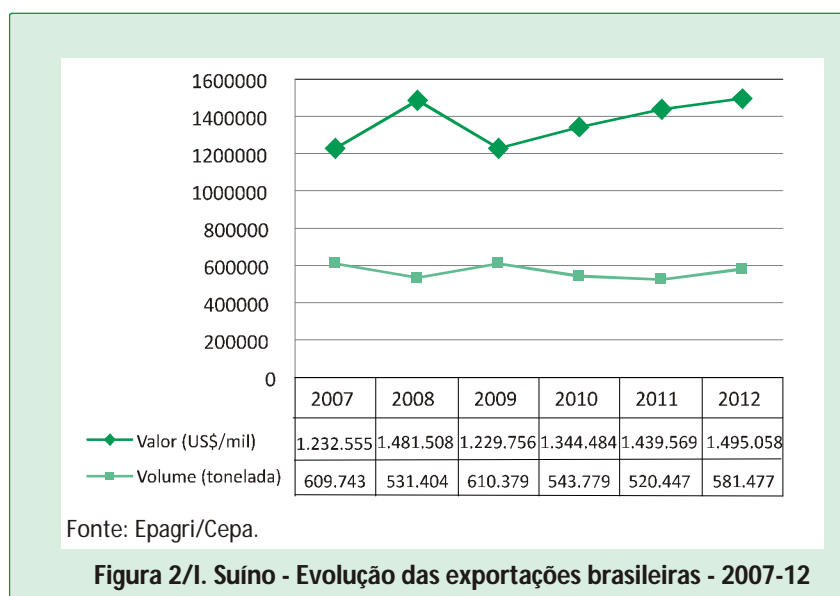
Tabela 11/I. Carne suína – Destinos das exportações – Brasil – 2007-12

(milhão de US\$)

País	2007	2008	2009	2010	2011	2012	Part % 2012
Ucrânia	93,90	35,80	106,60	105,20	182,90	138,70	9,28
Rússia	667,50	41,50	566,80	649,20	393,50	127,10	8,50
Hong Kong	169,10	36,10	225,10	200,10	323,80	124,70	8,34
Angola	22,10	42,30	52,80	45,30	77,00	45,50	3,04
Argentina	55,00	67,90	61,20	100,90	129,40	23,40	1,57
Outros países	225,00	257,80	217,10	329,70	332,60	1.035,70	69,27
Total	1.232,60	1.481,40	1.229,60	1.430,40	1.439,20	1.495,10	100,00

Fonte: MDIC/Secex - Sistema Alice.





Produção e mercado estaduais

No contexto do rebanho de suínos, Santa Catarina ainda se apresenta como um importante *player* no cenário brasileiro, conforme apresenta a Tabela 8. A Região Sul comporta 49% do rebanho suíno, ao passo que o estado catarinense contempla 42% desse total no ano de 2011.

Evolutivamente verificam-se diferentes nuances em relação à Região Sul brasileira. Enquanto os rebanhos rio-grandense e paranaense têm evoluído a uma taxa de 7% e 18% no período de 2008 a 2011, o catarinense evoluiu 1,5%, sendo responsável por 19,2% do rebanho brasileiro, concentrado fortemente na mesorregião do Oeste Catarinense, com 73% do rebanho catarinense, conforme demonstrado na Figura 3 e Tabela 13.

Essa questão relativa ao menor crescimento da produção de suínos em Santa Catarina permite estabelecer indagações sobre a capacidade de abertura de novas fronteiras de produção, baseando-se especialmente na possibilidade de suprimento de matéria-prima (energia e proteína) para produção de ração para o atendimento a demanda, haja vista as dificuldades logísticas impostas na maior região produtora do Estado.

Passando a observar o cenário de abates de suínos verifica-se uma aumento na capacidade industrial catarinense, conforme demonstrado na Figura 4.

Verifica-se uma evolução na ordem de 7% na capacidade de abate ao longo do período de 2007 a 2012 que ainda deve crescer, considerando a expectativa de ampliação das exportações e consequente reativação e ampliação de plantas de abate temporariamente desativadas, como ocorre em Joaçaba.

Quanto ao comércio internacional, a suinocultura catarinense apresenta expressiva participação sob o cenário brasileiro, contribuindo em volume com 31% do total exportado. Sob a ótica dos países-alvo do comércio de suínos catarinense, houve significativa evolução entre os anos de 2011 e 2012, mas sob o aspecto geral, houve no período avaliado uma redução dos ingressos em US\$ próxima a 7% e um incremento na exportação em volume na ordem de 17,84%.

Os preços recebidos pelos suinocultores têm variado muito nos últimos anos. Verifica-se que o maior valor recebido pelo quilo de suíno vivo foi no período de 2008. Depois disso o ano de 2013 é marcado pela evolução positiva dos preços dos suínos, atingindo a média de R\$ 2,721/kg em 2013 (Figura 5).

Os custos de produção do CNPSA da Embrapa para suíno de ciclo completo foram de R\$ 2,41/kg em 2011, R\$ 2,51 em 2012 e 2,70 em 2013. O preço recebido pelos suinocultores ainda gera um déficit de R\$ 0,07/kg, demonstrando uma franca recuperação do setor frente ao déficit de R\$ 0,50 verificado em julho de 2012.

A visão de futuro para produção de suínos em Santa Catarina é promissora, com avanços nos projetos de integração logística através do modal ferroviário, a entrada do Estado no maior mercado para carne suína do mundo, o Japão, além de conquistas históricas que permitiram alcançar um *status* sanitário privilegiado, conferindo um novo impulso aos investimentos na atividade.

Tabela 12/I. Rebanho de suínos no contexto Sul-brasileiro – 2009-12

Brasil, Região e UF	Ano				% 2012
	2009	2010	2011	2012	
Brasil	38.045.454	38.956.758	39.307.336	38.795.902	100
Sul	18.437.986	18.643.470	19.094.595	19.212.426	49,5
Paraná	5.105.005	5.096.224	5.448.964	5.518.927	28,7
Santa Catarina	7.988.663	7.817.536	7.968.116	7.480.183	38,9
Rio Grande do Sul	5.344.318	5.729.710	5.677.515	6.213.316	32,3

Fonte: IBGE.

Tabela 13/I. Distribuição do rebanho suíno por mesorregião catarinense – 2012

SC/Mesorregião Geográfica	Nº de cabeça	%
Santa Catarina	7.480.183	100
Oeste Catarinense	5.475.274	73,2
Norte Catarinense	416.861	5,6
Serrana	268.907	3,6
Vale do Itajaí	520.395	7,0
Grande Florianópolis	23.961	0,3
Sul Catarinense	774.785	10,4

Fonte: IBGE (Produção Pecuária Municipal – 2012).

Tabela 14/I. Carne suína - Evolução do comércio internacional catarinense – 2011-12

(US\$/kg)

Destino	2012		2011		Evolução 2011/2012	
	US\$	kg	US\$	kg	%/US\$	%/kg
Rússia	148.162.391	53.194.835	117.262.032	37.791.864	26,35	40,76
Ucrânia	109.677.592	39.682.759	49.910.954	16.486.569	119,75	140,70
Hong kong	54.579.337	21.487.010	77.586.419	28.600.357	-29,65	-24,87
Argentina	36.275.322	10.807.640	49.305.910	15.480.396	-26,43	-30,18
Cingapura	34.895.924	12.061.906	39.166.379	12.942.052	-10,90	-6,80
Angola	32.971.801	14.401.236	29.607.848	12.131.101	11,36	18,71
Uruguai	16.370.634	6.237.935	13.616.511	4.727.900	20,23	31,94
Emirados Árabes Unidos	10.753.025	3.769.642	9.170.550	3.428.277	17,26	9,96
Venezuela	10.751.711	3.225.530	28.101.017	6.887.690	-61,74	-53,17
Chile	8.091.660	2.786.640	9.302.949	3.163.016	-13,02	-11,90
Moldávia	4.584.915	1.803.737	1.939.781	630.463	136,36	186,10
Demais países	25.162.865	11.280.769	27.048.450	11.106.199	-6,97	1,57
Total	492.277.177	180.739.639	452.018.800	153.375.884	8,91	17,84

Fonte: MDIC/Secex - Sistema Alice.

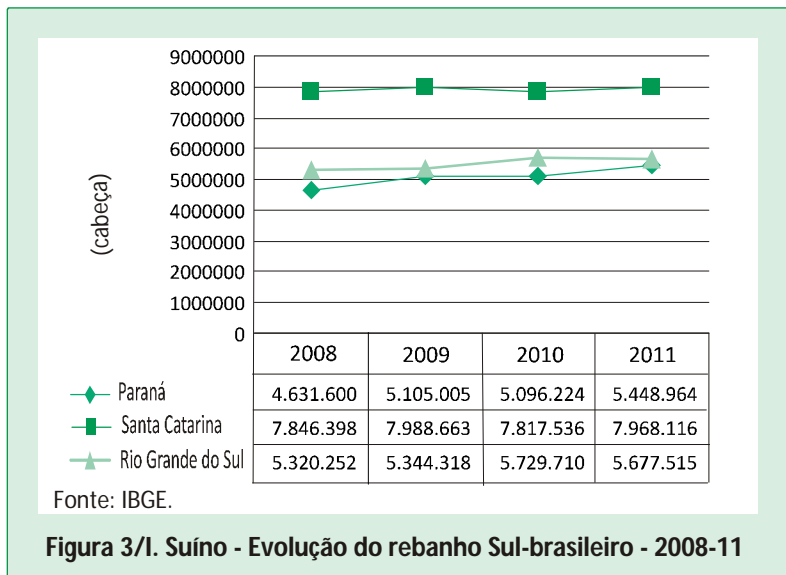


Figura 3/I. Suíno - Evolução do rebanho Sul-brasileiro - 2008-11

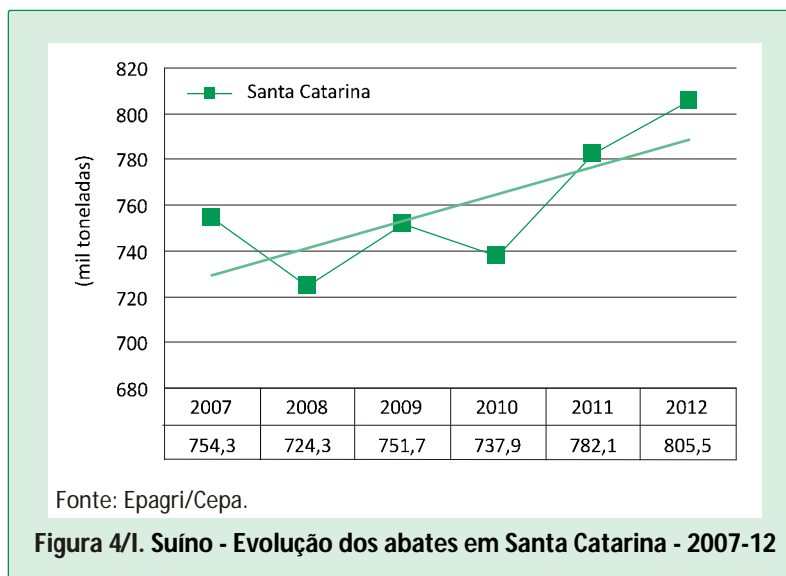


Figura 4/I. Suíno - Evolução dos abates em Santa Catarina - 2007-12

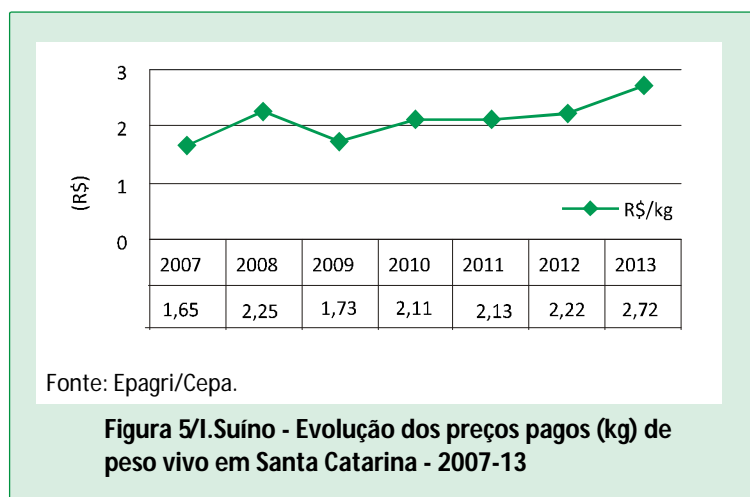
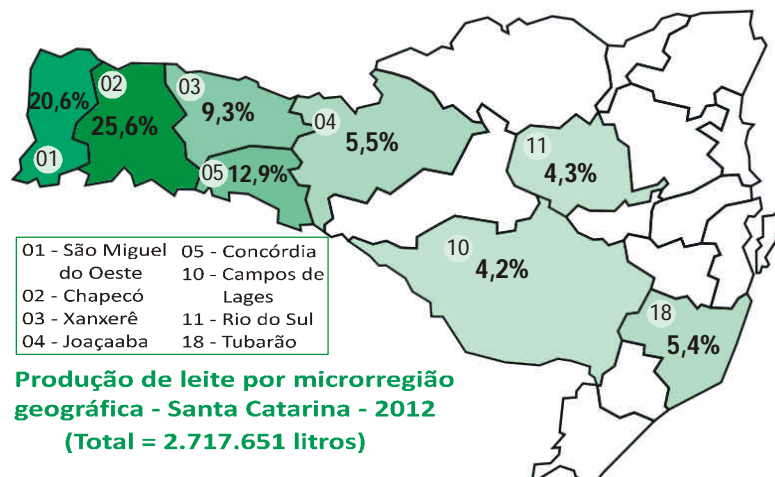


Figura 5/I. Suíno - Evolução dos preços pagos (kg) de peso vivo em Santa Catarina - 2007-13

LEITE

Francisco C. Heiden
Téc. Agr./Sociólogo/Esp. - Epagri/Cepa
heiden@epagri.sc.gov.br



Produção e mercado mundiais

Em 2012, a produção mundial de leite (de vaca, búfala, cabra, ovelha e camela) aumentou 2,9% e a produção total é estimada em 767,4 milhões de toneladas. O volume total em equivalente de leite comercializado entre os países foi estimado em 53,7 milhões de toneladas, aproximadamente 7,3% do volume total produzido em 2011, segundo a FAO - junho de 2013. Para 2013, o órgão projeta o crescimento da produção em 2,2% e do comércio mundial em 1,9%.

A projeção do comércio mundial de leite para 2013 é significativamente menor que o crescimento apresentado em 2012. Isso se deve, principalmente, à estabilização do consumo nos países desenvolvidos e a perspectiva de menor crescimento da produção nos países em desenvolvimento (Tabela 1).

Estima-se que o continente asiático foi responsável pela importação de 52% do leite comercializado no mundo. Por outro lado, as exportações se concentraram na Nova Zelândia, União Europeia, Estados Unidos da América e Austrália, que exportaram o equivalente a 72% do volume comercializado (Tabela 2).

Em 2012, o aumento da oferta de leite no mercado mundial e a desvalorização do euro em relação ao dólar foram os principais fatores responsáveis pelos baixos preços do leite em pó integral no mercado internacional. Nesse ano, os preços permaneceram por quatro meses abaixo de três mil dólares a tonelada.

Em 2013, a redução da oferta de matéria-prima, o baixo estoque de leite em pó e o aumento da demanda, especialmente na China, deixaram o mercado firme. Em todos os leilões da Fonterra, realizados desde 2008 pela plataforma GlobalDairyTrade de vendas online, o valor médio do leite em pó integral superou a faixa de US\$ 4.000,00 a tonelada somente em quatorze leilões, entre os quais nove foram realizados em 2013.

Tabela 1/I. Panorama do mercado mundial de lácteos – 2011-13

Discriminação	(valores em equivalente leite)			Variação (%)	
	2011	2012 Estimativa	2013 Prognóstico	(2012/2011)	(2013/2012)
Produção e comércio mundial (milhões de t)					
Produção total de leite	745,5	767,4	784,4	2,9	2,2
Comércio total	49,7	53,7	54,7	8,0	1,9
Consumo humano per capita (kg/ano)					
Mundo	105,7	107,6	108,7	1,8	1,0
Países desenvolvidos	235,3	237,9	238	1,1	0,0
Países em desenvolvimento	72,1	74,1	75,9	2,8	2,4

Fonte: FAO - junho 2013.

Tabela 2/I. Produção, importação e exportação mundial de lácteos – 2009-13

(mil t em equivalente leite)

Especificação	Produção			Importação			Exportação		
	2009-2011 Média	2012 Estimativa	2013 Prognóstico	2009-2011 Média	2012 Estimativa	2013 Prognóstico	2009-2011 Média	2012 Estimativa	2013 Prognóstico
Ásia	266.731	289.431	301.619	23.223	28.013	29.598	5.245	5.881	6.032
África	42.754	45.684	46.564	9.292	8.841	8.764	1.424	1.208	1.165
América Central	16.238	16.510	16.582	4.025	4.446	4.367	532	534	506
América do Sul	64.229	69.520	71.818	2.330	3.836	3.223	3.180	3.800	3.617
América do Norte	95.743	99.307	100.038	1.609	1.698	1.691	4.329	5.384	5.282
Europa	214.226	217.662	218.816	5.218	5.936	6.092	14.440	16.145	16.295
Oceania	26.369	29.292	28.990	807	848	851	17.680	20.715	21.779
Mundo	726.290	767.407	784.427	46.503	53.618	54.587	46.830	53.667	54.676
Países em desenvolv.	359.349	389.182	404.015	37.054	43.119	43.870	10.227	11.285	11.180
Países desenvolvidos	366.941	378.225	380.413	9.450	10.499	10.714	36.603	42.380	43.484

Nota: - Diferenças no total são provenientes de arredondamentos.

Fonte: FAO (Perspectivas Alimentárias - Junho 2013).

Produção e mercado nacionais

A produção total de leite no Brasil, em 2012, foi superior a 32,3 bilhões de litros de leite, um crescimento de 0,6% sobre a produção de 2011. Em 2013 a proporção do aumento deverá ser levemente superior a do ano anterior. Estima-se que a produção deverá situar-se ao redor de 32,6 bilhões de litros.

Os estados do sul do Brasil, entre os principais estados produtores, apresentaram maior crescimento da produção. Santa Catarina é o quinto produtor nacional, responsável por 8,4% do volume produzido e sua produção total foi de 2,7 bilhões de litros, um aumento de 7,4% em relação à produção de 2011 (Tabela 3).

A rápida expansão da atividade leiteira é creditada ao aumento de consumo interno, que vem crescendo em média, nos últimos cinco anos, 4,2% ao ano, alcançando aproximadamente 171 litros *per capita* em 2012 (Tabela 4).

A produção destinada à indústria brasileira de lácteos, no ano de 2012, foi de 22,3 bilhões de litros de leite, 2,5% maior que a captação de leite de 2011 (Tabela 5).

Em 2012, o déficit da balança comercial brasileira de lácteos foi 5,5% maior que o déficit no ano anterior. Em 2013 o déficit continua expressivo, mas as importações foram menores que no mesmo período dos dois anos anteriores (Tabelas 6 e 7).

Dentre os produtos importados pelo Brasil, destacam-se o leite e a nata concentrada, com 61%, os queijos e requeijões, com 24%, e o soro de leite, com 9%. A Argentina e o Uruguai foram os principais exportadores de lácteos para o Brasil. Em 2012, cerca de 84% do valor das importações brasileiras procederam desses países.

O volume total dos lácteos importados pelo Brasil em 2012, segundo estimativa da Epagri/Cepa, é equivalente a cerca de 1,2 bilhão de litros de leite fluido. Para efeito de comparação, esse volume representa aproximadamente 60% do volume de leite captado pela indústria catarinense no mesmo ano.

Em 2012, o preço médio do leite resfriado, incluído frete e o INSS, levantado pelo Cepea nos sete principais estados produtores, em termos reais (descontada a inflação) foi, aproximadamente, um centavo menor que o preço médio de 2011 (Tabela 8).

O preço médio recebido pelos produtores em Santa Catarina, segundo o Cepea, foi três centavos de real inferior à média nacional, diferença que se mantém no primeiro semestre de 2013. (Tabela 8).

Tabela 3/I. Produção de leite no Brasil e nos principais estados produtores – 2007-12

							(mil litros)
Abrangência geográfica	2007	2008	2009	2010	2011	2012	
Brasil	26.137.266	27.585.346	29.085.495	30.715.460	32.096.214	32.304.421	
Minas Gerais	7.275.242	7.657.305	7.931.115	8.388.039	8.756.114	8.905.984	
Rio Grande do Sul	2.943.684	3.314.573	3.400.179	3.633.834	3.879.455	4.049.487	
Paraná	2.700.993	2.827.931	3.339.306	3.595.775	3.815.582	3.968.506	
Goiás	2.638.568	2.873.541	3.003.182	3.193.731	3.482.041	3.546.329	
Santa Catarina	1.865.568	2.125.856	2.217.800	2.381.130	2.531.159	2.717.651	
São Paulo	1.627.419	1.588.943	1.583.882	1.605.657	1.601.220	1.689.715	
Bahia	965.799	952.414	1.182.019	1.238.547	1.181.339	1.679.097	

Fonte: IBGE - Pesquisa Pecuária Municipal.

Tabela 4/I. Leite - Consumo *per capita* aparente estimado, em equivalente leite fluido, no Brasil – 2000-12

Ano	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Consumo (litros/ano)	125	122	129	126	128	132	134	139	141	153	162	171	171

Fonte: Epagri/Cepa.

Tabela 5/I. Leite – Quantidade adquirida pelas indústrias, no Brasil e nos principais estados produtores – 2008-12

(mil litros)

Abrangência Geográfica	2008	2009	2010	2011	2012
Brasil	19.285.077	19.601.655	20.975.503	21.795.000	22.338.333
Minas Gerais	5.339.420	5.242.961	5.605.830	5.648.763	5.546.817
Rio Grande do Sul	2.785.988	2.762.434	2.977.976	3.196.155	3.551.609
Paraná	1.751.837	1.966.262	2.350.265	2.429.652	2.589.353
São Paulo	2.294.277	2.113.818	2.316.078	2.515.106	2.332.034
Goiás	2.301.850	2.415.026	2.303.954	2.237.105	2.290.603
Santa Catarina	1.289.193	1.389.848	1.580.265	1.795.887	2.103.820

Fonte: IBGE - Pesquisa Trimestral do Leite.

Tabela 6/I. Leite e derivados – Importações e exportações brasileiras – 2008-12

(milhões de dólares)

Ano	Importações	Exportações	Saldo
2008	211,59	509,27	297,67
2009	261,89	147,79	-114,09
2010	326,95	131,65	-195,31
2011	604,91	97,31	-507,60
2012	627,89	92,26	-535,64

Fonte: MDIC/Secex - Sistema Alice.

Tabela 7/I. Leite e derivados – Importações e exportações brasileiras no primeiro semestre – 2009-13

(milhões de dólares)

Ano	Importações	Exportações	Saldo
2009	122,83	87,40	-35,43
2010	144,73	64,69	-80,04
2011	271,26	44,86	-226,40
2012	314,22	44,86	-269,36
2013	238,04	48,13	-189,91

Fonte: MDIC/Secex - Sistema Alice.

Tabela 8/I. Leite – Preço médio anual recebido pelos produtores, no Brasil e nos principais estados produtores – 2011-13

(R\$/litro)

Ano	GO	MG	RS	SP	PR	BA	SC	Brasil
2011	0,95	0,93	0,86	0,97	0,92	0,80	0,92	0,92
2012	0,94	0,93	0,88	0,94	0,89	0,87	0,88	0,91
2013 ⁽¹⁾	1,00	0,96	0,88	0,96	0,93	0,91	0,92	0,95

⁽¹⁾ Primeiro semestre.

Média aritmética dos valores mensais corrigidos pelo IPCA-março/13.

Fonte: Cepea.

Produção e mercado estadual

A produção de Santa Catarina, em 2012, apresentou crescimento de 7,4% em relação ao ano anterior, a mesorregião Serrana foi a única que apresentou decréscimo na produção e a mesorregião Norte Catarinense registrou crescimento bem abaixo da média estadual (Tabela 9). A produção catarinense de 2012 situou-se ao redor de 2,7 bilhões de litros de leite.

As condições de clima para a atividade leiteira, em 2012, se comportaram aquém do desejável. A estiagem ocorrida nos meses de agosto e setembro, em todo o estado, prejudicou o desenvolvimento das pastagens de inverno e, além disso, na primavera a estiagem localizada na região do Meio-Oeste também prejudicou as pastagens de verão. Apesar disso, a produção entregue à indústria catarinense cresceu 17,1%, em relação a 2011. No segundo semestre de 2013, o volume captado pelos laticínios do estado foi 1,6% menor que no mesmo período de 2011 (Tabela 10).

Os preços médios deflacionados dos principais produtos lácteos em Santa Catarina, no atacado e varejo, foram menores em 2012. Os preços do leite UHT, queijo muçarela e queijo prato foram, respectivamente, 7,0%, 2,7% e 1,5% mais baixos que em 2011. No mercado varejista de Florianópolis, segundo o Dieese, o preço médio do leite em 2012 foi 5,4% menor que em 2011.

Apesar da queda dos preços no atacado e no varejo, a procura por leite resfriado foi grande e manteve a matéria-prima relativamente valorizada. Em Santa Catarina, os preços médios levantados pela Epagri/Cepa, e corrigidos pelo IGP-DI, também foram menores que os preços registrados em 2011. O preço corrigido de 2011 foi R\$ 0,81 e de 2012 foi R\$ 0,79, uma diferença de dois centavos de real por litro.

Segundo levantamento da Epagri/Cepa, o preço médio recebido pelos produtores de Santa Catarina alcançou em agosto de 2013 o maior preço dos últimos dez anos (R\$ 0,96/litro). Nesse período, o preço médio real (descontada a inflação do período) da matéria-prima permaneceu acima da média desde abril de 2011. (Figura 1).

Na microrregião de Chapecó e na mesorregião Sul Catarinense, os preços pagos ao produtor atingem os valores mais altos. A diferença entre o maior e menor preço médio registrado nas principais regiões produtoras foi de onze centavos no ano de 2012 e quinze centavos por litro no primeiro semestre de 2013. A diferença de preço se deve, principalmente, à maior concorrência entre as indústrias pela matéria-prima e ao custo do frete até a indústria. Além disso, no Sul Catarinense o rebanho da raça jersey dá mais qualidade à matéria-prima, com mais alta concentração de sólidos do leite (gordura e proteína), o que garante melhores preços aos produtores daquela mesorregião. (Tabela 11).

Em 2012, os preços médios nominais, efetivamente recebidos pelos produtores em Santa Catarina, foram superiores aos preços de referência do Conseleite/SC até setembro. De outubro/2012 a agosto de 2013 os preços de mercado foram inferiores aos preços de referência do leite padrão, exceto no mês de fevereiro. Nesse período, os preços médios recebidos pelos produtores, segundo o levantamento da Epagri/Cepa, a matéria-prima foi valorizada aquém da capacidade de pagamento do mix de produtos lácteos produzidos pela indústria catarinense (Tabela 12).

A remuneração do produtor em 2012 foi inferior a 2011. Os custos de produção do Conseleite/SC, atualizados trimestralmente pelo Epagri/Cepa, contabilizaram uma margem bruta média (Preço recebido pelo produtor - Custo total) de R\$ 0,07/litro de leite em 2012, contra R\$ 0,11 em 2011, diferença de quatro centavos por litro de leite. Isso se deve, basicamente, a duas razões: a principal é o aumento do custo da ração para suplementação dos animais, devido à elevação dos preços da matéria-prima, principalmente do milho e do farelo de soja. A outra razão é o menor preço pago ao produtor pelo leite resfriado (Figura 2).

No primeiro semestre de 2013, a situação se inverteu, o preço do leite aumentou e o custo de produção cresceu menos. A equivalência de preços entre o leite resfriado e milho, principal componente da ração fornecida às vacas leiteiras, passou a ser favorável ao produtor de leite. Em agosto de 2012 eram necessários 45 litros de leite para adquirir 60Kg de milho e, em agosto de 2013, bastavam 28 litros para adquirir a mesma quantidade do cereal (Figura 3).

Para o segundo semestre de 2013, a expectativa é de que não ocorram grandes mudanças no mercado. A menor oferta de leite e o crescente consumo de lácteos em nível mundial deverá manter o preço internacional elevado. No Brasil, a produção destinada à indústria decresceu em relação ao primeiro semestre do ano anterior e o consumo brasileiro de lácteos continua firme. Mesmo com os altos preços dos derivados de leite nas gôndolas dos supermercados, no primeiro semestre deste ano, o consumidor não deixou de adquirir esses produtos. Mesmo que a produção nacional cresça acima do esperado até o final deste ano é grande a probabilidade de que o preço médio do leite resfriado se mantenha elevado.

Tabela 9/I. Produção de leite nas mesorregiões geográficas de Santa Catarina – 2007-12

Abrangência	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Santa Catarina	1.865.568	2.125.856	2.217.800	2.381.130	2.531.159	2.717.651
Oeste Catarinense	1.348.291	1.539.527	1.598.968	1.742.254	1.846.717	2.007.684
Norte Catarinense	65.410	75.830	81.588	81.625	82.317	83.860
Serrana	72.086	82.147	100.445	124.819	150.934	150.460
Vale do Itajaí	197.043	204.011	205.580	217.259	222.875	236.450
Grande Florianópolis	46.588	49.289	52.206	51.637	54.647	58.557
Sul Catarinense	136.150	175.051	179.014	163.537	173.670	180.640

Fonte: IBGE – Produção Pecuária Municipal.

Tabela 10/I. Quantidade de leite recebido pela indústria de Santa Catarina – 2005-13

Ano/mês	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013 ⁽¹⁾
Janeiro	66.162	81.565	95.103	110.720	135.177	128.044	150.130	174.043	188.672
Fevereiro	60.012	73.750	81.281	99.616	118.917	113.037	133.736	164.230	161.945
Março	59.752	76.852	81.612	96.308	115.689	118.065	135.350	170.407	162.200
Abril	58.471	72.258	77.106	87.974	96.472	109.658	122.148	150.752	147.032
Mai	60.516	71.613	74.984	90.569	92.205	114.939	132.054	160.209	151.828
Junho	62.814	75.773	80.358	95.936	88.799	125.798	143.285	164.479	156.925
Julho	68.546	80.174	107.443	114.072	110.477	137.531	150.380	186.467	
Agosto	73.926	87.572	93.814	122.018	120.611	145.129	159.105	198.214	
Setembro	73.036	85.662	101.130	120.353	125.094	147.453	160.274	181.759	
Outubro	78.681	87.846	102.651	119.451	131.090	147.744	170.383	182.833	
Novembro	76.027	87.277	93.035	113.773	122.332	144.342	164.970	183.723	
Dezembro	79.110	96.121	97.946	118.404	129.494	148.523	174.072	186.704	
Total	817.053	976.463	1.086.463	1.289.194	1.386.357	1.580.263	1.795.887	2.103.820	

⁽¹⁾ Dados preliminares.

Fonte: IBGE – Pesquisa Trimestral do Leite.

Tabela 11/I. Preço médio do leite resfriado, em nível de produtor, nas principais regiões produtoras de Santa Catarina – 2012-13

(R\$/litro)

Ano	São Miguel do Oeste	Chapecó	Joaçaba	Rio do Sul	Sul Catarinense
2012	0,76	0,83	0,72	0,73	0,82
até ago/2013	0,86	0,96	0,85	0,81	0,91

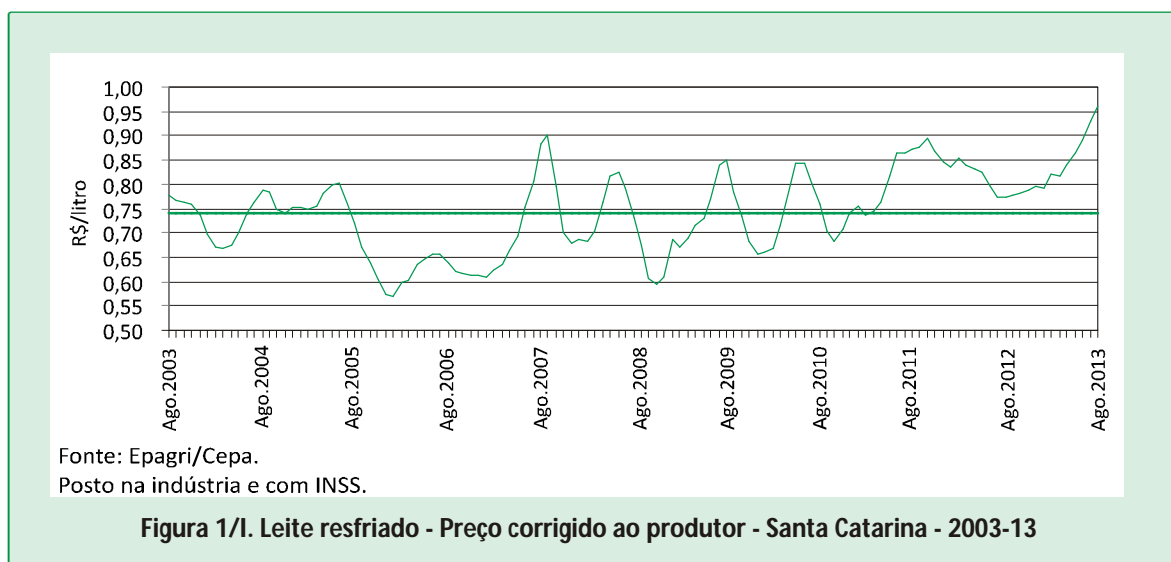
Nota: Leite posto na indústria com INSS incluso.
Fonte: Epagri/Cepa.

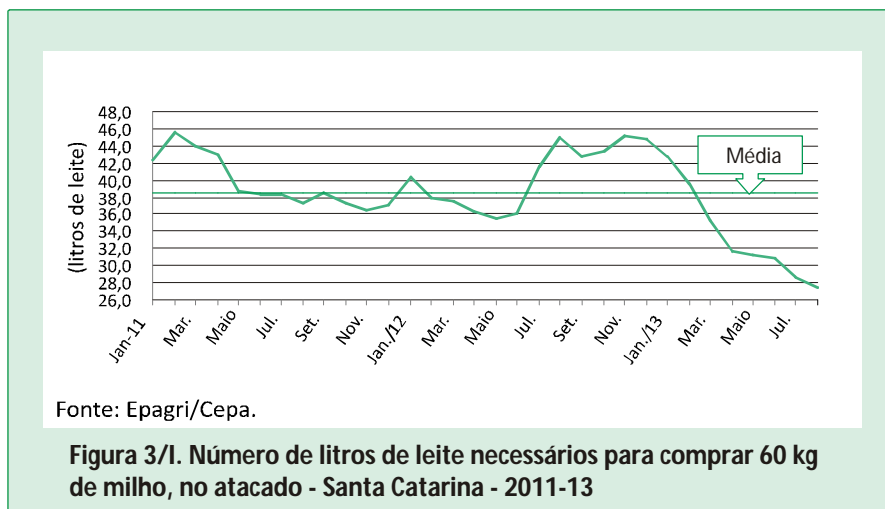
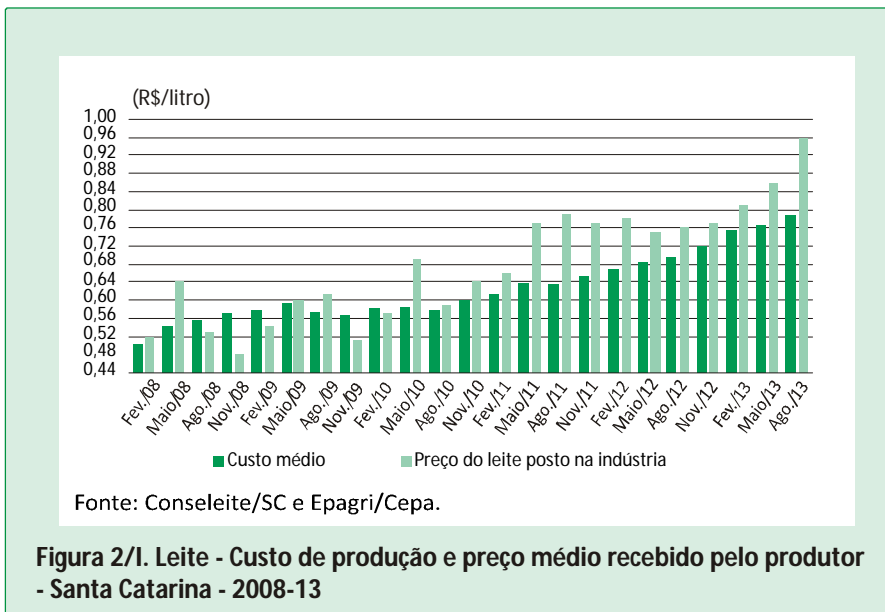
Tabela 12/I. Preços de referência do leite padrão e preço médio recebido pelo produtor, em Santa Catarina – 2012-13

(R\$/litro)

Mês	Preço de referência	Preço ao produtor	Var. %
Jan./12	0,65	0,71	9,0
Fev./12	0,65	0,72	10,3
Mar./12	0,66	0,71	8,2
Abr./12	0,67	0,71	6,0
Mai./12	0,66	0,72	8,8
Jun./12	0,66	0,71	8,0
Jul./12	0,66	0,69	4,1
Ago./12	0,66	0,69	4,2
Set./12	0,67	0,70	4,8
Out./12	0,70	0,69	-0,8
Nov./12	0,71	0,70	-1,1
Dez./12	0,72	0,71	-1,3
Jan./13	0,73	0,72	-1,2
Fev./13	0,72	0,74	2,5
Mar./13	0,75	0,74	-1,3
Abr./13	0,80	0,76	-4,9
Mai./13	0,83	0,79	-4,8
Jun./13	0,88	0,82	-6,4
Jul./13	0,91	0,86	-5,1
Ago./13	0,93	0,89	-3,8

Nota: Preço do leite posto na propriedade com o INSS incluso.
Fonte: Conseleite/SC e Epagri/Cepa.





Desempenho da aquicultura catarinense

PISCICULTURA DE ÁGUA DOCE

Fernando Soares Silveira
Oceanógrafo - Epagri/Cedap
fernando@epagri.sc.gov.br

Fabiano Müller Silva
Eng. Agr. - Epagri/Cedap
fabiano@epagri.sc.gov.br

Jorge de Matos Casaca
Médico-veterinário - Epagri/Cedap
jmcasaca@epagri.sc.gov.br

Produção e mercado estaduais

Nos últimos anos, a piscicultura adquiriu a condição de “atividade rentável” em Santa Catarina, possibilitando ao produtor profissionalizado obter uma fonte de renda regular que, dependendo da propriedade, pode ser complementar ou principal.

São dois os tipos de piscicultores no estado: os produtores comerciais e os produtores amadores (produção de subsistência, lazer e venda eventual). Enquanto os produtores comerciais têm regularidade de produção e altas produtividades em função do uso de tecnologias avançadas, os amadores criam peixes de forma extensiva com produções e comercializações baixas e irregulares.

Em Santa Catarina são aproximadamente 20 espécies de peixes cultivadas. As principais são as tilápias, as 4 espécies de carpas (comum, cabeça-grande, capim e prateada), seguidas pelas trutas e os jundiás. Predominam dois sistemas de cultivos – policultivo e monocultivo – com algumas variações dentro de cada sistema, dependendo da região.

O policultivo (várias espécies juntas) pratica a criação de peixes integrada à produção animal, principalmente com a suinocultura ou a avicultura. A produção final é de 4 a 6 toneladas por hectare e as principais espécies utilizadas são a carpa-comum ou a tilápia nilótica. Como espécies secundárias são utilizadas as carpas prateada e cabeça-grande e, como espécies complementares, a carpa capim, o jundiá, o cascudo, entre outras menos utilizadas. Uma variação do policultivo tradicional é aquele mais intensificado, no qual a espécie principal é a tilápia nilótica, se faz a integração com a suinocultura, se utiliza aeração artificial e, também, ração formulada nos últimos dois a três meses da engorda, alcançando produções finais entre 10 e 17 toneladas por hectare. As espécies secundárias são as carpas comum, prateada e cabeça-grande.

O monocultivo (uma só espécie) caracteriza-se por usar maiores densidades, pelo uso exclusivo de alimento formulado, por utilizar aeração artificial e por obter produção final entre 10 e 30 toneladas por hectare. Atualmente, a tilápia nilótica é a espécie mais cultivada neste sistema, destacando-se ainda os cultivos de jundiá e do bagre-americano. Em algumas regiões mais frias, a truta pode ser a espécie recomendada.

Nos comparativos entre anos específicos ocorrem decréscimos da produção, embora não sejam comuns. Mas uma visão de longo prazo mostra que a produção catarinense de peixes em viveiros de água-doce vem aumentando de maneira consistente ao longo do tempo: entre meados dos anos de 1980 e 2012, o crescimento da produção estadual superou os 3.400% (Figura 1).

Em 2011, 27.744 piscicultores produziram 32.125 toneladas: os comerciais responderam por 17.661 toneladas e os amadores por 14.464 toneladas. Isso mostra o resultado das técnicas mais avançadas dos produtores comerciais: 2.323 piscicultores comerciais produziram 22% mais que 25.421 piscicultores amadores.

Em 2012, permaneceu a tendência de aumento da produção, embora menos acentuada. A produção total foi de 34.609 toneladas, 7,8% acima da de 2011. A produção dos piscicultores amadores aumentou 5,8%, atingindo 15.303 toneladas e a dos piscicultores comerciais, 11%, alcançando 19.305 toneladas. O número de produtores também variou em relação a 2011. Os piscicultores amadores alcançaram 25.849 (mais 2.731), ao passo que os comerciais permaneceram praticamente inalterados (menos 20).

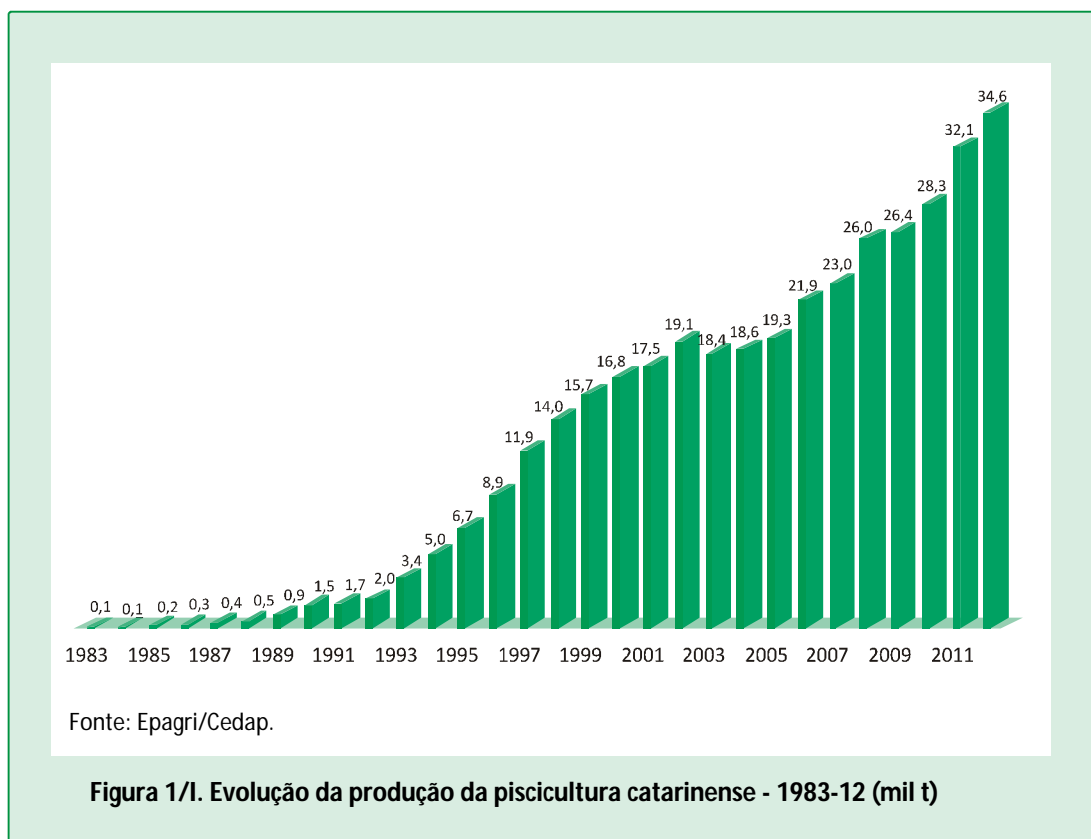
Considerando as 23 regiões administrativas da Epagri, as 19.305 toneladas produzidas pelos produtores comerciais estão concentradas em quatro regiões, que respondem por 65% do total produzido: Joinville, 4.074 toneladas; Tubarão, 3.831 toneladas; Blumenau, 2.623 toneladas e Rio do Sul, 2.015 toneladas. Nessas regiões destacam-se alguns municípios com produções acima de 500 toneladas, dos quais todos cultivam a tilápia como o peixe principal, com destaque para Massaranduba, o maior produtor estadual da espécie (Tabela 1).

Tabela 1/I. Principais municípios produtores de peixes em Santa Catarina - 2012

Regional da Epagri	Município	Produção (t)
Blumenau	Timbó	546
Joinville	Massaranduba	1.596
	Joinville	811
	Schroeder	510
	Guaramirim	506
Rio do Sul	Agrolândia	579
Tubarão	Armazém	796
	Rio Fortuna	629
	Grão Pará	619
	Braço do Norte	556

Fonte: Epagri/Cedap 2013¹.

⁽¹⁾ Esses dados são originários das regiões administrativas da Epagri e sistematizados no Cedap. Como até a produção desse texto ainda não haviam chegado todos os dados, os valores apresentados estão sujeitos a revisão.



MARICULTURA

Alex Alves dos Santos
Eng. Agr. - Epagri/Cedap
alex@epagri.sc.gov.br

Produção e mercado estaduais

Em 2012, a produção total de moluscos (mexilhões, ostras e vieiras) comercializados por Santa Catarina atingiu 23.495 toneladas, um aumento de 28,71% sobre 2011. A comercialização de mexilhões (*Perna perna*) aumentou 31,7%; a de ostras (*Crassostrea gigas*), 8% e a de vieiras (*Nodipecten nodosus*), 47% (Tabela 2).

Esses crescimentos comerciais são resultantes da crescente demanda por moluscos, já que o brasileiro está adquirindo o hábito de consumir frutos do mar com maior frequência. Com isso, em 2012, a comercialização de moluscos na concha pelos produtores catarinenses já superou a cifra de R\$ 45 milhões (Tabela 3).

Atuaram na produção 657 maricultores, 5,5% a menos do que os 695 de 2011. Apesar da redução do número de produtores nos últimos 10 anos, a produtividade das fazendas marinhas tem crescido anualmente, mostrando o resultado dos trabalhos de pesquisa e de extensão no desenvolvimento da atividade.

Os maricultores catarinenses estão organizados em 20 associações municipais, uma associação estadual, uma cooperativa e duas federações, distribuídos em 12 municípios do litoral, situados entre Palhoça e São Francisco do Sul. Em termos municipais, o maior produtor de ostra é Florianópolis; o maior produtor de mexilhão é Palhoça e o maior produtor de vieira é Penha.

Tabela 2/I. Molusco – Evolução da produção de Santa Catarina – 2008-12

(t)

Molusco	2008	2009	2010	2011	2012
Mexilhões	10.891	10.663	13.722	15.965	21.027
Ostras	2.213	1.792	1.908	2.285	2.468
Vieiras	3,12	5,4	5,2	3,8	5,6
Total	13.107	12.462	15.635	18.253	23.495

Fonte: Epagri/Cedap.

Tabela 3/I. Estimativa econômica da maricultura de Santa Catarina - 2012

Safra 2012	Quantidade (dúzias)	R\$/dúzia	Valor (R\$)
Mexilhões	21.027.000	R\$ 1,49	31.330.230,00
Ostras	2.468.000	R\$ 5,55	13.697.400,00
Vieiras	5.800	R\$ 29,67	172.086,00
Total	23.500.800	-	45.199.716,00

Fonte: Epagri/Cedap.

DESEMPENHO DO SETOR FLORESTAL

Luiz Toresan
Eng. Agr. - Epagri/Cepa
toresan@epagri.sc.gov.br

Produção e mercado mundiais

Continua lenta a recuperação da indústria de produtos florestais após a recessão iniciada em 2008

A produção e o consumo mundiais de madeira vêm se recuperando de forma lenta da forte queda ocorrida em 2008 e 2009 devido à recessão iniciada nos EUA em 2008. Em 2011, a produção de madeira para uso industrial no mundo cresceu em relação a 2010, mas não recuperou os patamares de 2007 (Tabela 1). Os maiores crescimentos são apresentados pela Rússia, Brasil e Canadá, grandes atores do mercado internacional de produtos florestais.

Na indústria de celulose, Brasil, Indonésia, Chile e China apresentam crescimento de produção, enquanto tradicionais grandes produtores como EUA, Canadá, Suécia e Finlândia perdem espaço. Prossegue a tendência de fechamento de fábricas de celulose no hemisfério norte, enquanto novas plantas entram em operação em países de clima menos frio como o Brasil.

O Brasil vem expandindo rapidamente sua produção de celulose ocupando a quarta posição mundial (Tabela 2). Projeções de analistas do setor apontam o Brasil como o segundo maior produtor mundial de celulose de mercado a partir de 2020, com mais de 22 milhões de toneladas.

No consumo de celulose para fabricação de papel, EUA, China e Japão são os grandes destaques, alcançando, juntos, quase a metade do volume total mundial.

No segmento de papéis e cartões, China e EUA são os grandes produtores e consumidores mundiais, tendo sido responsáveis por cerca de 45% da produção e do consumo mundiais desses produtos em 2011. Destaca-se o forte crescimento anual de 7,2% na produção chinesa de papel nos últimos quatro anos (Tabela 3).

O comércio mundial de produtos florestais recuperou sua trajetória ascendente após a crise mundial de 2008 (Tabelas 4 e 5). Em 2011 o crescimento das exportações mundiais foi de 10% em relação a 2010. EUA, China, Canadá e Alemanha são os maiores atores do mercado.

No grupo dos países exportadores líquidos, destacam-se, pelo maior volume de superávit comercial, Canadá, Suécia, Finlândia, Rússia e Brasil. Como tradicionais exportadores, eles quase recuperaram os níveis das exportações de produtos florestais que haviam obtido antes à crise de 2008.

China, Japão, Itália e Reino Unido destacam-se como países com os maiores valores de saldos negativos em suas balanças comerciais de produtos florestais. A China mostra uma tendência de importar cada vez mais produtos florestais, especialmente madeira em toras ou serrada e celulose, para satisfazer seu crescente consumo doméstico. Os EUA, por sua vez, passaram de um saldo negativo de cerca de cinco bilhões de dólares em 2007 para um superávit de mais de seis bilhões de dólares em 2011.

No médio prazo pode-se vislumbrar uma tendência de redução da participação no mercado dos grandes e tradicionais países exportadores de produtos florestais, com a entrada no mercado e aumento da participação no comércio internacional de muitos outros países com menor ou pouca tradição no mercado.

A celulose, principal *commodity* florestal do mercado internacional, tem apresentado preços bastante voláteis nos últimos anos (Figura 1). Os preços da fibra longa, tipo NBSK, mantêm-se em patamares acima de 800 dólares por tonelada posta na Europa, com períodos de maior de valorização. No primeiro semestre de 2013, os preços aumentaram mais de 7%, uma valorização que tende a se manter até o final do ano.

A celulose de fibra curta, tipo BHKP (de eucalipto), produto em que o Brasil detém a liderança no comércio mundial, estava cotada em 775 dólares por tonelada na Europa no final de 2012. Ao longo do primeiro semestre de 2013 seus preços tiveram um crescimento de 4,4% em relação ao início do ano, mas não devem se sustentar nesse patamar durante o segundo semestre, mesmo com o aumento das compras da China previsto.

Nos últimos anos observa-se um aumento no consumo mundial de madeira para produção de energia. O crescimento mais marcante é o de *pellets*, cuja capacidade mundial de produção saltou de dois milhões de toneladas em 2001 para 16 milhões de toneladas em 2012 e deve ultrapassar 20 milhões de toneladas em 2020.

O aumento anual previsto no consumo de *pellets* no mundo é da ordem de 11% ao ano nos próximos 10 anos e será puxado pela Europa, grande consumidora que tem potencial para importar entre 10 e 12 milhões de toneladas por ano. Esse crescimento deverá ser sustentado pela decisão de alguns países de privilegiar fontes de energia renováveis em suas matrizes energéticas.

Atualmente a Suécia é o país que mais consome *pellets* na Europa principalmente como fonte de energia para aquecimento a fim de substituir o gás natural e o petróleo. O Canadá é o principal abastecedor mundial de *pellets*.

Tabela 1/I. Produção mundial de madeira em toras para uso industrial⁽¹⁾ segundo os principais países - 2007-11

País	(mil m ³)				
	2007	2008	2009	2010	2011
Estados Unidos da América	378.771	336.895	292.091	283.549	283.996
Rússia	162.000	136.700	112.900	136.076	153.183
Canadá	161.390	136.096	113.306	138.802	141.855
Brasil	121.520	115.390	122.160	128.400	139.969
China	90.931	100.843	100.548	102.428	103.035
Suécia	72.300	64.900	59.200	66.300	66.203
Indonésia	47.451	54.304	47.806	54.106	60.706
Finlândia	51.406	45.965	36.701	45.977	45.526
Alemanha	68.029	46.806	38.987	45.388	45.358
Chile	38.417	39.878	36.402	34.560	39.150
Demais países	501.534	495.709	469.045	492.486	498.992
Total mundial	1.693.748	1.573.485	1.429.145	1.528.071	1.577.974

⁽¹⁾ Refere-se a toda a madeira bruta em estado natural, incluindo madeira para: serraria, fabricação de painéis reconstituídos, celulose e papel e outros fins industriais.

Fonte: FAO - Base de Dados Estatísticos. Disponível em <http://www.fao.org>, acesso em julho de 2013.

Tabela 2/I. Produção mundial de celulose⁽¹⁾ segundo os principais países – 2007-11

(mil t)

País	2007	2008	2009	2010	2011
Estados Unidos da América	54.981	52.244	48.391	50.251	50.187
China	19.442	20.058	17.628	20.420	21.102
Canadá	22.421	20.405	17.137	18.576	18.327
Brasil	11.998	12.697	13.315	14.164	13.922
Suécia	12.402	12.070	11.280	11.714	11.655
Finlândia	12.856	11.624	8.815	10.508	10.362
Japão	10.850	10.706	8.535	9.423	9.025
Rússia	6.826	7.003	6.615	7.346	7.214
Indonésia	5.282	5.753	5.069	5.820	6.560
Chile	4.675	4.981	4.993	4.102	4.896
Demais países	34.328	34.798	32.190	33.041	33.587
Total mundial	196.061	192.340	173.969	185.365	186.838

⁽¹⁾ Referem-se à celulose de mercado.Fonte: FAO - Base de Dados Estatísticos. Disponível em <http://www.fao.org>, acesso em julho de 2013.

Tabela 3/I. Produção mundial de papel e cartões segundo os principais países – 2007-11

(mil t)

País	2007	2008	2009	2010	2011
China	77.965	83.685	90.117	96.501	103.101
Estados Unidos da América	83.916	80.178	71.355	77.689	77.424
Japão	31.268	30.628	26.268	27.364	26.609
Alemanha	23.317	22.828	20.870	23.072	22.704
Canadá	17.367	15.789	12.823	12.733	12.069
Indonésia	7.727	11.349	11.527	11.527	11.527
Coréia do Sul	10.932	10.642	10.481	11.106	11.480
Finlândia	14.334	13.126	10.602	11.758	11.329
Suécia	11.511	11.663	10.932	11.410	11.298
Índia	4.781	7.941	7.789	10.809	10.870
Brasil	9.008	9.154	9.428	9.844	10.159
Itália	10.112	9.467	8.404	9.087	9.130
França	9.871	9.404	8.332	8.830	8.527
Demais países	76.080	75.790	73.777	77.199	76.955
Total mundial	388.188	391.644	372.705	398.929	403.183

Fonte: FAO - Base de Dados Estatísticos. Disponível em <http://www.fao.org>, acesso em julho de 2013.

Tabela 4/I. Valor das exportações mundiais de produtos florestais segundo os principais países – 2007-11

(US\$ milhões)

País	2007	2008	2009	2010	2011
Estados Unidos da América	20.859	22.460	19.957	23.679	26.096
Canadá	27.774	24.005	17.103	21.258	22.699
Alemanha	23.766	24.226	18.507	20.615	21.893
Suécia	16.592	17.180	14.122	15.483	17.348
Finlândia	15.896	15.204	11.095	13.161	14.081
China	9.957	9.775	8.812	10.129	12.931
Rússia	11.231	10.619	7.696	8.587	9.719
França	8.624	8.752	6.702	7.530	8.250
Brasil	6.448	7.227	5.744	7.607	7.968
Indonésia	6.397	7.098	5.393	7.192	7.666
Demais países	86.754	92.064	73.692	87.397	97.280
Total mundial	234.298	238.610	188.821	222.636	245.932

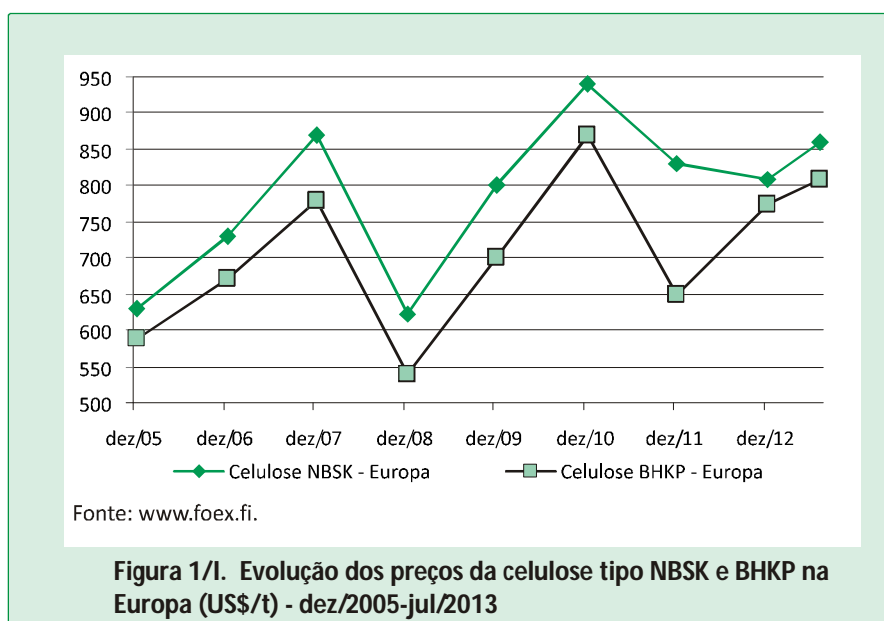
Fonte: FAO - Base de Dados Estatísticos. Disponível em <http://www.fao.org>, acesso em julho de 2013.

Tabela 5/I. Valor das importações mundiais de produtos florestais segundo os principais países – 2007-11

(US\$ milhões)

País	2007	2008	2009	2010	2011
China	20.431	24.841	25.713	23.731	32.748
Alemanha	16.012	20.794	21.504	15.801	19.213
Estados Unidos da América	31.697	27.659	24.422	17.218	19.624
Japão	12.778	12.335	12.360	9.919	11.869
Itália	10.456	12.069	11.430	8.797	10.564
Reino Unido	11.343	13.646	11.789	9.094	10.452
França	9.628	11.561	11.783	8.705	9.852
Países Baixos	6.248	7.414	7.847	5.762	6.284
Bélgica	5.858	7.391	7.270	5.757	6.322
Índia	2.572	3.110	3.984	3.332	4.250
Demais países	81.460	97.815	104.829	83.298	100.231
Total mundial	208.484	238.634	242.931	191.415	231.408

Fonte: FAO - Base de Dados Estatísticos. Disponível em <http://www.fao.org>, acesso em julho de 2013.



Produção e mercado nacionais

Plantios e produção florestal seguem em expansão no Brasil

O setor florestal brasileiro é bastante desenvolvido tecnologicamente e tem importante presença no mercado internacional de produtos florestais, tendo exportado mais de nove bilhões de dólares em 2012. A indústria de base florestal empregou em 2012 mais de 620 mil pessoas em suas atividades e gerou um valor bruto da produção (VBP) estimado em 56 bilhões de reais (Abraf, 2013). Como segmentos mais importantes, merecem destaque os de celulose e papel, além da indústria de processamento da madeira.

Ao todo são cultivados no País 7,2 milhões de hectares de florestas para fins comerciais, sendo o eucalipto a principal espécie plantada, ocupando 70% da área. Os plantios florestais são responsáveis pela totalidade do fornecimento de madeira ao setor de papel e celulose e pela maior parte da matéria-prima consumida pela indústria da madeira e de móveis.

O segmento de celulose e papel responde por mais de 70% do valor exportado em produtos florestais. Os estados de São Paulo, Bahia, Paraná e Espírito Santo respondem por quase dois terços do valor total embarcado nos portos brasileiros.

Produção e consumo de matéria-prima florestal

Os plantios de eucalipto seguem em expansão enquanto as áreas de pinus se encolhem ano após ano

O eucalipto e o pinus dominam os plantios de florestas comerciais no Brasil somando 6,7 milhões de hectares em 2012. Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Bahia detêm mais de 70% da área plantada (Tabela 6).

Nos últimos anos vem ocorrendo uma redução gradativa da área plantada com o gênero pinus, enquanto os plantios de eucalipto crescem a taxas expressivas. Em 2012, a Associação Brasileira de Produtores de Florestas Plantadas (Abraf) estimou uma redução de 5% na área ocupada com pinus, enquanto a área de eucalipto aumentou na mesma proporção.

Nos últimos anos observa-se um deslocamento das áreas de expansão do setor florestal do Sul e do Sudeste para as regiões Centro-Oeste, Norte e Nordeste do País. Mato Grosso do Sul, Tocantins e Maranhão apresentam crescimento de área plantada bem maior que tradicionais estados produtores como Bahia e São Paulo. O Eucalipto “subiu o Brasil” devido aos grandes projetos de produção de celulose que estão se implantando nessas novas fronteiras da silvicultura brasileira. A disponibilidade de terras nessas regiões atraiu grandes empresas de papel e celulose.

O valor bruto da produção da silvicultura e da extração florestal no Brasil em 2011 foi de 18,6 bilhões de reais, segundo estimativas do IBGE. Em 2011 foram processados 126 milhões de metros cúbicos de madeira pela indústria brasileira, volume quase 10% maior que o do ano anterior (Tabela 7).

O setor de papel e celulose é o maior consumidor de madeira em toras no Brasil, tendo processado 64,1 milhões de metros cúbicos em 2012 (Abraf, 2013). A indústria madeireira, que consome toras mais grossas, também apresentou uma expansão no consumo de matéria-prima no mesmo ano (Tabela 8), o que mostra uma melhora nas atividades industriais do setor em 2012.

Tabela 6/I. Área plantada com pinus e eucalipto no Brasil – 2011-12

Estado	Área plantada (ha)					
	Pinus		Eucalipto		Total	
	2011	2012	2011	2012	2011	2012
Minas Gerais	75.408	52.710	1.401.787	1.438.971	1.477.195	1.491.681
São Paulo	156.726	144.802	1.031.677	1.041.695	1.188.403	1.186.497
Paraná	658.707	619.731	188.153	197.835	846.860	817.566
Santa Catarina	538.254	539.377	104.686	106.588	642.940	645.965
Bahia	21.520	11.230	607.440	605.464	628.960	616.694
Mato Grosso do Sul	11.871	9.825	475.528	587.310	487.399	597.135
Rio Grande do Sul	164.806	164.832	280.193	284.701	444.999	449.533
Espírito Santo	2.546	2.546	197.512	203.349	200.058	205.895
Maranhão	0	0	165.717	173.324	165.717	173.324
Pará	0	0	151.378	159.657	151.378	159.657
Tocantins	850	853	65.502	109.000	66.352	109.853
Mato Grosso	0	0	58.843	59.980	58.843	59.980
Goiás	10.760	16.432	59.624	38.081	70.384	54.513
Amapá	445	445	50.099	49.506	50.544	49.951
Piauí	0	0	26.493	27.730	26.493	27.730
Outros estados	0	16.877	9.314	194.135	9.314	211.012
Total	1.641.892	1.562.783	4.873.952	5.102.029	6.515.844	6.664.812

Fonte: Anuário Estatístico da Abraf – 2013, ano base 2012.

Tabela 7/I. Produção brasileira das principais matérias-primas de origem florestal – 2007-11

Produto	Unid. medida	2007	2008	2009	2010	2011
Extração vegetal						
Carvão vegetal	mil t	2.530	2.222	1.640	1.503	1.351
Erva-mate	t	225.957	219.773	218.102	227.462	229.681
Lenha	mil m ³	43.910	42.118	41.440	38.207	37.574
Madeira em tora	mil m ³	16.389	14.127	15.248	12.658	14.117
Palmito ⁽¹⁾	t	6.037	5.873	5.076	4.920	5.563
Pinhão	t	4.887	4.768	5.066	5.715	8.032
Silvicultura						
Carvão vegetal	mil t	3.806	3.975	3.378	3.448	4.128
Erva-mate	t	438.474	434.727	443.126	430.305	443.635
Lenha	mil m ³	39.089	42.038	41.411	48.103	51.741
Madeira p/papel e celulose	mil m ³	60.964	58.182	65.346	69.779	75.882
Madeira p/outras finalidades	mil m ³	44.167	43.080	41.566	45.963	49.971
Palmito ⁽²⁾	t	61.429	84.006	70.784	116.870	103.419

⁽¹⁾ Inclui Palmito Juçara, Açaí e Pupunha.

⁽²⁾ Inclui Palmito Juçara, Palmeira Real, Açaí e Pupunha.

Fonte: IBGE - Produção Extrativa Vegetal e Silvicultura. Disponível em < <http://www.ibge.gov.br/SistemaSidra>: acesso em julho 2013.

Tabela 8/I. Consumo de madeira em toras para uso industrial no Brasil por espécie, segundo os principais segmentos industriais – 2010-12

Segmento industrial	(mil m ³)								
	Pinus			Eucalipto			Total		
	2010	2011	2012	2010	2011	2012	2010	2011	2012
Celulose e papel	8.594	8.103	9.108	54.784	53.239	55.033	63.378	61.342	64.141
Painéis reconstituídos	8.759	7.752	7.253	4.424	4.658	5.580	13.183	12.410	12.833
Indústria madeireira	29.134	27.288	27.424	3.515	4.760	7.034	32.649	32.048	34.458
Carvão	-	-	-	15.401	16.987	23.144	15.401	16.987	23.144
Lenha industrial	9.399	6.382	3.829	33.157	35.709	37.067	42.556	42.091	40.896
Outros	285	286	31	1.674	774	1.062	1.959	1.060	1.093
Brasil	56.170	49.811	47.645	112.955	116.127	128.920	169.126	165.938	176.565

Fonte: Abraf – Anuário Estatístico da Abraf – 2013.

Desempenho da indústria de processamento mecânico da madeira

O mercado interno garantiu um pequeno crescimento em 2012

Em 2012, a indústria brasileira de produtos sólidos da madeira apresentou melhora em seus indicadores. Houve um aumento 8% no volume de madeira processada, com acréscimo de 17% na produção de compensados e de 1% no volume produzido de serrados (Tabela 9). O mercado doméstico absorve quase toda a madeira serrada e cerca da metade da madeira compensada produzida no Brasil.

A tendência da indústria de processamento mecânico de madeira é continuar perdendo espaço para a indústria de painéis de madeira reconstituída devido à substituição de seus produtos por chapas de MDP, MDF e OSB.

O valor das exportações brasileiras de madeira e suas obras⁽¹⁾ (exceto móveis) em 2012 foi semelhante ao obtido em 2011. No primeiro semestre de 2013 as exportações de madeira e seus produtos mostraram um ligeiro crescimento em relação ao mesmo semestre do ano anterior. Para o segundo semestre espera-se um aumento significativo nas exportações brasileiras de madeira devido, principalmente, ao câmbio que deverá se manter mais favorável para as exportações.

Tabela 9/I. Produção e consumo de madeira serrada e compensados no Brasil - 2006-12

Ano	Madeira serrada		Compensados	
	Produção	Consumo	Produção	Consumo
2006	9.100	7.300	2.400	600
2007	9.300	7.400	2.000	600
2008	8.800	7.500	1.900	600
2009	8.500	7.500	1.600	600
2010	9.000	8.100	2.000	1.000
2011	9.100	8.100	1.800	1.000
2012	9.200	8.300	2.100	1.100

Fonte: Abraf – Anuário Estatístico da Abraf – 2013.

Desempenho da indústria de painéis de madeira reconstituída

Produção e consumo doméstico seguem em expansão

A indústria de painéis de madeira reconstituída é formada por poucas e grandes empresas e apresenta grande dinamismo no Brasil, com crescimento bastante expressivo da produção e de sua capacidade instalada nos últimos anos. A capacidade de produção de painéis de madeira industrializada passou de seis milhões de metros cúbicos anuais em 2007 para mais de 10,3 milhões de metros cúbicos em 2012 (Tabela 10).

Essa indústria consumiu 12% de toda a matéria-prima florestal processada no Brasil em 2012 e produziu 21% a mais de MDF e 6% a mais de MDP, em relação ao ano de 2011 (Abraf, 2013). O crescimento desse segmento da indústria florestal está bastante associado à expansão da produção de móveis para o mercado interno, que consome mais de 70% da produção brasileira de painéis de madeira.

⁽¹⁾ Inclui madeira processada mecanicamente e painéis da madeira reconstituída.

As perspectivas para o setor são de continuidade no crescimento. A Associação Brasileira da Indústria de Painéis de Madeira (Abipa) projeta, para os próximos anos, um crescimento na demanda de MDP e de MDF da ordem de 15% ao ano, o que deve elevar a utilização da capacidade instalada da indústria, que atualmente trabalha com ociosidade. No entanto, permanecem dúvidas sobre a capacidade de o mercado interno absorver as produções adicionais resultantes da agregação de capacidade instalada em algumas empresas.

Tabela 10/I. Capacidade nominal instalada, produção, importação, exportação e consumo interno de painéis de madeira no Brasil – 2005-12

Ano/Produto	Capacidade instalada (m³)	Produção	Importação	Exportação	Consumo interno
MDP					
2005	2.800.000	2.048.957	78.400	25.750	2.101.607
2006	2.900.000	2.198.216	64.700	76.670	2.186.246
2007	3.085.000	2.557.141	28.080	37.390	2.547.831
2008	3.265.000	2.617.066	42.520	26.640	2.632.946
2009	4.020.000	2.488.915	36.271	25.761	2.499.425
2010	4.544.000	3.017.902	15.388	16.235	3.017.055
2011	4.790.000	3.069.718	1.470	23.993	3.047.195
2012	4.790.000	3.260.646	2.699	30.612	3.232.733
MDF					
2005	1.700.000	1.407.730	165.600	159.810	1.413.520
2006	1.800.000	1.695.359	238.800	73.300	1.860.859
2007	2.357.000	1.879.072	200.300	42.190	2.037.182
2008	2.547.000	2.073.796	215.900	26.800	2.262.896
2009	3.685.000	2.394.677	121.542	32.838	2.483.381
2010	4.193.000	3.036.337	152.660	24.445	3.164.552
2011	4.860.000	3.039.644	181.675	49.513	3.171.806
2012	5.125.000	3.678.407	91.758	115.693	3.654.472
Chapa de fibra					
2005	600.000	505.059	18.670	231.760	291.969
2006	600.000	532.896	22.250	228.940	326.206
2007	600.000	526.869	14.500	212.660	328.709
2008	600.000	510.660	7.160	156.430	361.390
2009	440.000	399.862	1.957	120.481	281.338
2010	440.000	380.070	4.972	85.994	299.048
2011	440.000	362.453	8.711	90.140	281.024
2012	440.000	364.615	10.995	101.789	273.821

Fonte: Abipa/Secex.

Desempenho da indústria de móveis de madeira

As vendas no mercado interno vêm garantindo a expansão do setor

A indústria brasileira de móveis de madeira vem apresentando um bom desempenho nos últimos anos devido ao crescimento do mercado interno. A redução da alíquota do IPI sobre móveis e painéis de madeira e o Programa Minha Casa, Minha Vida do Governo Federal tem assegurado a expansão do setor. Segundo a Associação Brasileira das Indústrias do Mobiliário (Abimóvel), o setor emprega 180 mil trabalhadores e gera anualmente 37 bilhões de reais em negócios.

Estimativas da Abraf indicam que a produção de móveis de madeira em 2012 tenha consumido cerca de 30% de toda a madeira processada pela indústria florestal brasileira naquele ano, um crescimento de 7,5% em relação ao ano anterior. O mercado interno apresentou crescimento do volume de vendas em 2012 de quase 10% em relação ao obtido em 2011.

Nas exportações, o desempenho em 2012 foi novamente fraco, com 3% de queda no valor embarcado em relação a 2011. Em 2012, foram exportados pelo Brasil somente 463,3 milhões de dólares em móveis de madeira, o pior desempenho dos últimos dez anos. No período de janeiro a maio de 2013 o valor exportado foi novamente inferior ao verificado no mesmo período 2012. A desvalorização do real que ocorreu no segundo semestre deste ano gerou uma expectativa de o País terminar 2013 com desempenho exportador para os móveis um pouco melhor que o de 2012.

No mercado interno, o Programa Minha Casa Melhor, lançado este ano pelo Governo Federal, com o objetivo de incentivar a compra de móveis e eletrodomésticos para famílias participantes do Programa Minha Casa, Minha Vida, tem a expectativa de gerar um crescimento de 15% na indústria moveleira nos próximos dois anos, com um acréscimo de 3,5 bilhões nas movimentações do setor.

Desempenho da indústria de celulose e papel

As perspectivas para 2013 são de aumento na produção e nas exportações

Toda a produção brasileira de celulose, assim como a de papel, provém de florestas plantadas de eucalipto e pinus. Em 2012, a produção de celulose e papel consumiu 36% da madeira utilizada pela indústria florestal, um crescimento de 5% em relação ao ano anterior. A produção de celulose em 2012 sofreu um ligeiro decréscimo em relação a 2011 (Tabela 11). Quase 60% da produção é exportada, sendo a Europa e a China os principais destinos, absorvendo mais de 70% das exportações brasileiras.

O valor das exportações brasileiras de celulose em 2012 foi de 4,7 bilhões de dólares, um decréscimo de 6,0% em relação a 2011. A queda se deveu à redução dos preços médios da celulose no mercado internacional, especialmente durante o primeiro semestre do ano.

Nos primeiros seis meses de 2013 a produção brasileira de celulose cresceu 4,8% em comparação com o mesmo período de 2012, totalizando 7,3 milhões de toneladas. As exportações brasileiras de celulose no primeiro semestre de 2013 foram 8,4% superiores a 2012 em volume e 15% maiores em valor. As expectativas são de que o preço da tonelada de celulose (fibra curta) feche o ano na casa de 800 dólares por tonelada.

No segmento de papel, que tem a maior parte da produção consumida pelo mercado interno, o volume de produção em 2012 foi semelhante ao de 2011: o consumo doméstico foi apenas 1,4% maior, enquanto o volume exportado de papel foi 8,6% menor.

De janeiro a junho de 2012, a produção total de papel foi de 5,1 milhões de toneladas, um acréscimo de 1,5% em relação ao volume produzido no primeiro semestre do ano anterior. Nesse mesmo período, o volume das vendas domésticas de papel cresceu 2,6%, enquanto as exportações recuaram 9,1%.

Os dados divulgados mensalmente pela Bracelpa trazem a expectativa de que 2013 poderá ser um ano favorável ao setor de papel e celulose no Brasil. A produção deverá fechar o ano com expressivo crescimento, acompanhada por um aumento no consumo doméstico de papel e nos volumes exportados de celulose. O câmbio, que esteve mais favorável às exportações a partir de julho, e o aumento dos preços internacionais da celulose indicam que o valor das exportações do setor em 2013 deverá apresentar um crescimento bastante expressivo em relação ao verificado em 2012.

O setor de papel e celulose no Brasil vem apresentando sucessivos movimentos de expansão de sua capacidade produtiva. Estima-se que nos próximos 10 anos o número de plantas industriais para produção de celulose no País passe das atuais 65 para 80 unidades fabris, podendo quase dobrar a atual capacidade de produção.

Tabela 11/I. Produção, importação, exportação e consumo interno de papel e celulose no Brasil – 2008-12

Produto	Discriminação	2008	2009	2010	2011	2012	Variação % 2012-2011
Papel	Produção	9.409	9.428	9.844	10.159	10.182	0,2
	Importação	1.328	1.085	1.502	1.455	1.396	-4,1
	Exportação	1.982	2.008	2.074	2.052	1.875	-8,6
	Consumo aparente	8.755	8.505	9.272	9.562	9.703	1,5
Celulose	Produção	12.697	13.315	14.164	13.922	13.896	-0,2
	Importação	325	359	412	392	411	4,8
	Exportação	7.040	8.229	8.375	8.478	8.513	0,4
	Consumo aparente	5.982	5.445	6.201	5.836	5.794	-0,7

Fonte: Bracelpa, Relatório Bracelpa 2013.

Produção e mercado estaduais

Exportações de produtos florestais recuam a níveis próximos aos de 2009, o pior ano da última década

Santa Catarina é um dos estados de maior destaque no setor florestal brasileiro. Com 10% da área plantada no País com pinus e eucalipto, o Estado foi o quinto maior exportador de produtos florestais em 2012. São cerca de nove mil empresas atuando no setor, que geram quase 90 mil empregos formais diretos. Com predomínio das micro e pequenas empresas, especialmente na fabricação de móveis, o setor é responsável por cerca de 9% de todo o valor da transformação industrial produzido em Santa Catarina.

Produção catarinense de matérias-primas e de produtos florestais

A produção de madeira em tora de pinus e de eucalipto, matéria-prima da indústria florestal, atinge 20 milhões de m³ e a atividade industrial mostra sinais de crescimento em todos os segmentos do setor

A área plantada com florestas comerciais em 2012 em Santa Catarina foi estimada em 646 mil hectares, sendo 83% com pinus e 17% com eucalipto. Nos últimos anos vem ocorrendo uma redução gradativa da área de pinus no Estado, enquanto a área de eucalipto se expande (Figura 2).

Em 2011 foram colhidos 20 milhões de metros cúbicos de toras para transformação industrial. A indústria do papel e celulose ampliou em 8% seu consumo de matéria-prima, enquanto a produção de madeira para processamento mecânico aumentou 7% em relação a 2010 (Tabela 12).

A indústria de papel e celulose apresenta crescimento contínuo na geração de empregos ao longo dos últimos 10 anos. A indústria da madeira, que vinha demitindo desde 2006 em Santa Catarina, manteve em 2011 o nível de empregos de 2010 e apresentou um crescimento de 2% nos postos de trabalho em 2012.

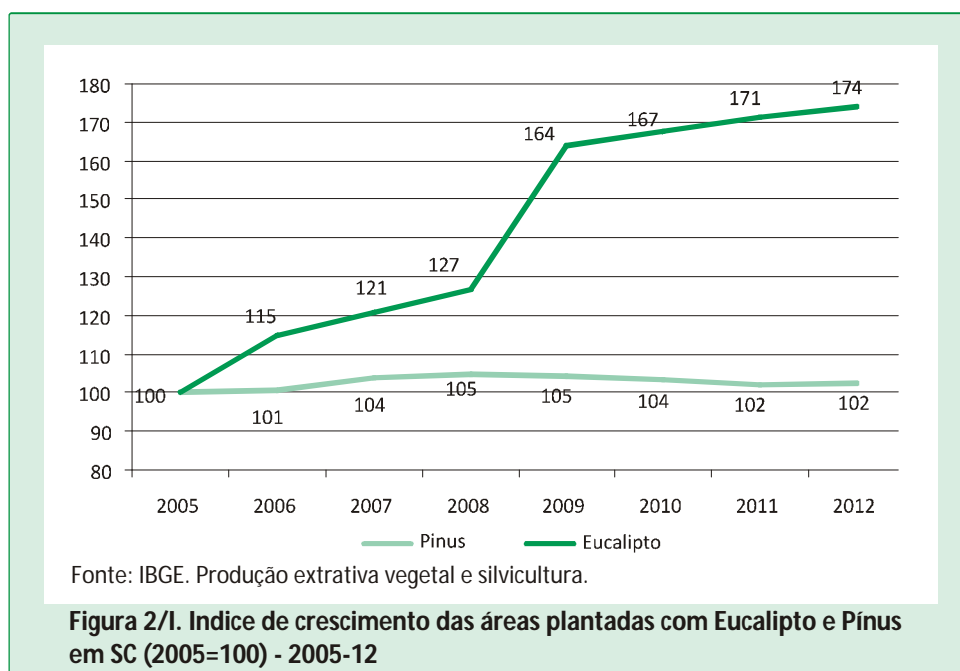
A indústria de móveis de madeira vem se recuperando da forte queda ocorrida em suas atividades em 2008 e 2009, aproveitando o forte crescimento do mercado interno de móveis no Brasil dos últimos anos. O consumo de móveis pelos catarinenses deve alcançar 2,4 bilhões de reais em 2013, 4,5% maior que o de 2012.

Tabela 12/I. Santa Catarina – Produção dos principais produtos florestais – 2007-11

Produto	Unidade medida	2007	2008	2009	2010	2011
Extração vegetal						
Carvão vegetal	t	6.874	4.885	4.386	3.719	2.561
Erva-mate	t	40.559	39.637	36.493	36.274	36.117
Lenha	mil m3	2.017	1.803	1.667	1.521	1.430
Madeira em tora	mil m3	143	126	120	61	75
Araucária (toras)	mil m3	16	13	8	19	12
Palmito	t	140	10	9	-	-
Pinhão	t	2.137	1.788	1.790	1.799	2.476
Silvicultura						
Carvão vegetal	t	8.538	7.459	6.613	7.792	8.294
Erva-mate	t	37.909	41.890	46.254	38.602	45.614
Lenha	mil m3	5.222	5.602	6.128	8.097	8.322
Madeira p/papel e celulose	mil m3	6.677	6.525	7.427	9.665	10.399
Madeira p/outras finalidades	mil m3	8.745	7.955	8.097	8.966	9.609
Palmito ⁽¹⁾	t	1.786	5.378	4.251	6.571	7.641

⁽¹⁾ Inclui Juçara e Palmeira Real.

Fonte: IBGE - Produção Extrativa Vegetal e Silvicultura. Disponível em < <http://www.ibge.gov.br>> Sistema Sidra: acesso em julho 2013.



Preços dos insumos e dos produtos florestais primários

Preços de toras de pinus e de eucalipto têm comportamentos divergentes

Os preços dos insumos para a produção florestal se mostraram relativamente estáveis nos últimos anos (Tabela 13). Apenas as mudas de erva-mate tiveram aumentos reais de preços ao longo dos últimos anos.

As áreas mais utilizadas para plantio de pinus e de eucalipto – terras de segunda e de campo nativo – apresentam crescimentos expressivos de preços nos últimos anos. Em 2012, as terras de campo ficaram 24% mais caras em relação a 2011 e as terras de segunda tiveram seus preços médios majorados em mais de 20% na mesma base de comparação.

Os preços dos produtos primários e das matérias-primas florestais tiveram comportamento diferenciado entre os produtos em 2012. Enquanto a madeira em pé de pinus para celulose e para serraria teve aumento de preço em 2012, as toras de eucalipto para serraria mostraram redução dos preços pagos ao produtor (Tabela 14 e 15). Este comportamento se repetiu ao longo do primeiro semestre de 2013, embora as variações tenham sido pequenas.

A lenha de eucalipto em pé teve crescimento nominal de 5% em seus preços em 2012 em relação ao ano anterior. No primeiro semestre de 2013 os preços da lenha apresentaram um ligeiro decréscimo em relação ao fechamento do ano anterior. As madeiras roliças de eucalipto para uso em construções obtiveram crescimento dos preços para o produtor em 2012, mas ao longo do primeiro semestre de 2013 apresentaram pouca variação de preços.

A expectativa para os próximos anos é de que os preços da madeira de pinus e eucalipto sigam trajetórias diferentes segundo a espessura da madeira. Para a madeira mais fina usada em processo ou para desdobro projeta-se uma oferta abundante com queda nos preços pagos, ainda que a demanda continue com tendência de crescimento. Já para a madeira mais grossa, com bitolas superiores a 35cm e 40cm, devido a uma projeção de redução da oferta a médio prazo, a expectativa é de que os preços sigam trajetória ascendente, em termos reais.

Tabela 13/I. Santa Catarina - Preço médio de insumos e fatores de produção florestal - 2007-13

(R\$)

Produto	Unidade de medida	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013 ⁽¹⁾
Muda de eucaliptus	milheiro	180,00	190,00	210,00	210,00	210,00	215,00	240,00
Muda de pinus	milheiro	200,00	210,00	220,00	220,00	230,00	235,00	245,00
Muda de erva-mate	milheiro	310,00	410,00	520,00	570,00	690,00	765,00	695,00
Formicida granulado	500 g	4,06	4,15	4,45	4,63	4,59	4,96	5,24
Muda de palmeira real	milheiro	250,00	220,00	210,00	190,00	190,00	195,00	210,00
Muda de palmito jussara	milheiro	250,00	230,00	250,00	280,00	270,00	280,00	260,00
Terra de campo nativo	ha	3.934,80	4.231,71	5.203,09	7.300,00	8.310,11	10.330,33	11.432,33
Terra de segunda	ha	6.821,25	7.591,29	8.820,39	8.963,72	9.931,28	12.011,07	12.443,80
Terra de primeira	ha	14.533,17	15.712,38	14.520,62	16.279,89	20.115,68	22.870,90	23.561,27

⁽¹⁾ Média de janeiro a maio.

Fonte: Epagri/Cepa.

Tabela 14/I. Santa Catarina - Preço médio de produtos e matérias-primas florestais - 2010 -13

Produto	Unidade de medida	(R\$)			
		2010	2011	2012	2013 ⁽¹⁾
Carvão vegetal	m3	73,53	84,83
Erva mate verde nativa (no pé)	arroba	5,79	5,89	6,13	7,60
Erva mate verde plantada (no pé)	arroba	3,51	3,66	4,13	5,48
Lenha de eucalipto (em pé)	estéreo	20,13	22,84	24,01	23,42
Lenha de eucalipto (posto indústria)	estéreo	44,04	46,79	48,53	47,44
Madeira pinus p/celulose (em pé)	t	26,55	28,66	33,41	35,42
Madeira pinus p/celulose (posto indústria)	t	56,63	59,64	61,56	62,46
Madeira roliça p/construção (estaleirada na propriedade)	m	1,63	1,66	1,94	1,99
Madeira roliça p/escora (estaleirada na propriedade)	unidade	2,78	2,86	2,90	3,09

⁽¹⁾ Média de janeiro a maio.

Fonte: Epagri/Cepa.

Tabela 15/I. Santa Catarina - Preços médios da madeira de pinus e eucalipto para processamento mecânico - 2011-13

Produto	Unidade de medida	(R\$)		
		2011 ⁽¹⁾	2012	2013 ⁽²⁾
Madeira tora eucalipto - até 30 cm de diâmetro (em pé)	m3	56,39	53,60	52,18
Madeira tora eucalipto - mais de 30 cm de diâmetro (em pé)	m3	84,59	81,52	79,14
Madeira tora eucalipto - até 30 cm de diâmetro (estaleirada na propriedade)	m3	91,25	85,96	77,67
Madeira tora eucalipto - mais de 30 cm de diâmetro (estaleirada na propriedade)	m3	100,07	103,30	106,02
Madeira tora pinus - 20 a 30 cm de diâmetro (em pé)	m3	57,46	58,66	58,48
Madeira tora pinus - 30 a 40 cm de diâmetro (em pé)	m3	76,73	79,72	75,95
Madeira tora pinus - mais de 40 cm de diâmetro (em pé)	m3	98,76	101,38	98,83
Madeira tora pinus - 20 a 30 cm de diâmetro (estaleirada na propriedade)	m3	80,27	83,05	80,44
Madeira tora pinus - 30 a 40 cm de diâmetro (estaleirada na propriedade)	m3	107,09	109,36	105,25
Madeira tora pinus - mais de 40 cm de diâmetro (estaleirada na propriedade)	m3	125,34	128,50	127,89
Madeira tora pinus - 20 a 30 cm de diâmetro (posto indústria)	m3	102,17	107,02	103,24
Madeira tora pinus - 30 a 40 cm de diâmetro (posto indústria)	m3	129,62	127,78	125,36
Madeira tora pinus - mais de 40 cm de diâmetro (posto indústria)	m3	147,35	148,90	149,99

⁽¹⁾ Média de julho a dezembro.

⁽²⁾ Média de janeiro a junho.

Fonte: Epagri/Cepa.

Exportações catarinenses de produtos florestais

Exportações seguem em queda

O valor exportado da indústria catarinense de base florestal em 2012 foi 5% inferior ao de 2011. Ao todo foram exportados no ano passado pelo setor 772 milhões de dólares (Tabela 16). Após um longo período de aumento na participação da indústria florestal nas exportações catarinenses, observaram-se a partir de 2003 quedas sucessivas nessa participação. Após atingir em 2002 quase 25% do valor exportado por Santa Catarina, em 2012 os produtos de origem florestal contribuíram com menos de 9% do valor total das exportações catarinenses (Figura 3).

No segmento de madeiras, as exportações catarinenses tiveram um pequeno crescimento de 3% em 2012, devido ao aumento expressivo do valor exportado de compensados, molduras e perfis de madeira, compensando a queda verificada nos itens madeira serrada e portas e janelas de madeira.

O segmento papel e celulose apresentou redução de 13% do valor exportado em 2012. O câmbio desfavorável e o bom desempenho do mercado interno nas vendas de embalagens de papel e papelão pouco estimularam as empresas a ampliar suas exportações.

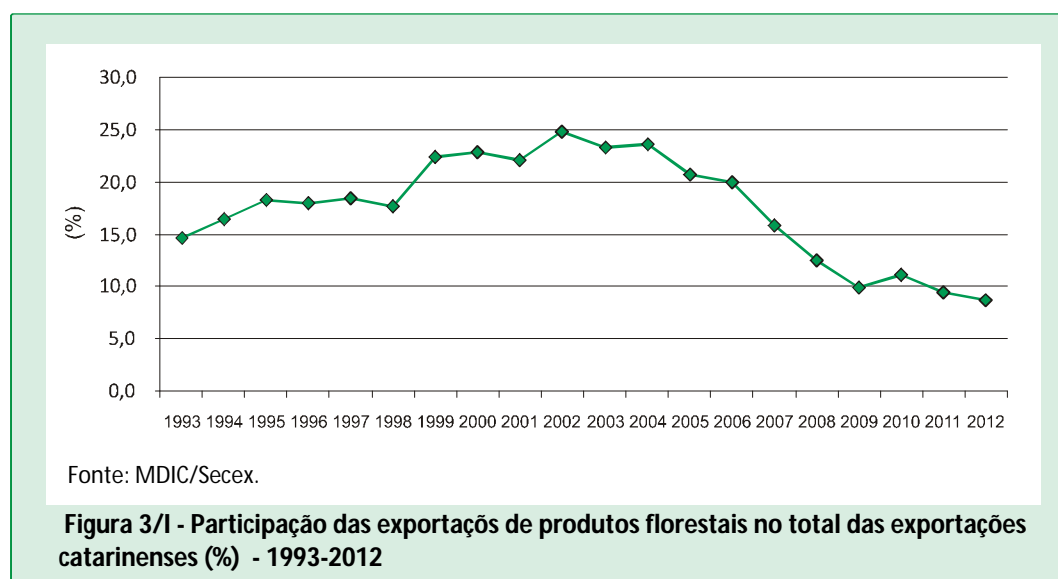
As exportações catarinenses de móveis de madeira em 2012 mantiveram o movimento de queda, com redução de 6% do valor em relação a 2011. O crescimento do mercado interno de móveis, no entanto, compensou a queda das exportações e levou a indústria a ampliar os níveis de emprego no setor. Nos próximos anos o mercado brasileiro deverá continuar sustentando o crescimento da indústria catarinense de móveis.

Tabela 16/I. Santa Catarina - Exportação de produtos florestais - 2007-12

(US\$ 1.000,00 - FOB)

Item	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Erva-mate e derivados	8.625	14.207	14.034	17.728	15.706	5.709
Madeira e obras de madeira	620.319	507.511	349.382	410.139	390.124	401.153
Madeira serrada	91.806	75.709	58.203	68.952	76.118	70.583
Madeira laminada	8.082	3.124	497	676	2.615	2.811
Madeira perfilada	36.722	21.793	9.950	17.353	18.293	29.169
Painéis de madeira reconstituída (MDF e aglomerado)	16.294	12.693	9.053	7.289	4.990	5.888
Painéis de madeira compensada	144.916	140.104	95.973	112.693	91.652	103.889
Molduras de madeira	11.369	10.005	10.613	14.079	13.516	20.396
Caixas, engradados e paletes	1.931	3.418	5.550	9.088	8.798	6.720
Ferramentas, armações e cabos	29.104	31.417	20.102	25.436	30.537	19.054
Portas, janelas, assoalhos e outras obras de marcenaria e carpintaria	233.166	178.846	122.283	137.669	126.410	124.665
Outras madeiras e obras de madeira	46.930	30.402	17.158	16.904	17.195	17.978
Papel e celulose	202.166	208.047	150.153	173.835	216.739	188.610
Pasta de celulose e papel sanitário	3.498	2.856	1.662	2.573	3.156	3.837
Embalagens e pasta "quate"	42.976	40.101	37.355	40.314	50.032	54.731
Papel e cartão kraft, kraftliner	148.109	157.104	111.120	130.946	163.551	120.587
Outras pastas e papéis	7.293	7.986	16	2	0	9.331
Móveis de madeira	342.486	303.800	240.680	245.171	187.895	176.451
Móveis de madeira p/ escritório	14.950	9.937	5.698	5.121	3.031	3.589
Móveis de madeira p/ cozinha	24.659	18.537	13.718	12.785	9.270	8.487
Móveis de madeira p/ quartos	130.063	126.410	106.964	107.599	94.698	90.206
Outros móveis de madeira	140.098	117.074	90.921	96.017	62.735	58.993
Componentes p/ móveis de madeira	31.562	30.954	22.381	23.235	16.263	14.281
Outros	1.018	888	999	414	1.898	895
Total produtos florestais	1.173.366	1.033.565	754.250	846.873	810.464	771.923
Total exportações	7.381.839	8.310.528	6.427.614	7.582.027	9.051.047	8.920.648

Fonte: MICT/Secex – Sistema Alice.



POLÍTICAS PÚBLICAS DIRIGIDAS AO MEIO RURAL CATARINENSE

Alvaro Afonso Simon
Eng.-Agr. - Epagri/Cepa
simon@epagri.sc.gov.br

A articulação de um considerável número ações dos governos federal e estadual revela um conjunto de políticas públicas que contribuem para o desenvolvimento rural sustentável de Santa Catarina. A seguir, apresentam-se de forma resumida os planos anuais do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), do Ministério da Pesca e Aquicultura (MPA) e os programas da Secretaria de Estado da Agricultura e da Pesca (SAR).

1. Ações do governo federal

1.1. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa)

O Plano Agrícola e Pecuário (PAP) de 2013/2014, lançado pelo Ministério da Agricultura, destinou um montante de 136 bilhões de reais para garantir um conjunto de ações voltadas para o planejamento, o financiamento e o seguro da produção agrícola. São 97,6 bilhões para custeio e comercialização e R\$ 38,4 bilhões para investimento. A expectativa de produção de grãos é de 190 milhões de toneladas. As ações se dividem em três grandes linhas de atuação: gestão do risco rural (Zoneamento Agrícola de Risco Climático e seguro rural), crédito e comercialização. A taxa de juros anual média é de 5,5% e serão menores em modalidades específicas: de 3,5% para programas voltados à aquisição de máquinas agrícolas, equipamentos de irrigação e estruturas de armazenagem; de 4,5% ao médio produtor rural; e de 5% para práticas sustentáveis.

Parte destes recursos, com juros anuais, será alocada da seguinte forma: R\$ 25 bilhões para a construção de novos silos de armazenagem com juros de 3,5%; 13,2 bilhões para o Programa Nacional de Apoio ao Médio Produtor Rural (Pronamp), com juros de 4,5%; R\$ 5,3 bilhões para o Programa de Desenvolvimento Cooperativo para Agregação de Valor à Produção Agropecuária (Prodecoop), com juros de 3,5%; e o Programa de Capitalização de Cooperativas Agropecuárias (Procap/Agro), com juros de 6,5%; R\$ 5,6 bilhões para apoiar a comercialização; R\$ 2,5 bilhões para aquisição de produtos e manutenção de estoque; R\$ 1 bilhão para o Programa de Inovação (Inovagro), com juros de 3,5%; R\$ 4,5 bilhões para o Programa Agricultura de Baixa Emissão de Carbono (ABC); e R\$ 400 milhões para irrigação, com juros de 3,5%. Para ver outras ações, acessar (www.agricultura.gov.br).

1.2. Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA)

O Plano Safra da Agricultura Familiar 2013/2014, lançado pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), destinou um montante de 39 bilhões de reais. Para o Crédito Pronaf: R\$ 21 bilhões a juros de 3% e 3,5%; Ater: R\$ 830 milhões; Garantia-Safra: R\$ 980,3 milhões; Seguro da Agricultura Familiar (Seaf): R\$ 400 milhões; PGPAF: R\$ 33 milhões; PAA: R\$ 1,2 bilhão em compras da agricultura familiar (MDA e MDS); PNAE: R\$ 1,1 bilhão (FNDE); PGPm: R\$ 200 milhões; Outras ações: R\$ 13,3 bilhões.

O Plano Safra da Agricultura Familiar constitui-se de um conjunto de políticas públicas que qualifica e articula os instrumentos construídos e conquistados pelo setor que produz a maior parte dos alimentos consumidos pelos brasileiros. As medidas foram elaboradas com grandes objetivos: aumento de renda, inovação e tecnologia e estímulo à produção de alimentos, com proteção da renda. Os serviços de Assistência Técnica e Extensão Rural (Ater) têm como principais focos o aumento de renda e a melhoria na qualidade de vida dos agricultores familiares. O último Plano Safra disponibilizou R\$ 542 milhões para o setor, ao passo que o primeiro, há dez anos, ofereceu R\$ 46 milhões. Para a safra 2013/2014, o montante destinado para Ater é de R\$ 830 milhões. Um incremento superior a 1000%. Para ver outras ações acessar (www.mda.gov.br).

1.3 Ministério da Pesca e Aquicultura (MPA)

O Plano Safra, lançado pelo Ministério da Pesca e Aquicultura, disponibilizará mais de R\$ 4 bilhões em crédito e investimentos para fortalecer o setor pesqueiro em 2013, tornando-o mais produtivo, competitivo, inclusivo e sustentável. A meta é produzir 2 milhões de toneladas de pescados anuais até 2014, beneficiando cerca de 330 mil famílias. Para isso incentivará o aprimoramento das técnicas de cultivo e manuseio, além de apoiar projetos voltados para ampliação da assistência técnica, modernização de equipamentos, investimentos em pesquisa e na melhoria da estrutura das cadeias produtivas. O Plano Safra da pesca e aquicultura é destinado a todos os envolvidos nos processos de pesca, exploração, cultivo, conservação, processamento, transporte, comercialização e pesquisa dos recursos pesqueiros. As linhas de crédito serão oferecidas a pequenos, médios e grandes pescadores ou aquicultores, com benefícios exclusivos para cada tipo de produtor, seja ele familiar, cooperado, pescador artesanal, jovem ou mulher marisqueira. Para ver outras ações acessar (www.mpa.gov.br).

1.4 A seguir são descritas de maneira sucinta as principais políticas públicas federais que se articulam com as instituições estaduais e que tem potencial para influenciar o desenvolvimento rural de Santa Catarina

Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (PNAPO)

Destaca-se a criação da Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (PNAPO), instituída pelo decreto presidencial Nº 7.794, de 20 de agosto de 2012, com o objetivo de integrar, articular e adequar políticas, programas e ações indutoras da transição agroecológica e da produção orgânica e de base agroecológica. A proposta do Plano Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (PLANAPO) foi aprovada em 07/06/2013. Lançado pela Presidente da República no dia 17/10/2013, o PLANAPO tem quatro eixos: produção; uso e conservação dos recursos naturais; conhecimento; e consumo e comercialização. O primeiro PLANAPO, baseado nas diretrizes estabelecidas no Decreto 7.794/2012, terá duração de três anos, vinculando suas iniciativas às ações orçamentárias já aprovadas no Plano Plurianual (PPA), de 2012 a 2015.

Política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (PNSAN)

A Política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (PNSAN), determinação legal da Lei Orgânica da Segurança Alimentar e Nutricional (Losan), nº 11.346/06, insere-se nessa perspectiva. A PNSAN apoia-se não só na distribuição de renda e riqueza, mas busca fazer valer os direitos à terra, à água, aos serviços sociais e ao trabalho com remuneração justa. Nesse sentido, a Política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional implica planejar, coordenar, definir estratégias e monitorar em conjunto, tais como:

a) ações estruturantes-emancipadoras – para formar cidadãos aptos a trabalhar as causas políticas, culturais, ambientais, sociais e econômicas do abastecimento agroalimentar;

b) ações emergenciais – para atender grupos que carecem de imediato suprimento alimentar por parte do Estado. Tais ações não devem ser confundidas com práticas clientelistas que dariam continuidade à histórica dependência e subalternidade das populações pobres.

Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE)

O PNAE, criado em 1979, com a constituição de 1988, passou a ter o objetivo de oferecer alimentação saudável a todos os alunos de escolas públicas do Brasil e, simultaneamente, estimular a agricultura familiar nacional. A Lei nº 11.947/2009 determina a utilização de, no mínimo, 30% dos recursos repassados pelo FNDE para alimentação escolar, para a compra de produtos da agricultura familiar e do empreendedor familiar rural ou de suas organizações, priorizando assentamentos de reforma agrária, comunidades tradicionais indígenas e comunidades quilombolas (de acordo com o Artigo 14). A Lei é regulamentada pela Resolução nº 26, do Conselho Deliberativo do FNDE, que descreve os procedimentos operacionais que devem ser observados para venda de produtos oriundos da agricultura familiar às entidades executoras. No ano de 2012, o FNDE repassou R\$ 89,4 milhões para Santa Catarina, beneficiando 1,3 milhões de alunos. Os empreendimentos coletivos rurais e suas organizações podem participar do programa por meio de chamadas públicas do Ministério do Desenvolvimento Agrário. Para saber mais, escreva para (alimentacaoescolar@mda.gov.br).

Programa de Aquisição de Alimentos (PAA)

Criado em 2003, o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) é uma ação do governo federal para colaborar com o enfrentamento da fome e da pobreza no Brasil e, ao mesmo tempo, fortalecer a agricultura familiar. Para isso, o programa utiliza mecanismos de comercialização que favorecem a aquisição direta de produtos de agricultores familiares ou de suas organizações. Em 2012 o FNDE repassou recursos para a compra direta beneficiando 1.411 agricultores familiares, em Santa Catarina.

Na safra 2013/2014 o governo federal ampliou o limite de aquisição anual por agricultor, que saltou de R\$ 4,5 mil para R\$ 5,5 mil. Para o produtor ligado à cooperativa, o limite passou de R\$ 4,8 mil, na última safra, para R\$ 6,5 mil, anualmente. Outra novidade é que o limite individual será de R\$ 8 mil quando a proposta for composta por produtos de pelo menos 50% de fornecedores cadastrados no Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal (CadÚnico) ou produtos exclusivamente orgânicos e/ou agroecológicos ou da sociobiodiversidade. Para saber mais, escreva para (paa@mda.gov.br).

Programa de Garantia de Preços para a Agricultura Familiar (PGPAF)

O Programa de Garantia de Preços para a Agricultura Familiar (PGPAF) assegura desconto no pagamento do financiamento às famílias agricultoras que acessam o Pronaf Custeio ou o Pronaf Investimento, em caso de baixa de preços no mercado. O acesso ao PGPAF é automático. Na safra 2013/2014, o governo federal ampliou a proteção de preço do PGPAF de determinadas culturas. A medida estimulou a produção da agricultura familiar, ampliando a oferta de alimentos com estabilidade de preços para o consumidor. A lista de culturas cobertas pelo programa também vai aumentar e poderá chegar a mais de cinquenta itens. Para saber mais, escreva para (pronaf@mda.gov.br).

Seguro da Agricultura Familiar (SEAF)

Ação dirigida exclusivamente aos agricultores familiares que contratam financiamentos de custeio agrícola no Pronaf, o Seguro da Agricultura Familiar (SEAF) foi instituído no âmbito do Proagro e atende a uma reivindicação histórica do agricultor: produzir com segurança e com relativa garantia de renda. Assim, o SEAF não se limita a cobrir todo o valor financiado, mas também garante 65% da receita líquida esperada pelo empreendimento financiado. Para saber mais, escreva para (seaf@mda.gov.br).

Agência Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural (Anater)

Outro destaque fica por conta da aprovação do Projeto de Lei 5.740/2013 que cria a Agência Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural (Anater), pela Câmara dos Deputados, em 01/10/2013, e pelo Senado em 19/10/2013. O projeto foi anunciado em junho deste ano pela presidenta Dilma Rousseff, durante o lançamento do Plano Safra da Agricultura Familiar 2013/2014. A Anater é um serviço social autônomo de direito privado, sem fins lucrativos e de interesse coletivo. A atuação será por contrato de gestão com o poder público. O objetivo da Anater é garantir que um maior número de produtores rurais tenha acesso às tecnologias e pesquisas desenvolvidas no País para o setor agropecuário, com prioridade para os agricultores familiares e médios produtores.

2. Ações do Governo de Santa Catarina

2.1 Secretaria de Estado da Agricultura e da Pesca (SAR)

A tabela 1 mostra as principais políticas públicas dirigidas ao desenvolvimento rural de Santa Catarina executadas em 2013 pela SAR por meio das ações da Assistência Técnica e Extensão Rural, e Pesquisa Agrícola.

Tabela 1/I. Ações governamentais programadas pela Secretaria de Estado da Agricultura e Pesca para o ano de 2013

Programa/Projeto	Objetivo	Metas/Beneficiários
Projeto Terra Boa – Calcário Dolomítico e Calcítico Res. nº 001/2013 (SAR/Cederural)	Melhorar a produtividade da agricultura	Disponibilizar 270 mil toneladas, beneficiando os Agricultores do Pronaf, outros produtores e entidades sem fim lucrativo
Projeto Terra Boa – Sementes de Milho Res. nº 0052/2013 (SAR/Cederural)	Dar suporte a autossuficiência de milho em Santa Catarina	Incentivo à aquisição de até 220 mil sacas de sementes de milho, beneficiando Agricultores familiares e entidades sem fim lucrativo
Projeto Terra Boa – Forrageiras Res. nº 003/2013 (SAR/Cederural)	Melhoramento da produtividade de leite e carne a base de pasto	Incentivo à aquisição de até 3.500 kits de sementes de forrageiras e insumos para agricultores catarinenses
Programa Água para o Campo Res. nº 006/2013 (SAR/Cederural)	Construção de cisternas para captação e distribuição da água da chuva	Disponibilização de R\$ 47 milhões, de reais para a execução de 1.632 cisternas. Para proprietários rurais nos municípios listados no anexo desta resolução
Programas de Fomento à Produção Agropecuária, de Desenvolvimento da Pesca e Aquicultura, Saneamento Rural e Florestal Catarinense Res. nº 008/2013 (SAR/Cederural)	Apoiar o desenvolvimento regional pelo Fundo Estadual de Desenvolvimento Rural	Regionalizar o atendimento pelo Fundo Estadual de Desenvolvimento Rural – FDR para os produtores rurais e suas associações, cooperativas e, exclusivamente para o Programa Florestal Catarinense, os profissionais habilitados Pescadores artesanais e aquicultores, suas associações, colônias e cooperativas

(continua)

(continuação)

Programa/Projeto	Objetivo	Metas/Beneficiários
Programa Juro Zero – Agricultura/Piscicultura Res. nº 009/2013 (SAR/Cederural)	Incentivar projetos de investimento em propriedades rurais	Beneficiar 26.500 agricultores familiares e piscicultores que se enquadrem no Pronaf
Projeto Jovem Rural -nas Asas da Inclusão Digital - SC Rural Res. nº 010/2013 (SAR/Cederural)	Aquisição Kit de Informática para adolescentes e jovens do meio rural	Municípios interessados na internet e na telefonia fixa no meio rural, beneficiando adolescentes e jovens enquadrados no Pronaf ou na condição de filho de produtor rural
Programa de Aquisição de Alimentos (PAA)	Promover a articulação entre a produção e mercado	Consolidar ações estruturantes emancipadoras, beneficiando agricultores familiares e assentados da reforma agrária
Programa Nacional do Crédito Fundiário (PNCF)	Financiamento para compra de imóvel rural.	Contratar 500 novos projetos no valor de 80 mil reais cada um, beneficiando os trabalhadores rurais familiares sem terra ou com pouca terra
Programa de Regularização Fundiária	Regularização do imóvel rural	Legalização de 3 mil propriedades de agricultores familiares
Programa Aquicultura e Pesca	Elaborar e implementar o Plano de Desenvolvimento da Maricultura	Demarcação de 23 Parques Aquícolas e Áreas Aquícolas de 05 a 4 hectares para cada aquicultor em 15 municípios do Estado. Ações de pesquisa e extensão
Programa SC Rural - Microbacias 3	Aumentar a competitividade da agricultura familiar	500 projetos estruturantes envolvendo 20 mil famílias de agricultores, jovens rurais e povos indígenas
Fundo Estadual de Sanidade Animal (Fundesa)	Indenização pelo abate sanitário	De acordo com a demanda dos agricultores e pecuaristas catarinenses

CRÉDITO RURAL

Tabajara Marcondes
Eng. Agr. - Epagri/Cepa
tabajara@epagri.sc.gov.br

A cada lançamento do Plano Agrícola e Pecuário (PAP) e do Plano Safra da Agricultura Familiar, o governo federal tem anunciado ampliação da disponibilidade de recursos e alterações nas linhas de crédito e taxas de juros. O objetivo normalmente é reduzir eventuais dificuldades de acesso para os agricultores em geral e para os agricultores familiares em particular, além de procurar contemplar novos pontos considerados relevantes para o crescimento da agropecuária brasileira.

No lançamento do PAP 2012/13 foi anunciada a disponibilização de R\$ 115,2 bilhões, 7,5% acima dos R\$ 107,21 bilhões disponibilizados no 2011/2012. No mês de junho de 2013, foi anunciado o PAP 2013/14 com R\$136 bilhões, valor 18% acima do anterior, sendo R\$ 97,6 bilhões para as finalidades de custeio e comercialização e R\$ 38,4 bilhões para investimento. Segundo o governo, a taxa de juros anual média será de 5,5% e algumas específicas para investimento ficam em 3,5%.

Para o Plano Safra da Agricultura Familiar 2012/13 foram anunciados R\$ 18 bilhões para o crédito via Pronaf, valor 12,5% acima dos R\$ 16 bilhões anunciados nos planos 2010/11 e 2011/2012. Também no mês de junho foi anunciado o Plano Safra da Agricultura Familiar 2013/14, no total serão disponibilizados R\$ 39 bilhões, mas para o crédito via Pronaf serão R\$ 21 bilhões, valor 16,7% acima do anterior. Os outros R\$18 bilhões serão disponibilizados para outros programas e ações como Programa de Garantia de Preços para a Agricultura Familiar, Programa de Aquisição de Alimentos, Programa Nacional de Alimentação Escolar, Seguro da Agricultura Familiar, entre outros.

Embora ano a ano se observe que os recursos tomados pelos agricultores não alcançam os totais anunciados, e que nem sempre o número de contratos seja crescente, o fato é que os valores do crédito rural brasileiro têm aumentado sensivelmente ao longo dos anos recentes.

Em 2012 foram R\$ 111,41 bilhões, 709% acima dos R\$ 13,8 bilhões aplicados em 2000. Ainda que não na mesma proporção, essa expansão se repete em Santa Catarina: em 2012 foram aplicados R\$ 7,68 bilhões, valor 575% acima do R\$ 1,14 bilhão de 2000.

Em 2012 Santa Catarina respondeu por 6,9% do valor total do crédito rural aplicado na agricultura brasileira, sétima posição entre os estados brasileiros, atrás apenas de estados em que a agricultura é tradicionalmente muito forte e/ou se encontra em franca expansão, por ainda disporem de grandes fronteiras agrícolas (Paraná, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, São Paulo, Goiás e Mato Grosso).

Em número de contratos a participação do Estado é ainda mais significativa. Em 2012 respondeu por 8,1% do total de contratos, situando-se na quinta posição no País, atrás apenas de estados com um número muito mais significativo de agricultores (Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Paraná e Bahia), mas à frente de estados com agriculturas economicamente muito mais expressivas que a catarinense, como, por exemplo, São Paulo e Mato Grosso (Tabela 1).

Tabela 1/I. Crédito Rural - Financiamentos concedidos a produtores e cooperativas – 2000 e 2012

UF	2000		2012	
	Nº de contratos	Valor (em mil de reais)	Nº de contratos	Valor (em mil de reais)
PR	189.506	2.145.361,82	268.003	17.252.866,95
RS	356.608	2.302.101,74	473.241	16.278.789,68
MG	97.266	1.504.532,49	298.771	15.854.818,86
SP	93.694	2.498.671,61	98.452	14.689.058,91
GO	34.472	1.061.377,81	70.540	8.974.926,22
MT	22.965	810.542,48	49.495	8.454.052,41
SC	158.005	1.138.351,84	209.447	7.678.759,80
MS	21.051	527.733,16	39.176	5.774.429,50
BA	54.177	277.814,63	210.020	4.299.264,38
ES	29.020	169.624,25	63.210	2.130.560,15
Outros	292.470	1.343.391,52	819.616	10.020.298,78
Brasil	1.349.234	13.779.503,34	2.599.971	111.407.825,66

Fonte: Banco Central do Brasil - Anuário Estatístico do Crédito Rural – 2012.

Crédito do Pronaf

No que diz respeito especificamente ao crédito rural concedido aos agricultores familiares via Pronaf, a participação catarinense é ainda mais significativa. Em 2012, o valor aplicado no Brasil foi de R\$ 15,9 bilhões, R\$ 1,96 bilhão dos quais em Santa Catarina, ou seja, 12,3% do total do País. Isso coloca Santa Catarina na terceira posição, atrás apenas do Rio Grande do Sul e do Paraná, mas à frente de outros estados que, a exemplo desses dois, têm um número muito maior de agricultores familiares (Tabelas 2 e 4).

A importância do Pronaf para Santa Catarina fica caracterizada quando se constata que em 2012 o programa respondeu por 67,2% do total dos contratos realizados pelos agricultores catarinenses, percentual acima do observado em praticamente todos os estados com maior utilização de crédito rural, exceto a Bahia (Tabela 3).

Considerando os estados onde a aplicação de crédito rural é mais expressiva, a relevância do Pronaf para os agricultores catarinenses fica ainda mais evidenciada ao se constatar que Santa Catarina é o estado onde existe a maior relação entre o número de contratos do Pronaf e o número total de agricultores familiares. Com exceção do Rio Grande do Sul, a diferença em relação às demais unidades da federação e ao Brasil é muito significativa (Tabela 4).

Em face das inovações do Plano Agrícola e Pecuário (PAP) e do Plano Safra da Agricultura Familiar, anunciados em junho, é praticamente certo que teremos novos recordes nos valores do crédito rural aplicados no Brasil e em Santa Catarina. Além da progressiva redução das barreiras para os públicos que tradicionalmente encontram dificuldades para acessar os recursos, deve contribuir para isso o fato de haver uma tendência de crescimento dos valores médios dos contratos do crédito em geral e do Pronaf, tanto no Brasil quanto em Santa Catarina (Tabela 5).

Tabela 2/I. Pronaf - Financiamentos rurais concedidos no País – 2000 e 2012

UF	2000		2012	
	Nº de contratos	Valor (em mil de reais)	Nº de contratos	Valor (em mil de reais)
RS	273.024	525.687,95	297.173	3.643.041,75
PR	121.279	300.515,66	149.469	2.302.654,92
SC	122.987	291.461,43	140.844	1.961.408,06
MG	46.494	163.428,01	182.168	1.957.083,90
ES	20.748	58.193,38	38.499	758.775,57
SP	16.538	82.552,16	33.115	693.773,91
BA	36.893	54.330,74	192.208	534.920,47
RO	24.664	57.083,52	23.182	491.881,19
MT	8.659	50.167,71	17.862	458.930,08
GO	8.230	37.044,91	23.487	423.081,16
Outros	154.533	244.423,20	696.415	2.706.404,08
Brasil	834.049	1.864.888,67	1.794.422	15.931.955,09

Fonte: Banco Central do Brasil - Anuário Estatístico do Crédito Rural – 2012.

Tabela 3/I. Crédito Rural - Participação do Pronaf no nº total de contratos – 2012

UF	Total	Pronaf	
	Nº de contratos	Nº de contratos	Participação (%)
BA	210.020	192.208	91,5
SC	209.447	140.844	67,2
RS	473.241	297.173	62,8
MG	298.771	182.168	61,0
ES	63.210	38.499	60,9
PR	268.003	149.469	55,8
MT	49.495	17.862	36,1
SP	98.452	33.115	33,6
GO	70.540	23.487	33,3
MS	39.176	8.666	22,1
Outros	819.616	710.931	86,7
Brasil	2.599.971	1.794.422	69,0

Fonte: Banco Central do Brasil - Anuário Estatístico do Crédito Rural – 2012.

Tabela 4/I. Número de agricultores familiares e financiamentos concedidos via Pronaf

UF	Nº de agricultores familiares (2006)	Nº de contratos (2012)	Contrato/Agricultor Familiar
SC	178.183	140.844	0,79
RS	400.098	297.173	0,74
ES	71.701	38.499	0,54
PR	321.443	149.469	0,46
MG	449.850	182.168	0,40
RO	78.686	23.182	0,29
BA	693.196	192.208	0,28
GO	98.027	23.487	0,24
SP	146.282	33.115	0,23
MT	89.998	17.862	0,20
Outros	2.024.391	696.415	0,34
Brasil	4.551.855	1.794.422	0,39

Fonte: IBGE – Censo Agropecuário e Banco Central do Brasil - Anuário Estatístico do Crédito Rural – 2012.

Tabela 5/I. Crédito rural aplicado no Brasil e em Santa Catarina – 2007-12

Ano	Brasil			Santa Catarina		
	Nº de contratos (em mil)	Milhões de R\$	Valor médio (R\$)	Nº de contratos (em mil)	Milhões de R\$	Valor médio (R\$)
Financiamentos totais						
2007	2.965	51.165	17.256	203	3.538	17.429
2008	2.435	66.172	27.175	216	4.638	21.472
2009	2.506	75.186	30.002	231	5.541	23.987
2010	2.336	82.077	35.136	206	5.776	28.039
2011	2.318	94.113	40.601	183	6.350	34.693
2012	2.600	111.408	42.850	209	7.679	36.662
Financiamentos via Pronaf						
2007	1.923	7.123	3.704	114	791	6.935
2008	1.551	8.665	5.587	113	1.070	9.437
2009	1.705	11.219	6.580	137	1.478	10.825
2010	1.585	11.989	7.564	121	1.591	13.121
2011	1.540	13.305	8.640	113	1.701	15.087
2012	1.794	15.932	8.879	141	1.961	13.926

Fonte: Banco Central do Brasil - Anuário Estatístico do Crédito Rural.

Divisão territorial e população de Santa Catarina

Tabela 1/I. Santa Catarina - Área territorial e população residente por situação do domicílio - 2000, 2010 e 2013

UF, Meso, microrregião e município	Área territorial (km ²)	População						Total 2013 ⁽¹⁾
		Total		Urbana		Rural		
		2000	2010	2000	2010	2000	2010	
Santa Catarina	95.703,5	5.356.360	6.248.436	4.217.931	5.247.913	1.138.429	1.000.523	6.634.254
Oeste Catarinense	27.275,3	1.116.766	1.200.712	702.616	860.563	414.150	340.149	1.247.136
MRG: São Miguel do Oeste	4.242,0	171.160	174.732	81.766	101.195	89.394	73.537	178.659
Anchieta	228,6	7.133	6.380	2.443	2.586	4.690	3.794	6.145
Bandeirante	146,3	3.177	2.906	741	931	2.436	1.975	2.865
Barra Bonita	93,5	2.118	1.878	256	279	1.862	1.599	1.842
Belmonte	93,6	2.588	2.635	952	1.273	1.636	1.362	2.692
Descanso	285,6	9.129	8.634	3.885	4.297	5.244	4.337	8.612
Dionísio Cerqueira	377,7	14.250	14.811	8.610	10.191	5.640	4.620	15.227
Guaraciaba	330,6	11.038	10.498	4.365	4.924	6.673	5.574	10.492
Guarujá do Sul	100,5	4.696	4.908	2.271	2.655	2.425	2.253	5.054
Iporã do Oeste	202,4	7.877	8.409	2.851	4.122	5.026	4.287	8.714
Itapiranga	280,1	13.998	15.409	5.382	7.616	8.616	7.793	16.107
Mondáí	201,0	8.728	10.231	4.049	6.305	4.679	3.926	10.877
Palma Sola	331,8	8.206	7.765	3.192	4.468	5.014	3.297	7.747
Paraíso	178,6	4.796	4.080	1.302	1.451	3.494	2.629	3.915
Princesa	86,2	2.613	2.758	568	1.004	2.045	1.754	2.848
Riqueza	190,3	5.166	4.838	1.277	2.154	3.889	2.684	4.810
Romelândia	223,8	6.491	5.551	2.120	2.008	4.371	3.543	5.421
Santa Helena	81,0	2.588	2.382	740	882	1.848	1.500	2.354
São João do Oeste	163,7	5.789	6.036	1.494	2.119	4.295	3.917	6.211
São José do Cedro	279,6	13.678	13.684	6.659	8.447	7.019	5.237	13.904
São Miguel do Oeste	234,4	32.324	36.306	27.392	32.065	4.932	4.241	38.162
Tunápolis	132,9	4.777	4.633	1.217	1.418	3.560	3.215	4.660
MRG: Chapecó	6.045,9	361.345	405.066	233.053	298.985	128.292	106.081	425.546
Águas de Chapecó	139,1	5.782	6.110	2.202	3.236	3.580	2.874	6.313
Águas Frias	75,2	2.525	2.424	517	981	2.008	1.443	2.430
Bom Jesus do Oeste	67,9	2.150	2.132	376	647	1.774	1.485	2.160
Caibi	171,7	6.354	6.219	3.060	3.578	3.294	2.641	6.274
Campo Erê	478,7	10.353	9.370	5.756	6.252	4.597	3.118	9.203
Caxambu do Sul	140,6	5.263	4.411	2.054	2.155	3.209	2.256	4.208
Chapecó	624,3	146.967	183.530	134.592	168.113	12.375	15.417	198.188
Cordilheira Alta	83,8	3.093	3.767	303	1.448	2.790	2.319	4.043
Coronel Freitas	234,2	10.535	10.213	4.494	6.067	6.041	4.146	10.272
Cunha Porã	220,3	10.229	10.613	5.287	6.519	4.942	4.094	10.905
Cunhataí	54,5	1.822	1.882	335	569	1.487	1.313	1.931
Flor do Sertão	58,7	1.612	1.588	195	328	1.417	1.260	1.605
Formaosa do Sul	99,6	2.725	2.601	891	1.084	1.834	1.517	2.603
Guatambú	204,8	4.702	4.679	983	1.749	3.719	2.930	4.746
Iraceminha	164,4	4.592	4.253	1.222	1.468	3.370	2.785	4.212
Irati	77,5	2.202	2.096	412	449	1.790	1.647	2.067
Jardinópolis	68,1	1.994	1.766	815	799	1.179	967	1.721
Maravilha	169,4	18.521	22.101	14.226	18.087	4.295	4.014	23.602
Modelo	92,7	3.930	4.045	2.201	2.692	1.729	1.353	4.147
Nova Erechim	64,4	3.543	4.275	1.720	3.211	1.823	1.064	4.577
Nova Itaberaba	137,6	4.256	4.267	425	1.530	3.831	2.737	4.338
Novo Horizonte	151,7	3.101	2.750	723	921	2.378	1.829	2.681
Palmitos	350,7	16.034	16.020	8.006	9.871	8.028	6.149	16.270

(continua)

(Continuação)

UF, Meso, microrregião e município	Área territorial (km ²)	População						
		Total		Urbana		Rural		Total
		2000	2010	2000	2010	2000	2010	2013 ⁽ⁿ⁾
MRG: Chapecó (continuação)								
Pinhalzinho	128,3	12.356	16.332	9.313	13.615	3.043	2.717	17.868
Planalto Alegre	62,6	2.452	2.654	739	1.067	1.713	1.587	2.761
Quilombo	279,3	10.736	10.248	4.697	5.746	6.039	4.502	10.255
Saltinho	156,5	4.196	3.961	899	1.255	3.297	2.706	3.948
Santa Terezinha do Progresso	119,0	3.416	2.896	426	539	2.990	2.357	2.776
Santiago do Sul	73,6	1.696	1.465	521	650	1.175	815	1.414
São Bernardino	145,0	3.140	2.677	529	719	2.611	1.958	2.641
São Carlos	159,0	9.364	10.291	5.347	6.902	4.017	3.389	10.753
São Lourenço do Oeste	361,8	19.647	21.792	13.407	16.880	6.240	4.912	22.786
São Miguel da Boa Vista	71,9	2.018	1.904	331	439	1.687	1.465	1.897
Saudades	205,6	8.324	9.016	2.897	5.123	5.427	3.893	9.382
Serra Alta	90,4	3.330	3.285	1.201	1.835	2.129	1.450	3.323
Sul Brasil	112,7	3.116	2.766	744	1.011	2.372	1.755	2.698
Tigrinhos	57,4	1.878	1.757	213	343	1.665	1.414	1.746
União do Oeste	93,1	3.391	2.910	994	1.107	2.397	1.803	2.802
MRG: Xanxerê	4.805,8	142.326	152.465	85.875	104.253	56.451	48.212	158.148
Abelardo Luz	955,4	16.440	17.100	7.228	9.570	9.212	7.530	17.584
Bom Jesus	63,6	2.046	2.526	989	1.495	1.057	1.031	2.721
Coronel Martins	107,4	2.388	2.458	458	685	1.930	1.773	2.520
Entre Rios	105,2	2.857	3.018	751	928	2.106	2.090	3.118
Faxinal dos Guedes	339,6	10.767	10.661	7.044	7.718	3.723	2.943	10.797
Galvão	121,9	4.235	3.472	2.494	2.347	1.741	1.125	3.379
Ipuçu	261,4	6.122	6.798	967	1.377	5.155	5.421	7.123
Jupiá	91,7	2.220	2.148	671	1.044	1.549	1.104	2.158
Lajeado Grande	65,9	1.572	1.490	476	648	1.096	842	1.488
Marema	103,6	2.651	2.203	941	760	1.710	1.443	2.094
Ouro Verde	189,3	2.352	2.271	625	715	1.727	1.556	2.281
Passos Maia	614,4	4.763	4.425	748	1.099	4.015	3.326	4.387
Ponte Serrada	564,0	10.561	11.031	7.230	7.624	3.331	3.407	11.358
São Domingos	383,7	9.540	9.491	5.430	6.313	4.110	3.178	9.530
Vargeão	166,4	3.526	3.532	1.380	1.820	2.146	1.712	3.590
Xanxerê	377,6	37.429	44.128	32.385	39.143	5.044	4.985	46.981
Xaxim	294,7	22.857	25.713	16.058	20.967	6.799	4.746	27.039
MRG: Joaçaba	9.052,3	304.043	326.459	224.313	262.747	79.730	63.712	339.181
Água Doce	1.313,0	6.843	6.961	3.148	3.433	3.695	3.528	7.110
Arroio Trinta	94,3	3.490	3.502	2.097	2.397	1.393	1.105	3.562
Caçador	981,9	63.322	70.762	55.542	64.457	7.780	6.305	74.276
Calmon	639,5	3.467	3.387	1.392	2.115	2.075	1.272	3.416
Capinzal	243,9	19.955	20.769	15.460	17.754	4.495	3.015	21.726
Catanduas	198,0	8.291	9.555	5.304	8.094	2.987	1.461	10.112
Eral Velho	207,2	4.269	4.352	2.160	2.842	2.109	1.510	4.448
Fraiburgo	546,3	32.948	34.553	27.623	30.291	5.325	4.262	35.618
Herval d'Oeste	216,8	20.044	21.239	17.140	18.851	2.904	2.388	21.961
Ibiam	147,3	1.955	1.945	501	695	1.454	1.250	1.973
Ibicaré	156,1	3.587	3.373	1.240	1.557	2.347	1.816	3.359
Iomerê	114,7	2.553	2.739	683	907	1.870	1.832	2.842
Jaborá	191,1	4.194	4.041	1.362	1.605	2.832	2.436	4.057
Joaçaba	232,4	24.066	27.020	21.688	24.924	2.378	2.096	28.398
Lacerdópolis	68,5	2.173	2.199	983	1.160	1.190	1.039	2.242
Lebon Régis	940,7	11.682	11.838	6.980	7.522	4.702	4.316	12.077
Luzerna	116,8	5.572	5.600	3.964	4.259	1.608	1.341	5.698
Macieira	260,1	1.900	1.826	304	501	1.596	1.325	1.831
Matos Costa	432,2	3.204	2.839	1.250	1.465	1.954	1.374	2.767

(Continua)

(Continuação)

UF, Meso, microrregião e município	Área territorial (km ²)	População						
		Total		Urbana		Rural		Total 2013 ⁽¹⁾
		2000	2010	2000	2010	2000	2010	
MRG: Joaçaba (continuação)								
Ouro	212,7	7.419	7.372	4.165	4.844	3.254	2.528	7.436
Pinheiro Preto	65,7	2.729	3.147	1.141	1.700	1.588	1.447	3.310
Rio das Antas	317,2	6.129	6.143	2.226	2.740	3.903	3.403	6.245
Salto Veloso	105,0	3.910	4.301	2.834	3.402	1.076	899	4.495
Tangará	389,2	8.754	8.674	4.233	4.984	4.521	3.690	8.777
Treze Tilias	185,2	4.840	6.341	2.907	4.715	1.933	1.626	6.925
Vargem Bonita	298,6	5.158	4.793	2.199	2.677	2.959	2.116	4.752
Videira	377,9	41.589	47.188	35.787	42.856	5.802	4.332	49.768
MRG: Concórdia	3.129,2	137.892	141.990	77.609	93.383	60.283	48.607	145.602
Alto Bela Vista	103,6	2.098	2.005	522	605	1.576	1.400	2.007
Arabutã	132,2	4.160	4.193	971	1.307	3.189	2.886	4.270
Arvoredo	90,7	2.305	2.260	411	501	1.894	1.759	2.281
Concórdia	797,3	63.058	68.621	45.254	54.865	17.804	13.756	71.499
Ipira	155,4	4.979	4.752	2.214	2.521	2.765	2.231	4.713
Ipumirim	247,1	6.907	7.220	2.484	3.148	4.423	4.072	7.435
Irani	327,0	8.602	9.531	5.058	6.520	3.544	3.011	9.948
Itá	165,5	6.764	6.426	3.422	4.057	3.342	2.369	6.420
Lindóia do Sul	189,6	4.877	4.642	1.321	1.930	3.556	2.712	4.674
Paial	85,8	2.052	1.763	259	336	1.793	1.427	1.698
Peritiba	96,4	3.230	2.988	1.317	1.481	1.913	1.507	2.958
Piratuba	145,7	5.812	4.786	2.710	2.855	3.102	1.931	4.533
Presidente Castello Branco	65,4	2.160	1.725	457	553	1.703	1.172	1.691
Seara	312,5	16.484	16.936	10.263	11.586	6.221	5.350	17.351
Xavantina	215,1	4.404	4.142	946	1.118	3.458	3.024	4.124
Norte Catarinense	15.936,7	1.026.606	1.212.843	876.170	1.063.909	150.436	148.934	1.291.931
MRG: Canoinhas	9.420,3	232.513	243.739	147.352	161.915	85.161	81.824	251.223
Bela Vista do Toldo	534,6	5.721	6.004	570	847	5.151	5.157	6.191
Canoinhas	1.144,8	51.631	52.765	37.904	39.273	13.727	13.492	53.969
Irineópolis	591,3	9.734	10.448	2.964	3.519	6.770	6.929	10.843
Itaiópolis	1.295,3	19.086	20.301	8.757	10.737	10.329	9.564	21.015
Mafra	1.404,2	49.940	52.912	37.713	41.318	12.227	11.594	54.708
Major Vieira	526,0	6.906	7.479	2.199	2.961	4.707	4.518	7.782
Monte Castelo	561,7	8.350	8.346	4.573	4.849	3.777	3.497	8.478
Papandua	759,8	16.822	17.928	7.953	9.184	8.869	8.744	18.568
Porto União	851,2	31.858	33.493	26.579	28.266	5.279	5.227	34.551
Santa Terezinha	716,3	8.840	8.767	1.142	1.513	7.698	7.254	8.883
Timbó Grande	596,9	6.501	7.167	2.775	4.083	3.726	3.084	7.495
Três Barras	438,1	17.124	18.129	14.223	15.365	2.901	2.764	18.740
MRG: São Bento do Sul	1.900,1	114.778	126.395	101.347	114.819	13.431	11.576	132.137
Campo Alegre	496,1	11.634	11.748	6.871	7.237	4.763	4.511	11.972
Rio Negrinho	908,4	37.707	39.846	32.650	36.348	5.057	3.498	41.167
São Bento do Sul	495,6	65.437	74.801	61.826	71.234	3.611	3.567	78.998
MRG: Joinville	4.616,2	679.315	842.709	627.471	787.175	51.844	55.534	908.571
Araquari	386,1	23.645	24.810	22.000	23.353	1.645	1.457	29.593
Balneário Barra do Sul	110,5	6.045	8.430	6.032	8.035	13	395	9.330
Corupá	405,0	11.847	13.852	8.727	10.669	3.120	3.183	14.716
Garuva	501,4	11.378	14.761	8.256	11.451	3.122	3.310	16.081
Guaramirim	268,1	23.794	35.172	19.012	28.046	4.782	7.126	38.851
Itapoá	255,7	8.839	14.763	8.191	14.172	648	591	16.899
Jaraguá do Sul	532,6	108.489	143.123	96.320	132.800	12.169	10.323	156.519

(Continua)

(Continuação)

UF, Meso, microrregião e município	Área territorial (km ²)	População						Total 2013 ⁽¹⁾
		Total		Urbana		Rural		
		2000	2010	2000	2010	2000	2010	
MRG: Joinville (continuação)								
Joinville	1.146,9	429.604	515.288	414.972	497.850	14.632	17.438	546.981
Massaranduba	373,3	12.562	14.674	4.629	7.606	7.933	7.068	15.586
São Francisco do Sul	493,0	32.301	42.520	29.930	39.490	2.371	3.030	46.477
Schroeder	143,6	10.811	15.316	9.402	13.703	1.409	1.613	17.538
Serrana	22.322,5	400.951	406.741	312.519	332.431	88.432	74.310	414.705
MRG: Curitiba								
Abdon Batista	235,6	2.775	2.653	713	724	2.062	1.929	2.656
Brunópolis	335,5	3.331	2.850	707	705	2.624	2.145	2.741
Campos Novos	1.719,2	28.729	32.824	22.556	27.064	6.173	5.760	34.386
Curitibanos	952,3	36.061	37.748	32.438	34.769	3.623	2.979	38.890
Frei Rogério	157,8	2.971	2.474	487	706	2.484	1.768	2.354
Monte Carlo	193,8	8.579	9.312	7.305	8.076	1.274	1.236	9.604
Ponte Alta	566,8	5.168	4.894	3.783	3.578	1.385	1.316	4.885
Ponte Alta do Norte	401,0	3.221	3.303	2.338	3.007	883	296	3.381
Santa Cecília	1.145,3	14.802	15.757	11.617	13.663	3.185	2.094	16.315
São Cristóvão do Sul	349,0	4.504	5.012	2.719	3.800	1.785	1.212	5.255
Vargem	350,1	3.225	2.808	651	896	2.574	1.912	2.718
Zortéa	190,1	2.633	2.991	2.053	2.336	580	655	3.153
MRG: Campos de Lages								
Anita Garibaldi	588,6	10.273	8.623	4.188	4.551	6.085	4.072	8.230
Bocaina do Sul	513,0	2.980	3.290	415	967	2.565	2.323	3.393
Bom Jardim da Serra	935,2	4.079	4.395	2.123	2.397	1.956	1.998	4.566
Bom Retiro	1.055,5	7.967	8.942	5.336	6.417	2.631	2.525	9.397
Campo Belo do Sul	1.027,4	8.051	7.483	4.440	4.406	3.611	3.077	7.419
Capão Alto	1.335,3	3.020	2.753	604	962	2.416	1.791	2.711
Celso Ramos	207,4	2.844	2.771	638	872	2.206	1.899	2.792
Cerro Negro	416,8	4.098	3.581	694	764	3.404	2.817	3.472
Correia Pinto	651,6	17.026	14.785	12.046	12.022	4.980	2.763	14.301
Lages	2.629,8	157.682	156.727	153.582	153.937	4.100	2.790	158.961
Otacílio Costa	846,6	13.993	16.337	12.811	14.891	1.182	1.446	17.349
Painel	739,8	2.384	2.353	824	945	1.560	1.408	2.385
Palmeira	292,2	2.133	2.373	771	925	1.362	1.448	2.488
Rio Rufino	282,6	2.414	2.436	553	688	1.861	1.748	2.482
São Joaquim	1.885,6	22.836	24.812	16.129	17.573	6.707	7.239	25.841
São José do Cerrito	946,2	10.393	9.273	2.152	2.492	8.241	6.781	9.061
Urubici	1.019,2	10.252	10.699	6.661	7.066	3.591	3.633	11.012
Urupema	353,1	2.527	2.482	1.185	1.232	1.342	1.250	2.507
Vale do Itajaí	13.108,7	1.186.215	1.508.980	992.887	1.321.993	193.328	186.987	1.636.605
MRG: Rio do Sul								
Agrônoma	130,0	4.257	4.904	872	1.858	3.385	3.046	5.172
Aurora	206,9	5.474	5.549	1.482	1.931	3.992	3.618	5.661
Braço do Trombudo	89,7	3.187	3.457	1.622	1.898	1.565	1.559	3.599
Dona Emma	181,0	3.309	3.721	1.368	1.868	1.941	1.853	3.912
Ibirama	246,7	15.802	17.330	13.115	14.813	2.687	2.517	18.097
José Boiteux	405,5	4.594	4.721	1.466	1.611	3.128	3.110	4.837
Laurentino	79,5	5.062	6.004	3.238	4.374	1.824	1.630	6.402
Lontras	198,4	8.381	10.244	5.309	7.014	3.072	3.230	11.005
Mirim Doce	336,3	2.753	2.513	1.158	1.202	1.595	1.311	2.476
Pouso Redondo	359,5	12.203	14.810	6.368	9.024	5.835	5.786	15.882
Presidente Getúlio	295,7	12.333	14.887	7.867	10.535	4.466	4.352	15.943
Presidente Nereu	224,7	2.305	2.284	776	808	1.529	1.476	2.314

(Continua)

(Continuação)

UF, Meso, microrregião e município	Área territorial (km²)	População						Total 2013 ⁽¹⁾
		Total		Urbana		Rural		
		2000	2010	2000	2010	2000	2010	
MRG: Rio do Sul (Continuação)								
Rio do Campo	506,2	6.522	6.192	2.288	2.632	4.234	3.560	6.185
Rio do Oeste	245,6	6.730	7.090	2.626	3.390	4.104	3.700	7.319
Rio do Sul	258,4	51.650	61.198	48.418	56.785	3.232	4.413	65.256
Salete	179,3	7.163	7.370	4.583	4.987	2.580	2.383	7.553
Taió	693,0	16.257	17.260	7.887	9.964	8.370	7.296	17.856
Trombudo Central	108,7	5.795	6.553	3.154	4.101	2.641	2.452	6.901
Vitor Meireles	371,6	5.519	5.207	1.098	1.445	4.421	3.762	5.190
Witmarsum	150,8	3.251	3.600	612	845	2.639	2.755	3.769
MRG: Blumenau	4.753,0	547.591	677.376	472.572	609.704	75.019	67.672	729.835
Apiúna	493,5	8.520	9.600	3.606	4.288	4.914	5.312	10.099
Ascurra	111,7	6.934	7.412	6.119	6.457	815	955	7.683
Benedito Novo	388,2	9.071	10.336	4.901	5.804	4.170	4.532	10.906
Blumenau	519,8	261.808	309.011	241.943	294.773	19.865	14.238	329.082
Botuverá	303,0	3.756	4.468	803	1.310	2.953	3.158	4.785
Brusque	283,4	76.058	105.503	73.256	102.025	2.802	3.478	116.634
Doutor Pedrinho	375,8	3.082	3.604	1.669	2.019	1.413	1.585	3.828
Gaspar	386,4	46.414	57.981	29.601	47.126	16.813	10.855	62.618
Guabiruba	173,6	12.976	18.430	12.048	17.066	928	1.364	20.474
Indaial	430,5	40.194	54.854	38.382	52.927	1.812	1.927	60.433
Luiz Alves	260,1	7.974	10.438	2.124	3.256	5.850	7.182	11.395
Pomerode	215,9	22.127	27.759	18.713	23.823	3.414	3.936	30.009
Rio dos Cedros	555,7	8.939	10.284	3.758	5.110	5.181	5.174	10.879
Rodeio	128,1	10.380	10.922	8.866	9.424	1.514	1.498	11.270
Timbó	127,2	29.358	36.774	26.783	34.296	2.575	2.478	39.740
MRG: Itajaí	1.558,0	404.854	570.947	382.025	542.000	22.829	28.947	633.350
Balneário Camboriú	46,8	73.455	108.089	73.455	108.089	-	-	120.926
Balneário Piçarras	99,4	10.911	17.078	8.615	15.500	2.296	1.578	19.329
Barra Velha	140,2	15.530	22.386	14.566	21.320	964	1.066	24.943
Bombinhas	33,8	8.716	14.293	8.716	14.293	-	-	16.311
Camboriú	214,5	41.445	62.361	39.427	59.231	2.018	3.130	70.068
Ilhota	253,4	10.574	12.355	6.445	7.898	4.129	4.457	13.124
Itajaí	289,3	147.494	183.373	141.950	173.452	5.544	9.921	197.809
Itapema	59,4	25.869	45.797	24.781	44.659	1.088	1.138	52.923
Navegantes	111,5	39.317	60.556	36.650	57.402	2.667	3.154	68.337
Penha	62,0	17.678	25.141	15.993	23.064	1.685	2.077	27.936
Porto Belo	95,8	10.704	16.083	9.973	15.167	731	916	18.066
São João do Itaperiú	151,9	3.161	3.435	1.454	1.925	1.707	1.510	3.578
MRG: Ituporanga	1.530,2	51.223	55.763	22.983	29.204	28.240	26.559	58.091
Agrolândia	207,1	7.810	9.323	4.634	5.959	3.176	3.364	9.957
Atalanta	94,5	3.429	3.300	1.133	1.368	2.296	1.932	3.310
Chapadão do Lageado	124,5	2.561	2.762	289	513	2.272	2.249	2.871
Imbuia	121,9	5.246	5.707	1.955	2.515	3.291	3.192	5.946
Ituporanga	337,0	19.492	22.250	11.664	14.832	7.828	7.418	23.490
Petrolândia	306,2	6.406	6.131	1.811	2.225	4.595	3.906	6.140
Vidal Ramos	339,1	6.279	6.290	1.497	1.792	4.782	4.498	6.377
Grande Florianópolis	7.350,1	803.151	994.095	725.509	915.864	77.642	78.231	1.071.218
MRG: Tijucas	2.128,3	69.874	91.907	43.398	68.600	26.476	23.307	100.444
Angelina	499,9	5.776	5.250	1.015	1.123	4.761	4.127	5.166
Canelinha	151,4	9.004	10.603	4.292	6.726	4.712	3.877	11.286
Leoberto Leal	291,2	3.739	3.365	457	820	3.282	2.545	3.298
Major Gercino	285,7	3.143	3.279	977	1.249	2.166	2.030	3.375

(Continua)

(continuação)

UF, Meso, microrregião e município	Área territorial (km ²)	População						Total 2013 ⁽¹⁾
		Total		Urbana		Rural		
		2000	2010	2000	2010	2000	2010	
MRG: Tijucas (continuação)								
Nova Trento	402,1	9.852	12.190	6.673	9.129	3.179	3.061	13.135
São João Batista	220,7	14.861	26.260	11.273	23.551	3.588	2.709	30.337
Tijucas	277,2	23.499	30.960	18.711	26.002	4.788	4.958	33.847
MRG: Florianópolis								
Antônio Carlos	229,1	6.434	7.458	1.760	2.341	4.674	5.117	7.906
Biguaçu	374,5	48.077	58.206	42.907	52.758	5.170	5.448	62.383
Florianópolis	671,6	342.315	421.240	332.185	405.286	10.130	15.954	453.285
Governador Celso Ramos	116,7	11.598	12.999	10.842	12.252	756	747	13.655
Palhoça	395,0	102.742	137.334	97.914	135.311	4.828	2.023	150.623
Paulo Lopes	450,4	5.924	6.692	3.554	4.820	2.370	1.872	7.045
Santo Amaro da Imperatriz	345,0	15.708	19.823	12.536	14.970	3.172	4.853	21.221
São José	151,1	173.559	209.804	171.230	207.312	2.329	2.492	224.779
São Pedro de Alcântara	139,6	3.584	4.704	2.096	3.729	1.488	975	5.139
MRG: Tabuleiro								
Águas Mornas	326,5	5.390	5.548	1.715	2.327	3.675	3.221	5.926
Alfredo Wagner	732,3	8.857	9.410	2.473	2.868	6.384	6.542	9.737
Anitápolis	542,4	3.234	3.214	1.114	1.315	2.120	1.899	3.259
Rancho Queimado	286,4	2.637	2.748	1.103	1.290	1.534	1.458	2.827
São Bonifácio	461,3	3.218	3.008	682	685	2.536	2.323	2.989
Sul Catarinense								
MRG: Tubarão								
Armazém	173,5	6.873	7.753	2.625	4.884	4.248	2.869	8.159
Braço do Norte	211,6	24.802	29.018	17.879	23.383	6.923	5.635	30.868
Capivari de Baixo	53,2	18.561	21.674	17.436	19.816	1.125	1.858	23.018
Garopaba	115,6	13.164	18.138	10.722	15.320	2.442	2.818	20.024
Grão Pará	336,2	5.817	6.223	2.674	3.019	3.143	3.204	6.418
Gravatal	168,4	10.799	10.635	3.864	4.443	6.935	6.192	11.064
Imaruí	542,2	13.404	11.672	3.909	4.005	9.495	7.667	11.301
Imbituba	182,5	35.700	40.170	34.527	40.170	1.173	-	42.244
Jaguaruna	329,4	14.613	17.290	10.238	13.198	4.375	4.092	18.425
Laguna	440,7	47.568	51.562	37.284	40.655	10.284	10.907	43.979
Orleans	549,8	20.031	21.393	12.813	16.084	7.218	5.309	22.171
Pedras Grandes	171,8	4.921	4.107	865	1.261	4.056	2.846	4.110
Pescaria Brava ²	-	-	-	-	-	-	-	9.687
Rio Fortuna	301,9	4.320	4.446	1.213	1.523	3.107	2.923	4.557
Sangão	83,1	8.128	10.400	3.624	4.856	4.504	5.544	11.294
Santa Rosa de Lima	203,0	2.007	2.065	423	518	1.584	1.547	2.116
São Ludgero	107,6	8.587	10.993	5.995	9.863	2.592	1.130	11.940
São Martinho	224,5	3.274	3.209	888	1.231	2.386	1.978	3.239
Treze de Maio	161,1	6.716	6.876	1.764	3.401	4.952	3.475	7.036
Tubarão	300,3	88.470	97.235	69.925	88.094	18.545	9.141	101.284
MRG: Criciúma								
Balneário Rincão ²	-	-	-	-	-	-	-	11.628
Cocal do Sul	71,2	13.726	15.159	11.407	12.696	2.319	2.463	15.860
Criciúma	235,6	170.420	192.308	153.049	189.630	17.371	2.678	202.395
Forquilha	181,9	18.348	22.548	14.556	18.426	3.792	4.122	24.256
Içara	294,1	48.634	58.833	39.570	53.913	9.064	4.920	51.416
Lauro Muller	270,5	13.604	14.367	9.923	11.106	3.681	3.261	14.841
Morro da Fumaça	82,9	14.551	16.126	11.154	13.863	3.397	2.263	16.888
Nova Veneza	293,5	11.511	13.309	7.199	8.927	4.312	4.382	14.098
Siderópolis	262,7	12.082	12.998	9.103	10.051	2.979	2.947	13.499

(Continua)

(Continuação)

UF, Meso, microrregião e município	Área territorial (km²)	População						
		Total		Urbana		Rural		Total 2013 ⁽¹⁾
		2000	2010	2000	2010	2000	2010	
MRG: Criciúma (continuação)								
Treviso	157,7	3.144	3.527	1.561	1.833	1.583	1.694	3.706
Urussanga	240,5	18.727	20.223	10.650	11.405	8.077	8.818	20.826
MRG: Araranguá	2.963,0	160.169	180.808	101.390	125.579	58.779	55.229	190.312
Araranguá	303,9	54.706	61.310	45.052	50.526	9.654	10.784	64.405
Balneário Arroio do Silva	94,6	6.043	9.586	5.876	9.391	167	195	10.876
Balneário Gaivota	147,5	5.450	8.234	2.977	6.363	2.473	1.871	9.259
Ermo	63,9	2.057	2.050	593	619	1.464	1.431	2.081
Jacinto Machado	428,8	10.923	10.609	4.538	5.133	6.385	5.476	10.677
Maracajá	63,4	5.541	6.404	3.521	4.256	2.020	2.148	6.784
Meleiro	186,6	7.080	7.000	3.207	3.649	3.873	3.351	7.085
Morro Grande	256,4	2.917	2.890	737	756	2.180	2.134	2.928
Passo de Torres	95,2	4.400	6.627	3.522	5.873	878	754	7.447
Praia Grande	278,6	7.286	7.267	3.937	4.297	3.349	2.970	7.377
Santa Rosa do Sul	151,4	7.810	8.054	3.042	3.746	4.768	4.308	8.261
São João do Sul	182,7	6.784	7.002	1.143	1.572	5.641	5.430	7.183
Sombrio	142,8	22.962	26.613	15.925	19.638	7.037	6.975	28.209
Timbé do Sul	333,6	5.323	5.308	1.683	1.845	3.640	3.463	5.387
Turvo	233,7	10.887	11.854	5.637	7.915	5.250	3.939	12.353

⁽¹⁾ Estimativas da população residente nos municípios catarinenses com data de referência em 1º de julho de 2013.⁽²⁾ Os municípios de Balneário Rincão e Pescaria Brava não existiam em 2000.

Fonte: IBGE. Censos Demográficos de 2000 e 2010. Estimativas em 2013.

Informações econômicas da agropecuária

Tabela 2/II. Máquinas agrícolas vendidas, segundo o tipo - Santa Catarina - 2005-12

Discriminação	(nº)							
	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Cultivadores	909	751	405	546	437	535	237	265
Trator de rodas (em cv)	1.614	1.372	2.206	3.474	5.013	4.724	3.048	3.259
Tratores de esteiras	25	7	8	24	40	40	39	61
Colheitadeiras	84	63	140	201	103	157	149	212
Retroescavadeiras	62	66	70	110	125	193	138	120
Total geral	2.694	2.259	2.829	4.355	5.718	5.649	3.611	3.917

Fonte: Anfavea (Anuário da Anfavea 2013).

Tabela 3/II. Estimativa do balanço de oferta e demanda dos principais produtos vegetais - Santa Catarina - Safras 2011/12-2012/13

Produto	Oferta	Safrá 2011/12						Saldo
		Demanda						
		Consumo			Reservas para sementes	Perdas	Total	
		Animal in natura	Humano in natura	Industrial e saídas				
Alho	18,8	-	4,0	4,0	2,3	0,5	10,8	8,0
Arroz	1.097,2	-	476,0	-	38,6	5,6	520,2	577,0
Banana	689,8	-	165,0	99,4	-	134,0	398,4	291,4
Batata	121,6	-	119,2	-	16,4	1,7	137,3	(15,7)
Cebola	395,1	-	35,2	-	-	108,9	144,1	251,0
Feijão	115,7	-	53,4	1,0	2,2	6,0	62,6	53,1
Mandioca	530,0	158,8	33,6	317,6	-	11,2	521,1	8,9
Milho	2.947,0	5.398,5	71,5	42,3	2,0	41,7	5.556,0	(2.609,0)
Soja	1.085,0	9,1	4,8	1.105,4	17,0	28,7	1.165,0	(80,0)
Trigo	139,4	-	-	386,7	16,1	2,0	404,8	(265,4)

Produto	Oferta	Safrá 2012/13						Saldo
		Demanda						
		Consumo			Reservas para sementes	Perdas	Total	
		Animal in natura	Humano in natura	Industrial e saídas				
Alho	18,7	-	4,0	4,0	2,3	0,5	10,8	7,9
Arroz	1.020,0	-	442,5	-	35,9	5,2	483,6	536,4
Banana	683,6	-	163,5	98,5	-	132,8	394,8	288,8
Batata	115,9	-	113,6	-	15,6	1,6	130,9	(15,0)
Cebola	376,6	-	33,6	-	-	103,8	137,4	239,2
Feijão	150,3	-	69,4	1,2	3,0	8,0	81,6	68,7
Mandioca	507,0	151,9	32,1	303,8	-	10,7	498,5	8,5
Milho	3.326,0	5.401,0	72,0	44,0	2,0	41,0	5.560,0	(2.234,0)
Soja	1.555,0	4,0	7,0	1.129,0	25,0	17,0	1.182,0	373,0
Trigo	217,8	-	-	388,1	16,1	2,0	406,2	(188,4)

Fonte: Epagri/Cepa.

Tabela 4/II. Oferta e demanda de carnes - Santa Catarina - 2011-12

(mil t)

Discriminação	Carne suína		Carne de frango		Carne bovina	
	2011	2012	2011	2012	2011	2012
Produção	773	805	1.807	1.707	108	125
Importação de outras UF	72	79	64,6
Exportação	184	180	1.043	1.015	...	4,6
Venda nacional	436	430	476	472
Disponibilidade estadual	153	195	288	292	187	185

Fonte: IBGE, Conab, MDIC/Secex, Sindicarnes, Abipecs, Ubabef e Abiec.

Tabela 5/II. Número de estabelecimentos produtores e vendedores, por atividade - Santa Catarina - 2006

(nº)

Atividade	Estabelecimentos produtores	Estabelecimentos vendedores
Milho	105.586	48.611
Fumo	39.754	39.653
Feijão preto	31.842	17.074
Mandioca	30.290	4.957
Feijão de cor	10.488	7.749
Soja	9.860	9.525
Cebola	8.591	4.783
Arroz	8.030	6.401
Banana	4.703	3.409
Uva (vinho ou suco)	1.946	1.042
Maçã	1.859	1.521
Bovinos	147.338	50.569
Galinhas/frangos	111.362	11.741
Leite	89.043	66.224
Suínos	82.348	21.242
Ovos de galinha	66.157	17.678
Mel	13.233	5.648
Ovinos	7.906	1.941

Fonte: IBGE - Censo Agropecuário de Santa Catarina 2006.

Tabela 6/II. Exportações do agronegócio catarinense - 2008-12

(US\$ FOB 1.000)

Produtos exportados	2008	2009	2010	2011	2012
Produção animal e derivados	2.681.645	2.242.879	2.598.978	3.230.080	3.045.747
Carne suína	430.806	330.992	337.891	507.286	538.019
Carnes de frangos	2.042.372	1.721.412	2.019.803	2.406.209	1.922.817
Outras carnes de aves	87.170	69.245	96.106	88.763	123.205
Carne bovina	13.100	23.494	38.120	43.360	47.131
Outras carnes	56.055	50.538	58.059	125.649	337.046
Pescados e crustáceos	35.164	26.247	26.798	36.832	51.127
Mel natural	3.523	7.910	4.215	1.640	4.873
Outros produtos de origem animal	13.456	13.042	17.987	20.341	21.529
Produção vegetal e derivados	1.237.504	1.102.926	1.257.834	1.521.706	1.645.741
Soja-óleo	107.030	60.875	72.746	96.567	94.089
Soja-em grão, para semeadura e outros	186.547	97.863	141.006	217.935	306.808
Soja-farelos e farinhas	72	1.244	16.107	147.493	89.282
Milho	31.681	7.089	4.183	931	47.707
Arroz	5.868	17.388	1.665	31.883	20.293
Banana	13.099	16.522	16.253	14.715	9.283
Maçã	37.722	15.508	19.173	4.990	8.964
Outras frutas frescas ou secas	2.851	3.190	1.684	1.344	1.466
Frutas em conserva e doces	1.206	905	807	986	944
Sucos de frutas	37.429	26.065	33.217	35.484	39.472
Açúcar, cacau e produtos de confeitaria	3.463	2.201	1.626	1.516	1.548
Produtos hortícolas	189	437	410	1.202	1.936
Fécula de mandioca	1.024	542	1.164	1.334	1.391
Erva mate	14.207	14.034	17.728	15.706	5.709
Plantas ornamentais	527	492	401	129	73
Gomas e resinas	1.311	2.305	1.726	1.616	1.334
Fumo	758.662	813.660	873.880	898.886	961.398
Bebidas fermentadas e destiladas	1.587	1.443	2.153	1.504	1.479
Outros prod. vegetais e da agroindústria	33.029	21.163	51.908	47.484	52.567
Indústria da madeira papel e papelão	1.017.591	746.248	838.886	802.629	765.300
Madeira e obras de madeiras	507.131	349.382	410.139	390.124	401.153
Móveis de madeira	302.466	239.539	244.697	185.988	175.537
Papel e papelão	207.994	157.326	184.051	226.517	188.610
Total geral do agronegócio	4.936.740	4.092.053	4.695.699	5.554.415	5.456.789
Total de Santa Catarina	8.310.528	6.427.614	7.582.027	9.051.047	8.920.648

Fonte: MDIC/Secex - Sistema Alice.

Tabela 7/II. Importações do agronegócio catarinense - 2008-12

(US\$ FOB 1.000)

Produtos importados	2008	2009	2010	2011	2012
Produção animal e derivados	93.141	151.028	197.924	299.114	347.054
Animais vivos	187	0	0	220	450
Carnes de animais	7.363	9.233	15.094	19.800	19.204
Pescados e crustáceos	56.400	99.742	125.883	204.859	231.043
Laticínios e ovos	4.248	9.875	14.247	22.568	22.468
Preparações e conservas de carnes e pescados	4.060	6.614	20.802	29.255	47.330
Outros produtos origem animal não comestíveis	20.883	25.564	21.898	22.413	26.559
Produção vegetal e derivados	731.927	671.967	721.795	933.965	998.650
Soja e derivados	52.518	34.543	18.804	7.051	26.552
Milho	50.849	18.665	20.296	37.171	23.145
Trigo	98.701	60.400	100.224	117.205	101.484
Arroz	1.989	4.460	6.964	3.464	7.053
Malte	77.976	99.268	35.009	1.343	1.362
Outros cereais, grãos e prod. de moagem	72.005	89.110	40.375	56.625	28.545
Óleos e gorduras vegetais	73.792	76.147	80.964	123.423	113.307
Fumo	2.086	2.267	3.021	8.018	10.004
Uva	14.421	11.542	14.469	19.443	24.352
Maça	7.444	6.567	8.211	15.345	10.199
Pera	21.460	22.399	26.131	27.935	244
Ameixa	11.645	9.234	8.993	10.977	12.920
Outras frutas frescas ou secas	19.980	10.155	21.800	33.253	78.606
Gomas e resinas	21.902	20.110	7.469	2.435	2.536
Cebola	6.725	4.282	11.108	9.867	6.513
Alho	7.683	12.721	38.545	60.287	42.529
Outros produtos hortícolas	42.352	25.273	48.942	60.315	99.662
Batatas preparadas ou conservadas	18.434	27.454	43.709	64.464	78.068
Leveduras	2.189	1.690	2.838	5.333	4.499
Açúcar, cacau e produtos de confeitaria	3.354	3.055	5.243	7.636	22.694
Outros prod. vegetais e da agroindústria	124.423	132.626	178.681	262.374	304.375
Indústria da madeira papel e papelão	92.701	88.370	115.767	146.725	126.565
Madeira e obras de madeiras	18.128	16.010	18.860	22.941	22.760
Papel e papelão	74.574	72.360	96.906	123.784	103.804
Total geral do agronegócio	917.769	911.365	1.035.485	1.379.804	1.472.268
Total de Santa Catarina	7.940.724	7.283.252	11.974.291	14.847.049	14.550.221

Fonte: MDIC/Secex - Sistema Alice.

Tabela 8/I. Valor bruto da produção dos principais produtos agropecuários - Santa Catarina - 2008-12
(mil reais)

Produto	2008	2009	2010	2011	2012
Carne de frango	3.015.416	3.102.837	3.111.738	3.608.760	3.373.133
Carne suína	2.392.833	1.925.413	2.371.875	2.416.388	2.221.128
Leite	1.154.892	1.246.433	1.542.082	1.891.481	2.145.805
Fumo	1.276.598	1.499.628	1.591.222	1.297.418	1.413.661
Madeira em tora	862.290	1.061.807	1.224.721	1.308.719	⁽¹⁾ 1.374.155
Milho (grão)	1.553.831	1.114.245	939.801	1.445.497	1.153.163
Soja	675.967	725.681	730.264	1.031.549	877.642
Carne bovina	611.007	589.338	606.321	699.894	626.373
Arroz	571.385	593.365	539.982	389.611	574.108
Maçã	449.798	394.692	440.017	407.764	434.205
Ovos de galinha	335.719	334.803	369.432	411.434	417.581
Lenha	216.987	248.238	287.235	359.456	⁽¹⁾ 377.429
Cebola	243.354	237.056	416.157	223.136	300.627
Banana	192.408	189.155	211.908	230.096	275.528
Feijão	362.227	217.180	208.446	164.253	228.956
Mandioca	81.971	116.229	165.540	183.565	140.860
Tomate	110.137	160.377	185.632	150.542	119.093
Alho	30.726	54.468	99.483	54.624	118.477
Trigo	138.640	109.325	99.863	96.287	74.065
Cana-de-açúcar	54.442	95.665	40.466	57.709	65.029
Batata-inglesa	68.174	107.185	95.106	72.407	62.602
Uva	57.649	80.485	77.090	60.327	62.488
Palmito	6.027	13.187	21.531	20.494	50.455
Erva-mate	26.059	25.268	25.684	26.561	⁽¹⁾ 40.785
Pêssego	22.339	4.996	13.787	20.019	27.982
Mel de abelha	17.661	20.255	21.900	22.391	27.870
Batata-doce	21.621	8.616	23.324	22.028	23.177
Melancia	18.467	6.530	15.953	16.450	18.538
Laranja	31.659	28.705	24.875	19.556	18.529
Pera	3.205	734	4.801	7.546	9.603
Aveia	...	3.210	3.705	5.096	7.962
Ovos de codorna	6.071	7.656	6.713	7.113	7.426
Carvão vegetal	7.340	6.499	7.076	7.128	⁽¹⁾ 7.484
Cevada	1.481	1.589	3.562	4.316	6.309
Maracujá	3.299	3.326	4.197	5.745	5.077
Tangerina	2.562	2.140	4.379	4.022	5.032
Caqui	3.442	3.028	4.449	4.620	3.043
Pinhão	2.527	2.668	3.038	2.785	⁽¹⁾ 2.924
Amendoim	75	4.528	1.441	1.249	1.348

⁽¹⁾ Estimativa: Epagri/Cepa.

Fonte: IBGE - Produção Agrícola Municipal (PAM), Pesquisa Pecuária Municipal e Produção da Extração Vegetal e da Silvicultura e Epagri/Cepa (carnes de frango, bovina e suína).

Preços agrícolas

Tabela 9/II. Preços mínimos do Programa de Garantia de Preços para Agricultura Familiar (PGPAF) - Período de vigência: 10/01/2013 a 09/01/2015

Produto	Regiões e estados	Unidade de medida	Vigência	Preço Garantidor (R\$)
Alho comum	Sul	kg	Entre 10/07/2013 e 9/07/2014	3,10
Leite	Sul, Sudeste	litro	Entre 10/07/2013 e 9/07/2014	0,67
Trigo	Sul	sc (60Kg)	Entre 10/07/2013 e 9/07/2014	31,86
Triticale	Centro-oeste, Sudeste e Sul	sc (60kg)	Entre 10/07/2013 e 9/07/2014	18,12
Arroz em casca natural	Sul (exceto PR)	sc (50 kg)	Entre 10/01/2014 e 9/01/2015	25,80
Banana	SC e MT	cx (20 kg)	Entre 10/01/2014 e 9/01/2015	5,49
Batata	Sul, Sudeste, Nordeste e Centro-Oeste	sc (50 kg)	Entre 10/01/2014 e 9/01/2015	36,04
Cebola	Brasil	kg	Entre 10/01/2014 e 9/01/2015	0,62
Feijão	Sul, Sudeste, Centro-Oeste, Norte (exceto PA) e BA	sc (60kg)	Entre 10/01/2014 e 9/01/2015	95,38
Maçã	Sul	cx (18 kg)	Entre 10/01/2014 e 9/01/2015	8,61
Milho	Sul, Sudeste, Centro-Oeste (exceto MT)	sc (60kg)	Entre 10/01/2014 e 9/01/2015	17,67
Raiz de mandioca	Centro-Oeste, Sudeste e Sul	t	Entre 10/01/2014 e 9/01/2015	170,00
Soja	Brasil	sc (60kg)	Entre 10/01/2014 e 9/01/2015	27,31
Tomate	Brasil	kg	Entre 10/01/2014 e 9/01/2015	0,84
Uva	Sul, Sudeste e Nordeste	kg	Entre 10/01/2014 e 9/01/2015	0,57

Fonte: Banco Central do Brasil (Resolução nº 4.247, de 11 de julho de 2013).

Tabela 10/II. Programa de Garantia de Preços Mínimos (PGPM) - Safras 2012/13-2013/14

Produto	Regiões e estados	Tipo/classe básico	Unidade	Preços mínimos (R\$)		Período de vigência
				2012/13	2013/14	
Alho	Sul	-	kg	-	3,10	Jul/2013
Arroz longo fino em casca	Sul (exceto PR)	Tipo 1-58/10	50 kg	25,80	25,80	Fev/2013 a Fev/2014
Arroz longo em casca	Sul (exceto PR)	Tipo 2-55/13	50 kg	18,90	18,90	Fev/2013 a Fev/2014
Farinha de mandioca	Sul, Sudeste e Centro-Oeste	Fina T3	50 kg	30,71	41,50	Jan/2013 a Jan/2014
Fécula de mandioca	Sul, Sudeste e Centro-Oeste	Tipo 2	kg	0,75	1,02	Jan/2013 a Jan/2014
Feijão comum cores	Sul, Sudeste, Centro-Oeste e BA-Sul	-	60 kg	72,00	95,00	Nov/2012 a Nov/2013
Feijão comum preto	Sul, Sudeste, Centro-Oeste e BA-Sul	-	60 kg	72,00	105,00	Nov/2012 a Nov/2013
Leite in natura	Sul e Sudeste	-	litro	0,61	0,67	Jul/2012 a Jul/2013
Milho	Sul, Sudeste, MS, GO e DF	Único	60 kg	17,46	17,67	Jan/2013 a Jan/2014
Raiz de mandioca	Sul, Sudeste e Centro-Oeste	-	t	139,57	170,00	Jan/2013 a Jan/2014
Soja	Todo o território nacional (exceto MT, RO, AM, PA e AC)	-	60 kg	25,11	25,11	Jan/2013 a Jan/2014
Sorgo	Sul, Sudeste e Centro-Oeste (exceto MT e MS)	Único	60 kg	13,98	15,33	Jan/2013 a Jan/2014
Uva	Sul, Sudeste e Nordeste	-	kg	0,57	0,57	Fev/12 a Jan/2013

Fonte: Conab.

Tabela 11/II. Preços médios mensais dos produtos vegetais recebidos pelos produtores em Santa Catarina - 2010-12

Ano	Mês	Milho	Soja	Feijao preto		Feijão carioca		Arroz irrigado (sc 50 kg) SC	Trigo Interm. (sc 60 kg) SC	Trigo Superior (sc 60 kg) SC
		(sc 60 kg) Chapecó	(sc 60 kg) Chapecó	(sc 60 kg) Chapecó	(sc 60 kg) Canoinhas	(sc 60 kg) Chapecó	(sc 60 kg) Joaçaba			
2010	Jan.	16,33	39,72	65,00	...	55,67	...	30,00	23,00	24,50
	Fev.	15,44	34,50	61,47	60,00	55,00	61,07	29,26	23,08	24,50
	Mar.	15,40	32,52	68,65	63,48	67,35	99,29	28,48	22,86	24,36
	Abr.	15,00	31,33	79,21	76,79	85,79	114,29	28,00	22,67	24,12
	Maio	14,90	32,21	74,76	79,00	84,76	115,56	28,00	22,67	24,17
	Jun.	15,45	32,32	71,00	73,50	84,00	100,00	27,32	22,27	24,17
	Jul.	15,00	34,23	70,00	69,09	80,23	100,00	26,55	22,33	24,32
	Ago.	16,23	37,02	70,00	70,44	80,00	95,00	26,19	22,89	25,04
	Set.	19,65	38,33	82,50	73,75	90,00	95,00	26,33	23,80	26,17
	Out.	21,00	40,71	90,00	88,64	100,00	95,00	26,25	23,51	25,82
	Nov.	22,45	43,74	86,00	85,26	96,00	...	26,12	23,43	25,60
	Dez.	21,21	44,96	70,00	76,25	71,67	...	26,07	23,25	25,33
2011	Jan.	23,00	47,33	65,00	...	65,00	22,25	24,00
	Fev.	24,68	47,10	60,50	60,63	59,00	...	20,67	23,34	25,79
	Mar.	24,21	44,52	67,71	68,56	67,71	105,00	20,50	24,63	26,36
	Abr.	25,09	42,39	74,83	75,00	72,00	105,00	19,85	24,60	26,25
	Maio	24,21	40,88	73,33	72,78	69,33	92,65	19,18	24,29	25,76
	Jun.	24,38	40,68	72,50	67,97	70,50	84,00	19,17	24,20	25,75
	Jul.	24,55	40,26	70,00	66,21	70,00	75,00	19,73	24,20	25,75
	Ago.	24,33	41,11	65,43	67,87	65,43	75,00	21,33	24,06	25,75
	Set.	25,26	43,93	65,00	67,71	65,00	75,00	21,53	24,24	25,89
	Out.	25,47	42,66	68,68	67,71	68,68	75,00	21,56	23,82	25,42
	Nov.	24,53	41,48	70,00	67,10	70,00	75,00	22,39	22,50	24,48
	Dez.	23,63	40,63	73,13	65,00	85,00	75,00	23,29	22,30	24,13
2012	Jan.	25,46	42,92	105,83	97,08	139,17	108,33	23,91	22,25	24,00
	Fev.	25,28	43,86	93,89	96,67	126,11	138,33	25,58	22,25	24,00
	Mar.	24,27	48,75	86,59	90,00	127,27	160,45	24,85	22,25	24,00
	Abr.	23,21	52,68	90,00	92,86	160,00	183,00	25,35	22,86	24,79
	Maio	22,38	55,36	98,33	94,77	146,67	185,00	26,02	24,40	25,95
	Jun.	22,05	58,11	115,79	106,32	142,11	140,00	26,34	24,97	26,47
	Jul.	25,73	66,25	110,45	110,00	100,00	109,09	26,97	26,00	27,50
	Ago.	28,72	72,57	110,00	110,00	100,00	100,00	28,84	27,33	28,83
	Set.	27,55	75,16	110,00	110,00	100,00	140,00	33,09	28,87	30,25
	Out.	27,95	70,85	110,00	110,00	100,00	140,00	34,64	29,83	31,38
	Nov.	29,84	69,32	110,00	110,00	100,00	140,00	34,67	32,05	33,21
	Dez.	29,86	69,46	117,50	110,00	121,43	140,00	34,53	33,50	34,36
2013	Jan.	28,35	61,03	122,65	116,25	145,88	144,09	31,10	35,00	36,94
	Fev.	27,06	57,38	127,81	119,38	165,00	...	30,67	36,06	38,30
	Mar.	24,17	54,26	130,00	129,47	152,11	196,67	30,68	35,50	36,67
	Abr.	21,34	51,45	130,23	130,00	169,55	218,41	30,67	34,95	36,30
	Maio	21,95	53,43	141,00	133,50	195,50	205,00	31,26	35,50	36,67
	Jun.	22,40	59,70	142,50	139,44	145,00	...	31,67	35,50	36,90
	Jul.	21,59	60,17	140,00	141,33	140,00	...	31,67	35,50	37,33
	Ago.	21,36	59,45	140,00	...	121,36	...	31,67	37,55	39,13
	Set.	22,43	63,79	140,00	...	103,33	...	31,67	41,98	44,04
	Out.	21,83	64,50	140,00	...	94,50	...	31,59	42,31	44,88

(continua)

(continuação)

Ano	Mês	Cebola pera (pagto 35 dias)	Batata não lavada especial e primeira	Alho tipo 5	Farinha mandioca grossa	Mandioca	Banana caturreta	Banana prata	Fumo TO2
		(sc 20 kg) Rio do Sul	(sc 50 kg) SC	(kg) Joaçaba	(sc 50 kg) Região Sul	(t) SC	(cx 20 a 22 kg) Região Norte	(cx 20 a 22 kg) Região Sul	(kg) SC
2010	Jan.	14,00	...	4,50	5,67
	Fev.	14,71	40,96	4,68	38,71	...	3,29	5,14	5,67
	Mar.	18,04	44,00	4,81	40,00	...	6,36	10,43	5,68
	Abr.	21,05	41,97	4,95	...	190,00	7,56	...	5,68
	Maio	...	51,82	4,78	...	180,28	6,17	...	5,68
	Jun.	...	55,36	5,52	44,06	188,76	6,81	12,17	5,93
	Jul.	6,00	44,00	198,20	7,03	12,24	5,93
	Ago.	44,00	196,36	7,00	11,90	6,21
	Set.	40,70	189,00	7,55	11,93	6,21
	Out.	43,33	...	8,85	10,69	6,21
	Nov.	5,41	46,00	...	7,29	9,18	6,21
	Dez.	4,85	24,38	...	47,33	...	7,00	8,29	6,21
2011	Jan.
	Fev.	5,10	19,72	4,00	50,00	...	4,29	10,20	6,18
	Mar.	10,03	...	4,20	49,81	...	5,08	11,14	6,18
	Abr.	9,50	...	4,70	45,68	230,00	7,42	12,00	6,18
	Maio	9,42	31,79	5,21	43,63	209,74	6,83	12,50	6,18
	Jun.	...	26,69	6,22	40,00	198,83	6,40	12,62	6,18
	Jul.	6,25	38,00	192,18	6,84	13,00	6,18
	Ago.	37,03	192,16	8,35	11,97	6,18
	Set.	36,50	183,50	9,00	10,48	6,18
	Out.	36,50	205,00	9,00	10,00	6,18
	Nov.	10,06	38,08	...	6,97	9,60	6,18
	Dez.	8,13	16,00	...	41,00	...	6,50	9,38	6,18
2012	Jan.	12,00	16,63	1,65	8,89	...	6,18
	Fev.	15,94	19,00	1,55	41,05	...	8,92	13,68	6,37
	Mar.	14,95	...	2,20	42,00	...	8,84	14,07	6,37
	Abr.	16,94	...	2,50	39,53	...	12,07	14,90	6,37
	Maio	21,73	...	1,90	39,00	184,29	13,00	15,16	6,37
	Jun.	1,00	38,42	180,63	11,74	14,00	6,37
	Jul.	37,00	181,09	...	14,91	6,37
	Ago.	37,39	178,41	...	16,00	6,37
	Set.	42,89	181,63	...	16,00	6,37
	Out.	48,95	180,00	4,15	14,11	6,37
	Nov.	14,79	54,37	...	3,39	9,95	6,18
	Dez.	15,57	...	4,50	61,57	...	3,00	9,50	6,18
2013	Jan.	21,78	32,25	4,09	3,00	...	6,64
	Fev.	27,65	44,13	...	69,00	...	3,00	12,06	6,82
	Mar.	36,84	...	4,80	69,84	...	4,16	14,58	6,82
	Abr.	36,38	...	5,04	72,91	322,50	9,23	16,50	6,82
	Maio	5,50	73,80	318,83	8,72	17,00	6,82
	Jun.	5,50	70,32	276,89	8,58	17,89	6,82
	Jul.	5,50	67,35	268,37	10,43	19,00	6,99
	Ago.	68,55	271,02	9,18	19,00	6,99
	Set.	72,19	270,00	14,02	17,90	6,99
	Out.	76,90	...	15,76	16,80	...

A média de dezembro de 2012 se refere aos preços coletados até dia 20/12/2012.

Nota: Os preços referem-se a média aritmética simples dos preços mais comuns registrados diariamente nas principais regiões produtoras.

Fonte: Epagri/Cepa.

Anexo I

Conceitos

Consumo aparente de fertilizantes - Quantidade de fertilizantes fornecida pela indústria, ainda que não tenha sido totalmente aplicada na lavoura, uma vez que parte deste volume pode encontrar-se estocada e desperdiçada.

Microrregião geográfica (MRG) - Regionalização criada mediante a resolução PR n° 51, de 31/7/89, que aprova a divisão do Brasil em meso e microrregiões geográficas. Constituem áreas individualizadas, em cada estado, que apresentam formas de organização do espaço com identidade regional, definidas pelas seguintes dimensões: processo social como determinante, quadro natural como condicionante e rede de comunicação e de lugares como elementos de articulação espacial. O estado de Santa Catarina divide-se em 20 microrregiões e seis mesorregiões.

Pessoal ocupado - Pessoas que, em caráter permanente ou eventual, exercem ocupação remunerada ou não, diretamente ligadas a atividades desenvolvidas no estabelecimento.

População residente - Constituída pelas pessoas moradoras no domicílio.

População rural - População recenseada fora dos limites da área urbana, inclusive nos aglomerados rurais (povoados, arraiais, etc).

População urbana - Pessoas recenseadas nas cidades, vilas e áreas urbanas isoladas, conforme delimitação das respectivas prefeituras municipais.

Preços médios ponderados - Média dos preços mensais recebidos pelo produtor, ponderados pelas quantidades mensais comercializadas ao longo do ano.

Produção - Resultado da atividade econômica desenvolvida pelo estabelecimento em dado período, medida em termos de quantidade.

Produção extrativa vegetal - Produção de produtos vegetais obtida de espécies florestais nativas.

Produto - Resultado de qualquer atividade específica.

Produto Interno Bruto (PIB) - Medida, em unidade monetária, do fluxo total de bens e serviços finais produzidos pelo sistema econômico, em determinado período. Corresponde, portanto, ao Valor Bruto da Produção menos o consumo intermediário.

Setor terciário - Campo de ação que compreende basicamente o comércio de mercadorias, transporte, comunicações, prestação de serviços, atividades sociais e administração pública.

Situação de domicílio - Classificação da população segundo a localização do domicílio nas áreas urbanas ou rurais, definidas por lei municipal.

Valor Bruto da Produção (VBP) - Produto resultante da multiplicação da quantidade produzida pelo preço médio ao produtor, independente de terem ou não as mercadorias chegado ao mercado formal.

Fontes consultadas

Abiec - www.abiec.com.br

Abipecs - www.abipecs.com.br

Abraf - www.abraf.org.br

Afubra - www.afubra.com.br

Anfavea - www.anfavea.com.br

Anda - www.anda.org.br

Banco Central do Brasil - <http://www.bcb.gov.br>

Bracelpa - www.bracelpa.org.br

Cepea/Esalq/USP - www.cepea.esalq.usp.br/leite

Conab - www.conab.gov.br

Embrapa - www.cnpsa.embrapa.br

FAO - www.fao.org

IBGE - www.sidra.ibge.gov.br/bda/pesquisas

MDIC/Secex - Sistema Alice – www.aliceweb.desenvolvimento.gov.br

Usda - www.usda.gov

Lista de figuras - Parte I

Desempenho da produção vegetal

Alho

1/I. Consumo aparente no Brasil, % conforme a origem - 2012	10
2/I. Alho (classes 5, 6 e 7) - Preços médios (R\$/kg) recebidos pelos produtores - Santa Catarina - Jan./06-Jul./13	12

Arroz

1/I. Os ciclos de preço entre 1972 e 2014, a preços de abril/2013	17
---	----

Banana

1/I. As frutas mais produzidas no mundo (mil t) - 2010	20
2/I. Quantidade e valor das exportações brasileiras - 2008-13	21

Cebola

1/I. Desempenho da produção brasileira (t) - Safras 2008/12	28
2/I. Evolução da produtividade no Brasil (Kg/ha) - Safras 2008/12	28
3/I. Evolução da área colhida em Santa Catarina (ha) - Safras 2008/12	30
4/I. Desempenho da produção catarinense (t) - Safras 2008/12	31
5/I. Preços médios mensais recebidos pelos produtores de Santa Catarina - Safras 2010/11-2012/13	31

Maçã

1/I. Países maiores consumidores (kg/hab/ano) - 2009	46
2/I. Brasil - Preços médios anuais no atacado - 2008-13	48
3/I. Valor das exportações e importações brasileiras - 2008-13	48

Mandioca

1/I. Brasil - Fécula, colas, dextrina e outros amidos modificados - Valor das exportações (US\$ 1000) - 2008-13	55
2/I. Raiz e derivados - Preços médios anuais recebidos pelo produtor de Santa Catarina (R\$/kg) - 2008-13	57

Soja

1/I. Comparação dos preços de milho e soja (R\$/sc 60 kg) - Santa Catarina - 2012-13	71
--	----

Tomate

1/I. Participação % dos Continentes na produção - Safra 2010/11	74
---	----

Números da fruticultura catarinense

1/I. Distribuição da produção de frutas, segundo a densidade econômica (valor bruto da produção sobre a área total dos estabelecimentos agropecuários dos municípios - Safra 2012/13	91
---	----

Desempenho da produção animal

Carne bovina

1/I. Evolução das importações em mercados selecionados - 2009-13	94
2/I. Evolução das exportações em mercados selecionados - 2009-13	94
3/I. Preços mensais recebidos pelos produtores catarinenses - 2012	98

Carne de frango

1/I. Distribuição do efetivo de frango de corte - Brasil - 2011	103
2/I. Evolução dos preços do frango congelado e vivo - Santa Catarina - 2011-13	106

Carne suína

1/I. Distribuição do efetivo de suínos por estado - Brasil - 2011	113
2/I. Evolução das exportações brasileiras - 2007-12	114
3/I. Evolução do rebanho Sul-brasileiro - 2008-11	116
4/I. Evolução dos abates em Santa Catarina - 2007-12	116
5/I. Evolução dos preços pagos (kg) de peso vivo em Santa Catarina - 2007-13	116

Leite

1/I. Leite resfriado - Preço corrigido ao produtor - Santa Catarina - 2003-13	123
2/I. Custo de produção e preço médio recebido pelo produtor - Santa Catarina - 2008-13	124
3/I. Número de litros de leite necessários para comprar 60 kg de milho, no atacado - Santa Catarina - 2011-13	124

Piscicultura de água doce

1/I. Evolução da produção da piscicultura catarinense - 1983-12	127
---	-----

Desempenho do setor florestal

1/I. Evolução dos preços da celulose tipo NBSK e BHKP na Europa (US\$/t) - dez/2005-jul/2013	132
2/I. Índice de crescimento das áreas plantadas com Eucalipto e Pinus em Santa Catarina (2005=100) - 2005-12	139
3/I. Participação das exportações de produtos florestais no total das exportações catarinenses (%) - 1993-2012	142

Lista de tabelas - Parte I

Desempenho da produção vegetal

Alho

1/I. Comparativo de safras do mundo e dos principais países - Safras 2007/11	8
2/I. Comparativo de safras dos países da América do Sul - Safras 2007/11	8
3/I. Comparativo de safras dos estados do Brasil - Safras 2008/13	9
4/I. Importações brasileiras segundo os principais fornecedores - 2007-12	10
5/I. Comparativo de safras dos principais municípios de SC - Safras 2009/13	11

Arroz

1/I. Arroz beneficiado – Produção e principais países produtores – Safras 2009/10-2013/14	14
2/I. Arroz beneficiado – Balanço de oferta e demanda mundial – Safras 2009/10-2013/14	14
3/I. Arroz em casca – Área plantada, produção e rendimento – Brasil e principais estados produtores – Safras 2008/09-2012/13	15
4/I. Arroz em casca – Balanço de oferta e demanda - Brasil – Safras 2008/09-2012/13	15
5/I. Área plantada e produção, por Microrregião Geográfica de Santa Catarina – Safras 2008/09-2012/13	16

Banana

1/I. Quantidade produzida – Mundo e principais países – Safras 2007/11	19
2/I. Valor das exportações mundiais e dos principais países – 2006-10	20
3/I. Valor das importações mundiais e dos principais países – 2006-10	20
4/I. Área colhida, produção e rendimento – Brasil e principais estados produtores – Safras 2009/13	22
5/I. Principais mercados compradores - 2008-13	23
6/I. Preço mensal no produtor – Santa Catarina – 2008-13	24
7/I. Preço mensal no atacado – Santa Catarina – 2008-13	25
8/I. Exportação por estado da Federação – 2008-13	25

Cebola

1/I. Área plantada, produção e rendimento dos principais estados produtores – Safras 2010/12	28
--	----

Feijão

1/I. Produção mundial - 2007-11	32
2/I. Principais estados produtores -Safras 2008/09-2012/13	33
3/I. Brasil - Área plantada, produção e rendimento médio - Safras 2008/09- 2012/13	33
4/I. Santa Catarina - Área, produção e rendimento por microrregião geográfica -Safras 2008/09-012/13	34
5/I. Principais países exportadores e total mundial - 2006-10	35
6/I. Principais países importadores e total mundial - 2006-10	36
7/I. Maiores países consumidores - 2005-09	36
8/I. Importação brasileira por país de origem - 2009-13	36
9/I. Brasil - Balanço de oferta/demanda - Safras 2008/09-2012/13	37
10/I. Feijão-preto - Santa Catarina - Preço médio mensal - 2009-13	37
11/I. Feijão-carioca - Santa Catarina - Preço médio mensal - 2009-13	37

Fumo

1/I. Principais países produtores e total mundial - 2007-11	38
2/I. Principais países exportadores - 2006-10	39
3/I. Principais países importadores - 2006-10	39
4/I. Brasil - Área, produção e rendimento - Safras 2009/13	40

5/I. Brasil - Número de fumicultores - Safras 2008/13	40
6/I. Distribuição fundiária dos fumicultores sul-brasileiros - Safra 2011/12	40
7/I. Comparativo das safras da Região Sul do Brasil - Safras 2010/13	41
8/I. Brasil - Quantidade produzida e exportada - 2008-13	41
9/I. Comparativo de safras de Santa Catarina - 2009/13	41
10/I. Comparativo de safras, segundo as microrregiões de Santa Catarina - 2010/13	42
11/I. Preço médio recebido pelos produtores da Região Sul do Brasil, por tipo - Safras 2008/09-2012/13	42
12/I. Preço médio recebido pelos produtores da Região Sul do Brasil, por estado - Safras 2008/09-2012/13	42
13/I. Exportações brasileira e catarinense - 2008-13	43
14/I. Exportações catarinenses, por país de destino - 2009-13	43

Maçã

1/I. Quantidade total produzida no mundo e pelos principais países – Safras 2006/07-2010/11	45
2/I. Valor exportado – Total e dos principais países – 2006-10	45
3/I. Valor importado – Total e dos principais países – 2006-10	45
4/I. Área colhida, quantidade produzida e rendimento médio – Brasil e principais estados – Safras 2008/09 – 2012/13	47
5/I. Maçã e sucos – Brasil – Valor e quantidade exportados – 2008-13	48
6/I. Maçã e Sucos – Brasil – Principais mercados compradores – Participação % no valor – 2008-12	50

Mandioca

1/I. Área colhida, produção e rendimento mundial e principais países – Safras 2006/07-2011/12	52
2/I. Raiz e derivados – Soma dos principais países exportadores – Quantidade e valor – 2006-10	52
3/I. Raiz e derivados – Soma dos principais países importadores - Quantidade e valor – 2006-10	53
4/I. Raiz de mandioca – Área colhida, produção e rendimento médio - Brasil e principais estados – Safras 2008/09-2012/13	54
5/I. Área colhida e quantidade produzida por microrregião geográfica de Santa Catarina – Safras 2008/09-2011/12	56
6/I. Raiz e derivados – Preços mensais recebidos pelo produtor catarinense – 2008-13	58

Milho

1/I. Quadro de oferta e demanda mundial – 2011/12-2013/14	60
2/I. Quadro de oferta e demanda mundial e de países selecionados – 2011/12-2012/13	60
3/I. Quadro de oferta e demanda mundial e de países selecionados – Projeção - Safra 2013/14	60
4/I. Preço mensal do produto dos Estados Unidos – 2009-13	61
5/I. Milho em grão – Área e produção do Brasil – Safras 2003/04-2012/13	62
6/I. Milho em grão – Área e produção do Brasil e dos principais estados produtores – Safras 2011/12-2012/13	62
7/I. Milho em grão - Exportações brasileiras – 2006-13	62
8/I. Milho em grão - Exportações brasileiras, por país de destino – 2010-13	63
9/I. Milho em grão – Área e produção de Santa Catarina – Safras 2003/04-2012/13	64
10/I. Milho em grão – Área e produção das principais microrregiões de SC – Safras 2008/09-2012/13	64
11/I. Milho em grão – Área e produção das mesorregiões de SC – Diversas safras	65
12/I. Preços médios mensais aos produtores e no mercado atacadista – 2010-13	65

Soja

1/I. Principais produtores mundiais – Safras 2007/08-2013/14	66
2/I. Principais países do mercado – Safras 2012/13 e 2013/14	67
3/I. Oferta/demanda mundial – Safras 2007/08-2013/14	67
4/I. Oferta/demanda - Estados Unidos – Safras 2007/08-2012/13	67
5/I. Oferta/demanda - Argentina – Safras 2010/11 -2013/14	68
6/I. Principais estados produtores - Brasil – Safras 2006/7- 2012/13	68
7/I. Soja e derivados – Exportações brasileiras – 2008-13	69
8/I. Soja e derivados – Exportações brasileiras - Principais mercados – 2008-13	69

9/I. Área, produção e rendimento - Santa Catarina – Safras 2007/08-2012/13	70
10/I. Estimativa de oferta e demanda - Santa Catarina – Safras 2005/06-2012/13	70
11/I. Área, produção e rendimento por microrregião geográfica - Santa Catarina – 2008-10	71

Tomate

1/I. Mundo e principais países - Comparativo de safras 2008/09–2010/11	73
2/I. Comparativo de safras por Continente - Safras 2008/09–2010/11	73
3/I. Comparativo de safras da América do Sul - Safras 2008/09–2010/11	73
4/I. Exportações mundiais por Continente - Safras 2007/08–2009/10	74
5/I. Importações mundiais por Continente - Safras 2007/08 – 2009/10	74
6/I. Comparativo de safras do Brasil e principais estados – 2010/11-2012/13	75
7/I. Comparativo de safras do Brasil e regiões - 2010/11-2012/13	75
8/I. Comparativo de safras de Santa Catarina – 2008/09-2012/13	76
9/I. Comparativo de safras das principais microrregiões de SC – 2008/09-2010/11	76
10/I. Preço aos produtores da Microrregião de Joaçaba – 2010-13	77
11/I. Preço no atacado da Microrregião de Joaçaba – 2010-13	77

Trigo

1/I. Produção mundial e dos principais países produtores - Safras 2009/10-2013/14	79
2/I. Balanço mundial de oferta e demanda - Safras 2009/10-2013/14	79
3/I. Principais países consumidores - 2005-09	79
4/I. Consumo <i>per capita</i> no mundo - 2005-09	80
5/I. Principais países exportadores de trigo e seus derivados - 2006-10	80
6/I. Principais países importadores de trigo e seus derivados - 2006-10	80
7/I. Comparativo das safras do Brasil - 2009/13	81
8/I. Comparativo de safras, segundo os principais estados produtores do Brasil - 2011/13	82
9/I. Oferta e demanda brasileiras - Safras 2009/10-2013/14	82
10/I. Trigo em grão - Quantidade importada pelo Brasil - Safras 2008/09-2012/13	82
11/I. Farinha de trigo - Quantidade importada pelo Brasil - Safras 2008/09-2012/13	83
12/I. Comparativo das safras de Santa Catarina - 2009/13	83
13/I. Comparativo de safras, segundo as microrregiões de Santa Catarina - 2009/13	84
14 - Preços médios aos produtores de Santa Catarina - 2009-13	84

Uva e Vinho

1/I. Área plantada de uva e vinhos produzidos nos principais países produtores - 2012	86
2/I. Uva - Área destinada à colheita e produção dos principais estados do Brasil – 2009-13	87
3/I. Uva - Área destinada à colheita e produção das microrregiões de SC – 2007-11	88
4/I. Vinhos e sucos produzidos em Santa Catarina – 2009-13	89
5/I. Uvas de outros estados processadas em Santa Catarina – 2009-13	89

Números da fruticultura catarinense

1/I. Número de fruticultores, área plantada, quantidade produzida, rendimento médio e valor bruto da produção das principais frutas em Santa Catarina – Safra 2012/13	91
---	----

Desempenho da produção animal

Carne bovina

1/I. Produção mundial de carne bovina – 2009-13	93
2/I. Consumo doméstico de carne bovina – 2009-13	93
3/I. Importações mundiais de carne bovina – 2009-13	93

4/I. Exportações de carne bovina – 2009-13	94
5/I. Evolução do rebanho bovino brasileiro – 2008-12	96
6/I. Abate de bovinos - Brasil e estados – 2008-12	96
7/I. Balanço de oferta e demanda - Brasil – 2008-12	97
8/I. Exportação brasileira de carnes e derivados de bovinos – 2012	97
9/I. Principais países importadores - Brasil - 2008-12.....	97
10/I. Efetivo do rebanho bovino em Santa Catarina – 2009-12	98

Carne de frango

1/I. Principais países produtores – 2009-13	100
2/I. Total de consumo doméstico – 2009-13	100
3/I. Principais países exportadores – 2009-13	100
4/I. Produção brasileira de carne de frango – 2009-13	101
5/I. Abate de frangos de corte – Principais estados – 2006-12	102
6/I. Pintos alojados e produção – Brasil – 2008-13	102
7/I. Principais países importadores do frango brasileiro – 2007-11	102
8/I. Produção e exportação – Brasil e Santa Catarina – 2007-12	104
9/I. Exportação de carne de frango – Total brasileiro e principais estados – 2012	105
10/I. Efetivo de rebanho de frango de corte no Estado de Santa Catarina – 2006-12	105
11/I. Custo de produção do frango de corte em diferentes sistemas de produção – Santa Catarina - 2013	105

Carne suína

1/I. Produção de carne suína por país – 2009-13	108
2/I. Consumo doméstico de carne suína por país – 2009-13	108
3/I. Importação mundial de carne de suínos – 2009-13	109
4/I. Países maiores exportadores mundiais – 2009-13	109
5/I. Evolução do plantel de matrizes suínas no Brasil - 2008-12	111
6/I. Distribuição do efetivo de suínos por região – Brasil – 2009-12	111
7/I. Produção de suínos para abate – Brasil – 2007-12	112
8/I. Produção de carne suína – Brasil – 2007-12	112
9/I. Carne suína – Balanço de oferta e demanda – Brasil – 2007-12	112
10/I. Carne suína – Valor, volume e preço de exportação – Brasil – 2007-12	113
11/I. Carne suína – Destinos das exportações – Brasil – 2007-12	113
12/I. Rebanho de suínos no contexto Sul-brasileiro – 2009-12	115
13/I. Distribuição do rebanho suíno por mesorregião catarinense – 2012	115
14/I. Evolução do comércio internacional catarinense – 2011-12	115

Leite

1/I. Panorama do mercado mundial de lácteos – 2011-13	118
2/I. Produção, importação e exportação mundial de lácteos – 2009-13	118
3/I. Produção de leite no Brasil e nos principais estados produtores – 2007-12	119
4/I. Consumo <i>per capita</i> aparente estimado, em equivalente leite fluido, no Brasil – 2000-12	119
5/I. Quantidade adquirida pelas indústrias, no Brasil e nos principais estados produtores – 2008-12	120
6/I. Leite e derivados – importações e exportações brasileiras – 2008-12	120
7/I. Leite e derivados – importações e exportações brasileiras no primeiro semestre – 2009-13	120
8/I. Preço médio anual recebido pelos produtores, no Brasil e nos principais estados produtores – 2011-13 ..	120
9/I. Produção de leite nas mesorregiões geográficas de Santa Catarina – 2007-12	122
10/I. Quantidade de leite recebido pela indústria de Santa Catarina – 2005-13	122
11/I. Preço médio do leite resfriado, em nível de produtor, nas principais regiões produtoras de Santa Catarina – 2012-13	123
12/I. Preços de referência do leite padrão e preço médio recebido pelo produtor, em Santa Catarina – 2012-13	123

Desempenho da aquicultura catarinense

Piscicultura de água doce

1/I. Principais municípios produtores de peixes em Santa Catarina - 2012	126
2/I. Molusco – Evolução da produção de Santa Catarina – 2008-12	128
3/I. Estimativa econômica da maricultura de Santa Catarina - 2012	128

Desempenho do setor florestal

1/I. Produção mundial de madeira em toras para uso industrial ⁽¹⁾ segundo os principais países - 2007-11	130
2/I. Produção mundial de celulose segundo os principais países – 2007-11	131
3/I. Produção mundial de papel e cartões segundo os principais países – 2007-11	131
4/I. Valor das exportações mundiais de produtos florestais segundo os principais países – 2007-11	131
5/I. Valor das importações mundiais de produtos florestais segundo os principais países – 2007-11	132
6/I. Área plantada com pinus e eucalipto no Brasil – 2011-12	134
7/I. Produção brasileira das principais matérias-primas de origem florestal – 2007-11	134
8/I. Consumo de madeira em toras para uso industrial no Brasil por espécie, segundo os principais segmentos industriais – 2010-12	134
9/I. Produção e consumo de madeira serrada e compensados no Brasil - 2006-12	135
10/I. Capacidade nominal instalada, produção, importação, exportação e consumo interno de painéis de madeira no Brasil – 2005-12	136
11/I. Produção, importação, exportação e consumo interno de papel e celulose no Brasil – 2008-12	138
12/I. Santa Catarina – Produção dos principais produtos florestais – 2007-11	139
13/I. Santa Catarina - Preço médio de insumos e fatores de produção florestal - 2007-13	140
14/I. Santa Catarina - Preço médio de produtos e matérias-primas florestais - 2010 –13	141
15/I. Preços médios da madeira de pinus e eucalipto para processamento mecânico - 2011-13	141
16/I. Santa Catarina - Exportação de produtos florestais - 2007-12	142

Políticas públicas dirigidas ao meio rural catarinense

1/I. Ações governamentais programadas pela Secretaria de Estado da Agricultura e Pesca para o ano de 2013	146
---	-----

Crédito rural

1/I. Crédito Rural - Financiamentos concedidos a produtores e cooperativas – 2000 e 2012	149
2/I. Pronaf - Financiamentos rurais concedidos no País – 2000 e 2012	150
3/I. Crédito Rural - Participação do Pronaf no nº total de contratos – 2012	150
4/I. Número de agricultores familiares e financiamentos concedidos via Pronaf	151
5/I. Crédito rural aplicado no Brasil e em Santa Catarina – 2007-12	151

Lista de tabelas - Parte II

Divisão do território catarinense e população

1/II. Santa Catarina - Área territorial, população residente por situação do domicílio - 2000, 2010 e 2013 152

Informações econômicas da agropecuária

2/II. Máquinas agrícolas vendidas, segundo o tipo - Santa Catarina - 2005-12 159

3/II. Estimativa do balanço de oferta e demanda dos principais produtos vegetais - Santa Catarina
- Safras 2011/12-2012/13 159

4/II. Oferta e demanda de carnes - Santa Catarina - 2011-12 160

5/II. Número de estabelecimentos produtores e vendedores, por atividade - Santa Catarina - 2006 160

6/II. Exportações do agronegócio catarinense - 2008/12 161

7/II. Importações do agronegócio catarinense - 2008-12 162

8/II. Valor bruto da produção dos principais produtos da agropecuária - Santa Catarina - 2008-12 163

Preços agrícolas

9/II. Preços mínimos do Programa de Garantia de Preços para Agricultura Familiar (PGPAF) - vigência
10/01/2013 a 09/01/2015 164

10/II. Programa de Garantia de Preços Mínimos (PGPM) - Safras 2012/13-2013/14 164

11/II. Preços médios mensais dos produtos vegetais recebidos pelos produtores em
Santa Catarina - 2010-12 165

Índice remissivo

Alho, 7-12
Área territorial, 152-158
Arroz, 13-17
Balanço de oferta e demanda, 159
Banana, 18-25
Carne bovina, 92-98
Carne de frango, 99-106
Carne suína, 107-116
Cebola, 26-31
Crédito rural, 148-151
Exportação do agronegócio, 161
Feijão, 32-37
Fumo, 38-43
Importação do agronegócio, 162
Leite, 117-124
Maçã, 44-50
Mandioca, 51-58
Máquinas agrícolas, 159
Maricultura, 127-128
Milho, 59-65
Números da fruticultura, 90-91
Piscicultura de água doce, 125-126
Políticas públicas, 143-147
População residente, 152-158
População rural, 152-158
População urbana, 152-158
Preços mínimos, 164
Preços recebidos pelos agricultores, 165-166
Produção animal, 92-124
Produção florestal, 129-142
Produção vegetal, 7-89
Soja, 66-71
Tomate, 72-77
Trigo, 78-84
Uva, 85-89
Valor bruto da produção, 163
Vinho, 85-89

